

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Filosofia Sociologia e Política
Programa de Pós-Graduação em Filosofia
Mestrado em Filosofia Moral e Política



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

AMOR FATI:

A EXPRESSÃO DA DIFERENÇA COMO AFIRMAÇÃO DE SI MESMO

LOUISE AZEVEDO MOSCARELI

PELOTAS, 2019

LOUISE AZEVEDO MOSCARELI

***AMOR FATI:* A EXPRESSÃO DA DIFERENÇA COMO AFIRMAÇÃO DE SI
MESMO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Luís Rubira

Pelotas, 2019

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

M894a Moscareli, Louise Azevedo

Amor fati : a expressão da diferença como afirmação
de si mesmo / Louise Azevedo Moscareli ; Luís Rubira,
orientador. — Pelotas, 2019.

165 f.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Filosofia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política,
Universidade Federal de Pelotas, 2019.

1. Amor fati. 2. Diferença. 3. Afirmação. 4. Si mesmo.
5. Superação. I. Rubira, Luís, orient. II. Título.

CDD : 101

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Louise Azevedo Moscareli

***AMOR FATI:* A EXPRESSÃO DA DIFERENÇA COMO AFIRMAÇÃO DE SI
MESMO**

Dissertação aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Mestre em Filosofia, Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Filosofia, Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 16.09.2019

Banca examinadora:

Prof. Dr. Luís Rubira (Orientador), Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas, UFPEL.

Prof. Dr. Angelo Marinucci, Doutor em Filosofia pela Universidade de Pisa, Itália, PNPD.

Prof.^a Dr.^a Adriane Möbbs, Doutora em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria, UFSM.

Dedico este trabalho aos meus filhos Sophia,
Pietra e Ettore.

Agradecimentos

Ao meu pai por todo o infinito apoio, cuidado e incentivo e à minha mãe, onde estiver, por ter me inspirado com todas as lições que deixou em vida.

Ao meu amor, meu amigo, meu marido Arlindo por tornar isso possível e sempre me apoiar em tudo.

Aos meus três grandes amores Sophia, Pietra e Ettore, por compreenderem e colaborarem pacientemente. Não posso deixar de mencionar o quanto cada um de vocês teve que ser forte nesse período, cada um à sua maneira. Obrigada Sophia, por ser tão corajosa e alegre. Sem isso eu não teria conseguido.

Ao meu prezado Orientador Prof. Dr. Luís Rubira, por me acolher e por acreditar que este trabalho seria possível, apesar de todas as adversidades e da escassez de tempo que teríamos.

Aos estimados Professores da Banca de Qualificação Dr. Clademir Araldi e Dr. Manoel Vasconcellos, por suas palavras sábias e gentis. Meu agradecimento ao Dr. Angelo Marinucci que acompanhou minha trajetória desde o início e contribuiu valiosamente com este trabalho.

Não posso me furtar de expressar minha gratidão ao exemplo de Servidora Pública Mirela Moraes pelo seu incansável apoio, estímulo e orientação a respeito dos prazos, detalhes e procedimentos administrativos que envolvem todos os processos do Mestrado.

Por haver, no mundo, pessoas como vocês, que maravilha é viver.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Obrigada.

Mas existe algo, em mim, que chamo de coragem: até agora, sempre matou em mim todo desânimo. Por fim, essa coragem me mandou parar e falar: “Anão! Ou tu, ou eu!” —

É que a coragem é o melhor matador — coragem que *ataca*: pois em todo ataque há fanfarra.

O homem, porém, é o animal mais corajoso: assim superou qualquer animal. Com fanfarra superou também qualquer dor; mas a dor humana é a dor mais profunda.

A coragem também mata a vertigem ante os abismos: e onde o ser humano não estaria diante de abismos? O próprio ver não é — ver abismos?

A coragem é o melhor matador: coragem também mata a compaixão. Mas compaixão é o abismo mais profundo: quanto mais fundo olha o homem no viver, tanto mais fundo olha também no sofrer.

Mas coragem é o melhor matador, coragem que *ataca*: ela mata até mesmo a morte, pois diz: “*Isso* era vida? Muito bem! Mais uma vez!”. (Za/ZA, III, Da Visão e Enigma, p. 150-151)

Resumo

MOSCARELI, Louise Azevedo. **AMOR FATI: A Expressão da Diferença como Afirmação de Si Mesmo**. 2019. 164f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

O propósito deste trabalho é demonstrar os efeitos do *amor fati* sobre a afirmação de si pelo estímulo, por parte do mesmo, sobre a expressão da diferença humana a partir de sua singularidade, pela coragem e autenticidade de tornar-se quem se é. A necessidade de segurança leva o homem a acreditar no mundo ideal, à Moral estabelecida bem como às promessas cristãs que, na concepção do filósofo, são meramente ilusórias, na medida em que não concedem ao homem as certezas que ele de fato quer. Contrapondo-se fortemente aos fundamentos epistêmicos da metafísica e da Moral, com relação à tentativa de generalizar os homens, associados aos apelos cristãos de estabelecer uma moral de rebanho, Nietzsche oferece uma crítica implacável, na medida em que eles inibem a expressão da diferença, pois a singularidade é suprimida pela generalização. Nas obras *Gaia Ciência* (1882) e *Assim Falou Zaratustra* (1883 -1885) o filósofo propugna que o homem tem o poder criador (*vis creativa*) e não somente o poder de contemplação (*vis contemplativa*). O mesmo pode ser constatado ao longo das missivas que Nietzsche escreve durante o período da elaboração de *Zaratustra*, obra que o levará, de fato, a consolidar o *amor fati*, na medida em que também irá testá-lo da forma mais extrema, com o pensamento do Eterno Retorno, conduzindo o próprio Nietzsche à superação, como defendemos a partir tanto da análise de suas correspondências pessoais redigidas paralelamente à criação dos três primeiros livros de *Zaratustra*, como do estudo destes. Dessa forma, a partir da verificação da busca humana por segurança e do aparente paradoxo que implica amar um destino que envolva, ainda que potencialmente, algum tipo de dor, procuramos desvendar como o *amor fati* pode ser, ao mesmo tempo, um presente de Nietzsche à humanidade e uma defesa para enfrentar as incertezas da vida, a fim de libertar o homem de suas amarras. Para tanto serão abordadas questões relativas aos tipos de amor e à capacidade de afirmar aquilo que nos repele, como também abordaremos o sofrimento e a superação. Dessa forma, a partir de um sentimento de gratidão sobre a vida que é possível se estabelecer o *amor fati*, o qual propicia ao homem ter coragem de afirmar a si mesmo, mediante a expressão de sua diferença no mundo, de forma autêntica.

Palavras-chave: *Amor Fati*; diferença; afirmação; si mesmo; superação

Abstract

MOSCARELI, Louise Azevedo. **AMOR FATI: The Expression of Difference as an Affirmation of Oneself**. 2019. 164f. Dissertation (Master Degree em Filosofia) - Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Universidade Federal de Pelotas, Pelotas. 2019.

The purpose of this work is to demonstrate the effects of *amor fati* on the affirmation of oneself from its stimulus, on the expression of human difference from its uniqueness, on the courage and authenticity of becoming who you are. The need for security leads man to believe in the ideal world, the established Morality as well as the Christian promises which, in the philosopher's conception, are merely illusory insofar as they do not give man the certainties he really wants. In stark contrast to the epistemic foundations of metaphysics and morals with regard to the attempt to generalize men, coupled with Christian appeals to establish herd morals, Nietzsche offers a relentless critique as they inhibit the expression of difference, for uniqueness is suppressed by generalization. At *Gaia Ciência* (1882) and *Assim Falou Zarathustra* (1883 -1885) the philosopher argues that man has the creative power (*vis creative*) and not only the power of contemplation (the contemplative). The same can be seen throughout the missives Nietzsche writes during the period of Zarathustra's elaboration, a work that will, in fact, lead him to consolidate *amor fati*, in that he will also test it in the most extreme way with thought of the "Eternal Return", leading Nietzsche oneself to overcoming, as we argue from both the analysis of his personal correspondences written in parallel with the creation of the first three books of Zarathustra and their study. Through verification of the human search for security and the apparent paradox that implies loving a destiny that involves, albeit potentially, some kind of pain, we seek to unveil how *amor fati* can be, at the same time, a gift from Nietzsche to humanity and a defense to face the uncertainties of life in order to free man from its bonds. This issues of love and the ability to say what repels us, as well as suffering and overcoming. Through a feeling of gratitude about life, it is possible to establish *amor fati*, which gives man the courage to affirm oneself, by expressing his difference in the world in an authentic way.

Key-words: *Amor Fati*; difference; affirmation; oneself; overcoming

Lista de Abreviaturas e Siglas

Este trabalho adota como convenção para a citação das obras de Nietzsche a mesma utilizada no periódico *Cadernos Nietzsche*, onde as siglas em alemão são acompanhadas de siglas em português, com a respectiva indicação do aforismo, sendo da seguinte forma:

MAI/HHI – *Menschliches Allzumenschliches* (v.1) (*Humano, demasiado humano* (v.1)) – 1878

VM/OS – *Menschliches Allzumenschliches* (v.2) *Vermischte Meinungen und Sprüche* (*Humano demasiado humano* (v.2) *Miscelânea de opiniões e sentenças*) – 1879

WS/AS – *Menschliches Allzumenschliches* (v.2) *Der Wanderer und sein Schatten* (*Humano, demasiado humano* (v.2): *O andarilho e sua sombra*) – 1880

M/A – *Morgenröte* (*Aurora*) – 1880-1881

FW/GC – *Die fröhliche Wissenschaft* (*A gaia ciência*) – 1881 e 1886

Za/ZA – *Also sprach Zarathustra* (*Assim falava Zaratustra*) – 1883 -1885

JGB/BM – *Jenseits von Gut und Böse* (*Além do bem e do mal*) – 1885-1886

GM/GM – *Zur Genealogie der Moral* (*Genealogia da moral*) – 1887

WA/CW – *Der fall Wagner* (*O caso Wagner*) – 1888

GD/CI – *Götzen-Dämmerung* (*O crepúsculo dos ídolos*) – 1888

NW/NW – *Nietzsche contra Wagner* (*Nietzsche contra Wagner*) – 1888

Textos preparados para edição

AC/AC – *Der Antichrist* (*O Anticristo*) – 1888

EH/EH – *Ecce Homo* (*Ecce Homo*) – 1888

DD/DD – *Dionysos-Dithyramben* (*Ditirambos de Dionísio*) – 1888

Para os textos publicados por Nietzsche, o algarismo arábico indicará a seção; no caso de GM/GM, o algarismo romano anterior ao arábico remeterá à parte do livro; no caso de Za/ZA, será indicado o nome do capítulo ou parte do livro e a ele se seguirá a indicação numérica; no caso de GD/CI e de EH/EH, o algarismo arábico, que se seguirá ao título do capítulo, indicará a seção. Para os escritos inéditos inacabados, o algarismo arábico ou romano, conforme o caso indicará a parte do texto. Para os fragmentos póstumos, será usada a sigla *Nachlass/FP*, seguida de indicação de ano, os algarismos arábicos, que se seguem ao ano, indicarão o fragmento póstumo.

Sumário

1 Introdução	11
2 Da Metafísica Platônica ao <i>Sanctus Januarius</i> nietzschiano: segurança, imutabilidade ou amor ao destino?	19
3 O <i>amor fati</i> se contrapõe à necessidade de segurança e de igualdade.....	35
4 Os efeitos do <i>amor fati</i> em <i>Assim falou Zaratustra</i>	111
5 Considerações finais	153
Referências bibliográficas	161

Introdução

O presente trabalho visa explorar de que modo o *amor fati* (amor ao destino), pode propiciar o homem a coragem de afirmar a si mesmo, mediante a afirmação da vida, assegurando a expressão de sua diferença no mundo, algo que, pode ser percebido mais especificamente a partir da redação do Livro IV de *A Gaia Ciência*, até a conclusão do Livro III de *Assim Falava Zaratustra*, envolvendo as missivas escritas por ele entre janeiro de 1882 a 1884. *A Gaia Ciência* foi uma obra originalmente composta por quatro livros e, somente em 1886, o livro V foi acrescido a mesma. O livro IV tem uma importância singular na medida em que é inaugurado pelo *amor fati* e encerrado com o anúncio do eterno retorno no §341 e de *Zaratustra*, no §342, que seria a próxima obra de Nietzsche.

A primeira vez que o *amor fati* aparece publicado ocorreu em agosto de 1882, no aforismo § 276 da obra *A Gaia Ciência*. As primeiras notas a respeito do mesmo, entretanto, já são encontrados em fragmentos que precedem esta data, conforme é possível constatar nos FP II, de outono de 1881, 15[20]¹, e dezembro de 1881- janeiro de 1882, 16[22]. Quanto às missivas, traduzidas aqui por nós, podemos encontrar, de forma explícita na carta 190 à Heinrich Köselitz, na Carta 223 à Paul Rée em Locarno, Lucerna, 8 de maio de 1882, p. 208, na Carta 236 endereçada a seu amigo Franz Overbeck, em 5 de junho de 1882 e, indiretamente, em diversas outras, em especial, até a conclusão do terceiro livro de *Zaratustra*, em janeiro de 1884, tais como veremos ao longo do trabalho. Esse critério também foi decisivo para estabelecer os contornos do trabalho no que concerne à delimitação do campo de estudo das correspondências as quais, no caso, abarcam o período que vai de janeiro de 1882 a 1884, por abranger desde o advento do *amor fati* em *A Gaia Ciência* até a conclusão do Livro III de *Zaratustra*, quando este enfrenta seu grande desafio e Nietzsche consegue

¹ NF 1881 15 [20] (outono 1881): Antes de mais nada o que é necessário - e isto mais belo e perfeito que tu poderes! <<Ama o que é necessário>> - Amor fati, isto seria minha moral, faça a ele tudo o que é bom e o eleve a cima da terrível origem dele, até ti. (Tradução Prof. Dr. Angelo Marinucci).

16 [22] "Sim! Eu só quero amar o que é necessário! Sim! Amor fati é meu último amor! "- Talvez você faça isso até agora: mas primeiro você deve primeiro se tornar o amante das Fúrias: confesso que as cobras me enlouqueceriam. - "O que você sabe sobre as Fúrias! Fúrias - isso é apenas uma palavra maligna para as Graças. "- É loucura! (Tradução nossa).

expressar filosoficamente a grande afirmação que enfrentava em sua vida privada. É também esse o motivo que determinou, no que tange a *Assim Falou Zaratustra*, a delimitação da sua abordagem aos três primeiros livros, pois são os que mais formam uma unidade. Em janeiro de 1883 ele redigiu a primeira parte, em julho do mesmo ano a segunda e em janeiro de 1884 concluiu a terceira concluindo a questão da superação mediante a afirmação da vida, delimitando o foco do nosso estudo com relação à obra em questão.

O *amor fati* inaugura o Livro IV denominado *Sanctus Januarius* de *A Gaia Ciência* (1882), no aforismo intitulado “Para o Ano Novo”, o que é bastante sugestivo, como é comum a Nietzsche, na medida em que ele tinha por hábito selecionar, criteriosamente, cada termo utilizado em suas obras. Nesse aforismo ele expressa a tradição, ainda hoje mantida, de início de ano, afirmando que neste dia “cada um se permite expressar o seu mais caro desejo”. Nietzsche quer expressar também o seu anseio: de “ver como belo aquilo que é necessário nas coisas” (FW/GC § 276). No entanto, esse é um tema que perpassa por diversos conceitos e que deram ensejo a este trabalho, eis que afirmar o necessário implica num sim ilimitado, numa afirmação incondicional dos acontecimentos da vida, numa anuência profunda ao destino. Quando aduz, no aforismo citado, que este pensamento deverá ser “razão, garantia e doçura de toda a vida”, aprendendo, para tanto, “a ver como belo aquilo que é necessário nas coisas”, a fim de se tornar “um daqueles que fazem belas as coisas” e, “algum dia, apenas alguém que diz Sim!”, Nietzsche acolhe não apenas o destino e a necessidade (*Notwendigkeit*), mas o homem em si e suas contingências.

Importa desde já salientar que o *amor fati* significa afirmar a vida, o que vai muito além de simplesmente aceitar os fatos, como os estoicos já faziam com resignação. Afirmar a vida, no viés nietzschiano, corresponde ao real desejo de viver e reviver a vida em sua inteireza, uma eternidade de vezes, como uma criança, que depois de experimentar o brinquedo, quer repetir a experiência inúmeras vezes, ainda quando entre essas vivências ela caia e se machuque, porque o prazer de brincar supera qualquer ferida. Abordar o *amor fati* envolve enfrentar questões ligadas a “destino”, “fatalidade”, e “fatalismo” as quais, segundo a perspectiva nietzschiana, são pressupostos fundamentais para que seja possível compreender o cerne desta filosofia sem incorrer no risco de distorções, eis que eles estão atrelados aos conceitos de “necessidade”. Além

disso, será necessário, inicialmente, apresentar as críticas de Nietzsche à metafísica platônica e à tradição do pensamento, com suas repercussões na filosofia e na ciência, para evidenciar a negação da vida que disso decorre, e à tentativa de dominar o homem, em face da supressão da sua singularidade e da sua possibilidade de expressão, o que se opõe ao *amor fati*.

Nietzsche demonstra que tudo aquilo que é ligado ao mundo supracensível, tais como “ideais superiores”, “essência”, “transcendência”, são, na verdade, criações do próprio ser humano, uma vez que a moralidade, para o filósofo, não precede a humanidade, e tem a função de proporcionar uma ilusória sensação de segurança diante dos riscos dos instintos e das aparências. A promessa da certeza e da estabilidade, calcada no idealismo platônico, promoveu os valores morais gerando tranquilidade, fortalecendo a relação entre o bem e a verdade. Além disso, Nietzsche não vê o homem como um ser formado por uma essência fixa e imutável, e sim como alguém que está constantemente submetido à mudanças e às contingências. Sob essa perspectiva, perde o sentido qualquer tipo de ideia transcendente, na medida em que os conceitos absolutos e imutáveis foram revelados por Nietzsche, como algo que não corresponde à verdade de uma forma universal, ainda que possa se aplicar a questões pontuais e específicas.

Nietzsche critica a divisão de mundos proposta por Platão, sendo que o ponto central que decorre dessa realidade supracensível é o conceito de consciência, e não hesita em evidenciar o erro cometido pela tradição ao adotá-la como núcleo do pensamento humano, tendo em vista que o mesmo acabou por distanciar a humanidade de tudo aquilo que afirma a vida e que afastou o homem de seus impulsos e instintos vitais em troca de uma ilusória promessa de segurança. Segundo Nietzsche, isso enfraqueceu a humanidade, na medida em que o indivíduo passou a se pautar por um ideal apenas. No que concerne ao pensamento científico, o mesmo se torna contraditório quando tenta se abstrair de valores morais para analisar seus experimentos, mas acaba por substituir a “figura” de Deus, quando se lança a determinar verdades e conceitos imutáveis sob os quais o mundo é, ou deveria, ser regido. Evidencia-se, portanto que, a preocupação de Nietzsche, na fase de elaboração de *A Gaia Ciência*, está ligada aos rumos que o conhecimento e a ciência tomaram. Segundo ele, ao contrário do que se estabeleceu como convicção na época, o conhecimento não

representa necessariamente uma verdade. O conhecimento da época, baseia-se também no nivelamento por meio do rebanho que pressupõe uma igualdade utópica e ilusória, incapaz de representar a realidade com fidelidade. Em outras palavras, Nietzsche aduz que a Ciência não supera a metafísica, pois acaba reverberando o mesmo equívoco, razão pela qual ele se volta contra a mesma, em sua ânsia pela verdade, e propõe um novo olhar para o saber científico.

É a partir de tal perspectiva que o *amor fati* como afirmação de si, expresso pela aceitação da necessária diferença entre os seres humanos, passeia pelos aforismos seguintes do Livro IV de *A Gaia Ciência*, e remete ao confronto de Nietzsche com a moral cristã e ao conhecimento (*Erkenntnis*), motivo que leva Nietzsche a postular por uma gaia ciência, na qual o conhecimento seria um objetivo de vida, e não a busca pela verdade. No entanto, todo esse embate parece remeter a um único propósito, qual seja, o de estimular os “indivíduos singulares” (*Einzelne*) e os “senhores de si mesmos” (*Selbsteigene*) a superar as “virtudes de rebanho”, o que se coaduna com a preocupação de Nietzsche, nos retoques finais do Livro IV de *A Gaia Ciência*.

No que se refere à moral cristã, de acordo com o Filósofo, o Cristianismo procurou conter e negar a importância dos instintos (*Instinkt*) humanos, estabelecendo virtudes de rebanho. Nas suas palavras: “A crença de que o egoísmo é condenável, pregada com obstinação e convicção, certamente prejudicou em geral o egoísmo (em favor, como repetirei centenas de vezes, dos instintos de rebanho)” (FW/GC §328). Na acepção do filósofo, toda a moralidade cristã foi erguida, mantida e assegurada pela exploração dos ideais ascéticos, a partir da constatação que os fracos perecem individualmente e que precisam se reunir, em rebanho, para se sentirem fortes e sobreviver. A luta é outro conceito fundamental em Nietzsche, o qual passa a ter um caráter mais abrangente, sendo entendido como um traço da vida, a partir da introdução do que ele denomina de “vontade de potência” (*Wille zur Macht*)². Isso implica em dizer que

² “Em Assim falava Zaratustra, Nietzsche apresenta, pela primeira vez na obra publicada, seu conceito de vontade de potência. Nesse momento, é com ela que passa a identificar a vida. Concebe então a vontade de potência como vontade orgânica; ela é própria não unicamente do homem, mas de todo ser vivo, mais ainda: exerce-se nos órgãos, tecidos e células, nos numerosos seres vivos microscópicos que constituem o organismo. Atuando em cada elemento, encontra empecilhos nos que o rodeiam, mas tenta submeter os que a ela se opõem e colocá-los a seu serviço.” (MARTON, Scarlett. Verbetes/vontade de potência (*Wille zur Macht*). IN: Dicionário Nietzsche, 2016, p. 423-425).

tudo que é provido de vida está envolto numa relação de forças e, por conseguinte, sujeito a um cenário de instabilidade, o que se contrapõe à ideia de imutabilidade e certeza que a tradição tenta assegurar. Dessa forma, num primeiro momento, a leitura do *amor fati* pode sugerir passividade, o que seria incongruente com liberdade. Não parece tangível que o grande opositor de todos os modelos que tentaram aprisionar o homem, pretendesse incitá-lo a sucumbir ao conformismo passivo, entregando sua vida aos desideratos do destino, sem que isso se contraponha à moral que ele buscou combater. Surge com isso, então, a necessidade de analisar a questão sobre uma perspectiva, no sentido de buscar um liame entre o que o Filósofo pretendia afirmar com o *amor fati* e os desideratos de seu pensamento filosófico, como um todo, no que tange ao ser humano, em especial, e de demonstrar os impactos e a importância dessa contribuição para o indivíduo, enquanto ser humano singular, no sentido de estimular a expressão da diferença e, por conseguinte, da autenticidade, em oposição ao rebanho, ao niilismo³, mediante a afirmação da vida. A autenticidade que se apregoa está relacionada a ter controle das próprias escolhas, dominando o impulsos sem se deixar dominar por eles.

Ao repelir o que nega ou reduz a vida, Nietzsche luta pela sua afirmação e compreende o movimento daquela como um superar-se a si mesmo. Dessa forma, iremos abordar como Nietzsche rechaça e denuncia os mecanismos utilizados para dominação do homem, igualando-o aos demais, dentro do livro IV de *A Gaia Ciência*, bem como de que maneira ele desenvolve o tema em suas missivas, além de averiguar como o *amor fati* conduz, acolhe e integra a concepção nietzschiana, com vistas à afirmação de si, nos três primeiros livros de *Assim Falava Zaratustra*. Isso porque, se na fase em que Nietzsche se dedicou ao quarto livro de *A Gaia Ciência* predomina a preocupação com as ciências da época, no sentido de destituir a metafísica do cenário filosófico, é no período que se estende até o livro III da obra *Assim Falava Zaratustra* que Nietzsche consolida seu personagem como o mestre do eterno retorno, no qual o filósofo pretende desqualificar a visão de mundo vigente no século XIX,

³ O termo “Niilismo” aparece *ipsis litteris* no livro V de *A Gaia Ciência* (vide FW/GC § 346, a título de exemplificação), no entanto, seu significado abrange temas já abordados por Nietzsche quando da elaboração do livro IV de *A Gaia Ciência*, tal como a “Morte de Deus” (FW/GC §108), motivo que justifica o seu emprego aqui.

opondo-se veementemente à concepção cristã, a partir da sustentação da “morte de Deus”. Nesse sentido, a doutrina do eterno retorno é decisiva, no sentido de compreender o tempo de maneira circular e não mais de forma linear como o pensamento cristão e científico. O eterno retorno significa afirmar a vida até mesmo no que tange ao sofrer junto, ao suportar assistir o sofrimento alheio daqueles com quem se compartilha a existência. Significa desejar, ainda assim, viver mais e mais tudo o que acontece novamente, ainda que nada possa ser feito quanto ao que há de pior e de melhor. Ele expressa o amor sobre toda a existência humana, sobre toda a vivência e não somente sobre um fato ou outro isolado, ou apenas sobre as dores que incidem sobre a própria vida individual. É inegável que o *amor fati* esteja fortemente vinculado com o eterno retorno, eis que ambos são a essência da existência e da filosofia de Nietzsche. No entanto, embora esta relação faça com que seja necessário, vez ou outra, abordar e relacionar os temas, não pretendemos avançar sobre tal pensamento, tendo em vista que nosso trabalho não se estende sobre as obras escritas no período de 1888, em que os aspectos cosmológicos foram amplamente desenvolvidos por Nietzsche.

De acordo com Löwith, o eterno retorno reverte o niilismo. Neste mesmo sentido, Rubira compreende tal pensamento como uma doutrina destinada a preencher a falta de sentido deixada pelo advento do niilismo ocasionado pela “morte de Deus”. Se a metafísica era a resposta para todas as inquietudes humanas e, na medida em que a perda de valores, destruídos com a “morte de Deus”, conduziu o homem ao niilismo, surge o *amor fati* como uma resposta à humanidade no sentido de que a salvação e a glória não devem ser buscadas no amanhã ou através de outrem. Ao contrário disso, a vida deve valer por si só, pelo que é, independente do que for e agora. Nesse sentido o *amor fati* pode ser interpretado como um presente de Nietzsche à humanidade sobre como viver e ver a vida. Com relação aos comentadores, utilizaremos, em especial, as obras de Karl Löwith, Gilles Deleuze, Karl Jaspers, Scarlett Marton, Vânia Azeredo, e Clademir Araldi, Luis Rubira, ainda que nosso posicionamento não se coadune, eventualmente, com todos eles. Por meio da abordagem de Deleuze pretendemos desenvolver questões ligadas à diferença, sem, entretanto, utilizar suas considerações no que tange à diferença relacionada ao Eterno Retorno, eis que, para este, só os aspectos positivos da existência retornariam, a fim de

assegurar a Transvaloração.⁴ No entanto, de acordo com Rubira,⁵ este entendimento contraria aspectos fundamentais da filosofia nietzschiana, em especial no que concerne à superação do maior desafio de Zaratustra,⁶ o qual está relacionado ao eterno retorno do “pequeno homem”, ou seja, o “eterno retorno do desperdício”, que representa a redução do homem, sua baixa e mediocrização, cujo repúdio teria lhe compelido a criar seu personagem Zaratustra, não somente para anunciar, mas também para suportar o fastio e o peso que implica o eterno retorno.⁷ As palavras do filósofo revelam o exercício de superação para afirmar a ideia do eterno retorno e desejar a repetição de tudo o que é entendido como abominável por infinitas vezes: “Não o meu ódio, mas o meu nojo devorou-me faminto a vida! Ah, cansei-me frequentemente do espírito, quando vi também a gentalha com espírito.”⁸

A metodologia utilizada foi a análise bibliográfica mediante o método crítico-reflexivo especialmente sobre as obras de Nietzsche e também sobre suas missivas, assim como nas obras de seus comentadores. No que concerne ao objeto de nossa investigação, limitamos nossa abordagem, a respeito do *amor fati*, às referências que Nietzsche faz sobre o mesmo entre o Livro IV de *A Gaia Ciência* (1882), do período intermediário, até o Livro III de *Assim Falava Zaratustra*, obra redigida entre 1883-1884 já composta no período considerado tardio. Com relação ao estudo das missivas escritas por Nietzsche, o mesmo se fixou às que foram redigidas entre janeiro de 1882 a 1884. Utilizamos a versão em espanhol, sendo que, quando não indicamos o tradutor no trabalho, significa que a tradução para o português foi feita por nós, como ocorreu com as correspondências. Quanto à divisão dos períodos de Nietzsche, adotaremos, aquela já delimitada por Marton, em sua obra “Nietzsche: Das forças cósmicas aos valores humanos”: 1º período de 1870 a 1876; 2º período, de 1876 a 1882 e, por fim, 3º período, de 1882 aos primeiros dias de 1889.

Entendemos que a pesquisa deveria enfatizar as obras publicadas e os comentadores específicos sobre os temas abordados mas, também, abordar as correspondências pessoais do Filósofo, eis que as mesmas são relevantes e

⁴ DELEUZE, 1994, p. 30.

⁵ RUBIRA, 2010. p. 21.

⁶ Za/ZA III, O Convalescente, p. 210.

⁷ RUBIRA, 2010, p. 21.

⁸ Za/ZA II, Da Gentalha, p. 92.

extremamente reveladoras, tornando-se fundamental para o objeto da nossa pesquisa. O uso dos fragmentos póstumos ocorreu apenas no sentido de esclarecer, quando necessário, um ponto específico sendo, sempre que possível, relacionado à obra publicada.

Com a intenção de satisfazer o tema tratado, o presente trabalho possui a seguinte divisão dos capítulos: um primeiro capítulo chamado de “Da metafísica platônica ao *Sanctus Januarius* nietzschiano: segurança, imutabilidade ou amor ao destino”, onde se abordará o estabelecimento da metafísica platônica sobre a tradição do pensamento e seus efeitos sobre o homem, mediante introdução da consciência e da moralidade, para estabelecer os valores absolutos, visando a dominação dos indivíduos, fazendo com que isso pareça algo benéfico e seguro para a conservação da humanidade, quando de fato não é. O segundo capítulo intitulado “O *amor fati*, enquanto ascese da vida, se contrapõe à necessidade de segurança e de igualdade”, tem por desígnio verificar até que ponto o *amor fati* pode ser considerado como uma ascese positiva, ao afirmar o necessário, no sentido de promover, por fim, a superação de si, além de pretender abordar a perspectiva de Nietzsche, nas suas correspondências pessoais. Isso se deu por meio da concepção de que a igualdade e a solidez garantiriam a segurança dos indivíduos. Para ele, da mesma forma, a busca da verdade, pela ciência, corroborou com o repúdio a tudo que é instável e que não confere certeza. A expressão da diferença e o entendimento de que a vida, assim como o homem, é mutável, composta de luz e sombra, de bem e mal, torna-se uma concepção desprezada, a fim de garantir a fixidez humana e, dessa forma, a vida estável em coletividade, razão pela qual a expressão da diferença passa a ser desprezada e reprimida. Por fim, o terceiro capítulo chama-se “Os efeitos do *amor fati* em *Assim falou Zaratustra*” e pretende tratar de forma objetiva como os mesmos se irradiam sobre a afirmação de si, centrado na perspectiva dos três primeiros livros de Zaratustra. Como conclusão pretendemos demonstrar que o *amor fati* é uma perspectiva nietzschiana afirmativa da vida, na medida em que opta por observar o mundo e os fatos que se sucedem de uma forma grata, que nega qualquer forma de ressentimento, e que, assim, ele é capaz de promover a coragem de afirmar a si, e de compreender o caráter mutável e integral do homem, como expressão da diferença.

2 Da metafísica platônica ao *Sanctus Januarius* nietzschiano: segurança, imutabilidade ou amor ao destino

A obra de Nietzsche denominada *A Gaia Ciência* tem como traço singular a forte crítica que o filósofo desferiu contra a tradição do pensamento, no que tange, em especial, os rumos que a ciência, a filosofia e a arte tomaram, a partir da perspectiva da metafísica nos moldes concebidos por Platão.⁹ Na concepção desse filósofo grego, a realidade se divide em “sensível”, pertencente ao mundo físico no qual o ser humano habita, e “suprassensível”, a qual se refere ao “Mundo das Ideias”¹⁰, eis que para o indivíduo conseguir se referir às coisas do mundo sensível, é necessário recorrer aos elementos que lhe compõem, pelas ideias que elas transmitem e que formam o mundo inteligível. Nesse sentido, importa, ainda, mencionar que, para Platão, as ideias representam uma espécie de essência pura e permanente das coisas, a fim de compreender o conteúdo das críticas endereçadas a ele, por Nietzsche, em *A Gaia Ciência*.

Além das ideias darem significado às coisas sensíveis, muitas das vezes, o ser humano atua no mundo impelido, não somente, por forças físicas, mas, também, segundo Platão, por uma causa de ordem superior, ligado a um valor de cunho espiritual ou moral, como a “justiça”, o “bem”, a “verdade”, o “belo”, o qual está associado à essa realidade suprassensível. Nesse sentido, o pensamento de Platão sustenta que a realidade suprassensível do mundo inteligível é superior ao mundo sensível, pois é formada por conceitos estáveis, por elementos constantes e inatingíveis pelo homem, que existem para norteá-lo e regulamentar a vida e que, portanto, estão acima do indivíduo, da natureza e dos instintos humanos.

Em face disso, a metafísica de Platão, criada por meio do “Mundo das Ideias” e da supremacia da realidade suprassensível é alvo das críticas de

⁹ Destacamos, desde já, que a forma como são apresentadas as concepções de Platão partem da perspectiva de Nietzsche.

¹⁰ Interessante ressaltar que, com a criação do “*Mundo das Ideias*”, de Platão, também conhecido por “*Hiperurânio*”, termo utilizado na obra *Fedro*, de Platão, ele forma o mundo sensível e reúne o pensamento divergente, entre si, de Heráclito e o de Parmênides, na medida em que, assim como o mundo sensível está sujeito à mudança, o inteligível é imutável. Heráclito viveu no século V a.C. e, segundo ele, tudo está em constante mudança e, portanto, sujeito ao vir-a-ser. Ao contrário dele, para Parmênides o ser é uma essência eterna, infinita e imutável.

Nietzsche, na medida em que, na sua concepção, ela se aproveitou da necessidade imanente do indivíduo de compreender a realidade, para fazer com que se acreditasse que ela representa a superação dos problemas da existência, quando, na verdade, tal pretensão era meramente ilusória. Nesse sentido, importa ressaltar que os valores superiores da metafísica extraíram sua força no pensamento filosófico, através da filosofia Platônica, mas, especialmente, também, por meio do cristianismo, repercutindo na negação da vida. Nietzsche se contrapõe, portanto, à tradição que se constituiu no sentido de determinar valores absolutos para reger a humanidade, e que pretendeu ditar verdades e definir os pilares do conhecimento e da moralidade, na medida em que isso resulta, conforme a sua concepção, na negação dos impulsos e, por conseguinte, da própria vida.

A filosofia de Nietzsche procura evidenciar que o estabelecimento da metafísica na tradição do pensamento ocidental acarretou no enfraquecimento das forças que constituem o ser humano, no que tange os aspectos dionisíacos, ou seja, seus desejos, sua vontade e suas paixões. A oposição de Nietzsche se volta justamente contra essa divisão platônica, eis que, a partir dela, esses mesmos elementos formadores da realidade suprassensível (das ideias), os quais são inacessíveis e imutáveis, e que não representam os movimentos na vida e da natureza humana, passaram a orientar e reger a realidade sensível, e a nortear o comportamento humano através da moralidade. Seu caráter absoluto faz com que a metafísica de Platão, se imponha aos homens de modo irrefutável, como uma verdade superior ao próprio indivíduo e que regula o mundo sensível, pertencendo a uma dimensão que está além do mundo físico e só pode ser acessado pelo intelecto.¹¹

Importa ressaltar que, por ter desenvolvido seu sistema filosófico baseado no mundo das ideias, Platão foi considerado um idealista,¹² ou seja, ele sustentava que o indivíduo cria a realidade a partir do que apreende pela sua

¹¹ Platão traçou uma comparação entre o sensível e o suprassensível e os hábitos marítimos. Dessa forma, chamou de “primeira navegação” aquilo que advém do contato com o sensível, como o vento que sopra as velas do barco. Quando essas cessam, entra em cena o que denominou de segunda navegação, que é o momento em que surge a necessidade de se recorrer à força dos remos, os quais simbolizam o abandono dos sentidos em busca do raciocínio puro, que sintetiza e expressa o que é pertence ao intelecto.

¹² A respeito do Idealismo, segundo Abbagnano, “Este termo foi introduzido na linguagem filosófica em meados do século XVII, inicialmente com referência à doutrina platônica das ideias.” (ABBAGNANO, 2015, p. 607).

mente. Uma consequência direta do idealismo platônico, com a sua metafísica, foi o conceito de “consciência”,¹³ conforme será abordado a seguir. Instaurou-se, a partir do idealismo platônico, uma qualificação da razão em detrimento da afirmação da vida, a qual se dá pelo fluir da natureza por meio do vir-a-ser, dos sentidos e dos instintos humanos. A partir de então, a razão se estabeleceu com supremacia por meio da instauração de um método científico e mecanicista, baseado na busca pelo que Nietzsche denominou de “Vontade de Verdade”.¹⁴ Essa “vontade de verdade” está intimamente relacionada à necessidade de segurança e certeza por parte do ser humano e que tolhem a manifestação do que há de mais singular e espontâneo. No aforismo FW/GC § 294 denominado “Contra os caluniadores da natureza”, Nietzsche expõe o desprezo que o pensamento regido pela apologia à consciência proporcionou na tradição ocidental, no que concerne à natureza, aos sentidos e aos impulsos humanos:

São para mim desagradáveis as pessoas nas quais todo pendor natural se transforma em doença, algo deformante e ignominioso - *elas* nos induziram a crer que os pendores e impulsos do homem são maus; *elas* são a causa de nossa grande injustiça para com a natureza, para com toda a natureza! Há pessoas bastantes que *podem* se entregar a seus impulsos com graça e despreocupação: mas não o fazem, com medo dessa imaginária “má essência” da natureza! Vem *daí* que se ache tão pouca nobreza entre os homens; pois a marca desta sempre será não temer a si próprio, nada esperar de vergonhoso de si próprio, não hesitar em voar para onde somos impelidos - nós, pássaros nascidos livres! Aonde quer que cheguemos, tudo será livre e ensolarado à nossa volta. (FW/GC § 294)

Nietzsche se opõe à tentativa de coibir o que é próprio ao homem e à sua natureza, causando ao indivíduo a permanente sensação de mal-estar e de inadequação, como se ele precisasse se ajustar, negando, assim seus impulsos, dos quais passa a sentir vergonha. Ele defende a naturalidade de expressão espontânea dos instintos, bem como seu adestramento. Ainda que a consciência, consolidada pela metafísica platônica, tenha assegurado o total desprezo ao corpo, estabelecendo a superioridade do espírito e suplantando as pulsões, para Nietzsche ela não passa de uma pequena parte de todo o processo que efetiva a vida e o conhecimento.¹⁵

¹³ Descrito no aforismo FW/GC § 11.

¹⁴ De acordo com Roberto Machado “a vontade de verdade é a crença, que funda a ciência, de que nada é mais necessário do que o verdadeiro”. (MACHADO, 1985, p.84).

¹⁵ Embora exceda o escopo temporal da nossa pesquisa, consideramos importante trazer a visão que Nietzsche já possuía à respeito de consciência “(...) o último e derradeiro desenvolvimento do orgânico e, por conseguinte, também o que nele é mais inacabado e menos forte. (...) Pensam que nela está o âmago do ser humano, o que nele é duradouro, derradeiro, eterno, primordial!

Com isso, Nietzsche assevera que a tradição se equivoca em apontar a consciência como o núcleo do pensamento humano, eis que a mesma não é, sequer, um elemento primordial ou originário da mente humana, mas apenas uma espécie de componente que surgiu como decorrência da necessidade de comunicação, na medida em que o homem foi compelido a alterar seu estado natural e abandonar seus impulsos mais primitivos, passando a estabelecer contatos com as pessoas. Essa comunicação exigia uma previsão de qual necessidade transmitir, em outras palavras, o ser humano precisava tornar-se consciente de si mesmo e do que pretendia comunicar, ao estabelecer contato com outro indivíduo. Por conseguinte, muito embora Nietzsche denuncie o valor moral e escravizador da crença na consciência e seu total desprezo pela afirmação da vida, ele ainda considera a o papel que exerce a consciência para o conhecimento do homem a respeito de si. Nietzsche revela a ilusão de que a vida humana é ordenada em conformidade com as determinações da boa consciência, apropriando da fisiologia e do estudo dos animais para apresentar o caráter secundário e moral da consciência:

Do "gênio da espécie". – O problema da consciência (ou, mais precisamente, do tornar-se consciente) só nos aparece quando começamos a entender em que medida poderíamos passar sem ela: (...) parece-me que a sutileza e a força da consciência estão sempre relacionadas à capacidade de comunicação de uma pessoa (ou animal), e a capacidade de comunicação, por sua vez, à necessidade de comunicação: mas não, entenda-se, que precisamente o indivíduo mesmo, que é mestre justamente em comunicar e tornar compreensíveis suas necessidades, também seja aquele que em suas necessidades mais tivesse de recorrer aos outros. (FW/GC § 354)

Nietzsche tece suas razões a respeito da relação entre a consciência e ter de compreender e acessar as próprias necessidades, a fim de poder expressá-las e, assim, buscar satisfazê-las. Isso o leva a compreender que a consciência nada mais é que uma “rede de ligação entre as pessoas”, o que seria absolutamente dispensável para um “ser solitário e predatório”. Importa destacar a forma como Nietzsche elucida a origem da consciência e o seu papel, na medida em que o ser humano precisa dela para conviver e se comunicar:

O fato de essas ações, pensamentos, sentimentos, mesmo movimentos nos chegarem à consciência - ao menos parte deles -, é consequência de uma terrível obrigação que por longuíssimo tempo governou o ser humano: ele *precisava*, sendo o animal mais

Tomam a consciência por uma firme grandeza dada! Negam seu crescimento, suas intermitências! Veem-na como “unidade do organismo”! (FW/GC § 11).

ameaçado, de ajuda, proteção, precisava de seus iguais, tinha de saber exprimir seu apuro e fazer-se compreensível - e para isso tudo ele necessitava antes de "consciência", isto é, "saber" o que lhe faltava, "saber" como se sentia, "saber" o que pensava. Pois, dizendo-o mais uma vez: o ser humano, como toda criatura viva, pensa continuamente, mas não o sabe; o pensar que se torna *consciente* é apenas a parte menor, a mais superficial, a pior, digamos: - pois apenas esse pensar consciente *ocorre em palavras, ou seja, em signos de comunicação*, com o que se revela a origem da própria consciência. Em suma, o desenvolvimento da linguagem e o desenvolvimento da consciência (*não da razão, mas apenas do tomar-consciência-de-si da razão*) andam lado a lado. (FW/GC § 354)

Isso significa dizer que ao tentar expressar as próprias necessidades por meio da linguagem, o pensar que emerge à consciência é bastante limitado e incapaz de expressar a plenitude do que se pensa, para que seja possível entender a si, por esse motivo e porque precisa se adequar ao que o outro compreende e aceita. Para Nietzsche, a consciência é uma espécie de adaptação que, visa atender suas necessidades a partir de todos esses desideratos:

Meu pensamento, como se vê é que a consciência não faz parte realmente da existência individual do ser humano, mas antes daquilo que nele é natureza comunitária e gregária; que, em consequência, apenas em ligação com a utilidade comunitária e gregária ela se desenvolveu sutilmente, e que, portanto, cada um de nós, com toda a vontade que tenha de *entender* a si próprio da maneira mais individual possível, de "conhecer a si mesmo", sempre traz à consciência justamente o que não possui de individual, o que nele é "médio" (...). Todas as nossas ações, no fundo, são pessoais de maneira incomparável, únicas, ilimitadamente individuais, não há dúvida; mas, tão logo as traduzimos para a consciência, *não parecem mais sê-lo...* Este é o verdadeiro fenomenalismo e perspectivismo, como *eu* o entendo: a natureza da *consciência animal* ocasiona que o mundo de que podemos nos tornar conscientes seja só um mundo generalizado, vulgarizado - que tudo o que se torna consciente por isso mesmo torna-se raso, ralo, relativamente tolo, geral, signo, marca de rebanho, que a todo tornar-se consciente está relacionada uma grande, radical corrupção, falsificação, superficialização e generalização. (FW/GC § 354)

Em FW/GC §354, Nietzsche evidencia o verdadeiro papel da consciência dentro do âmbito da vida humana em relação ao meio no qual se encontra inserida no mundo, ao perceber a ilusão do homem moderno no que concerne a crença da razão. Em outras palavras, Nietzsche, demonstra que a consciência não exerce um lugar de supremacia dentro do âmbito do conhecimento, eis que não exerce a função de definir objetos e, portanto, gerar o saber, atuando

somente como instrumento auxiliar da necessidade humana¹⁶ de se comunicar, eis que, para isso, os homens precisam tornar-se conscientes para poder suprir suas necessidades mediante o processo da comunicação.

Dessa forma, na perspectiva nietzschiana, a consciência não se trata de um elemento individual que induz o homem a compreender valores universais e necessários, mas simplesmente que o leva a um ato coletivo de compartilhar, mediante o uso da linguagem, as aspirações do ser humano na sociedade, em decorrência da necessidade de segurança, perante os fenômenos do mundo. Em outras palavras, a consciência, em Nietzsche, não obtém valor de primazia diante da constituição humana, ao contrário da concepção tomada pela tradição, a qual via na consciência um princípio do conhecimento da verdade e da ascese ao absoluto.

É possível perceber que o conceito de consciência, como força derivada, procura reduzir a natureza dos instintos e se sobrepor a eles como se pudesse representar o que o corpo pretende dizer, ao mesmo tempo em que o faz em consonância com o que a moralidade estabelece. Na medida em que isso ocorre, além de ser incapaz de refletir tudo que se passa no interior do indivíduo, ela acaba servindo a moralidade, razão pela qual Nietzsche sustenta que é o corpo a grande razão, na medida em que somente as emoções são fontes genuínas capazes de nos conectar e de expressar, com fidelidade, tudo o que se passa conosco, ao passo que a mente tenta justificar, idealizar e levar às armadilhas do autoengano. Portanto, a partir do momento em que Nietzsche comprova que a consciência é ilusória, dentro dos termos em que a tradição estabelece, ele evidencia o caráter secundário da mesma frente aos instintos, explicitando a sua fraqueza dentro da constituição humana. Isso reflete o papel da consciência como uma forma de moralidade, estimulando o condicionamento humano ao rebanho, o qual persegue tão-somente os valores superiores, que, na perspectiva de Nietzsche, pretende domesticar o indivíduo e nortear a ação humana no mundo. Na perspectiva nietzschiana os ditames de ordem moral

¹⁶ “Vida social, consciência e linguagem (comunicação) são, portanto, compostas quase simultaneamente. Por carência e para comunicá-la, não pode prescindir da consciência que, não é algo natural ou espontâneo, faculdade primordial ou “unidade originária”. O crescimento da consciência acompanha a exigente necessidade de transmissão de impressões”. (CALOMENI, 2011, p. 2).

passaram a fundamentar a vida acarretando seu enfraquecimento e, o resultado disso foi também a ascensão do ressentimento.

Como visto, a moralidade pretendeu exercer um papel de segurança para os homens, e estes se apegaram à razão e à sua boa consciência, para buscar manter uma ordem (apolínea) evitando aquilo que simboliza o mal, o desprazer da existência, os instintos e o desejo (dionisíaco). Isso é apontado, por Nietzsche, como outro indício de fraqueza, por parte da consciência. Além de reprimir a força dos instintos e distanciar o homem daquilo que lhe é próprio, o conceito de consciência subjugou o ser humano pelo poder que os juízos de valor passaram a exercer, o que envolve um tema fortemente criticado por Nietzsche em toda a sua obra, que é a moralidade, a qual postula pelo condicionamento humano, a partir da padronização dos comportamentos sociais, igualando os indivíduos e ignorando suas propensões e seus desejos, em troca da sensação de segurança de pertencer ao grupo, a fim de evitar o isolamento, a exclusão ou ser rechaçado.

Acerca do tema, Nietzsche tece suas críticas no aforismo FW/GC §335 “Viva a física”, ao questionar a forma como os indivíduos efetuavam suas avaliações morais: “Seu julgamento “Isso está certo” tem uma pré-história nos seus impulsos, inclinações, aversões, experiências e experiências; “Como surgiu isso?”, você tem de perguntar, e ainda: “O que me impele realmente a dar ouvidos a isso?” Ele procura trazer o eixo da questão para dentro do indivíduo, pois é a partir dele, do seu “si-mesmo” que está a verdadeira resposta, e não a partir de um juízo universal heterogêneo. Na sequência do mesmo aforismo, o filósofo sustenta a singularidade humana que impede o estabelecimento de regras morais universalizáveis tais como pretendeu Kant com o imperativo categórico. Nietzsche ironiza:

Como? Você admira o imperativo categórico em você? Essa “firmeza” do que é chamado seu juízo moral? Essa “incondicionalidade” do sentimento de que “nisso todos têm de julgar como eu? Admire antes o seu egoísmo nisso! E a cegueira, estreiteza e modéstia do seu egoísmo! Pois egoísmo é sentir o próprio juízo como uma lei *universal*; e novamente um egoísmo cego, estreito e modesto, porque mostra que você ainda não descobriu a si mesmo, ainda não criou para si um ideal próprio, bastante próprio – pois ele não poderia jamais ser o de um outro, e muito menos o de todos, todos! – Quem ainda julga que “assim deveriam agir todos nesse caso”, não chegou a andar cinco passos no autoconhecimento: do contrário saberia que não há nem pode haver ações iguais, - que toda ação já realizada foi realizada de uma maneira única e irreversível, e que o mesmo se dará com toda ação futura, - que todas as prescrições sobre o agir referem-se apenas ao grosseiro

lado exterior (até as mais íntimas e sutis prescrições de todas as morais que já houve), - que com elas pode ser alcançada uma aparência de igualdade, *mas somente uma aparência*, - que toda ação, contemplada ou reconsiderada, é e continua a ser algo impenetrável, - (FW/GC § 335)

A impossibilidade de generalizar a humanidade é absolutamente clara para Nietzsche e qualquer tentativa de impor padrões morais de pensamento ou de comportamento não passam de medidas superficiais, enganosas o mesmo corruptas.¹⁷ Nietzsche é bastante irônico ao colocar Kant numa situação paradoxal, na qual este teria tido o atrevimento egoísta de pretender determinar um juízo moral (imperativo categórico) criado por ele mesmo, ao mundo, quando o egoísmo seria moralmente condenável, evidenciando, assim, que a moralidade não pode ser abordada da forma como era pretendida na sua época. No mesmo aforismo ele ressalta a importância dos valores e das convicções que estão por trás e que impelem as ações humanas, as quais nem sempre são perceptíveis como se crê ou podem ser demonstradas por meio das ações humanas:

(...) que nossas opiniões acerca do "bom", "nobre", "grande" jamais podem ser *demonstradas* por nossas ações, porque toda ação é incognoscível, - que sem dúvida as nossas opiniões, avaliações e tábuas de valores estão entre as mais poderosas alavancas da engrenagem de nossos atos, mas que em cada caso a lei de seu mecanismo é indemonstrável. Portanto, *limitemo-nos* a depurar nossas opiniões e valorações e a *criar novas tábuas de valores*: - mas acerca do "valor moral de nossos atos" vamos deixar de remoer pensamentos! Sim, meus amigos, é tempo de se enojar com toda a tagarelice moral de uns sobre os outros! Fazer sessões de julgamento moral deve ofender nosso gosto! (FW/GC § 335)

Nietzsche ironiza: “Deixemos essa tagarelice e esse mau gosto para os que nada têm a fazer senão arrastar o passado um pouco mais adiante no tempo, e que nunca são eles mesmos presente” (FW/GC § 335). Ele evoca a si e aos homens não só o poder da criação como também a autenticidade ao afirmar “Nós, porém, *queremos nos tornar aqueles que somos* - os novos, únicos, incomparáveis, que dão leis a si mesmos, que criam a si mesmos!”. Fundamental preconizar a defesa explícita que Nietzsche faz à característica humana de singularidade. O fato de serem “únicos”, “incomparáveis” não se coaduna com o espírito de rebanho e repele a ideia de igualdade apregoada pelo cristianismo, na qual “todos são iguais perante Deus”.¹⁸ Mas, o mais importante, aqui, o que

¹⁷ FW/GC § 354.

¹⁸ Conforme revela Salaquarda (1999, p. 86): “Quase todas as maiores alterações e suplementos que Nietzsche efetuou, por assim dizer, no ‘último minuto’ visavam sublinhar o caráter pessoal

Nietzsche pretende de fato atacar no aforismo citado anteriormente, onde critica a filosofia kantiana, é a questão de que esses atributos próprios ao homem, que o distingue dos demais mediante o poder que lhe foi conferido de ser capaz de criar, não deve e nem pode ser reduzido pela moralidade, eis que a mesma inibiria o processo criativo, pela repressão e outorga do sentimento de inadequação. Em face disso, Nietzsche apregoa o imoralismo por meio da exaltação da igualdade e da expressão da diferença a fim de assegurar o que há de mais nobre na humanidade e que o impele a ir além. Dessa forma, ele rechaça o racionalismo Kantiano, sustentando que o homem é dono de uma individualidade irreduzível e, por isso, não pode se submeter aos limites e imposições de uma razão que nega a vida, hostilizando Kant a quem denomina como “fanático da moral”.

E agora não me venha falar de imperativo categórico, meu amigo! - essa expressão me faz cócegas no ouvido e eu tenho que rir, mesmo em sua tão séria presença: lembra-me o velho Kant, que, como punição por ter obtido furtivamente a "coisa em si" - também algo ridículo! -, foi furtivamente tomado pelo "imperativo categórico" e com ele no coração *extraviou-se de volta* para "Deus", "alma "liberdade" e "imortalidade", semelhante a uma raposa que se extravia de volta para a jaula - e a sua força e esperteza é que havia *arrombado* a jaula! (FW/GC § 335)

A filosofia de Nietzsche tem um caráter libertário, que visa transpor as formas limitadoras da tradição que só concebeu uma “liberdade humana” baseada no ressentimento e na culpa. Em virtude disso, contrário a qualquer tipo de igualitarismo, ele ataca a lei inflexível do imperativo categórico¹⁹ e a ideia Kantiana do sujeito racional, condicionado e limitado é violentamente rejeitada por Nietzsche, que defende uma visão filosófica muito mais complexa do homem e da moral. O mundo não é ordem e racionalidade como pretende convencer a tradição do pensamento. Para Nietzsche, isso é uma utópica promessa para dominar o homem mediante a universalização da moralidade. Não há um Deus²⁰ e nem uma razão determinística, ao fim e ao cabo, mas a vida atuando ao acaso,

do escrito e ressaltar sua disposição pessoal prenunciadora de Za. Tematicamente, a morte de Deus e sua significação para a moral assediava Nietzsche até o último momento do modo mais intenso. Em suas últimas correções e adendos, Nietzsche procurou figurar mais sedutora e urgentemente os apelos aos ‘indivíduos singulares’ (*Einzelne*) e aos ‘senhores de si mesmos’ (*Selbsteigene*) para a superação das ‘virtudes de rebanho’ (...).

¹⁹ “Age apenas segundo uma máxima tal que possas ao mesmo tempo querer que ela se torne lei universal”. (KANT, 1986, p. 59).

²⁰ Para Benoit, “Assim, apesar de seu caráter imediatamente deprimente, a morte de Deus pode ser a oportunidade “formidável” de uma ruptura com o idealismo, isto é, com a sempre enfraquecedora lógica da fraqueza.” (BENOIT, 2003 p. 26, Tradução nossa).

sem um desígnio definido, numa oscilação de forças que transforma tudo num eterno vir-a-ser, razão pela qual os impulsos não merecem ser suprimidos e nem negados em prol da razão.

Na obra em análise Nietzsche procura desconstruir e combater toda perspectiva metafísica que existisse ou tentasse se infiltrar nas principais vertentes condicionantes do pensamento, dessa forma ele se debruçou sobre os setores do conhecimento humano, como a filosofia, a moral, as artes e a religião.²¹ Assim sustenta que a tradição atua no sentido de prometer ao homem falsas garantias de sobrevivência e segurança, mediante a crença nos valores absolutos de uma realidade suprassensível, quando esta é, de fato, incapaz de assegurar e definir a verdade, acabando por destruir as conexões do homem com a sua natureza.²² Na acepção de Nietzsche, o homem não pode ser o instrumento de uma moral da qual é o próprio engenheiro. Ele deve ter em mente que a moralidade exsurge a partir da presença da humanidade no mundo e que, portanto, não existe por si só, nem antecede à esta. Portanto, a mesma foi criada para regulamentar a vida humana de uma forma generalizada e que, assim, o indivíduo não deveria se submeter à moralidade mas sim utilizá-la como instrumento para afirmar a vida. Por conseguinte, é a moral quem deve servir à vida humana, e não o oposto.²³ É nesse sentido que o filósofo procura demonstrar que a busca pela segurança leva o homem a desejar que tudo seja

²¹ “O que se percebe é que de *A Gaia Ciência* em diante, a valorização das ciências como instrumentos que lhe permitiriam realizar a crítica da tradição de pensamento não é mais um recurso utilizado. Este livro publicado em 1882, marca, de um lado, a sua decisiva aproximação com a arte e, de outro, o seu afastamento definitivo em relação à perspectiva científica. Nele, Nietzsche aprofunda o gesto crítico em relação à metafísica, recusando totalmente qualquer possibilidade de o conhecimento funcionar segundo modelo de verdade.” (MEDONÇA, 2012, p.12).

²² “Assim, o conhecimento repousa na crença em identidade, permanência, igualdade e muitas outras noções por nós inventadas, as quais, como esquemas reguladores, forjam um mundo calculável e formulável para nós. Da aplicação dessas ficções decorrem apenas simplificações e falsificações: se são muitas vezes consideradas verdades absolutas, é porque possibilitam a conservação de uma determinada espécie de vida. Eis, contudo, o maior erro: tomar aquele mundo de ilusões como o mundo verdadeiro e atribuir-lhe valor supremo.” (CORBANEZI, Eder. Verbetes/conhecimento (Erkenntniss). IN: Dicionário, 2016, p. 152-154).

²³ Uma interessante metáfora que podemos relacionar com a questão envolvendo o tema é a do Leito de Procusto. Procusto era um bandido que vivia na serra de Elêusis. Em sua casa, havia uma cama de ferro exatamente do seu tamanho. “O bandido Procusto possuía singular mania; queria que todos tivessem a sua altura, e para tanto mandava se deitassem no seu leito os viajantes detidos. Se ultrapassassem a medida do leito, cortavam-se-lhes as extremidades das pernas; se, pelo contrário, fossem demasiadamente pequenos, puxavam-nos mediante cordas, até que atingissem o comprimento exigido.” (MÉNARD, 1991. p. 272).

sólido e concreto, abdicando de sua singularidade e deixando de expressar seu poder de criação no mundo, em troca de uma ilusória promessa:

Uma reputação sólida costumava ser extremamente útil; e onde quer que a sociedade continue a ser dominada pelo instinto de rebanho, é ainda muito conveniente, para cada indivíduo, fazer com que seu caráter ocupação sejam tidos por imutáveis - mesmo que no fundo não o sejam. "Nele se pode confiar, ele continua o mesmo":- em todas as situações perigosas da sociedade, este é o louvor de maior significado. A sociedade sente, com satisfação, que tem na virtude desse, na ambição daquele, na reflexão e no fervor daquele outro um *instrumento* confiável e sempre disposto - ela presta o máximo de honras a essa *natureza de instrumento*, essa fidelidade a si mesmo, essa invariabilidade nas opiniões, nas aspirações e até nos defeitos. Uma tal avaliação, que em toda parte floresce e floresceu juntamente com a moralidade dos costumes, educa o "caráter" e *difama* toda mudança, toda reaprendizagem e transformação de si. (FW/GC § 296)

Ao demonstrar isso, Nietzsche evidencia sua preocupação com o futuro, na medida em que, se o engessamento das ideias e dos valores no campo moral compromete a felicidade humana, a fixação dos preceitos na seara da ciência e do conhecimento afeta a própria humanidade, na medida em que a vida não permanecerá fixa para acompanhar o Mundo das Ideias.

Por maior que seja, de resto, a vantagem desse modo de pensar, para o *conhecimento* ele é a mais nociva espécie de julgamento geral: pois aí é condenada e difamada precisamente a disposição que tem o homem do conhecimento para, de maneira intrépida, declarar-se a qualquer momento *contra* a sua opinião prévia e ser desconfiado em relação a tudo o que em nós quer se tornar *sólido*. A atitude do homem do conhecimento, ao contradizer a "reputação sólida", é vista como *desonrosa*, ao passo que a petrificação das opiniões tem o monopólio das honras:-sob o sortilégio de tais valores temos que viver ainda hoje! E é difícil viver, quando se sente o juízo de muitos milênios contra si e em volta de si! E provável que o conhecimento fosse tomado de má consciência por muitos milênios, e que tenha havido muito autodesprezo oculta miséria na história dos grandes espíritos. (FW/GC § 296)

Uma vez que a moralidade foi estabelecida, apregoando seu espírito de rebanho, outra questão a considerar é a contraposição entre "seres superiores e inferiores", e entre os contemplativos e atuantes. "Os homens superiores distinguem-se dos inferiores por verem e ouvirem incalculavelmente mais e por verem e ouvirem pensando - e justamente isso distingue o homem do animal e os animais superiores dos inferiores." (FW/GC §301) Entretanto, Nietzsche refere que não basta somente se elevar, para se manter na contemplação. O papel do homem é se apropriar do seu poder de criação para atuar sobre o mundo. Com esse objetivo ele pretende impelir os homens à ação, evidenciando no aforismo a seguir transcrito o dilema que o desenvolvimento e a auto

superação oferecem, no qual o prazer se acentua de forma proporcional ao desprazer:

O mundo se torna cada vez mais pleno para aquele que se eleva ao cume da humanidade; há cada vez mais anzóis para captar seu interesse; cresce constantemente a quantidade dos seus estímulos, e também a de suas espécies de prazer e desprazer - o homem superior torna-se cada vez mais feliz e infeliz ao mesmo tempo. (FW/GC § 301)

Esse paradoxo existencial de experimentar cada vez mais felicidade e tristeza, quanto mais superior o homem se torna, está intimamente relacionado à necessidade de segurança e de certeza, no sentido de proporcionar medo e acomodação que ilusoriamente são proporcionados pela metafísica e pelo cristianismo, com a promessa de um além mundo. Entretanto, o ideal de segurança é incapaz de ser atendido, porque a vida não é fixa e estável. A vida ocorre agora e não pode ser desperdiçada com a promessa de um além mundo, porque, desprezar uma vida real, que não corresponde a uma idealização ilusória ou meramente prometida, reflete tão somente o medo de algo invencível, ligado à incerteza diante dos fatos. Esse medo é capaz de comprometer seriamente o futuro, ameaçando o desenvolvimento da humanidade, na medida em que não acompanha o progresso e o fluxo natural da vida.

Nietzsche entende que a “vontade de verdade” é a busca pela ciência em solidificar certezas, na tentativa de suprir esta necessidade por parte da humanidade. Conforme veremos na sequência, o medo, adversário do desejo de ir além e de superação, só pode ser vencido pela coragem e pelo *amor fati*,²⁴ ocorrendo quando o ser humano se arroga ao direito de dar vazão à expressão dessas características únicas e, assim, atuar no mundo ativamente, ao contrário de se portar como um ser meramente contemplativo, que embora deseja ter o poder e a capacidade de assumir tem receio e se sente impotente. O que divide os homens entre “superiores e inferiores” é a capacidade de “verem e ouvirem incalculavelmente mais e por verem e ouvirem pensando”. O mesmo distingue o homem do animal e os animais superiores dos inferiores. Ainda que, num primeiro momento, possa transparecer que o filósofo esteja valorizando a racionalidade quando menciona a importância do pensamento no que tange à

²⁴ “Por *amor-fati*, antiga expressão latina cujo sentido literal é amor ao fado (destino) ou amor à fatalidade, Nietzsche compreende o *amor ao que é necessário*”. (RUBIRA, Luís. Verbetes/AMOR FATI (*Amor Fati*). IN: Dicionário Nietzsche / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas); [109-110].)

crítica que tece ao “homem superior”, Nietzsche, de fato, está acentuando a relevância da *vis creativa*:

Mas nisso há uma *ilusão* que sempre o acompanha: ele acredita ser um *espectador* e *ouvinte* colocado ante o grande espetáculo visual e sonoro que é a vida: ele denomina a sua natureza de *contemplativa* e não vê que ele próprio é também o verdadeiro e incessante autor da vida - que ele certamente se distingue bastante do *ator* desse drama, o chamado homem de ação, mas ainda mais de um simples convidado e observador sentado *diante* do palco. (FW/GC § 301)

Portanto, saliente-se que a oposição entre os homens superiores e inferiores está na capacidade de ver e ouvir mais, eis que, Nietzsche ainda precisa despertar nos homens superiores a capacidade de criar, pois embora alguns deles consigam se elevar, tornando-se superiores, permanecem limitados apenas na condição de contemplação, quando poderiam imprimir todos os recursos de que dispõem, e aplicar todo o seu potencial, em algo que ainda não existe, abdicando do seu poder de criação e a sua visão ampliada. No desenvolvimento do aforismo é ressaltado o duplo papel que o homem exerce sobre sua vida, no qual Nietzsche sustenta que aos poetas não está reservado somente a passividade da contemplação, mas sobretudo um poder diverso porque, além de ser ativo, lhe confere características divinas da criação, ou seja, de trazer o novo ao mundo:

Sem dúvida lhe pertencem, como poeta, a *vis contemplativa* [poder de contemplação] e o olhar retrospectivo sobre a obra, mas também e sobretudo a *vis creativa* [poder criador], que *falta* ao homem de ação, apesar do que digam as evidências e a crença de todos. Nós, os pensantes-que-sentem, somos os que de fato e continuamente *fazem* algo que ainda não existe: o inteiro mundo, em eterno crescimento, de avaliações, cores, pesos, perspectivas, degraus, afirmações e negações. Esse poema de nossa invenção é, pelos chamados homens práticos (nossos atores, como disse), permanentemente aprendido, exercitado, traduzido em carne e realidade, em cotidianidade. (FW/GC §301)

Embora, segundo Nietzsche, as evidências apontem no sentido de que “os homens de ação” são os que criam, na verdade eles apenas executam o que foi posto no mundo pelos “pensantes-que-sentem”, os poetas que, segundo o filósofo, de fato detém o poder criador além da capacidade de contemplação.

Quem está no mundo para representar um personagem, ao invés de ter a coragem de expor a si mesmo, e correr o risco de lidar com toda a carga que decorre disso, não está entre os homens superiores, nem exerce o poder de criação. Obviamente, a escolha dos papéis que o homem desempenha na vida permite que ele exerça uma função ativa ou passiva diante dos fatos. Enquanto

que no papel contemplativo não há o encargo com inovação, por ser passivo, e a responsabilidade se reserva em executar, quando muito, o que foi criado pelos outros: o papel criativo é, tipicamente ativo, inovador, e se preocupa em constantemente trazer ao mundo coisas e valores novos. Isso não significa anular valores ou desconsiderar aqueles que importam em significado para cada um de si, mas na capacidade de escolher quais adotar, quais manter, bem como a partir de que critérios.

A filosofia nietzschiana, especialmente no período que abrange a elaboração de GW/GC e Za/ZA, provoca seguidamente o leitor, conforme veremos ao longo do trabalho, no sentido de despertar o homem para dois grandes poderes que o mesmo possui e que são capazes de promover profundas mudanças na sua vida: de “criar” que já falamos um pouco acima, e de “avaliar coisas”:

O que quer que tenha *valor* no mundo de hoje não o tem em si, conforme sua natureza - a natureza é sempre isenta de valor: - foi-lhe dado, oferecido um valor, e fomos *nós* esses doadores e ofertadores! O mundo que tem *algum interesse para o ser humano*, fomos nós que o criamos! - Mas justamente este saber nos falta, e se num instante o colhemos, no instante seguinte voltamos a esquecê-lo: desconhecemos nossa melhor capacidade e nos subestimamos um pouco, nós, os contemplativos - não somos tão *orgulhosos* nem tão *felizes* quanto poderíamos ser.” (FW/GC §301)

O homem foi quem atribuiu valor e peso às coisas, conforme o significado que lhe pareceu mais oportuno. “A natureza é isenta de valor” significa dizer que os fatos da natureza não são, por si só alegres ou tristes, bons ou maus. Nietzsche joga com as palavras e com o poder tanto da avaliação quanto da concepção. Ao passo que menciona o poder da criação humana “fomos *nós* esses doadores e ofertadores!”, ele também afirma “desconhecemos nossa melhor capacidade e nos subestimamos um pouco, nós, os contemplativos” como se tentasse suscitar uma espécie de provocação de que, obtendo o que tolera, o ser humano não está extraindo o que há de melhor em si. Portanto, na perspectiva nietzschiana, o rompimento com o cristianismo e com a moralidade, é plenamente possível, por considerar que cada vida humana é o ponto de partida de sua existência, afastando a ideia de essência que pretende determinar quem se é e estabelecer generalizações superficiais, muito embora reconheça que tudo no homem é construído por meio de uma tradição, de uma herança, dela ele pode se libertar para afirmar a vida. Essa ousadia de liberdade

inarredável, esse atrevimento estimulado por Nietzsche, nada mais visa senão exortar o espírito livre mitigado dentro de cada ser humano. É o início da incitação à originalidade e da exaltação às características individuais, que podem conduzir o homem à elevação, contra a negação da vida. Conforme Nietzsche, o eu individual não deve se deixar subjugar por algo que pretenda generalizar e reduza sua presença no mundo a algo supérfluo. Ele deve ouvir os seus próprios valores, na medida em que o homem é o centro e a finalidade de sua vida:

O indivíduo é algo absoluto, todas as ações são completamente suas próprias. Ele, enfim, extrai os valores para suas ações, na verdade, de si mesmo: porque ele tem de interpretar de forma completamente individual também as palavras herdadas. Pelo menos a interpretação da fórmula é pessoal, mesmo quando não cria uma fórmula nova: enquanto interpreta, cria ainda. (Em Friedrich Nietzsche. *“Nachgelassene Fragmente 1881-1882, Frühjahr-Herbst, MIII1”*. Aforismo 1883 24[33]. (Tradução livre)

Ao afirmar que o “indivíduo é absoluto”, o filósofo parece tentar evidenciar que o homem está acima dos valores morais, oferecendo uma oposição à supremacia da consciência, determinada pela tradição do pensamento. Na medida em que o homem “extrai os valores para suas ações (...) de si mesmo” e “tem de interpretar de forma completamente individual também as palavras herdadas”, o homem não é meramente um ser contemplativo no sentido passivo, e sim um ser criativo e atuante no mundo: “enquanto interpreta, cria ainda”. Dessa forma, o póstumo evidencia o que Nietzsche também refere nos aforismos constantes em FW/GC, especialmente no aforismo § 301. Para ele, o crescimento e a realização da individualidade do homem são um fim que jamais pode ser vassalo de finalidades mais dignas, já que sua orientação moral incita a quebrar todas as velhas tábuas da salvação.²⁵

O homem é um ser que deve exercitar sua autenticidade experiencial, vindo a ser continuamente o que é, ou seja, alguém que se descobre como experiência contínua e não algo fixo; alguém que se permite viver respeitando a existência e a manifestação dos seus instintos, reconhecendo-os e aceitando-os como tais. Ser autêntico significa estar no controle dos impulsos e, por conseguinte, ser o senhor das próprias escolhas, dominando os instintos sem se deixar dominar por eles e, assim, sem aderir ao comando que direciona o rebanho.

²⁵ Za/ZA, III, De velhas e novas tábuas, p. 199.

Esse homem, que confia no próprio organismo como critério de seu comportamento, é atento a um foco exclusivamente interno de avaliação de si e de sua relação com o mundo, e portanto único. Por isso, ele deve possuir um desejo íntimo e inalienável de continuar a existir, como alguém em transformação, em vez de ser dotado de uma identidade rígida. Dessa forma, Nietzsche apregoa o *amor fati*, ou seja, a “aceitação integral e entusiástica da vida em todos os seus aspectos, mesmo os mais desconcertantes, tristes e cruéis”. Na medida em que Nietzsche repele a tentativa de negar e subjugar a vida, seja mediante a busca pelo consolo da metafísica, seja pela busca da certeza e da imutabilidade, na expressão de Azeredo (2008, p. 234), ele luta pela afirmação (*Bejahung*) e “compreende o movimento da vida como um superar-se a si mesmo”.

3 O amor *fati* se contrapõe à necessidade de segurança e de igualdade

A preocupação com a tentativa de se aproximar, ao máximo, das concepções de Nietzsche, faz com que se dê preferência às obras que foram publicadas pelo filósofo. Por esse motivo, as cartas não têm assumido um papel de destaque nas pesquisas sobre ele, muito embora, entendamos que haja uma particularidade que as diferencia dos fragmentos póstumos e que as tornam merecedoras de atenção.

Se os póstumos podem ser pensados como rascunhos esquecidos por Nietzsche, ou como apontamentos guardados, meramente por segurança, para uma eventual retomada, a fim de servirem de base à obras futuras sem que, em ambos os casos, possivelmente, viessem, algum dia, a se tornar públicos e, portanto, conhecidos, podendo permanecer ocultos num caderno fechado apenas sob o domínio e cuidado do filósofo, ao contrário dos póstumos, as cartas são endereçadas e lidas por alguém, ganhando vida e ocupando outra dimensão no mundo. Nelas houve o desejo de que a expressão do pensamento e sentimento de Nietzsche se revelasse, ainda que numa esfera privada. Nesse sentido, entendemos o especial valor deste material de seu espólio, sobremaneira considerando a escassez de pesquisas que são fundamentadas a partir de suas anotações pessoais, em especial porque propiciam o confronto entre seus pensamentos e suas ações, ou, em outras palavras, se ele foi capaz de aplicar na sua vida a sua filosofia ou mesmo se extraiu, da sua vida o seu pensamento filosófico.

Ressalte-se que, ainda que possa ser natural a concepção de que as obras e textos publicados coincidam com o melhor acabamento que o filósofo entendeu, por bem, dar à suas ideias, isso não implica, necessariamente, na certeza de que toda a plenitude do entendimento de um filósofo esteja adstrito ao universo de seus textos publicados, eis que parte significativa dele, sua evolução ou explicação pode estar contida em trechos não publicados. Dessa maneira, as correspondências exsurtem como elementos capazes de, por vezes, iluminar pontos obscuros, e em outros momentos como referencial de uma realidade paralela que permeava a vida do filósofo, durante a elaboração

de suas obras, cuja relevância, só por conta disso, já merece ser averiguada. É com esse desiderato que nos arrogamos no ofício de adentrar à vida privada de Nietzsche para buscar compreender de que maneira o *amor fati* se expressou em sua vida, como ele propugnou, mediante o estudo das cartas, enviadas por ele entre o período que corresponde à expressão do desejo do *amor fati*, no *Sanctus Januarius*, até a conclusão do terceiro livro de *Assim Falou Zaratustra*. Quer-se, ainda, verificar o poder que a sua obra teve no sentido de afetá-lo positivamente, fazendo-o superar a si mesmo, a fim de perquirir a dimensão do êxito do seu trabalho em sua vida, no sentido de analisar se a mesma teve a capacidade de fazê-lo transcender emocionalmente todo o sofrimento que a doença que lhe acometia, bem como as decepções sofridas e agravadas, na ocasião, em decorrência do seu envolvimento com Lou Salomé, sem ter que recorrer à metafísica, como refutava. Feitos esses esclarecimentos, damos continuidade ao trabalho.

Em janeiro de 1882, Nietzsche está em Gênova, Capital de Ligúria, para passar o inverno, eis que, em sua costa obtinha influência benéfica do mar sobre sua saúde. A escolha de Gênova para sua permanência, na referida estação, já vinha se repetindo pela terceira vez consecutiva, desde novembro de 1880 estendendo-se até o final de novembro de 1883, quando então ele decidiu buscar condições climáticas melhores na Côte d'Azur francesa, tendo em vista que a necessidade de alteração de domicílio era constante, na esperança de reduzir o impacto e a progressão da manifestação da doença que acometeu o filósofo²⁶.

Se, nas vezes anteriores, sua estada em Gênova costumava se estender até final de abril, sempre em busca de melhores condições para o seu bem-estar, ao que tudo parece, embora já estivesse desejoso por deixar Gênova no final de janeiro de 1882 e seguir para Veneza, ao encontro de seu amigo, o músico e compositor Heinrich Köselit, Nietzsche decidiu partir somente em março para

²⁶ Carta 181 a Franziska e Elisabeth Nietzsche, em Naumburg, de Gênova, 21 de dezembro de 1881: "Minha vista está se apagando, não posso negar. Agora me acontece seguidamente de virar e derrubar coisas ou tropeçar. Onde vou encontrar outra cidade tão perfeitamente pavimentadas com largos paralelepípedos como Gênova, onde quando eu passear em volta ainda sigo encontrando pedras duras e lisas (e estriadas onde há inclinações)? Em conjunto, Gênova tem sido verdadeiramente minha jogada mais afortunada com relação a saúde e a tranquilidade espiritual. (...) Neste momento os olhos resistem a continuar — você conseguirá ler estes rabiscos?" p. 175-176).

Messina, na Sicília.²⁷ O motivo que manteve Nietzsche em Gênova foi a notícia dada pelos seus parentes de que a visita de Paul Rée se faria iminente,²⁸ o que realmente veio a acontecer em 04 fevereiro de 1882.²⁹

Nietzsche pensa em passar o verão em Córcega³⁰ ou na Floresta Negra, ao sul da Alemanha, aos pés da sua montanha mais alta, Feldberg, a fim de obter “energias frescas e solidão muito profunda”, que seriam as condições ideais que agora lhe faltavam para concluir os livros 9 e 10, que até então pertenceriam à *Aurora*, já que em breve estaria acompanhado de Rée.

Em carta anterior³¹ Nietzsche também relata a necessidade de se manter em Gênova, já que sua permanência estava relacionada à elaboração de um trabalho “que só pode ser concluído aqui, porque tem em si um caráter inteiramente genovês”. As metáforas utilizadas por Nietzsche nas obras *Aurora* e, a seguir, em *A Gaia Ciência*, relacionadas ao mar, aparecem muito conectadas com esta cidade, sua história e urbanismo, eis que, na ocasião, Gênova ainda mantinha o ar da antiga capital da República genovesa, da época de Andrea Doria, e também estava longe de se transformar na cidade industrial moderna que é hoje. Importa mencionar desde já que, inobstante seu desejo de ir ao encontro de Köselitz, Nietzsche mencionará, em diversas cartas, conforme veremos no decorrer do trabalho, o quanto aquele janeiro em que ele expressa o *amor fati*, está sendo belo, agradável e prazeroso, em Gênova.

Quando alude ao trabalho que já tinha em mente, ele se refere a algo “muito mais difícil e mais alto” do que já havia previsto para *Aurora*. Tudo leva a crer que, ao mencionar que “ainda há coisas espantosas que precisam ser contadas”³², Nietzsche, já pretende desenvolver o pensamento do eterno retorno, que veio a ele em agosto de 1881³³, eis que repetidamente o qualifica

²⁷ Conforme Cartas 218 e 219.

²⁸ Carta 190 a Heinrich Köselitz em Veneza, de Gênova, de 25 de janeiro de 1882, p. 182.

²⁹ Nietzsche menciona a chegada de Rée na Carta 195 escrita a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, de 5 de fevereiro de 1882. Paul Rée permaneceu em Gênova entre os dias 4 de fevereiro a 13 de março de 1882 e Carta 192 a Franz Overbeck na Basileia, Gênova, de 29 de janeiro de 1882, p. 184. e também cf. Parmeggiani, (2010, p. 538).

³⁰ Nietzsche pretendia passar o verão e também o inverno em Bastia, na Córsega, juntamente com Koselitz, de acordo com KGB II/6, 76.

³¹ Carta 188, a Ida Overbeck na Basileia Meados de 19 de janeiro de 1882, Gênova, p. 180.

³² Carta 188, a Ida Overbeck na Basileia Meados de 19 de janeiro de 1882, Gênova, p. 180.

³³ O primeiro apontamento sobre o «eterno retorno do mesmo» é datado como início de agosto de 1881 em Sils-Maria (FP II, primavera-outono 1881, 11[141]).

como o “peso mais pesado”.³⁴ Seis dias depois³⁵ de escrever à Ida Overbeck, menciona a Heinrich Köselitz que:

Há alguns dias terminei os livros VI, VII e VIII de Aurora, e com isto meu trabalho está terminado por este momento. Isso porque quero me reservar os livros 9 e 10 para o próximo inverno — não estou ainda maduro o bastante para os pensamentos elementares que quero expor nestes livros conclusivos. Entre estes há um pensamento que, de fato, exige “milênios” para que possa tomar forma. De onde extrairei a coragem para expressá-lo!

Pressentindo o que teria de enfrentar mais adiante, em seu Zarathustra, no que tange ao pensamento do eterno retorno, Nietzsche escreve a Overbeck: “tenho que esperar até o inverno para me dedicar a esta tarefa que é a mais difícil de todas as que tenho.”³⁶ Os livros mencionados logo se transformaram em *A Gaia Ciência*³⁷ presenteando o mundo com o *amor fati* e o pensamento do eterno retorno.

Envolto na intenção a que se dispôs quando expressou seu desejo ao *Sanctus Januarius*, ao qual foi dedicado o IV Livro de *A Gaia Ciência*³⁸, Nietzsche escreve à Heinrich Köselitz³⁹ à respeito da rejeição vienense e sobre o seu desejo de superá-la:

(...) já que esta rejeição vienense não apenas tem me irritado, como tem me ofendido e literalmente adoecido, deixando-me incapaz de fazer algo bom. Pareceu-me uma contestação sarcástica à minha maneira pacífica de pensar e à minha “devoção a Deus”, que eu tinha acabado de colocar por escrito. (...) Você quer então meu último manuscrito?

A menção ao que tinha “acabado de colocar por escrito” – supostamente se refere ao *amor fati*⁴⁰, não somente pela forma sugestiva como o filósofo insinua o tema, dentro do contexto temporal em que tal desejo foi por ele expresso ao mundo, como também porque, na sequência da mesma missiva, Nietzsche faz referência à vontade de Köselitz de ter acesso ao seu último manuscrito. Trata-se de um material de 276 páginas, que contém a cópia de *A Gaia Ciência*, obra que expressou o seu desejo de afirmação do destino. “Este

³⁴ Conforme FW/GC § 341-342, FP II, primavera-outono 1881, 11[158]; e as cartas 136, 138 e 143.

³⁵ Carta 190 a Heinrich Köselitz em Veneza, de Gênova, de 25 de janeiro de 1882, p. 182.

³⁶ Carta 192 a Franz Overbeck na Basileia, Gênova, de 29 de janeiro de 1882, p. 185.

³⁷ Conforme Marco Parmeggiani, in Nota 479, (Parmeggiani, 2010, p. 537).

³⁸ Conforme carta 192 a Franz Overbeck na Basileia Gênova, de 29 de janeiro de 1882.

³⁹ Carta 190 a Heinrich Köselitz em Veneza Gênova, 25 de janeiro de 1882, p. 181-182.

⁴⁰ Segundo Parmeggiani: “Presumivelmente se refere aos esboços iniciais de sua filosofia do amor fati, que Nietzsche havia traçado no inverno de 1881-1882, e ficarão recolhidos em *A Gaia Ciência*. Cf. por exemplo § 276.” (*idem*, p. 537).

é o janeiro mais belo de minha vida”, revela.⁴¹ Inobstante as dificuldades e frustrações decorrentes da falta de repercussão e aceitação de suas obras, Nietzsche procura manter-se fiel ao desejo expresso pelo *amor fati* e evidencia em mais uma de suas cartas, escrita alguns dias depois, novamente a Köselitz, a respeito do prazer que vem sentido por compartilhar da existência naquele momento:⁴² “Que dias! Que milagres neste esplêndido *Gennaro*! Sigamos de bom humor, meu querido amigo!” Seu entusiasmo é tão grande com o clima que, no mesmo dia, Nietzsche escreve a Overbeck: “Você também está tendo uma “primavera” como a nossa? Estes são os verdadeiros “milagres de *san Gennaro*”⁴³”.

Sob a mesma emoção, Nietzsche escreve à sua mãe em 30 de janeiro para lhe felicitar pelo aniversário que está próximo. Ela faria 56 anos no dia 2 de fevereiro de 1882: “O ano te mostra um rosto sereno: intentemos nós, pois, também, dar a ti motivo para estar serena e sentir prazer na vida! Igual a este janeiro, o mais belo de todos!”⁴⁴ Nietzsche descreve a sua mãe como tem sido seus dias em Gênova:⁴⁵

Aqui é sempre primavera: já desde a manhã é possível estar ao ar livre, mesmo na sombra — sem sentir frio. Nada de vento, nem uma nuvem, nem uma gota de chuva! Um velho me dizia que nunca se havia visto em Gênova um inverno assim. O mar tranquilo e absolutamente quieto. Os pessegueiros em flor! (...) quando vou passear, eu também ponho a mesma roupa que usava no verão em Engadina, onde os dias de tempo bom parecem com a estação que temos aqui agora.

Gênova já havia sido descartada para Nietzsche, eis que na sua última temporada lá, o clima, na maioria das vezes não lhe favoreceu, fazendo com que se sentisse mal, e representando para ele, em conjunto, “uma prova de resistência”, porém sua insistência neste local, desta vez, parece ter sido recompensada. Entretanto, inobstante todos os benefícios que aquele janeiro estava lhe proporcionando, sua entrega ao trabalho estava lhe levando à exaustão:

— Apesar deste clima, minha saúde tem sido muito instável; e eu certamente teria me sentido muito melhor se eu não tivesse que trabalhar algo neste inverno também. Além disso, um trabalho regular

⁴¹ Curiosamente, embora tenha escrito tais palavras no dia 25, o filósofo menciona “mas só teve 21 dias!” Carta 190 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 25 de janeiro de 1882, (*ibidem*, p. 181-182).

⁴² Carta 191 a Heinrich Köselitz em Veneza Gênova, de 29 de janeiro de 1882.

⁴³ Carta 192 a Franz Overbeck em Basiléia, Gênova, de 29 de janeiro de 1882, p. 185.

⁴⁴ Carta 194 a Franziska Nietzsche em Naumburg Gênova, final, 30 de janeiro de 1882, p. 186.

⁴⁵ Carta 194 a Franziska Nietzsche em Naumburg Gênova, final, 30 de janeiro de 1882, p. 186.

mental, dia a dia, sempre nas mesmas horas segue sendo o melhor sistema para estragar a minha saúde sem me dar conta. "Sem me dar conta" — significa que um dia, de repente, percebi que estou terrível, e que alguns dias de descanso não são mais suficientes para me reabastecer.

Nietzsche assumiu o cuidado com a sua saúde a partir da convicção de que os erros até então cometidos, com relação à mesma, deveram-se ao fato de atender aos conselhos e sugestões de terceiros⁴⁶. Por esse motivo é que ele decide, a partir dessa constatação, ser o “médico de si mesmo” e, de acordo com a forma como seu corpo reage às condições climáticas e ao ambiente oferecido, elege os locais onde atravessará as estações.⁴⁷

Em 21 de março, Nietzsche escreve à Malwida von Meysenbug fazendo menção ao seu silêncio em relação à ela durante os últimos anos, em consideração ao “sagrado respeito”⁴⁸ pelas palavras trocadas no derradeiro contato que tiveram, em 14 de janeiro de 1880, quando, após uma forte crise que agravou seu estado de saúde, foi levado a pedir demissão da cátedra de Basileia. Naquela ocasião, embora acreditando estar próximo da morte,

⁴⁶ Conforme Carta 125, datada de 9 de julho de 1881, enviada a sua mãe, na qual ele procura lhe tranquilizar a respeito da sua capacidade de administrar com sucesso os cuidados necessários que a sua saúde exige, bem como pede que a mesma confie nele no que concerne a isso e na Carta 470 a Franz Overbeck na Basileia, Gênova, 27 de outubro de 1883, p. 415 ele menciona que o tratamento que ministrou a si mesmo foi aprovado pelo seu médico e incorporado como medicamento.

⁴⁷ A análise das correspondências de Nietzsche revelam um estudo pessoal a respeito das influências climáticas específicas em seu estado de saúde, buscando, nos meios naturais, efeitos medicinais antidepressivos, ansiolíticos ou, mesmo, por vezes estimulantes, derivados das condições meteorológicas e das atividades físicas que ele procurava desempenhar, a fim de conseguir se reerguer das crises que a doença lhe acometia e, assim, cumprir com sua tarefa de compor suas obras, o que tratava como missão de vida, conforme veremos na sequência. As missivas esboçam que as condições meteorológicas ideais para minimizar os efeitos agravantes da doença de Nietzsche dependiam da difícil combinação entre um céu sempre desobstruído — eis que o céu nublado favorecia suas crises —⁴⁷ com uma grande quantidade de sombra proveniente de densas florestas, a fim de aplacar a intensidade da luminosidade que agredia seus olhos durante suas necessárias caminhadas. Tudo isso deveria ser acompanhado de uma temperatura muito moderada, eis que o frio e o vento intenso lhe perturbavam. A partir dessas linhas gerais e das condições tão peculiares que sua saúde assume, torna-se difícil definir, com precisão, o que apenas a experiência com lugares muito diferentes poderia proporcionar. Além disso, tais resultados precisavam ser continuamente revistos, devido a mudança de saúde e das condições ambientais do entorno, o que mesmo assim, conforme se denota pelo conteúdo das missivas, a maior parte do tempo resulta em fracasso.⁴⁷ De acordo com Parmeggiani. (2010, p. 19) Segundo relata a sua irmã: “Em realidade não estou bem; me ressinto com cada mudança de tempo; e em especial, até agora, cada vez que o céu se nubla, me dá dor de cabeça; — dada a proximidade das nuvens, aqui eu sofro mais com este fenômeno do que em Gênova. A moral da minha saúde é sempre a mesma: «Onde há 200 dias nublados ao ano, 200 dias você não está bem e sofre; onde há 40 dias nublados, 320 dias você tem boas possibilidades — para não dizer mais».” (Carta 430 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, 6 de julho de 1883, p. 370).

⁴⁸ Carta 214 a Malwida von Meysenbug em Roma (Escrito a máquina), Gênova, de 21 de março de 1882, p. 202.

Nietzsche já esboçava sua visão afirmativa da vida⁴⁹, por isso agora ele foi compelido a renová-lo à Malwida.⁵⁰

Ao se dirigir novamente à amiga em 1882, sob a influência do *amor fati*, Nietzsche reafirma a energia vital que o mantém disposto a ver a sua existência com alegria, disposição e jovialidade, inobstante a doença e o abandono de pessoas próximas, cujo apreço que lhes tinha agravou a sensação de indiferença com que passaram a lhe tratar.⁵¹ Ele faria 38 anos em outubro e se sentia muito solitário⁵² porém decidiu resignificar e extrair da solidão a sua força:

Minha muito estimada senhora, na verdade já dissemos adeus de uma vez por todas — e tem sido o meu sagrado respeito por essas palavras definitivas o que me manteve em silêncio por tanto tempo. Entretanto, têm atuado dentro de mim uma energia vital e forças de todo o tipo: estou vivendo uma segunda existência, e me enche de alegria ver que você nunca deixou de acreditar completamente em minhas possibilidades para esta segunda existência. (...) o arco que me toca percorrer é amplo, e em cada um dos seus pontos eu terei que viver e pensar de uma maneira tão profunda como enérgica: eu tenho que permanecer sendo *jovem*, por muito, muito tempo, apesar de que eu já me aproxime dos quarenta. - Que o mundo inteiro está me abandonando agora, eu já não luto mais - parece-me, melhor, que antes de tudo é algo útil, e, logo natural. Esta é e tem sido sempre a *norma*. O comportamento de Wagner em relação a mim também entra nessa banalidade da norma.

Depois de inúmeras tentativas para consertar sua máquina de escrever resolve abandoná-la por considerar um instrumento inútil aos fins a que se propõe.⁵³ Na ocasião, Nietzsche desiste também da ideia inicial para o verão, decidindo ir para os "confins do mundo", como se referiu a Messina.⁵⁴ Em carta escrita à Rée afirma⁵⁵:

Muitos dias ruins! Estas nuvens cheias de eletricidade! Estarei de verdade tão louco a ponto de voltar a me aproximar das montanhas? Nas margens do mar eu resisto melhor do que em qualquer outra parte,

⁴⁹ "Nenhuma dor tem sido capaz, nem deve ser, de me induzir a dar um falso testemunho sobre a vida, *tal como eu a conheço*." (Carta 2 a Malwida von Meysenbug em Roma Naumburg, de 14 de janeiro de 1880, p. 54).

⁵⁰ Nietzsche reconhecia em Malwida semelhanças consigo mesmo: "Por exemplo: nós dois somos corajosos e nem a necessidade nem o menosprezo podem nos afastar do rumo que consideramos correto. Também temos vivido, em nós e fora de nós mesmos, tantas coisas cuja luz poucos de nossos contemporâneos têm visto — temos esperança na humanidade e nos oferecemos a nós mesmos modestamente em sacrifício, não é verdade?" (Carta 2 a Malwida von Meysenbug em Roma Naumburg, de 14 de janeiro de 1880, p. 54).

⁵¹ Tais fatos sucederam com Wagner, Rohde e também com Malwida.

⁵² Carta 214 a Malwida von Meysenbug em Roma (Escrito a máquina), Gênova, 21 de março de 1882, p. 202.

⁵³ Carta 218 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg (Cartão Postal), Gênova, de 27 de março de 1882, p. 205.

⁵⁴ Carta 220 a Heinrich Köselitz em Veneza (Cartão Postal), Messina, de 8 de abril de 1882, p. 206.

⁵⁵ Carta 216 a Paul Rée em Roma (Cartão Postal), de Gênova, 23 de março de 1882, p. 204.

em realidade. Mas onde há um lugar do mar que tenha sombra suficiente para mim? É uma miséria!

Em 29 de março ele parte de forma aventureira ao seu destino, na maneira como havia projetado e comentado com seu amigo Köselitz, chegando em 1º de abril. Ele convenceu o capitão de um navio de carga siciliano a levá-lo como o único passageiro. Ao chegar em Nietzsche escreve à sua mãe e à sua irmã, afirmando: “Quero passar, portanto, aqui o verão: depois das horríveis experiências dos últimos anos, tenho que fazer a prova de passar também o verão junto ao mar. As condições da sombra determinaram minha escolha.”⁵⁶ Messina atendeu completamente as necessidades de Nietzsche, ao ponto dele comentar com Overbeck⁵⁷ que a localidade “parece feita propositadamente para mim”. Acostumado com a solidão e a indiferença, se surpreende com o comportamento que os habitantes de Messina despendem a ele: “as pessoas daqui se mostram tão amáveis e diligentes comigo que eu já fiz as mais estranhas conjecturas (por exemplo, se não há alguém que me segue quando estou viajando, com o fim de comprar para mim os favores das pessoas).” Apesar disso, sua permanência durou aproximadamente um mês, não ultrapassando abril, eis que ao ser comunicado por Rée de que Lou Salomé estava em Roma e desejava conhecê-lo, partiu imediatamente ao seu encontro.⁵⁸ A reunião entre os três aconteceu no dia 24 de abril, na capital da Itália, seguindo todos, posteriormente, para Lucerna. Depois disso, Nietzsche foi sozinho ao encontro de Overbeck, na Basileia.⁵⁹

Se em janeiro de 1882 Nietzsche expressa publicamente o *amor fati* como um desejo de afirmação incondicional do destino, eis que o destino coloca em sua vida um teste para esta afirmação: Lou Salomé. Em 8 de maio ele escreve

⁵⁶ Carta 219 a Franziska e Elisabeth Nietzsche em Naumburg (Cartão Postal), de Messina, 1 de abril de 1882, p. 206.

⁵⁷ Carta 221 a Franz Overbeck em Basileia (Cartão Postal), Messina, de 8 de abril de 1882, p. 207.

⁵⁸ Em torno de 21 de abril, Nietzsche partiu de repente de Messina logo após ser avisado por Rée que Lou Salomé estava em Roma e desejava lhe conhecer. Em Roma, Nietzsche se encontrou com Lou e Paul Rée em 24 de abril. Em 1 de maio Lou viaja com a mãe para o norte da Itália, enquanto que Paul Rée e Nietzsche permanecem em Roma, eis que este estava indisposto. Eles partiram nos primeiros dias de maio para se reunir com Lou e sua mãe no lago d'Orta em 5 de maio. Primeiro Nietzsche e logo Rée, Lou e sua mãe se trasladaram a Lucerna. Neste momento, Nietzsche decidiu deixar os amigos por uns dias para ver Overbeck, na Basileia.

⁵⁹ Carta 223 a Paul Rée em Locarno <Lucerna, 8 de maio de 1882, p. 208.

à Rée⁶⁰: “Meu amigo, como encontrar a tão mencionada pepita de ouro, agora que eu encontrei a “pedra filosofal” (em que há também um coração)?” Na sequência da carta, Nietzsche menciona que graças ao vento Siroco⁶¹, que costuma lhe afugentar, deixou Messina, sugerindo ter sido o vento quem proporcionou o seu encontro com Lou, e não a sua decisão de ir até ela⁶²: “— — Sempre Siroco em torno de mim, meu grande inimigo, também em sentido metafórico. Mas ao final eu sempre penso, ‘sem o Siroco eu estaria em Messina’ — e eu perdoo meu inimigo. — Em resumo: máxima resignação.” Com isso Nietzsche expressa, por meio do episódio envolvendo esse vento, o seu pensamento afirmativo sobre a vida, o *amor fati*, recentemente revelado.

Após se conhecerem, Nietzsche, Lou e Rée fizeram planos para o futuro que, na concepção do filósofo, deveriam ser mantidos de forma oculta.⁶³ De certa forma, ele temia a reação das pessoas e, em especial, de sua irmã Elisabeth. As únicas pessoas a quem revelou, com o passar do tempo, suas reais intenções a respeito de Lou Salomé, bem como sobre o fato de que Rée compartilhava do mesmo sentimento por ela, foi para os amigos Ida e Franz Overbeck, evidenciando que a aprovação dos mesmos era relevante para Nietzsche. Ao deixar a casa de Overbeck, na Basiléia, Nietzsche voltou a se encontrar com Lou e Rée em Lucerna, onde permaneceu entre os dias 13 a 16 de maio. Lá ele ficou instalado no hotel St. Gotthard, ao lado da estação, partindo, na sequência, para Naumburg, de onde escreve à Overbeck:⁶⁴ “Umas palavras, meu querido amigo! Neste período tenho estado bem. Tempo estupendo. Profundo silêncio a propósito de Lou. É necessário.” Na sequência, vai à Naumburg e de lá escreve a Rée⁶⁵: “Tenho calado e seguirei calando — você sabe sobre o quê. É

⁶⁰ Carta 223 a Paul Rée em Locarno Lucerna, 8 de maio de 1882, p. 208.

⁶¹ O vento quente e seco Scirocco costuma se manifestar quando baixas pressões atingem o mar mediterrâneo atingindo com violência o sul da Itália podendo causar enxaqueca na população e, em certas ocasiões, chega até a Costa Azul e a Riviera.

⁶² Posteriormente, em Carta 371 a Malwida von Meysenbug em Roma Rapallo, de 1 de fevereiro de 1883 p. 315, Nietzsche reafirma que foi o vento Siroco a causa que lhe fez deixar Messina.

⁶³ Alguns desses planos Nietzsche sugere a Lou Salomé em Carta 243 a ela dirigida quando esta estava em Stibbe, Domingo. Naumburg, 18 de junho de 1882, p. 221) Após a aceitação da proposta, expressa desses planos, por parte de Lou, evidenciada em Carta 256 escrita a Lou von Salomé em Stibbe Tautenburg, junto a Dornburg, Turingia, 2 de julho de 1882, p. 229) Nietzsche escreve uma Carta 263 à Heinrich Köselitz em Veneza, Tautenburg, em 13 de julho de 1882, p. 233-234) contando a respeito de Lou, negando, entretanto, a Köselitz o sentimento que está nutrido por ela.

⁶⁴ Carta 228 a Franz Overbeck na Basiléia (Cartão Postal), Naumburg, 23 de maio de 1882, p. 210.

⁶⁵ Carta 230 a Paul Rée em Stibbe Naumburg, 24 de maio de 1882, p. 211.

indispensável. — Não se pode ser amigo de uma maneira mais maravilhosa do que como nós somos agora, não é verdade? Meu querido e velho Rée!" Seu encanto com a jovem russa dá a Nietzsche uma vitalidade que lhe impede de ocultar dela suas reais intenções. Ele se acerca cada vez mais de Lou Salomé, na tentativa de evidenciar seus sentimentos e persuadi-la de que Rée é melhor do que ele, como amigo, provavelmente preocupado com a ideia de que a mesma pudesse vir a ter que fazer uma opção⁶⁶:

Até agora eu não fiz nenhuma alusão, aqui em Naumburg, ao que tem a ver com você e a nós. Então eu serei mais independente e estarei mais disponível para você. —

Os rouxinóis cantam as noites inteiras diante da minha janela. —

Rée é, em todos os aspectos, um amigo melhor do que eu sou ou possa ser; tenha bem em conta essa diferença! —

Quando estou sozinho, eu pronuncio seguidamente, muito seguidamente, o seu nome — e com grandíssimo prazer!

Nietzsche vislumbrou em Lou Salomé uma mulher sem preconceitos, característica que, associada à uma inteligência acentuada no que se refere a questões filosóficas e morais, fez com que passasse a acreditar, desde o momento em que a conheceu, que se tratava de alguém especial, projetando nela a imagem de uma pessoa tão semelhante a ele, e dessa forma única, cuja consanguinidade deveria advir da "vontade divina"⁶⁷, com quem ele poderia ser plenamente compreendido e transmitir o núcleo mais secreto de sua filosofia. Ele acredita na sinceridade de Lou e está confiante de que essa relação, pela postura isenta de preconceitos de sua amada, será capaz de ajudá-lo a superar os problemas que já viveu, e que ainda tinha que enfrentar, não apenas com a sua saúde, mas com relação às pessoas que lhe julgavam⁶⁸: "Sim, eu acredito em você: ajude-me a acreditar sempre em mim mesmo e a honrar nossa bandeira e a você: "desabituar dos medíocres e em todo o bom e belo, ser determinado a viver" —". Ele faz planos para encontrar com ela:

Meu projeto mais recente para poder falar com você é o seguinte: Eu quero ir para Berlim nos dias em que você estiver, e dali me retirar imediatamente para uma das belas e profundas florestas que há nos arredores — perto o suficiente para poder nos vermos quando nós queiramos, quando você quiser.

⁶⁶ Carta 231 a Lou von Salomé em Zúrich-Riesbach Naumburg, pouco depois de 24 de maio de 1882, p. 211 e Carta 234 a Lou von Salomé em Zúrich-Riesbach Naumburg do Saale, pentecostes 28 de maio de 1882, p. 213-214.

⁶⁷ Carta 236 a Franz Overbeck na Basileia Naumburg, de 5 de junho de 1882, p. 215.

⁶⁸ Carta 234 a Lou von Salomé em Zúrich-Riesbach Naumburg do Saale, pentecostes 28 de maio de 1882, p. 213-214).

A cidade de Berlim é impensável para mim. Portanto: vou ficar no “Grunewald” e esperarei todo o tempo que você passe logo em Stibbe. Então estarei a sua disposição para qualquer projeto ulterior: quem sabe se eu não conseguirei me instalar decorosamente na floresta, na casa de um guarda florestal ou um pároco, onde você poderia passar mais um dia ao meu lado. Porque, sinceramente, eu gostaria muito de estar completamente sozinho com você, o quanto seja possível. Os solitários como eu também precisam se acostumar lentamente com as pessoas que lhes são mais queridas: seja pois tolerante comigo neste ponto, ou melhor, venha ao meu encontro!

Embora cogite a presença de Elisabeth para viabilizar o encontro de ambos, se isso fosse da vontade de Lou, ele menciona sua preocupação de evitar o conhecimento de seus familiares a respeito da relação entre eles, pois já pressupõe a reação que terão e tudo o que, nesse momento, ainda está por vir:

Se ao invés disso, prefere seguir viajando, poderíamos encontrar outro arranjo nas florestas próximas à Naumburg (nas proximidades de um castelo dos Altemburgo); se você quiser, eu faria o possível para que minha irmã fosse lá. (Enquanto os projetos de verão sigam suspensos, eu farei bem em manter minha família um silêncio absoluto - não pelo prazer do mistério, mas pelo meu “conhecimento dos seres humanos”).

O sentimento que Nietzsche experimenta é de extremo prazer com a vida: “Tenho confiança em meu destino.—”.⁶⁹ Essa certeza que estava experimentando, alimentada pela identificação que encontrou, especialmente em Lou, lhe impediram de continuar ocultando seus sentimentos com relação à mesma. Entretanto é discreto com os demais e só comenta o fato com os Overbeck. Nesse sentido escreve a Ida⁷⁰:

Na última vez que nos vimos eu sofria muito: assim eu transmiti a você e ao meu amigo motivos de preocupação e de temor, que em realidade não têm razão de ser; mas bem, há o que justifique o contrário! Ao fim das contas, o destino me empurra sempre para a felicidade, ao menos para a felicidade da sabedoria — como eu poderia temer o destino, especialmente agora que vem a mim na figura completamente inesperada de Lou?

Repetindo o que já havia afirmado à Lou ele confirma a plenitude que este relacionamento está lhe proporcionando: “Nesse meio tempo eu tenho estado muito bem; dizem que eu não tenho estado tão sereno em toda a minha vida. Qual será a razão?” Entretanto, as preocupações de Nietzsche com a forma como as pessoas próximas irão reagir à peculiaridade da relação transparecem

⁶⁹ Carta 234 a Lou von Salomé em Zúrich-Riesbach Naumburg do Saale, pentecostes, 28 de maio de 1882, p. 213-214.

⁷⁰ Carta 233 a Ida Overbeck na Basiléia Naumburg do Saale, pentecostes — 1882, 28 de maio p. 212.

frequentemente. É o que expressa tentando atenuar as possíveis preocupações dos amigos:

Tenha em conta que Rée e eu estamos ligados por SENTIMENTOS IGUAIS a nossa valente e nobre amiga — e que ele e eu temos também neste ponto uma grandíssima confiança mútua. Além do mais, não estamos entre os mais estúpidos nem entre os mais jovens. —

Ele explica o cuidado que está tendo com relação à não preocupar sua família com o envolvimento entre os três:

Aqui tenho guardado até agora um silêncio absoluto com respeito a estas novidades. Porém a longo prazo isto pode tornar-se impraticável, embora que somente seja pelo fato de que minha irmã está em contato com a senhora Rée. Em vez disso, quero deixar a minha mãe “fora do jogo” — já tem bastante preocupações por conta própria — para que adicionar preocupações *desnecessárias*? —

Nietzsche percebe que sua vida está prestes a mudar e, em resposta⁷¹ a uma carta de Overbeck, no qual este manifesta apoio à relação de Nietzsche com Lou e Rée, e ao que o filósofo denomina por “projeto”, este expressa explicitamente o *amor fati*, eis que, até então, referiu-se a ele apenas como “devoção a Deus”. Aqui Nietzsche evidencia a conexão que pretendeu fazer quando declara que a “fatalista “submissão à vontade divina” — eu a chamo *amor fati*”. Mais tarde, com a publicação de *A Gaia Ciência*, ele fará novas alusões ao tema mediante essas e outras referências, tais como *Sanctus Januarius*, como veremos no decorrer do presente trabalho.

Me sinto feliz de ver como meu projeto, que aos olhos dos não iniciados poderia parecer bastante fantástico, tem conseguido toda a boa compreensão humana e amistosa de tua parte e de tua querida esposa. Eis aqui a verdade: a maneira em que quero atuar e atuarei neste caso está em total coerência com minhas ideias, com meu convencimento mais íntimo: esta coincidência me faz bem, igual que a recordação de minha existência genovesa, na qual tampouco me deixei para trás no que respeita a minhas ideias. Inumeráveis mistérios de minha vida estão fechados neste novo futuro, e aqui me restam por resolver compromissos que só podem ser resolvidos por meio da ação. — Para os demais, o meu não é mais que uma fatalista “submissão à vontade divina” — eu a chamo *amor fati* —, até o ponto em que me atiraria às faces de um leão, por não falar de — —

Passados dois meses desde quando conheceu Lou, Nietzsche mantém sigilo com relação à sua família sobre o envolvimento entre eles. O filósofo afirma à Overbeck: “Eu sigo aqui calando. Com relação à minha irmã, estou completamente decidido a deixá-la fora; só conseguiria criar confusão (ante todo em si mesma).” O mesmo receio que leva Nietzsche a manter sigilo no que

⁷¹ Carta 236 a Franz Overbeck em Basiléia Naumburg, 5 de junho de 1882, p. 215.

concerne ao seu relacionamento com Lou Salomé é reiterado a ela⁷², e também a Rée⁷³, pedindo que se mantenham silentes mesmo com familiares e amigos, a fim de evitar que eles quebrem as suas cabeças e fiquem angustiados “por coisas que para nós, nós, nós temos maturidade e a teremos; enquanto a outros lhes poderia parecer perigosas fantasias”⁷⁴. Nesse sentido, ele escreve outra carta à Lou⁷⁵:

Eu amo a vida retirada, e espero de coração que eu e você sejamos poupados de uma fofoca na escala europeia. Para os outros, ponho tais esperanças em nossa vida juntos, que qualquer efeito secundário, necessário ou casual, me preocupa pouco agora: e aconteça o que acontecer, suportaremos juntos (...)
Enfim: em todas as coisas práticas sou inexperiente e desajeitado; e há anos *nunca* tive que explicar ou justificar perante os homens nenhum de meus atos. Gosto de manter em segredo meus *planos*; de *mis facta* pode falar o mundo inteiro! — Porém a natureza dá a cada ser distintas armas defensivas — e a você tem dado a esplêndida franqueza de sua vontade. Píndaro disse uma vez: “Torna-te o que és!”.

Nietzsche expõe a sua fidelidade a si mesmo e ao exaltar as características de Lou, roga que ela se torne o que é, para que, em outras palavras, não perca sua autenticidade. Mais para o final de junho, ele não consegue mais esconder o relacionamento e começa a revelar o que está havendo para sua família⁷⁶. O mesmo ocorre novamente quando, em resposta a uma carta não conservada de Lou Salomé, Nietzsche sustenta que embora a sua existência o obrigue a se submeter às restrições de um asceta, a vida lhe oferece razões que justificam o viver.⁷⁷ Ao saber, por carta, que não irá encontrar Lou na data prevista, Nietzsche decide “tomar uma decisão imediata”, e parte no dia seguinte⁷⁸, de Naumburg à Berlim, a fim de vê-la, sem obter êxito, entretanto. Embora depois, tenha concluído que a viagem foi insensata, eis que tudo saiu

⁷² Carta 237 a Lou von Salomé em Hamburgo Naumburg, 7 de junho de 1882, p.216.

⁷³ Carta 238 a Paul Rée em Stibbe Naumburg, 10 de junho de 1882, p 217.

⁷⁴ Carta 237 a Lou von Salomé em Hamburgo Naumburg, 7 de junho de 1882, p.216.

⁷⁵ Carta 239 a Lou von Salomé em Hamburgo Naumburg, 10 de junho de 1882, p. 218.

⁷⁶ É o que se verifica por meio das cartas 249 a Lou von Salomé em Stibbe Segunda-feira, Tautenburg, 26 de junho de 1882, p. 224) e 251 a Lou von Salomé em Stibbe, Tautenburg, 27-28 de junho de 1882, p. 225).

⁷⁷ “Esta terrível existência de renúncia a que me vejo obrigado, e que é tão dura como a vida de restrições de um asceta, pode, não obstante, contar com algumas coisas reconfortantes graças as quais viver resulta sempre mais apreciável do que não viver. Minhas mais potentes fontes de vida são algumas grandes perspectivas sobre o horizonte espiritual e moral, e estou muito contente de que justo neste terreno nossa amizade tenha deixado raízes e encorajado esperanças. Ninguém pode se alegrar tanto, de coração, de tudo o que você faz e projeta! Seu fiel amigo F. N.” (Carta 240 a Lou von Salomé em Hamburgo Naumburg, 12 de junho de 1882, p. 218-219).

⁷⁸ Carta 241 a Lou von Salomé em Berlim Naumburg, quinta-feira 15 de junho de 1882, p. 219.

mal, no dia seguinte retornou à Naumburg “com as ideias um pouco mais claras do que o habitual” a respeito do local e dele mesmo, “com um pequeno sorriso zombeteiro e muito exausto.” Mesmo contrariado por não ter encontrado Lou, ele expressa novamente a influência do *amor fati* em sua forma de conceber os fatos da vida: “hoje eu recaí completamente na minha fatalista ‘submissão à vontade divina’, e acredito mais uma vez que tudo terá que terminar da melhor maneira possível para mim — — incluindo esta viagem à Berlim e seu último resultado (isto é, o fato que eu não a vi).”⁷⁹ Quando escreve a seu amigo Köselitz⁸⁰, Nietzsche menciona a súbita viagem atribuindo à mesma uma motivação totalmente distinta, isso sugere que ainda não pretende expor, nem mesmo a este, a situação em que está envolvido. Na ocasião, novamente faz menção ao *amor fati*, como “submissão fatalista à vontade divina”, a partir do qual crê que tudo sempre ocorrerá, para ele, da melhor maneira, a fim de insinuar e introduzir o que estava acontecendo em sua vida:

Meu querido e velho amigo, é um ano verdadeiramente singular! Em seu aspecto completamente exterior, é muito extravagante: imagine que, a partir de Messina, viajei para Grunewald, em Berlim, que um guarda florestal suíço me recomendara como um resort de verão. Naturalmente não encontrei ali o que buscava - e agora estou de novo a Naumburg. Mas, entretanto, acontecimentos fundamentais de todo o tipo ocorreram ou estão sendo preparados - e eu contemplo estupefato essa estranha jogada da sorte e permaneço à espera. Já que tudo tem que terminar da melhor forma para mim: estou vivendo em uma “submissão fatalista à vontade divina”. – Não se pode dizer por escrito nada mais preciso.

Também conhecido como “Peter Gast”, Köselitz é um grande aliado de Nietzsche, a quem confia todas as revisões das obras do filósofo antes da impressão. Na ocasião da redação de *A Gaia Ciência*, para seu “suplício”, Nietzsche foi obrigado a recorrer à ajuda de “um velho comerciante arruinado e asno”, decidindo nunca mais se submeter “a algo parecido”. Por esse motivo Nietzsche precisa, mais do que nunca, da ajuda do amigo:⁸¹

Muitas vezes eu pensei que este livro não era publicável, e outras tantas eu me retratei dessa crença. Agora, minha opinião é esta: não tem absolutamente nenhuma importância o que meus leitores podem pensar deste livro e de mim - enquanto que sim, tem importância o fato de que eu tenho pensado de mim justamente o que se pode ler neste

⁷⁹ Carta 243 a Lou von Salomé em Stibbe Domingo. Naumburg, 18 de junho de 1882, p. 220-221.

⁸⁰ Carta 244 a Heinrich Köselitz em Veneza Naumburg do Saale. 19 de junho de 1882 p. 221-222.

⁸¹ Carta 244 a Heinrich Köselitz em Veneza Naumburg do Saale. 19 de junho de 1882 p. 221-222.

livro: embora apenas seja talvez para me colocar em guarda frente a mim mesmo.

Nietzsche finalmente conclui o seu trabalho, finalizando a última parte do manuscrito de *A Gaia Ciência*, dando por encerrado um ciclo exaustivo. É um momento pessoal muito afirmativo, no qual ele está feliz porque recebeu o “sim” de Lou e expressa como está se sentindo porque preparou seu “antídoto” contra o fastio de viver que o espírito do *amor fati* está lhe proporcionando:⁸²

O céu acima de mim agora está sereno! Ontem, o meio-dia, foi para mim como o meu aniversário: você me enviou a sua aceitação, o presente mais lindo que alguém poderia me dar naquele momento - minha irmã me mandou algumas cerejas, Teubner as três primeiras folhas de *A Gaia Ciência*; e além do mais, eu tinha acabado de terminar a última parte do manuscrito, e com ela a obra de 6 anos (1876-1882), toda a minha "condição de espírito livre"! Oh, que anos! Que sofrimentos de todos os tipos, que solidão e que fastio de viver! E contra tudo isso, como contra a vida e a morte, eu preparei este meu antídoto, esses meus pensamentos com sua pequena, pequena listra de céu sem nuvens acima de si - oh querida amiga, toda vez que eu volto a pensar nele eu me sinto sacudido e comovido, e não sei como tudo isso foi possível: a compaixão me fez inundar com o sentimento de vitória. É uma vitória e uma vitória completa - porque meu corpo volta a estar saudável a olhos vistos e eu não sei como, todos me dizem que eu nunca pareci tão jovem. Que o céu me guarde das loucuras! - Mais de agora em diante, quando você me aconselhar, eu serei BEM aconselhado e não terei nada a temer. -

Nietzsche conta à Rée que, embora tendo retornado “meio morto” à Naumburg da viagem frustrada à Berlim: “Apesar disso, estou cheio de confiança neste ano e no seu misterioso jogo de dados, que decidirá sobre o meu destino.”⁸³

O festival de Bayreuth está próximo e Nietzsche decide preparar Lou para o que poderá advir, em especial no que se refere à Wagner, com quem ele havia cortado relações, sugerindo que ela lesse o que ele escreveu a respeito do maestro e compositor.⁸⁴ É importante para Nietzsche que ela compreenda todo o significado das vivências que ele teve junto à Wagner, e do peso da sua decisão de se opor à este, quando o mesmo resolveu se dedicar ao cristianismo, levando Nietzsche a crer que rendeu homenagens a uma pessoa distinta do que

⁸² Carta 256 a Lou von Salomé em Stibbe Tautenburg, junto a Dornburg, Turingia, 2 de julho de 1882, p. 229.

⁸³ Carta 242 a Paul Rée em Stibbe Naumburg, domingo, com tempo sereno, 18 de junho de 1882, p. 220.

⁸⁴ Carta 269 a Lou von Salomé em Stibbe Tautenburg junto a Dornburg (Turingia), 16 de julho de 1882 p. 238-239.

na verdade se apresentou ao filósofo, dando a Nietzsche a sensação de ter sido enganado durante todo o tempo em que estiveram juntos.

Eu gostaria que você lesse primeiro meu breve escrito Richard Wagner em Bayreuth; o amigo Rée seguramente o tem. Eu tive muitíssimas vivências em relação a este homem e sua arte - tem sido uma PAIXÃO muito longa: eu não saberia como defini-la de qualquer outra forma. A renúncia exigida aqui, o voltar a me encontrar a mim mesmo, que no final se tornou inevitável, estão entre os mais duros e melancólicos do meu destino. (...) Quantas vezes, em todas as coisas possíveis, tive justo esta experiência: "Tudo claro, mas também tudo acabado"!

Tal rompimento gerou muitas repercussões, na medida em que, além do afastamento de pessoas próximas a Wagner, Nietzsche teve que superar, em si, o grande afeto e a desilusão de uma figura que gerava nele uma admiração profunda.

Da mesma forma como já havia se manifestado a seu amigo Köselitz⁸⁵, Nietzsche imprime o caráter autêntico e inabalável que transfere aos seus trabalhos. Com a publicação de *A Gaia Ciência*, o cerne da sua obra passa a ser o *amor fati*, eis que o filósofo indica a seus amigos que leiam *Sanctus Januarius*, ficando na expectativa da sua avaliação. Nesse sentido escreve à Overbeck⁸⁶: "Gostaria de saber o que parece a sua esposa o *Sanctus Januarius*." Escreve também à Rée⁸⁷: "Leia todo o *Sanctus Januarius*! Lá, minha moral privada é coletada, como a soma de minhas condições existenciais, que prescrevem um dever apenas no caso que me QUER a mim mesmo." Com relação ao tema, Nietzsche escreve também ao Historiador da cultura e da arte Jacob Burckhardt⁸⁸:

(...) cheguei ao ponto em que vivo como penso e, nesse meio tempo, talvez, também aprendi a dizer realmente o que penso. A esse respeito, seu julgamento terá para mim o valor de uma sentença: acima de tudo, gostaria que você lesse o *Sanctus Januarius* (livro IV) de uma só vez, para saber se ele é transmitido como um todo.

Depois de todas as decepções sofridas e do seu afastamento de Wagner, agravado pelo distanciamento de algumas pessoas próximas e pela

⁸⁵ Carta 244 a Heinrich Köselitz em Veneza Naumburg do Saale. 19 de junho de 1882 p. 221-222.

⁸⁶ Carta 285 a Franz Overbeck em Dresde (Cartão Postal), Tautenburg, 22 de agosto de 1882, p. 249.

⁸⁷ Carta 292 a Paul Rée em Stibbe Naumburg do Saale. Final de agosto de 1882, p. 254.

⁸⁸ Carta 277 a Jacob Burckhardt em Basileia (Naumburg Saale) Final de Agosto, início de setembro de 1882, p.244.

incompreensão e desinteresse por suas obras, Nietzsche não se sente mais seguro com relação à clareza do seu trabalho. Ele escreve à Köselitz⁸⁹:

Faça-me algumas observações nesta ou naquela seção, querido amigo. E também sobre o conjunto e o TOM geral: é realmente captado? E acima de tudo: *Sanctus Januarius* é compreensível? Depois de tudo que passei, desde que voltei entre os homens, tenho grandes dúvidas a esse respeito!.

Nietzsche está incomodado com os comentários recebidos, nos quais até sua amiga Meysenbug, afirmou estar convencida de que quando ele chegar ao seu auge, voltará de bom grado a Wagner e Schopenhauer. E além disso, ao se referir sobre Zaratustra, o editor, Schmeitzner teria dito que "A julgar pela última edição de seu recente livro, o livreiro deveria ficar feliz em receber de sua parte novos livros 'adequados ao público'", o que também encorajaria a venda de livros precedentes." A forma negativa ou indiferente como suas obras são recebidas já são encaradas por Nietzsche como "regra", porém isso não esmorece sua coragem de enfrentar as reações adversas e o desprezo e nem refreia o seu ânimo de seguir com suas obras.

Nojo e compaixão - - - ! Mas como eu disse, estas não são exceções, é a regra. Além disso, esse fato tornou-se claro para mim da maneira mais implacável que se pode imaginar - mas essas são coisas que não podem ser ditas por escrito ou mesmo por palavras. Afinal de contas, querido amigo, eu sou feito para tudo isso, e ter vivido entre fantasmas não enfraqueceu minha coragem. - Que raro! Em outros casos, eu sou extremamente suscetível em tudo: mas quando se trata da opinião que eles têm SOBRE mim, eu sou paciente como um asno. Como é possível? Que sigas bem! Não vamos ficar zangados com a vida, e sim nos tornar cada vez mais a ser o que somos - os "sabios alegres".

Como visto, Nietzsche traz novamente à tona a afirmação de se tornar o que se é, bem como de defender a bandeira de sustentar com autenticidade a própria singularidade, como expressão da diferença, sob pena da inexpressividade de ser igual aos demais.

Com o lançamento do seu novo livro, ele planeja "começar uma nova vida como estudante" na Universidade de Viena⁹⁰, apesar do fracasso parcial do passado, causado pelo seu exclusivo interesse por filologia. Ele está certo de

⁸⁹ Carta 282 a Heinrich Köselitz em Veneza Tautenburg. 20 de agosto de 1882, p. 246-247.

⁹⁰ "No outono, voltarei a ser estudante: vou para a Universidade de Viena." Carta 244 a Heinrich Köselitz em Veneza Naumburg do Saale. 19 de junho de 1882, p. 221-222.

que, agora, tudo será diferente, eis que⁹¹, segundo ele escreve ao amigo Erwin Rohde:

Agora eu tenho o meu próprio plano de estudos e atrás dele, um objetivo secreto pessoal, ao que está consagrado todo o resto da minha vida - para mim é muito *diffícil viver*, se não o faço no *estilo mais grandioso*, dito em confiança, velho camarada! Se eu não tivesse tido um objetivo ao qual atribuo imensa importância, eu não teria conseguido me manter acima, na luz e *sobre* as águas negras! Nisso consiste, no fundo, a única justificação que posso dar ao tipo de coisas que eu escrevo desde 1876: é a minha receita, o medicamento que eu mesmo fabrico contra o fastio vital.

Na continuidade ele descreve a percepção que tem do sofrimento e de que forma o converte em superação. Nesse sentido importa observar que ele parece intuir a adversidades que lhe aguardam e chama para si a coragem para enfrentá-las⁹²:

Que anos! Que sofrimentos intermináveis! Que turbulência, que ansiedade e abandono interno! Quem suportou tanto quanto eu? (...) Se, portanto, hoje eu *superei* tudo isso e experimento a alegria de quem venceu e estou cheio de novos projetos difíceis - e se eu me conheço bem, com a perspectiva de outros sofrimentos e tragédias que me golpearão da maneira mais dura e íntima, e *com a coragem de afrontá-los!* -, quem pode considerar isso como mal a mim, se eu considero boa a minha medicina? *Mihi ipsi scripsi* - de acordo; e assim cada um deve fazer do seu *jeito* o que é *melhor para ele* - essa é a minha moral: - a única que ainda permanece.

De fato, os problemas começam a acontecer. Após o festival de Bayreuth desentendimentos havidos entre Elisabeth e Lou Salomé culminaram numa séria discussão entre ambas, dias depois, na casa dos Gelzers, marcando, mais precisamente em 7 de agosto de 1882, o início do rompimento⁹³ entre elas, que também acabou promovendo o afastamento de Nietzsche de sua família. Nietzsche está muito envolvido já que, com a conclusão de *A Gaia Ciência*⁹⁴, passa a se dedicar a diversos projetos com Lou Salomé e Rée. Ele compõe uma

⁹¹ Carta 267 a Erwin Rohde em Tübinga, Tautenburg junto a Dornburg, Turíngia. Meados de julho de 1882, p. 236-237.

⁹² Carta 267 a Erwin Rohde em Tübinga, Tautenburg junto a Dornburg, Turingia. Meados de julho de 1882, p. 236-237.

⁹³ Nietzsche tinha organizado uma reunião na casa de Clara e Heinrich Gelzer, professor de história da Universidade de Jena, seu antigo colega na Basileia, entre sua irmã, uma amiga de Clara Gelzer, e Lou Salomé. Nota 760. (Cf. a carta de Elisabeth Nietzsche a Clara Gelzer, de 24 de setembro a 2 de outubro de 1882 (F. Nietzsche, L. von Salomé e P. Rée, documentos de uma reunião, Ed. de E. Pfeiffer, Laertes, Barcelona, 1982, pp. 177-182). p. 547.

⁹⁴ Carta 281 a Heinrich Köselitz em Veneza (Cartão Postal), Tautenburg, 14 de agosto de 1882, p.245 "Pois bem, meu querido amigo, uma vez mais VOCÊ suportou o terrível tormento da correção, eu parabeno a ambos, por isso, a você e a mim, - Eu espero que apesar disso você não tenha estado com raiva de mim! Cerca de um quarto do material original que guardo para mim (para um tratado científico)."

música para o poema “Oração à vida” escrito por ela e lhe sugere que a interpretação, algum dia, fique a cargo de sua amiga parisiense Louise Ott, detentora de “uma voz extraordinariamente plena e expressiva”⁹⁵. Na mesma oportunidade pede⁹⁶ que Lou se mantenha fiel à sua autenticidade e repete o que já havia aconselhado em momento anterior:

Em suma, minha querida Lou, o antigo, profundo e cordial pedido: torna-te o que és! A princípio, achamos difícil nos emancipar das nossas correntes e, ao final, também temos que nos emancipar dessa emancipação! Cada um de nós, embora de formas diferentes, tem que elaborar essa doença das correntes, também depois de tê-las quebrado.

Atenciosamente ao seu
Destino dedicado - pois
em você eu amo
minhas esperanças

Em carta enviada a um de seus amigos mais íntimos, Carl von Gersdorff, Nietzsche envia um exemplar de *A Gaia Ciência* ressaltando que a obra é “um autêntico sinal de vida”⁹⁷. Para ele, “A gaia ciência no fundo nada mais é que a exuberante expressão de alegria por ter tido, sobre si um mês de céu claro.”⁹⁸ O fato é que no mês de janeiro de 1882, Nietzsche havia terminado *A Gaia Ciência* e como é sabido, o Livro IV leva o título *Sanctus Januarius*, e começa com um poema dedicado a este mês, no qual pede como desejo de Ano Novo o *amor fati*. Nietzsche parece ainda muito envolvido com este tema eis que, dentre todos os assuntos abordados nesta obra envolvendo, entre outras, suas críticas à ciência, à metafísica e ao cristianismo, pede agora também a um dos seus amigos mais íntimos, Carl von Gersdorff que dê atenção, sobretudo, à leitura do *Sanctus Januarius*: “meus livros contam de mim o que uma centena de cartas para os amigos nunca poderia fazer. Leia a este respeito sobretudo o *Sanctus Januarius*.” Pelo que se percebe, Nietzsche pretende, de fato, inspirar Gersdorff com o *amor fati*: “Agora que eu estou na metade da vida, eu tenho todas as razões para não estar zangado com ela; e eu desejo que você, meu velho companheiro de armas na vida, queira também me acompanhar na vitória.” Ele também escreve ao violinista, membro da orquestra sinfônica de Boston, Gustav Dannreuther⁹⁹ contando que lhe enviou seu último escrito: “A gaia ciência — que

⁹⁵ Carta 293 a Lou von Salomé em Stibbe Naumburg, final de agosto de 1882, p. 254.

⁹⁶ Carta 293 a Lou von Salomé em Stibbe Naumburg, final de agosto de 1882, p. 254.

⁹⁷ Carta 294 a Carl von Gersdorff em Ostrichen, Naumburg, final de agosto de 1882, p. 255

⁹⁸ Carta 369 a Franz Overbeck em Basiléia, Rapallo, 20 de janeiro de 1883, p. 311.

⁹⁹ Carta 330a a Gustav Dannreuther em Boston Leipzig, 15 de novembro de 1882, p. 279-280.

a um seguidor de Schopenhauer como você poderá parecer alheio e estranho. Mas tudo que está relacionado a qualquer tipo de alegria é algo muito bom.”

Nietzsche reafirma o caráter pessoal que imprime em suas obras quando se dirige ao editor Ernst Schmeitzner em Chemnitz¹⁰⁰: “Quanto ao meu último livro, lhe GARANTO que, mesmo no meio da mudança de cânones de gosto, ele *vai resistir*. Eu só escrevo o que eu VIVI *em pessoa e eu sei como expressá-lo*: livros deste tipo sempre “permanecem”. — —”

A partir do momento em que ele coloca que as suas obras tem o caráter de refletir sua vida, como um compromisso a ser honrado, a decisão de Nietzsche de publicar o desejo de amar o destino, tal como se apresenta, ainda que possa ter sido influenciada pelo clima daquele maravilhoso janeiro de 1882 em Gênova, parece ter aberto, de fato, uma fase muito afirmativa em sua vida. Acreditar e, a partir de então, buscar a possibilidade de viver uma relação amorosa com Lou Salomé evidencia uma mudança perceptível não apenas na forma como ele se vê mas, acima de tudo, no seu comportamento perante a vida, na medida em que ultrapassa restrições que antes impunha a si mesmo. A partir de então, o sentimento de solidão e a própria busca pelo isolamento são suprimidos. A sensação de definhamento, bem como as constantes queixas a respeito da sua condição de saúde são substituídas pela sensação de vitalidade que acompanha as correspondências dos meses seguintes ao janeiro de Gênova, ao ponto de Nietzsche ser levado a escrever ao seu médico Otto Eiser, em Frankfurt, algo surpreendente¹⁰¹: “Basicamente, posso dizer que estou curado, ou pelo menos em vias de me curar. É estranho e incrível, não é verdade?” O filósofo pretendia aproveitar sua ida à Paris para, na passagem por Frankfurt, reservar um dia para conversar com o Dr. Eiser pessoalmente.

No início de setembro, aproximadamente um mês após a briga entre Elisabeth e Lou, na casa dos Gelzers, Nietzsche tenta amenizar a situação com sua irmã, dizendo que apesar de tudo, o que ocorreu foi positivo eis que fez emergir pensamentos que, de outra forma, permaneceriam ocultos por muito tempo, como a opinião pobre e equivocada de Lou a seu respeito, que provocavam desconfiança sobre ele, em decorrência de comentários

¹⁰⁰ Carta 296 a Ernst Schmeitzner em Chemnitz, Naumburg d/Saale, início de setembro de 1882, p. 256.

¹⁰¹ Carta 297 a Otto Eiser em Frankfurt Naumburg início de setembro de 1882, p. 257.

inadvertidos de Rée, os quais já haviam sido esclarecidos. Ainda na tentativa de contemporizar o desacerto entre elas, Nietzsche narra à sua irmã todos os efeitos positivos que os três estavam usufruindo desta relação, especialmente a partir do reconhecimento e da influência que Nietzsche exercia sobre eles¹⁰². Com isso o filósofo ressalta a importância que Lou tinha em sua vida e a certeza de que há uma “afinidade de talentos e de fins” tão intensa entre ambos a ponto de advertir que “algum dia nossos nomes serão pronunciados juntos; e qualquer injúria que ela receba, terei recebido antes, eu.” Mantendo uma atitude pacificadora, Nietzsche ainda procura ser carinhoso e demonstrar gratidão à Elisabeth por toda a ajuda dispensada no verão, em especial com o manuscrito de *A Gaia Ciência*:

Te agradeço, mais uma vez, de coração, por todo o bem que me fizeste neste verão — e eu reconheço de verdade teu afeto de irmã também naquilo que não poderias sentir da mesma forma que eu. Sim, quem pode ter um acordo comigo, filósofo antimoral, sem correr riscos! Minha maneira de pensar me proíbe absolutamente duas coisas: 1) arrependimento 2) indignação moral. "Volte a estar bem, querida Llama!"¹⁰³

No entanto, a situação estava longe de ser aplacada. Se com tais comentários Nietzsche acreditava que poderia conter os ânimos de sua família, o fato de se manter ao lado de Lou fez com que as coisas tomassem proporções ainda maiores, ao ponto de acabar ouvindo de sua mãe¹⁰⁴ que ele era um “insulto para a família”¹⁰⁵ e que ela lhe “qualificou como uma vergonha” para o túmulo de seu pai¹⁰⁶. Com isso, ela ultrapassou os limites admissíveis para Nietzsche a tal ponto que ele decidiu partir para Leipzig na manhã seguinte, dia 8 de setembro. Nesse momento ele sente dificuldades de se manter fiel ao *amor fati*, e escreve à Lou Salomé:¹⁰⁷

Ainda me segue custando a maior resolução do meu ânimo para aceitar a vida. Eu tenho muitas coisas antes de mim, sobre mim e atrás de mim. (...) Agora tenho a impressão de que meu retorno "entre os homens" devia ser resolvido em perder aquelas poucas pessoas que

¹⁰² Carta 300 a Elisabeth Nietzsche em Tautenburg, Leipzig, 5-6 de setembro de 1882, p. 259-260.

¹⁰³ Carta 300 a Elisabeth Nietzsche em Tautenburg, Leipzig, 5-6 de setembro de 1882, p. 259-260.

¹⁰⁴ Carta 301 a Franz Overbeck na Basileia Direção: Leipzig, Auenstr. 26, 2.^a planta, 9 de setembro de 1882, p. 261.

¹⁰⁵ Carta 405 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 21 de abril de 1883, p. 349.

¹⁰⁶ Carta 373 a Franz Overbeck em Basileia, Rapallo, provavelmente 9 de fevereiro de 1883, p. 317.

¹⁰⁷ Carta 298 a Lou von Salomé em Stibbe, Naumburg, 8 de setembro de 1882, p. 257-258).

ainda possuía de algum modo. Tudo é sombra e passado. Que o céu me conserve esse pouco de humanidade que eu tenho! —

De certa forma, retorna aquilo que Nietzsche já havia escrito à Lou com relação à sua experiência com Wagner: “Quantas vezes, em todas as coisas possíveis, tenho tido justo esta experiência: “Tudo claro, mas também tudo acabado”!”¹⁰⁸ De Leipzig ele escreve a Overbeck¹⁰⁹ informando que passará o inverno na Alemanha, pois necessita de “tempo sereno em todos os sentidos”. Ele pretende permanecer um pouco mais na “velha cidade dos livros”, em Leipzig, para se dedicar à leitura. Nietzsche faz uma análise de tudo que ocorreu desde o verão, mencionando sua entrega ao *amor fati* e já antecipa a dramática superação que terá que enfrentar com a tarefa seguinte¹¹⁰:

Se você leu o *Sanctus Januarius*, terá notado que eu entrei em outro hemisfério. Tudo ainda é novo para mim, e dentro de pouco tempo eu vou começar a ver também o terrível rosto da tarefa que me espera. Este longo e rico verão foi para mim um período de prova; eu me despedi dele com muito orgulho e coragem, porque sentia que, pelo menos neste período, foi preenchido esse abismo, normalmente tão feio, entre o querer e a execução. Foi pretendido demais da minha humanidade, e eu tenho me bastado nas situações mais difíceis. Este estado intermediário entre o passado e o futuro, eu chamo de meia vida;

Nietzsche confessa ao amigo sobre o quanto se identifica com Lou, revelando a importância que ela adquiriu em sua vida, quando tão poucos eram aqueles que admiravam seus pensamentos¹¹¹:

Mas a coisa mais útil neste verão tem sido minhas conversas com Lou. Nossas inteligências e nossos gostos estão profundamente relacionados - e, por outro lado, há tantas coisas opostas, que somos um para o outro os mais instrutivos objetos e sujeitos de observação. Até agora eu não conheci ninguém como eu, que soubesse extrair de suas experiências um número tão grande de entendimentos objetivos, ninguém que soubesse como obter tanto de tudo o que foi aprendido.

E desabafa a respeito dos últimos acontecimentos¹¹²: “Infelizmente, minha irmã se converteu numa inimiga mortal de L<ou>, tem estado cheia de indignação desde o início até o fim, e afirma já saber no que consiste minha

¹⁰⁸ Carta 269 a Lou von Salomé em Stibbe, Tautenburg junto a Dornburg (Turingia), 16 de julho de 1882, p. 238-239.

¹⁰⁹ Carta 301 a Franz Overbeck em Basileia Direção: Leipzig, Auenstr. 26, 2.ª planta, 9 de setembro de 1882, p. 260.

¹¹⁰ Carta 301 a Franz Overbeck na Basileia Direção: Leipzig, Auenstr. 26, 2.º andar 9 de setembro de 1882, p. 260-261.

¹¹¹ Carta 301 a Franz Overbeck na Basileia Direção: Leipzig, Auenstr. 26, 2.º andar 9 de setembro de 1882, p. 261.

¹¹² Carta 301 a Franz Overbeck na Basileia Direção: Leipzig, Auenstr. 26, 2.º andar 9 de setembro de 1882, p. 261.

filosofia.” Elisabeth teria influenciado a mãe deles escrevendo-lhe que em Tautenburg ela viu a filosofia de Nietzsche “ganhar vida, e ficou assustada”. Segundo ela, o filósofo “ama o mal e ela, ao contrário, o bem.” Nietzsche menciona a Rée o seu rompimento com Elisabeth¹¹³ e descreve a forma respeitosa como sempre agiu com ela, o que, conforme conclui, é uma virtude pela qual agora está sendo punido, por tê-la acostumado mal:

Quanto a mim, isso me cobriu com desprezo e escárnio - bem, a verdade é que durante toda a minha vida tenho sido bom e paciente com ela, como, no final das contas, tenho que ser com este sexo: e talvez seja isso que a tenha acostumado mal. "As virtudes também serão punidas" - disse o sábio *Sanctus Januarius* de Gênova.

Em Carta à Köselitz¹¹⁴ “— ah, amigo, se eu pudesse te dizer quanta escuridão e de que tipo ameaça me envolver, e quanta resistência tenho que opor a isso. — Evite os seres humanos! Nós somos como um cristal que com muita facilidade se fissa — e então tudo está acabado.” Mais adiante, no entanto, retoma sua disposição e em nova missiva ao amigo¹¹⁵, aduz:

— Que ano especial! Nas últimas semanas, tem me acontecido coisas para deixar de cabelo em pé, mas pouco a pouco consigo aguentar tudo e volto quase que imediatamente a alcançar minha boa e límpida altitude, sempre mais firme em minha convicção de que tudo que me acontecer será o melhor possível. O fato de ter tido experiências que me ajudam a avançar na direção que tenho dado aos meus últimos pensamentos me parece, seguidamente, excepcional e fabuloso.

Ainda em Leipzig, no início de novembro, Nietzsche escreve então à amiga Louise Ott¹¹⁶, a quem já havia feito menção a Lou Salomé como a fascinante parisiense, dona de uma voz incrível e que sonhava em um dia ouvir cantando a composição que ele fez ao poema “Oração à vida”, de Lou¹¹⁷. Nietzsche pretende ir à Paris e retomar o contato com ela, dessa forma, lhe pede informações e sugestões para que, caso ela aconselhe a sua ida, possam ficar próximos. Na carta, Nietzsche reforça seu sentimento de vitalidade, tão oposto ao que esboçava anteriormente, como ele mesmo refere à Ott:

Amiga muito venerada: Ou talvez, depois de seis anos, eu já não deveria usar essa palavra? Enquanto isso, eu tenho vivido mais perto da morte do que da vida, e por essa razão eu me tornei muito “sábio” e quase “santo” Mas talvez ainda possamos consertar isso! Pois eu

¹¹³ Carta 303 a Paul Rée em Stibbe Leipzig, provavelmente 15 de setembro de 1882, p. 262.

¹¹⁴ Carta 307 a Heinrich Köselitz em Veneza Leipzig, 16 de setembro de 1882, Auenstrasse 26, 2.º andar, p. 266-267.

¹¹⁵ Carta 309 a Heinrich Köselitz em Veneza Leipzig, 23 de setembro de 1882, p. 267-268.

¹¹⁶ Carta 323 a Louise Ott em Paris Leipzig, provavelmente 7 de novembro de 1882, p. 274.

¹¹⁷ Carta 293 a Lou von Salomé em Stibbe Naumburg, final de agosto de 1882, p. 254.

comecei a acreditar na vida novamente, nos seres humanos, em Paris, até em mim mesmo — e pretendo vê-la novamente em breve.

A convicção na afinidade entre Nietzsche e Lou é repetida por ele à Overbeck¹¹⁸ ainda em meados de novembro: “Para mim pessoalmente L<ou> é um verdadeiro encontro afortunado, tem cumprido todas as minhas expectativas — não é fácil que duas pessoas sejam mais afins do que somos ela e eu.” Porém, a última carta em tom afetuoso que Nietzsche teria enviado a Lou Salomé foi escrita em 8 de novembro de 1882¹¹⁹, na qual ele já menciona que “até este ano não havia me dado conta de que sou desconfiado. O convívio com os homens estragou o trato comigo mesmo. Você tem algo mais a me dizer?” Próximo ao dia 10 de novembro, ele ainda planeja ir à Paris, com Lou e Rée, mas não há nada definido.¹²⁰ Cinco dias algo faz com que ele adie para a primavera a ideia de ir para Paris.¹²¹ Com a mudança de planos ele resolve passar o inverno em Gênova, partindo de Leipzig na noite de 15 de novembro de 1882, em busca de condições climáticas melhores, pois está convicto de que o Norte e o inverno não são para ele.¹²² Ao seguir para Ligure, Nietzsche escreve à Köselitz com uma emoção distinta daquela experimentada nos últimos tempos:¹²³ “Espero que a vida lhe sorria um pouco mais que a mim. Mesmo aqui ainda não me libertei do pesadelo que vivi este ano. Seu F. N. Frio. Doente Sofro.” No mesmo dia, ele escreve a Overbeck contando como foi a viagem¹²⁴:

No dia seguinte (até agora) um ataque violento de dor de cabeça, com vômitos, etc. Meu quarto está congelado, assim como todas as impressões da viagem. No entanto, acho que a melhor coisa é ficar. “A aflição” está sempre comigo - está escrito em algum lugar (em Shakespeare?) Hoje soffro. (...) A vida em sua casa era o oásis.— —

Em que pese a contínua busca de Nietzsche por locais que lhe favorecessem, diante do que entendia necessário à sua saúde, percebe-se que há uma notável mudança de comportamento com relação às atitudes tomadas nos últimos meses, em que esteve envolto numa fase extremamente afirmativa

¹¹⁸ Carta 327 a Franz Overbeck na Basiléia Leipzig, em torno de 10 de novembro de 1882, p. 277.

¹¹⁹ Carta 325 a Lou von Salomé, presumivelmente em Berlim Leipzig, 8 de nov. de 1882, p. 275.

¹²⁰ Carta 327 a Franz Overbeck em Basiléia Leipzig, em torno de 10 de novembro de 1882, p. 277.

¹²¹ Carta 328 a Louise Ott, p. 278 e 329 a August Sulger, p. 279.

¹²² Carta 331 a Carl von Gersdorff, em Ostrichen Leipzig, 15 de novembro de 1882, p. 280.

¹²³ Carta 332 a Heinrich Köselitz em Leipzig (Cartão postal), Gênova, 23 de novembro de 1882, p. 280.

¹²⁴ Carta 333 a Franz Overbeck na Basiléia (Cartão postal), Gênova, 23 de novembro de 1882, p. 281.

acreditando, inclusive, que estava curado.¹²⁵ Se antes ele afrontava sua condição física, chegando a fazer viagens súbitas, baseadas apenas na esperança, frustrada, de ver Lou¹²⁶, a partir de então ele desiste dos planos em comum, retomando os cuidados consigo. A atitude de Nietzsche é percebida por eles¹²⁷, dando início a uma incessante troca de cartas entre Lou e Nietzsche, nas quais, inicialmente, pede a ela “céu sereno”, não sendo, porém, atendido. As missivas do filósofo sugerem que Lou não aceita o seu afastamento, obrigando-o a mudar completamente o tom com que ele responde às cartas enviadas por ela entre os dias 8¹²⁸ a 24 de novembro de 1882¹²⁹. Nietzsche responde a uma carta de Rée¹³⁰ como se estivesse justificando seu afastamento:

Mas como, meu querido, querido amigo! Eu pensei que você teria experimentado o sentimento oposto, e que você estava feliz em silêncio por ter sido libertado de mim por algum tempo! Ao longo deste ano houve centenas de momentos, começando com Orta, em que me pareceu que você estava "pagando muito caro" para ser meu amigo. Eu desfrutei inclusive demais de sua descoberta romana (quero dizer, Lou) - e sempre me pareceu, sobretudo em Leipzig, que você tinha o direito de guardar certo silêncio em relação a mim.

Nietzsche escreve a Lou expondo seu ponto de vista com o propósito de acalmar a situação com Lou e manter boas relações:¹³¹

Lou, meu coração, sereno o céu! Eu não quero mais nada, em todos os aspectos, mais do que um céu claro e sereno: caso contrário, tentarei seguir adiante sozinho, por mais difícil que seja para mim. Porém um solitário sofre terrivelmente se suspeita de suas duas pessoas queridas - acima de tudo, se suspeitar que eles abrigam suspeitas sobre todo o seu ser. Como é que tem te faltado toda a serenidade até agora à nossa relação? Porque eu tive que exercer um autocontrole muito violento sobre mim mesmo: a nuvem do nosso horizonte estava em mim! Acho que você vai saber QUANTO me é insuportável qualquer intenção de humilhar, de acusar e ter que me defender. Muitas injustiças são cometidas, inevitavelmente - mas também temos a esplêndida capacidade oposta de fazer o bem, de criar paz e alegria.

¹²⁵ Carta 297 a Otto Eiser em Frankfurt Naumburg início de setembro de 1882, p. 257.

¹²⁶ Carta 243 a Lou von Salomé em Stibbe Domingo. Naumburg, 18 de junho de 1882, p. 220-221.

¹²⁷ Carta 334 escrita a Paul Rée, em 23 de novembro de 1882 p. 281.

¹²⁸ Carta 325 a Lou von Salomé, presumivelmente em Berlim Leipzig, 8 de nov. de 1882, p. 275.

¹²⁹ Carta 335 a Lou von Salomé, provavelmente em Berlim, Santa Margherita, Ligure (Itália) presumivelmente 24 de novembro de 1882, p. 282.

¹³⁰ Carta 334 a Paul Rée, provavelmente em Berlim, Santa Margherita, presumivelmente 23 de novembro de 1882, p. 281-282.

¹³¹ Carta 335 a Lou von Salomé, provavelmente em Berlim Santa Margherita Ligure (Itália) presumivelmente 24 de novembro de 1882, p. 282-283.

Ele, que sempre insistiu que Lou fosse autêntica e se tornasse quem era, mantém sua concepção à respeito da personalidade que idealizava nela, de ser alguém mais elevada que os demais:

Eu sinto em você todas as explosões de uma alma SUPERIOR, e eu não amo em você nada além dessas explosões. Renuncio de bom grado toda a confiança e proximidade, se só posso ter certeza disso: que nos sentimos unidos lá onde as almas comuns não chegam. Eu falo de um jeito sombrio? Enquanto tiver confiança, você verá como as palavras virão. Até agora eu sempre tive que ficar quieto. A inteligência? O que me importa a inteligência? O que me importa o conhecimento! A única coisa que eu valorizo são os impulsos, e poderia jurar que nisso temos algo em comum. Tente olhar para além desta etapa que eu estou vivendo há alguns anos - veja o que está por trás! Não se deixe enganar, precisamente você, sobre mim - a sério, Não acredita, você, que o "espírito livre" é o meu ideal? Eu sou - Perdão! Queridíssima Lou! Seja você o que tem que ser.

Em provável resposta a uma carta não conservada de Rée, no início de dezembro, o filósofo expressa todo o sentimento a respeito dos episódios envolvendo Lou. Não é possível saber se de fato a resposta foi enviada, porém no rascunho a que se tem acesso percebe-se que a visão que ele tinha sobre ela foi abalada após tomar conhecimento dos fatos contados por Elisabeth, no que tange ao comportamento desdenhoso da jovem russa com relação a Nietzsche tanto no festival de Bayreuth, bem como posteriormente em Jena e em Tautenburg¹³².

Estranho! Sobre a L<ou> Eu tenho uma opinião preconcebida: e embora eu tenha que admitir que toda a minha experiência neste verão a contradiga, no entanto eu não posso me livrar dela. (...) De fato, em toda a minha vida ninguém se comportou tão mal comigo como L<ou>. Até hoje não foi desmentida ainda essa abominável difamação sobre toda a minha pessoa e minhas intenções, com a que se apresentou em Jena e Tautenburg: e isto apesar de saber quão sérios danos me acarretou (sobretudo com respeito à Basiléia).

Ele deixa claro que o rompimento da relação entre eles, é, de sua parte, definitiva e derivada de uma mácula que Nietzsche não pode suplantear eis que não houve um reconhecimento do erro com relação à ele. Justifica que, depois de tudo o que Lou fez ele só não rompeu por se manter fiel à imagem que fazia dela e pela própria capacidade de superação:

Quem não rompe as relações com uma jovem que diz que coisas semelhantes deve ser - não se sabe o que - isso conclui as pessoas. O fato de eu ter agido de outra maneira deve-se justamente a essa opinião preconcebida; ademais, da minha parte, uma boa prova de superação de mim mesmo. Rohde, que recentemente qualificou toda a

¹³² Carta 339 a Paul Rée em Berlim (Rascunho), Gênova, início de dezembro de 1882, p 285-286.

minha nova forma de pensamento como uma resolução excêntrica, me chama de mágico da autossuperação.

Essa capacidade que evidencia um contínuo exercício de ascese de sua parte é evidenciado, no trecho a seguir, com relação ao episódio envolvendo sua decepção com Lou e Rée, na medida em que expõe que, além de perder a confiança e, por conseguinte o contato, com pessoas com quem acreditava compartilhar de uma ligação tão estreita, exclusiva e especial, ainda se sente desarmado e incapaz de reagir diante de uma mulher:

Por outra parte, o que mais me dói é não poder falar nem com você, nem com Lou, nem com nenhum outro, sobre aquilo que mais me pesa o coração. Eu não tenho dúvidas sobre como eu trataria um homem que falasse nesses termos de mim com minha irmã. Nisto sou um soldado e sempre serei, entendo de armas. Mas uma jovem! E Lou! Em Bayreuth, ela não só não me defendeu, mas também se comportou de maneira desdenhosa em relação a mim (minha irmã me contou 100 histórias) - neste ponto sou muito sensível, pois para alguém dizer que é "meu amigo" é fundamental para mim que saiba apreciar minha atitude para com Wagner e saiba me fazer justiça a este respeito, quem não entende essas coisas não sabe o que significa "fazer sacrifícios pelo conhecimento". Você não poderia nivelar essas coisas?

Ao expor sua concepção de amizade e do comportamento que esperava receber em troca, demonstra, também, a tolerância que manteve e que não é de seu perfil forçar alguém com quem priva de um relacionamento, a nada, mas que esperava que Lou tomasse a iniciativa de consertar as coisas ou mesmo de demonstrar que havia se equivocado em seus pensamentos e ações, o que, no entanto, não aconteceu:

Eu nunca quis falar sobre elas com Lou, excetuando um único ponto, que você conhece. Em substância, quis deixar-lhe em liberdade para que remediasse o ocorrido por sua própria iniciativa: entre duas pessoas, tudo que é forçado me horroriza. Quando a vi pela última vez, ela me disse que ainda tinha uma coisa para me contar. Eu estava cheio de esperança. (Eu disse a minha irmã: "tem uma péssima opinião de mim, mas é inteligente, dentro de pouco terá uma melhor") gostaria que a minha alma fosse libertada da recordação mais dolorosa deste ano - doloroso não porque me ofenda, mas sim porque ofende a Lou em mim.

Ao afirmar isso, Nietzsche admite que idealizou a mesma e é, por isso que, apesar de todos os ocorridos, tem tanta dificuldade de se desfazer das ideias pré-concebidas que tem da mesma. Nessa oportunidade, embora sempre respeitoso, Nietzsche escreve diversos rascunhos às cartas enviadas por Lou em tom por vezes aconselhador, outras vezes tolerante ou mesmo irônico.

A desilusão e a sua decisão de se afastar de Lou e de Rée parece afetar sua saúde. Ele começa a sofrer "É uma crueldade do destino. Compaixão,

inferno. Suportar em silêncio; — autossuperação”¹³³ Nietzsche vai para Rapallo¹³⁴, e sente falta do que lhe serve de consolo que é a música e a possibilidade de se comunicar com seu grande amigo Köselitz, que também adota um codinome¹³⁵: “lhe agradeço que exista o senhor Peter Gast e que seja o que és! —” Ele reafirma ao amigo o que já havia repetido em oportunidades diferentes à Lou Salomé, a respeito de ser autêntico e expressar a diferença, eis que quando aduz “torna-te quem tu és”, Nietzsche não pretende apregoar a ideia de essência ou de identidade, no sentido de imutabilidade, eis que, como se sabe, Nietzsche combate certezas platônicas ligadas à fixidez e defende a fluidez própria da vida, que o leva justamente ao *amor fati*. O tornar-se o que se é tantas vezes sustentado por Nietzsche está atrelado à ser espontâneo e singular, inobstante às forças opostas que tentam dissuadir de sair do rebanho¹³⁶ e convencer a tornar-se igual.

Nietzsche escreve à Hans von Bülow sobre a existência de uma segunda natureza que salvou a primeira¹³⁷. Pelo que descreve, essa segunda natureza é o próprio *amor fati*, como se pode perceber:

Durante anos vivi perto demais da morte e, o que é pior, da dor. Por natureza, tenho a tendência de sofrer longas torturas e a algo assim como a me deixar queimar em fogo lento; eu nem sequer sou esperto o bastante para “perder minha razão”. Não digo nada sobre a periculosidade de minhas paixões, embora isso eu tenha que dizer: meu novo modo de sentir e pensar, que venho expressando também por escrito há seis anos, me manteve vivo e quase me deu saúde. (...) Tudo bem, pode ser que seja uma “segunda natureza”: mas mostrarei que só graças a essa segunda natureza tomei posse plena de minha

¹³³ Carta 341 a Destinatário desconhecido (Paul Rée?) (Rascunho), Gênova, início de dezembro de 1882, p. 287 Nota 898. Cf. FP III, 1882, 4[129, 131, 134], 5[1]168 y 1883, 12[1]96; e Assim Falou Zarathustra, II, «Dos compassivos».

¹³⁴ Segundo carta 346 a Heinrich Köselitz em Annaberg (Cartão Postal), Rapallo, 8 de dezembro de 1882, p. 291, NIETZSCHE DEZ/82 “Vivo em Rapallo, no Albergó della Posta: e como único hóspede.”

¹³⁵ Carta 343 a Heinrich Köselitz em Leipzig Rapallo, 3 de dezembro de 1882, p. 289.

¹³⁶ A respeito do “instinto de rebanho” Nietzsche já havia escrito uma Carta 298 a Lou von Salomé em Stibbe Naumburg, 8 de setembro de 1882, p. 258 “Eu recomendo a você e ao amigo Rée (...) que meditem sobre a maneira em que se desenvolveu o sentido da responsabilidade. O sentimento do eu em um membro individual do rebanho, assim como seu remorso como remorso do rebanho, é extraordinariamente difícil de entender com fantasia — e em nenhum caso pode ser somente deduzida. Recentemente, refletindo sobre a origem da linguagem, eu obtive a confirmação mais válida da minha teoria do instinto de rebanho.”

Nota 809. Cf. *A Gaia Ciência*, § 354 e os fragmentos póstumos 11[185] e 12[213] da primavera-outono 1881. Também a respeito do tema, havia escrito a Carta 327 a Franz Overbeck em Basiléia Leipzig, em torno de 10 de novembro de 1882, p. 277) “O Renascimento segue sendo para mim a culminação deste milênio; e todo o que tem ocorrido desde então é a grande reação, por parte de toda classe de instintos de rebanho, frente ao ‘individualismo’ dessa época.”

¹³⁷ Carta 344 a Hans von Bülow em Meiningen Rapallo, início de dezembro de 1882, p. 289-290.

primeira natureza. - Isso é o que penso sobre mim: para os demais, quase todos pensam muito mal.

A última viagem que fez à Alemanha após interromper seu absoluto isolamento das pessoas, foi “instrutiva”, no sentido de que fez com que ele percebesse, espantado, que não é mais aceito, por não ser “suficientemente moral” para ela. Ele está farto das pessoas e atitudes moralistas¹³⁸. Com base nisso decide voltar a agir como um eremita e afirma a Bülow que “agora mais do que nunca; e estou pensando — em consequência — em algo novo. Parece-me que o único estado que nos mantém ligados à vida é a gestação.” Como se vê, nesse momento ele já lhe antecipa a criação de algo novo que sabemos, virá com seu *Zaratustra*. Esse estado gestacional com o qual concebe a vida está intrinsecamente ligado ao poder de criação e ao que passará a chamar de seu “filho”.

Na sequência ele responde à uma carta de Erwin Rohde, na qual menciona o que pensa a respeito de estar absorto por um trabalho, como este disse estar, e o quanto lhe incomoda quando vê que seus amigos não se engajam da mesma forma em alguma atividade. Segundo ele “Temos que nos empenhar em algo definido, caso contrário nos deixamos dispersar em uma infinidade de coisas.” É justamente nisso, no engajamento numa tarefa de alto nível que o filósofo estrutura sua força de superação. No entanto, Rohde parece não ter apoiado os projetos de Nietzsche e este parte em defesa dos mesmos, mencionando a “segunda natureza”¹³⁹ já manifesta anteriormente à Bülow:

Bem, eu tenho uma "segunda natureza", porém não para destruir a primeira, mas sim para apoiá-la. Minha "primeira natureza" teria me destruído há algum tempo — mas bem, já havia me destruído. Com relação ao que você me diz sobre a "decisão extravagante", é absolutamente verdade, para o resto. Eu poderia te dizer o lugar e a data. Mas quem tomou a decisão então? - Certamente foi minha primeira natureza, querido amigo: ELA queria "viver".

Com o passar do tempo, Começam as discussões com Lou Salomé. Ela envia diversas cartas, às quais ele responde com rascunhos que provavelmente

¹³⁸ Carta 344 a Hans von Bülow em Meiningen Rapallo, início de dezembro de 1882, p. 289-290 e também em Carta 345 a Erwin Rohde em Tubinga Rapallo, início de dezembro de 1882, p. 290-291.

¹³⁹ Carta 345 a Erwin Rohde em Tubinga Rapallo, início de dezembro de 1882, p. 290-291.

não foram enviados, mas que evidenciam a pressão que incidia sobre ele e suas reações a respeito. Em resposta à uma das cartas de Lou, ele afirma¹⁴⁰:

Não fui eu quem criou o mundo e a Lou. — Se eu tivesse criado a Lou, teria lhe dado, sem dúvida, uma saúde melhor, mas acima de tudo outra coisa que é muito mais importante que a saúde — e talvez um pouco mais de afeto por mim (mesmo que seja precisamente o que menos importa).

Ao que tudo leva a crer, neste momento que o tema “superação” ocupa os pensamentos do filósofo, ajudando-o a alavancar a própria crença em sua capacidade de auto-regeneração. Em um rascunho ele escreve à Lou¹⁴¹: “Você realmente não percebe que quando alguém como eu está ao seu lado, precisa de muita autossuperação?” Ainda a respeito do tema, escreve à Malwida¹⁴²:

[+++] Os solitários sofrem terrivelmente pelas lembranças. Não se preocupe - no fundo eu sou um soldado, e até uma espécie de “mágico da autossuperação”. (É assim que meu amigo Rohde recentemente me chamou, para minha surpresa.) Querida amiga, não existe uma pessoa na terra que me ame? — — [+++]

Nas proximidades do Natal, sentindo-se “Um pouco melhor” Nietzsche escreve a Overbeck¹⁴³, de uma forma muito positiva: “(...) sem dúvida estarei melhor! Eu superei inúmeros ataques. É quase para rir: durante 3 anos seguidos, mais ou menos na mesma época, achei que era o meu “fim de todas as coisas”!” Ele está confiante sobre a sua capacidade de resistir às dificuldades de sua vida mediante a percepção que tem de si mesmo: “sou tenaz, e também em outros aspectos ainda tenho uma reserva suficiente de dureza para mim mesmo tolerar a vida um pouco mais, mesmo que me maltrate.” Embora tenha essa certeza sobre si, ele intui, pelas últimas experiências vividas, que precisa se resguardar de seus ímpetos e da sua intensidade, pois está se preparando, para a consecução dos seus planos para o futuro, pois já tem em mente Zaratustra: “Apesar disso, no próximo ano terei que inventar algo sobre o meu futuro e tomar mais algumas precauções em relação a mim mesmo. Com toda a minha “razão”, continuo sendo um ser passional e imprevisível”. Ele reconhece que a companhia da solidão lhe deixou vulnerável:

¹⁴⁰ Carta 348 a Lou von Salomé em Berlim (Rascunho) Rapallo, antes de meados de dezembro de 1882, p. 293.

¹⁴¹ Carta 352. A Lou von Salomé, provavelmente em Berlim (Rascunho) Rapallo, antes de meados de dezembro de 1882, p. 296.

¹⁴² Carta 358 a Malwida von Meysenbug em Roma (Fragmento) Rapallo, meados de dezembro de 1882, p. 301.

¹⁴³ Carta 359 a Franz Overbeck em Basiléia Rapallo, em direção ao dia 20 de dezembro de 1882, p. 301-302.

A solidão é uma coisa perigosa, tanto mais quanto mais longa seja. — Este ano eu retornei "entre os homens" com uma autêntica saudade - eu pensei que poderia receber algum sinal de afeição ou consideração. Conheci o desprezo, a desconfiança e, com relação ao que posso e quero fazer, uma indiferença irônica. Devido a certas coincidências infelizes, experimentei tudo isso da maneira mais cruel. - De um ponto de vista objetivo: foi *mais interessante do que nunca*. - Agora estou completamente sozinho diante de minha missão, e TAMBÉM sei o que me espera *depois* de tê-la levado a cabo. Eu preciso de uma proteção contra o mais insustentável. - -

Essa entre outras referências evidenciam que Nietzsche parece pressentir o que está por vir. Ele crê que seu presságio está relacionado ao peso do enfrentamento de sua nova obra, e do impacto que a mesma poderá produzir, até porque ainda não obteve, embora continuasse buscando, o retorno que esperava com a força que seu *Sanctus Januarius* da mesma forma que esta foi capaz de imprimir sobre ele mesmo. Ele comenta à Overbeck: "Ocorre-me que gostaria muito de sentir a opinião da sua amada mulher sobre o *Sanctus Januarius*."

A sua positividade não dura muito e, não se sabe a razão mas, no mesmo dia em que escreveu à Overbeck (20 de dezembro de 1882) já se vê envolto numa emoção completamente distinta, e decide escrever a Rée mencionando que bebeu uma grande dose de ópio, e que pretende ingerir ainda mais. Nietzsche está queixoso de sua saúde e de tudo que ocorreu entre eles os três. Ao mesmo tempo em que menciona ter o desejo de, algum dia, obter o perdão de Lou, bem como de poder perdoá-la, "é muito mais difícil perdoar os amigos do que os inimigos"¹⁴⁴, também assevera: "tal assunto já não me interessa."

Passados alguns dias, Nietzsche volta a escrever à Rée justificando que o teor da carta anterior se deveu ao ópio e não à possibilidade de estar "louco"¹⁴⁵. Neste rascunho, Nietzsche não apenas descreve emocionalmente sua irresignação com o comportamento enganoso de Lou Salomé, a qual teria tentado se passar por quem não era, como também justifica, filosoficamente, os equívocos da jovem russa ao tentar trabalhar o tema "heroísmo do conhecimento" quando, de fato, não se entregava a ele: "O heroísmo consiste no sacrifício e no senso de dever de cada dia, de cada hora e, portanto, em muito

¹⁴⁴ Carta 361 a Paul Rée e Lou von Salomé em Berlim (Fragmento) Rapallo, até 20 de Dezembro de 1882, p. 304.

¹⁴⁵ Carta 362 a Paul Rée em Stibbe (Rascunho) Rapallo, última semana de dezembro de 1882, p. 304.

mais: a alma deve estar toda cheia de uma só coisa e, ao contrário, a vida e a felicidade devem resultar indiferentes. Uma natureza como essa eu acreditei ter visto em L<ou>.”¹⁴⁶ Esse engano custou muito a ele¹⁴⁷:

O resultado desse erro é que me faltam, mais do que nunca os meios para encontrar uma pessoa semelhante, e que minha alma, que era livre, agora é torturada por uma infinidade de lembranças desagradáveis. Porque toda a dignidade da missão da minha vida foi comprometida por <um> ser superficial e imoral, ligeiro e carente de sentimentos como Lou, e também que meu nome e minha reputação estão manchados.

Ressalte-se que, apesar de manifestar diversas vezes que não se importa com o julgamento que fazem de si, na medida em que, de fato, nunca abdicou de sua autenticidade a fim de agradar terceiros, Nietzsche acredita que sua reputação está manchada e isso lhe incomoda porque, não quer ser tomado pelo que não é.¹⁴⁸ No rascunho de uma carta que, por fim, remete a Overbeck, o filósofo relata como seus dias têm sido afetados pela dificuldade de superar os fatos que vem ocorrendo¹⁴⁹:

(...) este tem sido, para mim, o pedaço de vida mais difícil de mastigar; e ainda é possível que eu me sufoque. Tenho sofrido como por uma Loucura por causa das experiências insultuosas e dolorosas deste verão. Durante todo esse tempo eu só consegui dormir por 4 ou 5 noites - e também só graças a doses mais altas de soníferos. Todo meu pensamento, criação e planejamento foram devastados pelos estragos dessas afeições. O que vai sair disso! Eu tensiono cada fibra no esforço para me superar - mas - uma solidão tão prolongada é demais para uma p<essoa>.

Nietzsche conclui que Lou lhe tratou como um estudante de 20 anos que estivesse apaixonado por ela, no entanto, conclui no mesmo rascunho “Mas os sábios como eu só amam os fantasmas - e se eu amo uma p<essoa> - esse amor me destruiria ra<pidamente>. O s<er humano> é uma coisa muito imperfeita”. Embora tenha escrito isso no rascunho, esse trecho não é transcrito na carta enviada a Overbeck. Ele prefere se manter fiel ao desejo de afirmar a vida e de admirar a humanidade¹⁵⁰:

¹⁴⁶ Carta 362 a Paul Rée em Stibbe (Rascunho) Rapallo, última semana de dezembro de 1882, p. 304.

¹⁴⁷ Carta 362 a Paul Rée em Stibbe (Rascunho) Rapallo, última semana de dezembro de 1882, p. 304.

¹⁴⁸ “Eu não quero que me confundam com mais ninguém. (...) Repito, não quero que me tomem pelo que não sou.” (Carta 402 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 17 de abril de 1883).

¹⁴⁹ Carta 364 a Franz Overbeck na Basiléia (Rascunho) Rapallo, 25 de dezembro de 1882, p. 305-306.

¹⁵⁰ Carta 365 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, 25 de dezembro de 1882, p. 306.

Se ao menos pudesse dormir! - Mas as doses mais fortes dos meus soníferos me dão muito pouco resultado, assim como minhas caminhadas de 6-8 horas.

Se não posso inventar o artifício dos alquimistas para transformar essa lama em ouro, estou perdido. - Aqui tenho a mais bela oportunidade de demonstrar que, para mim, “toda experiência é útil, todo dia sagrado e todo ser humano divino”!!!!

Todo ser humano divino. -

No entanto, dificuldade em se manter firme a esse propósito se acentua pelo fato de que se vê envolto a incertezas a respeito das poucas pessoas que o cercam: “Neste momento, minha desconfiança é muito grande: em tudo que escuto, parece que ouço o desprezo em relação a mim.” A seguir menciona a forma como Rohde se posicionou com relação a ele: “eu juraria que se não tivéssemos sido amigos antes, ele se pronunciaria com o máximo desprezo por mim e meus fins¹⁵¹. Além disso, conta à Overbeck que, na véspera de Natal, determinou-se a cumprir com o que já havia prometido¹⁵², no sentido de romper com sua família¹⁵³:

Ontem eu também rompi a correspondência com a minha mãe: já era insuportável, e teria sido melhor não apoiá-la por muito tempo. Até que ponto, enquanto isso, os julgamentos hostis de minha família se espalharam e arruinaram minha reputação - bem, preferia saber de qualquer maneira, em vez de sofrer com essa incerteza. -

Meu relacionamento com Lou está exalando as últimas e mais dolorosas tragadas: pelo menos é o que me parece no momento. Mais tarde - se houver um depois, eu quero dizer algo sobre isso também. A compaixão, meu querido amigo, é uma espécie de inferno - digam o que digam os seguidores de Schopenhauer.

Eu não lhe pergunto: “O que devo fazer?”. Às vezes, pensei em alugar um quarto em Basiléia, ir vê-lo de vez em quando e assistir às aulas. Outras vezes também pensei o contrário: empurrar minha solidão e minha renúncia ao extremo e - Bem, deixe tudo seguir seu curso!

Naquele momento, para Nietzsche, os Overbeck representam “quase o último palmo de terreno seguro”. Dias depois escreve ao amigo reclamando do frio e da falta de aquecimento onde mora, que terá que suportar pois precisa permanecer em Rapallo, já que não conseguiu lugar em Gênova¹⁵⁴: “Mas, no final das contas, não há nada a fazer, tenho que ficar aqui. A proximidade do mar é um alívio para a minha cabeça - isso não deve ser subestimado, pois, como é

¹⁵¹ Carta de 26 de novembro de 1882 (KGB III/2, 307). Cf. carta 345, a E. Rohde, início de Dezembro de 1882.

¹⁵² Em rascunho Nietzsche ameaça devolver as cartas de sua mãe e irmã: “Carta 363 a Franziska e Elisabeth Nietzsche em Naumburg, Rapallo, 24 de dezembro de 1882, p. 305 “Deves pensar em adotar outro tom para falar comigo: caso contrário, de agora em diante devolvarei as cartas de Naumburg!”

¹⁵³ Carta 365 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, 25 de dezembro de 1882, p. 306.

¹⁵⁴ Carta 366 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, 31 de dezembro de 1882, p. 307.

de se imaginar, eu já estou tendo que suportar de novo um grande sofrimento físico.” Numa rápida retrospectiva da própria existência, Nietzsche conclui em missiva aos Overbeck¹⁵⁵ que a superação sempre se fez presente em sua vida e que tudo se deu, e assim deve ser visto, pela perspectiva da ascese. Decorre disso que o *amor fati*, representado pelo *Sanctus Januarius*, faz parte da ascese nietzschiana:

O fato é que não sou nem espírito nem corpo, mas uma terceira coisa. Eu sofro como um todo e pelo todo. - E agora, como vai acabar? Minha autossuperação é, em última análise, minha maior força: ultimamente, tenho pensado em minha vida e descobri que até agora não fiz outra coisa. Mesmo minhas "conquistas" (especialmente depois de 1876) devem ser vistas pela perspectiva da ascese. Naturalmente, a ascese assume um aspecto diferente de uma pessoa para outra. (Também *Sanctus Januarius* é o livro de um asceta(...))

Ele conta à Malwida¹⁵⁶ que está próximo do desespero por diversas coisas que confluem para este sentido, entre elas sua desilusão com Lou, “por não ter com quem compartilhar sua missão, por não encontrar alguém afim e que leve dentro de si uma tragédia parecida com a sua”. É com esse espírito que Nietzsche inicia 1883, mesmo assim, esforça-se para manter o ânimo, que encerra uma carta a Köselitz¹⁵⁷: “Adeus, meu querido amigo! E para frente, para cima! O mundo e a vida só são suportados seguindo essa direção oblíqua em direção ao topo.”

Cada vez mais solitário, agora que rompeu com sua família, dez dias depois escreve a Overbeck¹⁵⁸ “Eu também gostaria de ter uma confiança indestrutível em mim mesmo: mas para isso eu me sinto ainda menos inclinado. Já estou doente demais para consegui-lo: e qualquer mudança de clima, qualquer tempo nublado, produz um estado de intensa angústia em mim”. Na sequência ele estabelece uma interessante relação entre o sofrimento, a humildade e a gratidão, a qual leva as pessoas e as coisas a serem excessivamente valorizadas: “O fato é que, quando você sofre, você se torna muito humilde e exagera sua gratidão - é tudo o que tenho feito no ano passado, muitas vezes, também em relação a outras coisas.” Isso leva Nietzsche à percepção de que:

¹⁵⁵ Carta 366 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, 31 de dezembro de 1882, p. 307.

¹⁵⁶ Carta 367 a Malwida von Meysenbug em Roma Rapallo, 1 de janeiro de 1883, p. 308.

¹⁵⁷ Carta 368 a Heinrich Köselitz em Múnic Rapallo, 10 de janeiro de 1883, p. 311.

¹⁵⁸ Carta 369 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, 20 de janeiro de 1883, p. 311-312.

A conclusiva “moral” que tiro desse infeliz ano é esta: que tive que engolir, centenas de vezes e nas mais variadas doses, o mesmo veneno, o veneno da “falta de estima”, desde a desdenhosa indiferença ao profundo desprezo.

Isso causou em mim um estado semelhante ao envenenamento por fósforo: vômitos contínuos, enxaqueca, insônia, etc. (...) Mas o *beneficium mortis* eu não posso procurar com minhas mãos - eu quero ainda algo de mim mesmo, e eu não posso permitir que nem o mau tempo nem a má reputação me impeçam.

Como visto, embora todo o sofrimento a que se sente exposto, Nietzsche exclui a possibilidade de suicídio, neste momento, pois tem em mente a realização de algo que, na sua concepção, compete a sua existência e que ninguém mais será capaz de fazer. Nesse ponto sabemos que ele está se confrontando com o pensamento do eterno retorno, o que exigirá muito das suas forças. Entretanto, curiosamente, também os fatos de sua vida, cada vez mais, tem lhe impelido para esse embate.

Ele ainda não sabe para onde ir a seguir na próxima estação, eis que apesar de ter recebido uma carta extremamente carinhosa da Sra. Rothpletz desejando encontrá-lo, no verão, em Tirol ou na Baviera meridional, e estar ansioso por afeto, ele teme a Alemanha, pelo fato de que a mesma se mostrou hostil “e os alemães também são tão desajeitados em suas antipatias que imediatamente se tornam perfeitamente descorteses.” Justifica à Overbeck que, na sua opinião, foi “tratado com mais respeito quando era estudante do que no ano passado”, deixando-o em dúvida sobre qual decisão tomar.¹⁵⁹ Na mesma carta comenta que está inseguro:

Além disso, cada vez estou mais consciente de que já não sei estar entre as pessoas - cometo autênticas estupidezes (dito em confiança, sou: 1) sincero demais e 2) bom *em excesso*, a ponto de ao final a culpa ser sempre minha - e isso no final gera resultados terríveis).

Adeus, meu querido amigo, eu me esforço para ser benevolente e justo com todos aqueles que não estão sendo comigo¹⁶⁰

Passados aproximadamente 10 dias, em 01 de fevereiro ele escreve à Köselitz anunciando o nascimento de Zaratustra: “Nunca escrevi nada mais sério e alegre”¹⁶¹. Nietzsche menciona ao amigo que após sua última estadia na Alemanha chegou “às mesmas conclusões” que Köselitz: “isto é, que esse já não

¹⁵⁹ Carta 369 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, 20 de janeiro de 1883, p. 311-312.

¹⁶⁰ Sobre esta conclusão ele já havia escrito num rascunho: “Se me ocorre uma defesa de Lou. Que estranho! Toda vez que alguém se defende contra mim, sempre acaba sendo eu quem se enganou.” (Carta 360 a Paul Rée e Lou von Salomé em Berlim [Rascunho] Rapallo, até 20 de dezembro de 1882, p. 303).

¹⁶¹ Carta 370 a Heinrich Köselitz em Veneza Rapallo, 1 de fevereiro de 1883, p. 313-314.

é o meu lugar. E pelo menos agora, depois do meu Zaratustra, acontece comigo o mesmo que a você: essa convicção e ‘tomar posição’ me deu coragem.” Embora tema reencontrar o vento Siroco¹⁶² que tanto lhe atordoa, Nietzsche está disposto a partir para Roma, tendo em vista que não conseguiu lugar em Gênova. Ele escreve então à Malwida¹⁶³:

Digamos, então, como hipótese, que em meados de fevereiro eu chegue a Roma. - Quanto ao clima de Roma, naturalmente estou preocupado: a intrincada engrenagem do meu cérebro só resiste bem em alguns lugares. A última vez fez o mesmo SIROCO me expulsou de Messina: eu o encontrei novamente em Orta, depois em Lucerna - e no final ele me atormentou na Alemanha (embaixo do espectro de L<ou> S <alomé>) - - -

Ele pretende se manter isolado, não apenas porque se faz necessário, mas porque também deseja e, acima de tudo, precisa desejar ficar só:

Minha “ermitanheria” será indubitavelmente também possível em Roma: infelizmente é para mim uma questão muito simples de necessidade, embora a esta “necessidade” acrescentei uma boa dose de vontade. - Desta forma eu tento “reorientar para o melhor” todas as minhas necessidades.

Ao concluir o Livro I de Zaratustra, no primeiro dia de fevereiro de 1883, Nietzsche retoma sua postura afirmativa e escreve à Overbeck¹⁶⁴, buscando se retratar do conteúdo das cartas anteriores. Ele agora está premido pela convicção de que, a partir de então, tudo vai voltar a funcionar: “em poucos dias escrevi meu melhor livro, e algo mais importante, dei esse passo decisivo para o qual, no ano passado, ainda não tinha tido coragem. Desta vez tive que recorrer a todas as minhas forças - e elas não vieram abaixo.” Nietzsche se sente motivado e acredita que “Sob essas condições, a saúde também começou a melhorar”, eis que há 14 dias já consegue dormir novamente, embora ainda com o auxílio de medicamentos. Alguns dias depois, entretanto, confessa à Overbeck¹⁶⁵ “Eu não quero esconder de você que minha condição não é boa.” Nietzsche está se sentindo péssimo após ter uma crise durante o pôr-do-sol. “Eu acho que vou infalivelmente afundar, a menos que algo aconteça, mas eu não sei o quê.” A crise traz à tona todos os problemas enfrentados nos últimos

¹⁶² O Siroco costumava perturbar e agravar o estado de saúde de Nietzsche, talvez por isso ele tenha concluído que Lou Salomé era o seu “siroco de carne e osso.” (Carta a Paul Rée em Berlim (Rascunho) Rapallo, antes de meados de dezembro de 1882, p. 294).

¹⁶³ Carta 371 a Malwida von Meysenbug em Roma Rapallo, 1 de fevereiro de 1883, p. 315.

¹⁶⁴ Carta 372 a Franz Overbeck na Basileia Rapallo, 1 de fevereiro de 1883, p. 316.

¹⁶⁵ Carta 373 a Franz Overbeck na Basileia Rapallo, provavelmente em 9 de fevereiro de 1883, p. 317.

tempos no que concerne à sua relação com Lou e ao conflito com seus familiares, quando ouviu duras críticas de sua mãe. Ele desabafa ao amigo:

Tudo o que lhe aponte em minhas cartas é secundário - tenho que suportar uma carga múltipla de lembranças cruéis e atrozidades! Por exemplo, não esqueci nem por uma hora que minha mãe me descreveu como uma vergonha para o túmulo de meu pai. Sobre outros exemplos eu prefiro ficar quieto - mas hoje o cano de uma arma é para mim uma fonte de pensamentos relativamente agradáveis. -Toda a vida se dissolveu diante de meus olhos: toda esta vida perturbadora e oculta, que a cada seis anos dá um passo à frente, e não quer outra coisa na realidade que dar esse passo: enquanto todo o resto, todas as minhas relações humanas, tem a ver com uma máscara minha, da qual eu tenho que continuamente ser a vítima, condenada a uma existência completamente secreta. Sempre fui exposto às casualidades mais cruéis - ou melhor: tem sido eu quem tem feito de cada casualidade um evento cruel.

Note-se a interessante inversão de perspectivas que Nietzsche faz a partir da sua visão inicial sobre os fatos cruéis de sua vida, trazendo, ao final, para si, a responsabilidade sobre os mesmos. Nessa oportunidade ele se refere ao primeiro Livro de Zaratustra como o seu “testamento” e uma espécie de redenção que espelha a sua “natureza”. Aduz ainda: “Assim que eu me dediquei a ser um copista de mim mesmo¹⁶⁶”. Entre os dias 13 e 14 de fevereiro, Nietzsche envia uma carta ao editor anunciando sua nova obra “Assim falou Zaratustra: ‘É uma “composição poética”, ou um quinto ‘evangelho’, ou talvez algo para o qual ainda não há uma definição: é meu trabalho que é comparativamente mais sério e também mais alegre e acessível a qualquer um.”¹⁶⁷ e a seguir, remete ao mesmo o manuscrito.¹⁶⁸ Junto a isso ocorre um fato marcante para Nietzsche eis que, justamente no dia 13 de fevereiro de 1883, enquanto Zaratustra estava nascendo, Wagner morreu, vítima de um infarto cardíaco.¹⁶⁹ Se em algum momento Nietzsche nutriu algum tipo de esperança em obter o pedido de perdão por parte do maestro e compositor, nesse momento essa expectativa sucumbiu. No rascunho à carta que ele escreve a Cosima¹⁷⁰ por ocasião da morte de

¹⁶⁶ Carta 373 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, provavelmente em 9 de fevereiro de 1883, p. 317.

¹⁶⁷ Carta 375 a Ernst Schmeitzner em Chemnitz Rapallo, 13 de fevereiro de 1883, p. 318.

¹⁶⁸ Carta 377 a Ernst Schmeitzner em Chemnitz (Cartão Postal), Rapallo, 14 de fevereiro de 1883, p. 320.

¹⁶⁹ Carta 378 a Heinrich Köselitz em Veneza (Cartão postal), Gênova, 15 de fevereiro de 1883, p. 320.

¹⁷⁰ Carta 380 a Cosima Wagner em Bayreuth (Rascunho) Rapallo, meados de fevereiro de 1883, p. 322.

Wagner, aduz o que pode ser a expressão prática do *amor fati*, numa bela tentativa de confortá-la:

Eu não acredito em absoluto em quem sabe que mundos ainda estão escondidos, nos quais devemos buscar algum consolo. A vida é exatamente tão profunda e séria como sabemos fazê-la profunda <e> séria: mas há alguns que, com cem coincidências espantosas, que não dependem de nós, sabem extrair sempre razão e beleza, graças à sua fé na r<azão> e na b<eleza> - esta é, portanto, a melhor boa vontade e a melhor boa força, e esta tem sido e é o seu máximo grau de força.

Embora esteja se dirigindo à Cosima, Nietzsche parece falar de si mesmo. Na sequência dos dias escreve à Köselitz mencionando *Zarathustra* como sendo sua “obra mais livre”. Comenta também que a morte de Wagner repercutiu positivamente na venda de suas obras, eis que seus livros estão vendendo melhor¹⁷¹. Nessa oportunidade ele expõe o que a presença de Wagner representava para ele e, ao mesmo tempo, a imagem ideal que havia feito do compositor e maestro, a que pretendia ser herdeiro, um dia:

(...) a morte de Wagner foi o maior alívio que consegui neste momento. Tem sido difícil, durante seis anos, ser o adversário de uma pessoa, em relação ao qual alguém sentiu a máxima veneração, não tenho uma forma tão grosseira quanto a isso. No final, tive que me defender de um velho Wagner; enquanto ao verdadeiro Wagner, eu ainda pretendo me converter, em boa parte, seu herdeiro (como já disse muitas vezes a Malwida). No verão passado, compreendi que ele havia tirado de mim todos aqueles em que, na Alemanha, faz algum sentido produzir algum efeito, e que ele estava começando a envolvê-las na confusa desolação de seu rancor senil.

Embora tivesse se organizado para ir à Roma, ele estava temeroso e já havia manifestado à Overbeck¹⁷²: “Roma me assustou e não consigo tomar uma decisão. Quem sabe que tormentos me esperam lá embaixo!” Com base nisso, alguns dias depois ele desiste de partir para a capital italiana e escreve a Malwida a fim de se justificar. Ele conta que sua saúde piorou após a morte de Wagner e explica as razões que levaram ao seu rompimento com o maestro e compositor¹⁷³:

W<agner> me ofendeu mortalmente - Eu quero que você saiba! - o seu lento regresso ao cristianismo e à Igreja, eu senti como um insulto pessoal: toda a minha juventude com as suas aspirações parecia contaminada, porque eu havia rendido homenagem a um espírito capaz deste passo. Nesse modo intenso de sentir - me vejo empurrado por fins e tarefas não expressas. Agora considero esse passo como o passo de um Wagner que envelhecia; é difícil morrer no momento

¹⁷¹ Carta 381 a Heinrich Köselitz em Veneza Rapallo, 19 de fevereiro de 1883, p. 323.

¹⁷² Carta 373 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, provavelmente em 9 de fevereiro de 1883, p. 317.

¹⁷³ Carta 382 a Malwida von Meysenbug em Roma Rapallo, 21 de fevereiro de 1883, p. 324-325.

certo. Se ele tivesse vivido mais tempo, oh, o que poderia ter acontecido entre nós ainda! Eu tenho flechas terríveis no meu arco e W <agner> pertencia àquela classe de pessoas que podem ser mortas com palavras.

Nietzsche menciona o quanto sofreu nos últimos meses e a morte de Wagner fez emergir uma série de sentimentos, quando o filósofo ainda estava abalado pelas questões já mencionadas. Ainda na mesma missiva ele refere:

- Este foi com diferença o inverno mais duro e atormentado da minha vida, e meu sofrimento afundou em profundidades e abismos extraordinários; - as razões são praticamente indiferentes. Foi imposto a mim uma grande necessidade de ser torturado e ver se meu objetivo me mantinha vivo e ligado à vida. A morte de Wagner ressoou como um trovão grave e profundo no meio desses estados de ânimo; mas talvez agora minha tempestade esteja chegando ao fim.

Com todos esses fatos ocorrendo sucessivamente, a saúde de Nietzsche se agrava¹⁷⁴ e por isso pretende evitar maiores desgastes que poderiam surgir em Roma, caso encontrasse sua irmã, pois tomou conhecimento de que ela estaria lá. Por isso comunica, em sigilo, à Overbeck¹⁷⁵ que irá a Gênova, “seguindo o caminho já percorrido”, em busca da sua saúde, e assume que idealizou “pessoas”, referindo-se, especialmente, à Lou Salomé:

Meu erro no ano passado foi renunciar à solidão. Minha exclusiva convivência com imagens e fenômenos ideais me deixou tão irritável que, nas relações com os seres humanos atuais, padeço com sofrimentos incriveis e um enorme sentimento de privação; eu acabo me tornando duro e injusto; em suma, é algo que me machuca.

Nesse período ele escreve algo no mesmo sentido, como rascunho de uma carta cujo destinatário não foi especificado¹⁷⁶: “Quando alguém passou tanto tempo sozinho, ele não tem mais nenhuma experiência em particular, mas apenas percebe sintomas de sua atitude geral em relação à existência: e eu trouxe comigo memórias horríveis, das quais não sou capaz de me libertar.” Ele luta contra isso na medida em que propugna pela vida. Na ocasião, evidenciando essa postura, conta à Overbeck¹⁷⁷ “Escrevi para Cosima assim que pude. Isto é:

¹⁷⁴ Conforme Carta 384 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, 22 de fevereiro de 1883, p. 326; Carta 386 a Franz Overbeck em Basiléia, Gênova, 6 de março de 1883, p. 327; Carta 387 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 7 de março de 1883, p. 328; 390 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 16 de março de 1883, p. 331.

¹⁷⁵ Carta 384 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, 22 de fevereiro de 1883, p. 326. Também pediu sigilo em carta anterior 383 a Heinrich Köselitz em Veneza (Cartão Postal), de Rapallo, 22 de fevereiro de 1883, p. 326.

¹⁷⁶ Carta 379. Destinatário desconhecido (Rascunho) Rapallo, meados de fevereiro de 1883, p. 321.

¹⁷⁷ Carta 384 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, 22 de fevereiro de 1883, p. 326.

depois de alguns dos piores dias que passei na cama. Não! Que vida é essa! E eu sou o advogado da vida!!”¹⁷⁸

Na sequência Nietzsche adoece, e acredita estar com influenza¹⁷⁹ e mantém sua decisão de não querer contato com a família. Soube por Malwida que Cosima decidiu se isolar do mundo¹⁸⁰ após a morte de Wagner¹⁸¹, e conta a Overbeck que pensa em fazer o igual¹⁸²: “Eu quero fazer mais ou menos o mesmo, embora não pelas mesmas razões. Eu irei “desaparecer” - parece-me que eu já o havia antecipado uma vez escrevendo de Engadina. Mas antes preciso refletir muito e ter uma longa conversa pessoal contigo.”

A impressão do Livro I de Zarathustra atrasa e Nietzsche procura Köselitz¹⁸³: “Enfim, querido amigo, já duvido muito que minha obra, sobre a qual lhe falei em uma de minhas últimas cartas, seja impressa. Existem obstáculos. — E além do mais há um tempo para tudo, ou pelo menos deveria haver.”¹⁸⁴

Alguns dias depois abalado com todos os últimos acontecimentos e sem poder colher os frutos de sua nova criação, pois Zarathustra ainda não havia sido impresso, ele escreve novamente a Köselitz¹⁸⁵: “Eu estou tranquilo, mas preso à mais sombria melancolia. Minha vida é um fracasso em todos os aspectos fundamentais, a cada instante eu sinto que é assim - como eu também sinto que tinha que ser desse jeito, e que esta é minha única “forma de existência””. Ao

¹⁷⁸ Nota Cf. Assim Falou Zarathustra, II, “O adivinho”, e III, “O convalescente”.

¹⁷⁹ Conforme Carta 386 a Franz Overbeck na Basiléia, Gênova, 6 de março de 1883, p. 327, porém depois descobre que se tratou de tifo, segundo Cartas 442 a Ida Overbeck em Basiléia (Rascunho) Sils-Maria, pouco antes de 29 de julho de 1883, p. 384 e Carta 470 a Franz Overbeck na Basiléia, Gênova, 27 de outubro de 1883, p. 415.

¹⁸⁰ Tal ideia de seguir o exemplo de Cosima é desaconselhada por Overbeck. Em troca lhe recomendava que buscasse um emprego como professor de bacharelado, cf. KGB III/2, 354.

¹⁸¹ Carta 386 a Franz Overbeck na Basiléia, Gênova, 6 de março de 1883, p. 328.

¹⁸² Carta 386 a Franz Overbeck na Basiléia, Gênova, 6 de março de 1883, p. 328.

¹⁸³ Carta 387 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 7 de março de 1883, p. 329.

¹⁸⁴ Nietzsche escreve uma Carta 395 a Ernst Schmeitzner em Chemnitz Gênova, páscoa 25 de março de 1883 p. 338, cobrando a impressão: “Estimado senhor editor: Estou furioso com você, com Teubner ou com toda essa maldita imprensa. O que se promete há que ser mantido, caso contrário não se deve prometer. A impressão já deveria estar terminada — enviei o manuscrito em 14 de fevereiro. E ainda não tenho nem sequer uma folha! Assim me roubam os meses; não consigo fazer nada enquanto tenha esta “pressão” em cima. (...)” Dias depois escreve outra carta 396 a Ernst Schmeitzner em Chemnitz Gênova, 1 de abril de 1883, p. 338, em resposta ao missiva enviada pelo mesmo, eis que soube que sua carta de aprovação havia sido extraviada e por essa razão a impressão de Zarathustra ainda não teria ocorrido. No final das contas Nietzsche descobre que o atraso ocorreu em virtude de outras impressões de cunho religioso e também político que ganharam prioridade sobre Zarathustra: “O que o impediu? Meio milhão de hinos cristãos, que Teubner teve que imprimir antes da Páscoa” (Carta 397 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 2 de abril de 1883, p. 340).

¹⁸⁵ Carta 390 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 16 de março de 1883, p. 332.

mesmo tempo, ao mencionar, ainda nesta correspondência, a agradável surpresa de ter conhecido Bungert, um compositor alemão com quem acabou se identificando após uma aproximação casual que aconteceu depois de passarem “três anos quase porta com porta, (...) sem saber nada um do outro” e que sempre leva com ele os escritos de Nietzsche, ele encerra a missiva afirmando: “Céus! Que invenção tão especial é a vida! —”

Ainda em março ele escreve à Köselitz que pretende ir à Barcelona, na Espanha. Ele deseja terminar a tarefa que compete à sua existência¹⁸⁶. No mesmo dia conta à Overbeck¹⁸⁷ que está muito desestimulado com o seu estado físico, com a demora na impressão de Zaratustra e com a forma como é tratado. Mesmo assim ele não pretende ceder à pressões para ser aceito:

(...) a condição que coloquei para impressão foi a máxima rapidez. Só este estado geral de cansaço me impediu, dia após dia, de enviar um telegrama para ordenar que não imprimissem nada mais; há mais de 4 semanas espero os testes de impressão para corrigi-los, é uma indecência me tratar assim. Mas, de todas as maneiras, quem já está se comportando decentemente comigo! E assim eu tolero. -

Com energias renovadas, no início de abril Nietzsche está decidido a permanecer em Gênova até o dia 25 do mês, aguardando a impressão de seu Zaratustra, quando seguirá para “florestas e montanhas altas” em Barcelona, a fim de passar o outono. Além disso, menciona que embora sinta medo de voltar a se aproximar das pessoas, ele cogita seguir o conselho de Overbeck¹⁸⁸ e voltar a lecionar¹⁸⁹, ao invés de seguir o exemplo de Cosima:

A proposta que você me faz em sua última carta é de longe o mais aceitável de tudo o que tenho feito ultimamente (...) Mas esperemos que saia Zaratustra: temo que, depois, nenhuma autoridade no mundo me queira como educador da juventude. Para os demais - o que parou meu Zaratustra? Meio milhão de hinos cristãos! Mas agora é a minha vez em Teubner (é por isso que eu fico aqui até o dia 25 deste mês)

Neste momento ele está confiante que uma nova fase está por vir em sua vida, pois acredita que chegou ao cerne da sua missão. Nesse sentido, afirma a Overbeck:

(...) é POSSÍVEL que este inverno tenha entrado em uma nova fase de desenvolvimento. O Zaratustra é algo que nenhum homem vivo, exceto eu, poderia fazer. Talvez só agora eu tenha descoberto minhas

¹⁸⁶ Carta 391 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 20 de março de 1883, p. 334.

¹⁸⁷ Carta 393 a Franz Overbeck na Basiléia, Gênova, 22 de março de 1883, p. 334-335.

¹⁸⁸ Overbeck aconselhou-o a não seguir o exemplo de Cosima, isto é, a decisão de desaparecer do mundo. Em vez disso, ele recomendou que ele procurasse emprego como professor de bacharelado, cf. KGB III / 2, 354.

¹⁸⁹ Carta 398 a Franz Overbeck na Basiléia, Gênova, início de abril de 1883, p. 341.

melhores energias. Também, como “filósofo” ainda não terminei de revelar meus pensamentos (ou as minhas “Loucuras”) mais importantes -

Certo de se manter autêntico e de que não deve se afastar da sua missão de vida, a qual depende da sua capacidade de dar vazão à si, para, assim poder criar mediante a expressão da sua diferença que o torna único e singular Nietzsche afirma em resposta¹⁹⁰ a uma carta não conservada de seu editor Schmeitzner _ “Não está em meu poder” mudar o texto do Zaratustra para agradar os preocupados Lipsianos - e me agrada saber que você mesmo, para esse propósito, tem optado por me defender tanto a mim como à minha independência.” Na sequência aduz, talvez em defesa de Zaratustra, “Pior do que “expressões fortes” são “expressões fracas”.

Finalmente, em abril, Nietzsche recebe uma avaliação a respeito de Zaratustra. Trata-se de uma carta de Köselitz escrito depois de ler as provas da imprensa, onde exprime o seu entusiasmo pelo conteúdo e pelo estilo da obra.¹⁹¹ Entusiasmado e, por fim, irônico, escreve à Malwida¹⁹²:

— Deixarei Gênova o quanto for possível e irei para a montanha: para este ano não quero voltar a falar com ninguém. Você quer um novo nome para me chamar? A linguagem da igreja tem um para isso: Eu sou - - - - - o Anticristo. Mas não vamos desaprender o riso!

Feliz com a manifestação de Köselitz¹⁹³ a respeito de Zaratustra, Nietzsche expõe que sua vida, já anteriormente descrita como um exercício de superação e ascese, foi desde a infância um imenso fardo, digno de um soldado, como ele se descreve, o qual depois de tudo transpor deu origem a seu filho Zaratustra, no qual, a partir de então, as esperanças expressas por Nietzsche, no *Sanctus Januarius*, repousam:

Querido amigo, você não pode imaginar que imenso fardo de sofrimentos a vida me jogou em todas as épocas, desde minha infância. Mas eu sou um soldado: e este soldado no final de tudo se tornou o pai de Zaratustra! Nesta paternidade, ele colocou suas esperanças; Eu acho que agora você entende o significado do verso dedicado ao *Sanctus Januarius*: “Você que, com uma lança de fogo, quebra o gelo da minha alma, e assim, rugindo, PRECIPITA-SE para o mar do mais alto de suas esperanças” - -

¹⁹⁰ Carta 399 a Ernst Schmeitzner em Chemnitz, Gênova, terça-feira 2 de abril de 1883, p. 342

¹⁹¹ cf. KGB III / 2, 359-360.

¹⁹² Carta 400 a Malwida von Meysenbug em Roma, Gênova, em torno de 3-4 de abril de 1883, p. 343.

¹⁹³ Carta 401 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 6 de abril de 1883, p. 343-344.

Mais adiante, em resposta a uma carta de Köselitz Nietzsche comenta que ao refletir a respeito da proposta de Overbeck¹⁹⁴ de retornar à docência ao invés de se isolar do mundo como havia cogitado, busca somente a sua paz interior, eis que cada vez mais tem se sentido desprezado, agora também pelos parentes e amigos.

Este último ano tem me proporcionado, de uma só vez, inúmeras indícios de que minha pessoa, assim como em essência minha vida e meu desempenho, são objetos de DESPREZO (incluindo meus "amigos" e parentes); e eu não sou "feito" para suportar o desprezo.

Além de ser considerado uma ameaça, o fato de ter sido incluído entre os "literatos" e "escritores", com o advento de Zaratustra, levou ele ao temor de ter rompida a sua ligação com a ciência:

De fato, é altamente duvidoso se agora sou uma pessoa "de proveito"; quem não me considera "nocivo" pensa, no entanto, que sou um ocioso completamente supérfluo. E agora, com o Zaratustra, acabei sendo incluído entre os "literatos" e os "escritores", assim parecerá quebrada também a ligação que me unia à ciência.

Mesmo com tudo isso em mente, Nietzsche não recua quanto ao sofrido afastamento de Lou e Rée e conta à Köselitz que decidiu romper definitivamente com aquele, na medida em que rechaçou a dedicatória que Rée queria lhe fazer, na sua obra principal. Nietzsche evoca e enaltece novamente a sua autenticidade ao afirmar "Eu não quero ser confundido mais com ninguém." Para ele está cada vez mais claro que a solidão é a solução, uma espécie de cura medicinal no seu caso:

Minhas experiências nestas últimas semanas foram para mim a confirmação de que ter me absterido rigorosamente por dois anos de me relacionar com alguém, aqui em Gênova, constituiu o principal remédio para minha cura física. A solidão mais pobre também pode me fazer bem: mas, repito, não quero ser tomado pelo que não sou. O tipo de vida que me foi proposto na Basiléia não me dá segurança suficiente, precisamente no que diz respeito à "paz interior". (...)

Após consultar seu amigo veneziano Köselitz a respeito da proposta feita por Overbeck, Nietzsche responde a este¹⁹⁵ que, seguidamente, passa por períodos repletos de angústia, nos quais duvida da validade de suas reflexões e decisões¹⁹⁶, porém, neste momento, sente-se seguro para afirmar que se

¹⁹⁴ Carta 402 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 17 de abril de 1883, p. 345-346.

¹⁹⁵ Carta 403 a Franz Overbeck na Basiléia Gênova, quarta-feira 17 de abril de 1883, p. 346-347.

¹⁹⁶ Ele já havia escrito a Overbeck no mesmo sentido: "pessoalmente, neste inverno, sou incapaz de julgar, e poderia me confundir sobre os méritos e defeitos da maneira mais grosseira!" (Carta 393 a Franz Overbeck na Basiléia, Gênova, 22 de março de 1883, p. 335).

reconhece como alguém que, embora “entre enormes sofrimentos” procura sempre se dirigir “a uma meta pela qual seguramente vale a pena levar uma vida dura e difícil.” Ele está convicto que:

De uma coisa sou claramente consciente: o maior dano eu tenho me causado até agora sempre que me afastei do meu interesse principal, ou mesmo quando fui arrastado por uma profissão ou por um trabalho para outras pessoas (isto vale, curiosamente, tanto para o verão passado quanto para o outono). E neste inverno eu não teria mais me mantido vivo, graças a uma súbita volta ao meu interesse principal: aqui está o meu dever, aí onde eu tenho que fazer a mim mesmo a mais séria exigência, aí está também o manancial de minha vida.

Ao mencionar isso, Nietzsche está se referindo à Zaratustra, cujo nascimento representou para ele uma espécie de sangria, no qual só não resultou asfixiado graças à própria obra, a que se refere como seu “filho”¹⁹⁷. Nietzsche parece ter descartado a ideia da docência e explica à Overbeck¹⁹⁸ que “Ser professor: sem dúvida que isso teria agora em mim um efeito realmente benéfico (todavia no verão passado foi, e eu entendi como isso era agradável para mim).” Ele diz isso em razão do prazer que sentiu ao considerar Lou como sua discípula. No entanto, segundo aduz:

Mas há algo mais importante, frente ao qual a profissão de docente, por muito útil e eficaz que possa ser, serviria, como muito, para aliviar minha existência, como uma recuperação. E somente quando eu tiver cumprido minha tarefa, conseguirei viver com a consciência tranquila esse tipo de existência que tu desejas para mim. - Por acaso eu cumpro isso?

Nietzsche sabe que ainda não tinha cumprido com sua meta, da qual não quer mais se desviar. Ocorre que, segundo ele: “Entretanto, vem saindo lentamente à luz, folha por folha, o Zaratustra. Pois sim, só agora eu comecei a conhecê-lo! Nos dez dias em que o escrevi, não tive tempo para ele.” Nietzsche não quer se desviar eis que cada vez encontra mais sentido na sua existência, a partir de Zaratustra:

De verdade, queridíssimo amigo, às vezes me parece que até agora tenho vivido, trabalhado e sofrido para conseguir fazer este livreto de 7 folhas! Mais ainda, é como se minha vida encontrasse nele sua justificação a posteriori. E desde esse momento eu olho com outros olhos inclusive este inverno, que tem sido o mais doloroso de todos: quem sabe se um sofrimento tão grande não foi exatamente o que

¹⁹⁷ Nietzsche havia escrito a Köselitz: “Só agora eu começo a conhecer realmente Zaratustra. Seu nascimento tem sido uma espécie de sangria, se eu não me asfixiei, devo isso a ele. Foi algo repentino, uma coisa de 10 dias.” (Carta 402 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 17 de abril de 1883, p. 345-346).

¹⁹⁸ Carta 403 a Franz Overbeck na Basiléia Gênova, quarta-feira 17 de abril de 1883, p. 346-347.

faltava para me levar à essa sangria que é precisamente este livro? Neste livro, veja, há muito sangue meu.

A realização de Nietzsche com a referida obra faz com que ele aceite e se previna contra a reação que, acredita, estar por vir, embora esteja acostumado a receber desprezo¹⁹⁹: “Eu nunca me deixei guiar pela opinião que os outros têm de mim; mas não sou capaz de desprezar as pessoas, (...) - e, assim, tenho de admitir que, em todos as épocas da minha vida, sofri muito pela opinião dos outros sobre mim.” Nesse sentido ele procura explicar a Köselitz porque se sente desprezado, eis que para seu amigo esta palavra é muito “forte e inacreditável” no que tange à reação das pessoas para com o filósofo. Ele descreve porque não se sente aceito²⁰⁰:

Acho que venho de um ambiente para o qual toda a minha evolução parece reprovável e abjeta; e por essa razão, minha mãe no ano passado me qualificou de “insulto à família” e “vergonha para o túmulo de meu pai”. Em certa ocasião, minha irmã me escreveu que, se fosse católica, ela teria se trancado em um convento para reparar o mal que eu provoço com minha maneira de pensar; mais ainda, me declarou abertamente sua hostilidade enquanto eu não recue e me esforce “em me tornar uma pessoa de bem e honesta”. Ambas me consideram “um egoísta frio e insensível”

Ele descreve a forma como várias pessoas importantes na sua vida se posicionaram em relação a ele e o julgamento que fazem sobre o seu caráter:

(...) Lou pensava, antes de me conhecer melhor, que eu era “um ser vulgar e desprezível, sempre disposto a tirar proveito dos outros em meu próprio benefício”. Cosima falou de mim como um espião que se introduz na confiança dos outros e se retira quando consegue o que quer. Wagner é pródigo em ocorrências maliciosos, mas escute esta: manteve correspondência (inclusive com meus médicos) para espalhar a sua convicção de que a minha mudança de pensamento é a consequência de devassidão antinaturais, com alusões à pederastia.

Além de ser atacado no que tange a aspectos pessoais, pelos seus parentes e amigos, ele também se sente desprezado por terceiros, nos meios acadêmicos, com relação ao seu trabalho, e sabe que a partir de Zarathustra isso irá se agravar.

Nas universidades, meus últimos escritos são apresentados como prova de minha “decadência” geral; e que minha doença transcendeu demais. No entanto, isso me entristece menos do que o fato de que meu amigo Rohde os considera “friamente agradáveis” e “provavelmente muito bons para a saúde”. - No fim: o pior está chegando agora, após a publicação de Zarathustra, já que com o meu “livro sagrado” eu desafiei a todas as religiões.

¹⁹⁹ Carta 405 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 21 de abril de 1883, p. 349.

²⁰⁰ Carta 405 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 21 de abril de 1883, p. 349.

Como se sabe, todos esses fatos²⁰¹ marcaram fortemente a vida de Nietzsche, levando-o a rompimentos, ao isolamento bem como ao agravamento da sua condição de saúde, já tão precária. Isso tudo associado à indiferença às suas obras, bem como ao, cada vez mais, restrito número de contatos e de pessoas com quem mantinha afinidade, foi utilizado, por ele, como antídoto contra a própria vulnerabilidade, que ficava cada vez mais pronunciada. Uma semana depois dessa última carta, Nietzsche escreve novamente à Köselitz²⁰² quando então noticia que está decidido a retomar suas relações pessoais e já menciona sua mudança de planos. Uma carta de Elisabeth em tom conciliador fez com que ele optasse por abandonar o projeto inicial que envolvia Barcelona para ir à Roma, ao encontro de sua irmã:

Agora, querido amigo, quero me ocupar de colocar em ordem novamente todas as minhas relações pessoais. Minha irmã tem me escrito desde Roma em tom mais conciliador: em sinal de gratidão, quero passar agora por Roma. Quanto ao resto, propus adotar este ponto de vista: quanto mais se esquecerem de mim, muito melhor será para meu filho, que se chama Zaratustra. Em consequência, espera por mim uma vida ainda mais oculta que a passada.

Depois de um longo período de rompimento com sua família, com quem se manteve afastado desde o Natal de 1882, em 27 de abril Nietzsche resolve quebrar o silêncio e responder a carta de sua irmã²⁰³ passando a lhe contar sobre sua nova obra. Isso faz com que ele mude os planos e decida ir para Roma, de onde escreve para Overbeck²⁰⁴ contando que está satisfeito com a sua escolha, no que concerne à cura e recuperação de forças físicas e mentais e que, além disso, encontrou tanto em sua irmã, mas também em toda parte, a confiança mais aberta por parte das pessoas com relação à ele, o que estava sentindo muita necessidade. Entretanto, a satisfação que está experimentando não elimina sua inquietação com o fato de que o tempo está passando e ele ainda não obteve as manifestações que esperava a respeito de Zaratustra. Ele precisa e busca uma opinião sincera a respeito da obra. Para tanto, dessa vez recorre

²⁰¹ Cf. Carta 373 a Franz Overbeck na Basiléia Rapallo, provavelmente 9 de fevereiro de 1883, p. 317, Cf. a carta 301 a Franz Overbeck na Basiléia, Direção: Leipzig, Auenstr. 26, 2.º andar 9 de setembro de 1882; Cf. a carta 382, a M. von Meysenbug, 21 de fevereiro de 1883; Cf. a carta de Rohde de 26 de novembro de 1882, KGB III/2, 307.

²⁰² Carta 407 a Heinrich Köselitz em Veneza, Gênova, 27 de abril de 1883, p. 350-351.

²⁰³ Carta 408 a Elisabeth Nietzsche em Roma Gênova sexta-feira, 27 de abril de 1883, p. 351-352.

²⁰⁴ Carta 419 a Franz Overbeck na Basiléia Roma, 20 de maio de 1883, p. 360.

ao escritor alemão Karl Hillebrand²⁰⁵, a quem Nietzsche detinha admiração profunda pela sua independência e seu estilo ágil sem, com isso, perder a erudição e revela a identificação que há entre Zaratustra e a sua própria vida: “me sinto completamente abalado e me desmorono em lágrimas a cada página. Tudo o que eu pensei, sofri e esperei está ali dentro, de tal forma que agora a minha vida parece ter encontrado uma justificação diante dos meus olhos.”

Nietzsche comenta a Köselitz²⁰⁶: “Malwida e minha irmã ficaram assombradas do amargo (amargura) que Zaratustra é; Eu - do doce que é. *De gustibus* etc.” Nietzsche segue divulgando seu “novo filho” aos seus conhecidos, pois tem convicção do impacto que o mesmo é capaz de causar, em face do efeito que teve sobre si e por acreditar que está trazendo ao mundo algo que é justifica sua existência. Como é possível verificar nas cartas relacionadas ao Livro I de Zaratustra, Nietzsche menciona o longo período de isolamento vivido tal qual o personagem inicia a obra, evidenciando a relação entre vida e obra do filósofo, além de inúmeras outras questões, tais como a defesa constante da vida, as críticas à tentativa de suprimir a diferença e a singularidade, constringendo a possibilidade de se expressar de forma autêntica, além da sua oposição à moralidade estabelecida e ao cristianismo bem como, à própria superação que envolveu não só a existência de Nietzsche, especialmente neste período, como acaba sendo a temática da obra, ao vencer o “espírito de peso”.

Nietzsche sai de Roma e segue para Aquila, não podendo permanecer por lá em face do vento Siroco. É compelido então à retornar à Terni, onde avisa Elisabeth, em 10 de junho, que seguirá para Suíça²⁰⁷. Antes disso, ainda na Itália, faz paradas em Bellagio e Chiavenna. A reconciliação com Elisabeth é motivo de alegria e Nietzsche escreve a Overbeck²⁰⁸ para contar: “Meu querido velho amigo, desta vez, para informá-lo sobre mim, não te envio uma carta horrível (você deve estar farto de mim por causa das minhas cartas!), mas minha irmã - alegre e perfeitamente reconciliada comigo.”

²⁰⁵ Carta 420 a Karl Hillebrand em Florença Roma, 24 de maio de 1883, p. 361.

²⁰⁶ Carta 428 a Heinrich Köselitz em Veneza Sils-Maria, Engadina (Svizzera), 1 de julho de 1883, p. 368.

²⁰⁷ Carta 422 a Elisabeth Nietzsche em Roma (Cartão Postal), Terni, em torno de 10 de junho de 1883, p. 362.

²⁰⁸ Carta 424 a Franz Overbeck na Basileia (Cartão Postal), Bellagio, 15 de junho de 1883, p. 363.

Nietzsche só chegará a Sils-Maria em 18 do mesmo mês, abaixo de chuva e solidão, porém convicto de que aquele é o seu lugar²⁰⁹. É ali onde pretende ficar até setembro de 1883.²¹⁰ De lá escreve à Gersdorff para dar condolências pela morte de sua mãe e, fala que Zarathustra será capaz de expressar tudo o que lhe fez suportar a vida, até então, durante o seu longo “ascetismo do espírito”²¹¹:

Quanto a mim, eu tenho atrás um longo e severo ascetismo do espírito, a que me submeto por própria vontade, e que nem todo mundo teria sido capaz de suportar. Sob este aspecto nos últimos seis anos foram aqueles em que mais tive que me superar a mim mesmo, e digo isto sem ter em conta o que eu passei para superar a má saúde, a solidão, a incompreensão e a difamação. De qualquer forma, eu também tenho conseguido superar esta fase da minha vida - e o que me resta ainda a viver (acho que pouco!) vai servir para expressar, completa e totalmente, as coisas graças as quais tenho conseguido suportar a vida. O tempo do silêncio terminou: desejo que meu Zarathustra, que deve ter sido enviado nas últimas semanas a você, te faça descobrir a que alturas voou a minha vontade. Não se deixe enganar pelo rótulo lendário deste folheto: por trás de cada uma dessas palavras simples e pouco habituais está a minha seriedade mais profunda e minha inteira filosofia. É uma maneira de começar a me dar a conhecer - nada mais! - Eu sei bem que não há ninguém capaz de fazer algo parecido com este Zarathustra.

Escreve a Köselitz que depois de sentir tanto frio está ávido por todo o tipo de calor e que, portanto, esse ano quer voltar a ter contatos humanos. Nietzsche está se sentindo amado²¹²:

Este ano acrescentou a ânsia de manter relações com as pessoas, quero dizer, as relações humanas: e acima de tudo "mais humanas" do que aquelas que me trouxeram na primavera passada. Bem, se agora eu considero tudo em conjunto, o que aconteceu comigo no ano passado e este inverno foi dos mais misteriosos e malignos: e estou espantado que tenha saído vivo disso - estou espantado e estremeço ainda só de pensar nisso. - Em Roma, recebi muitíssimas amostras de afeto e cordialidade; e quem me amou, agora me ama muito mais.

Da mesma forma que o relacionamento, as mensagens entre Nietzsche e Elisabeth foram retomados e ele celebra o fato de terem obtido a reconciliação, pois pretende ficar em paz. Ele acredita que sua irmã é capaz de compreendê-

²⁰⁹ Escreve Carta 427 a Carl von Gersdorff em Ostrichen Sils-Maria, Alta Engadina (Suíça), final de junho de 1883, p. 366 “Querido velho amigo, Voltei a Alta Engadina, pela terceira vez, e também nesta ocasião sinto que meu local de nascimento e minha verdadeira pátria estão aqui e em nenhuma outra parte.”

²¹⁰ Carta 428 a Heinrich Köselitz em Veneza Sils-Maria, Engadina (Svizzera) 1 de julho de 1883, p. 363 e 431 a Franz Overbeck na Basileia Sils-Maria, 9 de julho de 1883, p. 372.

²¹¹ Carta 427 a Carl von Gersdorff em Ostrichen Sils-Maria, Alta Engadina (Suíça), final de junho de 1883, p. 366.

²¹² Carta 428 a Heinrich Köselitz em Veneza Sils-Maria, Engadina (Svizzera), 1 de julho de 1883, p. 367.

lo e de colaborar no seu propósito de seguir adiante com serenidade²¹³. Ele refere, novamente o que já havia dito à Rohde à respeito da importância de ter uma meta²¹⁴, eis que essa faz com que as pessoas que a ela se dedicam, consigam superar os obstáculos, ao invés de perder tempo com inutilidades, na medida em que essa meta é capaz, como sustenta à Elisabeth, de cobrir a pessoa como uma espécie de “pele de asno”, referindo-se à sua resistência, a qual Nietzsche gostaria de ter para proteger a sua alma²¹⁵. Ele tomou conhecimento dos rumores envolvendo sua relação com Lou²¹⁶ e lamenta que sua irmã tenha, também, sido perturbada por essa situação:

Foi algo muito bom ter nos encontrado em Roma; e embora eu seja um dos homens mais taciturnos, você já ouviu e adivinhou o suficiente para saber como me sinto. - O que o homem chama de sua meta (aquilo em que no fundo pensa dia e noite): isso cobre seu ser com um autêntica pele de asno, de modo que quase se pode matar ele a golpes — ele supera tudo e segue adiante, como o velho burro, pelo velho caminho com o velho I-A. Esta é minha situação atual. —²¹⁷
(...) Meu “futuro” é para mim a coisa mais negra do mundo; mas como tenho ainda que realizar muitas coisas, deveria considerar como meu futuro só este levar a cabo e deixar o resto em tuas mãos e nas dos deuses. — — —

Em meados de julho, o manuscrito referente ao Livro II de Zaratustra está quase pronto pra ser enviado à impressão e, temeroso que o ocorrido com o Livro I se repetisse, Nietzsche pede à Elisabeth que transmita à Schmeitzner a declaração de que irá romper com ele, caso a impressão não se dê prontamente desta vez²¹⁸. Isso decorre do fato de ter sido informado, pelo próprio editor, que o atraso da impressão do Livro I se deu porque Schmeitzner esteve se ocupando mais com questões políticas que envolvem o antissemitismo do que com os livros de Nietzsche.

Quero terminar este assunto e me libertar da expansão do sentimento que esse tipo de trabalho produz para mim: muitas vezes pensei que algo assim me fará morrer de repente. Ele deve decidir quando publicar esta segunda parte (exatamente da mesma a extensão que a primeira): mas EU quero que a impressão seja rápida e eu tenho o direito de pretender isso: é algo de primordial importância para minha saúde.

²¹³ Carta 429 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, início de julho de 1883, p. 368-369.

²¹⁴ Carta 345 a Erwin Rohde em Tubinga 909 Rapallo, início de dezembro de 1882, p. 290-291.

²¹⁵ Conforme Cartas 448 a Ida Overbeck em Steinach do Brennero (Rascunho), Sils-Maria, pouco antes de 14 de agosto de 1883, p. 391 e 449 a Ida Overbeck em Steinach do Brennero, Sils-Maria, pouco antes de 14 de agosto de 1883, p. 393.

²¹⁶ Carta 429 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, início de julho de 1883, p. 368-369

²¹⁷ Cf. Assim falou Zaratustra, parte IV, “A festa do asno”.

²¹⁸ Cartas 430 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, 6 de julho de 1883, p. 370 e 432 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, 10 de julho de 1883, p. 372.

Nietzsche está se sentindo incomodado com atraso na impressão do Livro I e se sente desprestigiado pelo próprio editor. “Quem pode me salvar de um editor que concede mais importância à campanha antissemita que à difusão de minhas ideias²¹⁹?” Nietzsche retoma com Overbeck o assunto saúde evidenciando as limitações que de fato estava enfrentando na ocasião:

Eu sou uma das pessoas mais pacientes, e sei compensar uma semana com outra. Mas é esmagador o excesso de dias em que estou mal e que transcorrem cheios de dor, ou em todo caso, os que me sinto incapaz de fazer qualquer coisa; e, não obstante, como paciente, adoto todas as cautelas possíveis, sou rigoroso e sei me sobrepor.

Mesmo sendo imposto a si inúmeras limitações a fim de se resguardar de novas crises, adotando todas as cautelas possíveis, com rigor, ele percebe um padrão que agrava a sua condição:

Parece-me que duas coisas não têm remédio: a primeira é que toda atividade intelectual regular, depois de certo tempo (mais ou menos duas semanas) é seguido por uma profunda decadência, devido ao fato de ter sido muito intensa (e não do ponto de vista do tempo, os olhos já se ocupados em estabelecer limites precisos!). A outra é que o meu sentimento, tanto ao agradável como ao desagradável, experimenta explosões tão intensas que basta um instante, no sentido literal da palavra, para que eu, por causa provavelmente de uma variação na corrente sanguínea, me ponha em seguida completamente enfermo (em torno a 12 horas mais tarde já estou acabado, dura 2-3 dias). E para terminar: cada vez que o céu fica nublado, isso provoca em mim um profundo abatimento; e aqui em cima, onde as nuvens estão próximas, me dá, além do mais, inevitavelmente, dor de cabeça. Em suma, os locais onde há 200 dias nublados me roubam 200 dias - e vice-versa.

Além das questões que abalam a sua condição física, percebe-se que, após tomar conhecimento dos fatos narrados por Elisabeth, a partir da reconciliação entre ela e Nietzsche, ele volta a sofrer o que parecia estar aplacado. Em realidade, na medida em que vai tendo ciência dos fatos, na versão contada por sua irmã, o filósofo se sente profundamente abalado, especialmente pelo sentimento de compaixão que identifica como o grande motivo de seu sofrimento na vida e, em especial, no que envolveu Lou e Rée. A partir de então, o tema “compaixão” que já era alvo de sua irrisignação, volta a ser bastante debatido por ele²²⁰: “Minha compaixão havia prevalecido sobre meu orgulho e a intenção de ser útil sobre a de beneficiar-me a mim mesmo²²¹.”

²¹⁹ Carta 431 a Franz Overbeck em Basiléia Sils-Maria, 9 de julho de 1883, p. 371.

²²⁰ Carta 432 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, 10 de julho de 1883, p. 373.

²²¹ Cf. A Gaia Ciência, § 271 se lê: "Onde estão seus maiores perigos? Na compaixão".

Inegavelmente abalado com tudo a que teve acesso, em seguida, escreve um rascunho à Rée²²² com palavras duras, falando como se sentia. No entanto, não é possível saber se tal carta foi, de fato remetida, eis que a seguir ele escreve ao seu irmão Georg Rée²²³ e dias depois anuncia à Elisabeth que havia feito isso. Embora não se tenha acesso ao conteúdo da carta enviada, eis que a mesma não foi localizada, no seu rascunho²²⁴ Nietzsche afirma: “Nosso breve encontro em Leipzig poderá justificar que hoje lhe escreva o que eu não quero escrever diretamente ao seu irmão Paul: que qualquer relacionamento ulterior entre ele e eu *ofende minha dignidade*.” Depois de apresentar seu ponto de vista a respeito de Paul Rée, ele justifica “Agora eu realmente entendo o que queria dizer neste inverno, quando ele me escreveu que se sentia culpado por mim - sem mais detalhes.” Além disso, Nietzsche decide também escrever à mãe de Lou Salomé²²⁵, na qual critica Rée e afirma que deveria ter ouvido seus instintos e sua própria moral. A respeito disso e também sobre a compaixão, escreve também à Malwida, em meados de julho²²⁶: “a ‘compaixão’ Schopenhaueriana tem sido até agora a causa das maiores estupidezes de minha vida”. Nietzsche traz para o âmbito da filosofia o pensamento e os fatos que ensejam sua vida. Assim ele dispõe sobre a necessidade de não se deixar dominar pelo ideal alheio e, sim, de estabelecer o próprio ideal ao mundo:

Há que IMPOR o ideal próprio de humanidade, com o ideal próprio deve constranger e submeter ao próximo e a si mesmo: e então agir de forma criativa! Mas, para fazer isso faz falta ter bem contida a auto-compaixão, e tratar como inimigos aqueles que se opõem a nosso ideal (p. Ex., canalhas como L<ou> e R<ée>). - Veja você COMO eu “construo a moral”: mas para chegar a essa “sabedoria” eu quase perdi minha vida nisso. —

Num desabafo que retoma inclusive a desilusão com Wagner, Nietzsche parece ter necessidade de fazer a sua defesa aos amigos, tendo em vista que somente então teve acesso a diversas informações que falavam contra ele, injustamente. Nesse sentido ele expõe os fatos à Sra. Overbeck:²²⁷

²²² Carta 434 a Paul Rée em Flims (Rascunho) Sils-Maria, meados de julho de 1883, p. 375.

²²³ Carta 435 a Georg Rée em Stibbe (Rascunho) Sils-Maria, meados de julho de 1883, p. 377.

²²⁴ Carta 440 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, pouco depois de meados de julho de 1883, p. 383.

²²⁵ Carta 436 a Louise von Salomé em São Petersburgo (Rascunho) Sils-Maria, meados de julho de 1883, p. 378.

²²⁶ Carta 437 a Malwida von Meysenbug em Roma Sils-Maria, Engadina (Suiça) meados de julho de 1883, p. 379.

²²⁷ Carta 438 a Ida Overbeck em Basiléia Sils-Maria, meados de julho de 1883, p. 380.

Assim, ao invés disso, tudo veio a mim como Loucura; e agora nada pode remediar o que minha fantasia e minha compaixão tiveram que espirrar, desde há aproximadamente um ano, na lama dessas experiências. Eu já creio ter suportado mais, cinco vezes mais, do que uma pessoa normal necessita para ver-se empurrada ao suicídio: e o assunto ainda não terminou. O infortúnio quis que apenas no ano passado em realidade chegasse a saber e intuir coisas que constituíam o quadro digno dos eventos que me tocavam mais de perto; em especial, chegaram a meus ouvidos algumas provas de uma desmesurada perfídia vingativa (de parte do grande músico, que morreu recentemente, R<ichard> W<agner>). O contraste de todas essas coisas com o estado de ânimo em que havia passado a primavera passada foi realmente terrível, e forte o bastante como para quebrar um cristal que já aguentou muito. Agora essas coisas estão voltando a entrar em marcha.

Nessa oportunidade ele menciona o desejo de vingança por parte de Elisabeth, e comenta que a única coisa que lhe fez suportar foi ter um propósito maior, uma meta que o impelisse à superação, concluindo que foi salvo por seu filho Zaratustra:

Minha irmã quer se vingar dessa russa - está bem, mas até agora eu sou a única vítima de tudo o que ela fez nesse assunto. Ela não se dá conta de que estamos a um passo de derramar sangue e das mais brutais possibilidades - e neste verão eu vivo e trabalho aqui em cima como alguém que "põe ordem em sua própria casa". -Em realidade, sem o objetivo do meu trabalho e sem a inevitabilidade deste objetivo, já não estaria com vida. Por isso posso dizer que quem me salvou a vida foi Zaratustra, meu filho Zaratustra! —

Nietzsche conclui que a distância dos fatos a partir do rompimento com sua irmã fez com ignorasse o que se passava e que Rée foi o grande causador de tudo. Ele comenta à Elisabeth²²⁸:

O problema de todo esse assunto para mim foi que eu não conhecia a maior parte dos fatos: enquanto que para ti eles eram provavelmente mesmo muito conhecidos, já que você estava presente nessas cenas - mas eu não! - Com R<ée> não poderia em nenhum caso ter restabelecido as relações, se a imagem que a Srta. Salomé tem dado de mim procede realmente dele. Suas duas últimas cartas são as que abriram meus olhos! E nem sequer conhecia os juízos mais fortes que ela havia pronunciado a propósito do mesmo Rée. Que ajuda teriam me proporcionado neste inverno!

²²⁸ Carta 440 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, pouco depois de meados de julho de 1883, p. 382. No rascunho dessa carta Nietzsche suprimiu o seguinte trecho que entendemos relevante: "Carta 439 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg (Rascunho) Sils-Maria, pouco depois de meados de julho de 1883, p. 381 "Não, eu não sou feito para a inimizade e o ódio: e desde que esta história chegou tão longe a ponto de fazer impossível qualquer reconciliação com esses dois, eu já não sei o que fazer para viver; não deixo de pensar nisso. É algo incompatível com toda a minha filosofia e minha maneira de pensar - cada um dos meus sentimentos mais elevados é rebaixado ao me ver arrastado para o terreno das inimizades humanas, e com pessoas tão mesquinhas! Até então, não havia odiava ninguém, nem sequer a W<agner>, cujas perfídias superaram em muito as atuações de L<ou>. Agora sim que me sinto humilhado."

Nietzsche assume que desde “que este assunto foi desencadeado de novo, sofro por ele como se fosse uma loucura, e não encontro paz nem de dia nem de noite.” Menciona que acreditava já ter sofrido além do que é possível suportar, porém a partir do momento em que tomou conhecimento de todos os fatos ocorridos, as coisas retornaram agravando ainda mais sua decepção com relação à Lou e Rée:

Eu achava que havia sido suficiente ter suportado esse inverno cinco vezes mais do que basta para empurrar uma pessoa normal ao suicídio. E só agora entramos na fase de sangramento do assunto! Converteu-se numa questão de honra em toda regra. Desde os primeiros cinco minutos, detectei o perigo mortal subjacente a essa história; e quando saí de Tautenburg, sentia-me contentíssimo de ter conseguido dar a um assunto dessa classe, sobrepondo-me com esforço a mim mesmo, um giro relativamente inócuo (naturalmente às minhas custas, mas a isso não lhe dava muita importância).

Ele não estava preocupado com o julgamento que fariam a seu respeito: “Que importância tem que se culpe a um homem de alguma debilidade com respeito a uma jovem! - sobre este ponto, nem homens nem as mulheres são muito severos.” Retomando tudo o que aconteceu, ele menciona a preocupação e o cuidado que foi capaz de ter para superar dignamente o ressentimento e ser grato a tudo o que viveu para, ao invés de buscar retaliação, tentar ajudar quem lhe feriu. Ele estava se referindo à Lou: “Mas me parecia muito digno de mim que, em vez de pensar em vinganças e represálias, busquei o benefício dessa pessoa que havia se comportado mal comigo.” No entanto, isso de nada adiantou, e tudo se virou contra ele, exclusivamente, pois conforme assevera à Elisabeth: “- a partir desse passo que tu destes, do qual se deduziu que meus familiares não acreditavam na minha “idealidade” neste assunto, tudo se resolveu contra mim.” E ao fim, apesar de todos os seus esforços, ele acabou “como o único “que havia se comportado mal””. Mas ele não quer mais atritos com sua irmã a respeito disso: “- Perdão! Esta será a última vez que se fala dessa história entre nós, cujas consequências eu quero, de agora em diante, suportar em silêncio.” Ainda que a retomada do relacionamento com *Elisabeth* tenha reavivado o conflito fazendo com que Nietzsche descobrisse que foi vítima de agravos a si e à sua dignidade enquanto filósofo, ele ainda mantinha a disposição de superar a tudo sem condescender com a vingança. Segundo ele, a força está justamente na capacidade de superação, ao passo em que a vingança e o ressentimento, longe de ser uma demonstração de superioridade,

são características naturais do coração humano razão pela qual, sucumbir a elas é sinal de fraqueza. É nesse sentido que ele escreve no rascunho à carta posteriormente enviada à Sra. Overbeck²²⁹:

Confie nestas palavras e não pense em “fraquezas” ou coisas parecidas; se esta história vai ser a minha ruína, será porque eu não quero, em absoluto, condescender com uma característica muito natural do coração humano, isto é, a vingança; portanto, a consequência de uma força

Na carta enviada à Sra. Overbeck é possível perceber uma ligeira alteração na abordagem da sua reação aos fatos, eis que está mais preocupado em dar ênfase à sua defesa e em se colocar como vítima, o que sugere que foi, de certa forma, julgado por Ida²³⁰.

Por sorte, posso inclusive expressar o pressentimento de que se você conhecesse com muita maior precisão a feia história "sob cuja sombra eu vagueio", você seria muito mais benevolente comigo DEVIDO A ELA. Confie nestas palavras, e não pense em "fraquezas", em "coisas muito humanas" ou parecidas, se esta história tivesse que chegar a ser minha ruína, seria porque também aqui eu exigi a mim mesmo dez vezes mais do que as pessoas costumam fazer, e me mantenho inflexível em relação a mim mesmo — portanto, o resultado de uma força e não de uma debilidade. E não pense tampouco em recaídas: infelizmente, agora se trata de coisas já caídas, de coisas novas para mim e que me tem feito passar dias e noites infernais: bem, estou assimilando essa bebida ruim - e em minha vida já tive que assimilar o suficiente disso! Mas preste atenção: a única posição digna de mim neste assunto é — que eu sou a vítima. —

Nietzsche procura atenuar a preocupação manifestada pela Sra. Overbeck²³¹ no que tange ao relacionamento entre ele e Elisabeth ter ficado tenso: “Não se preocupe com as “relações tensas” entre minha irmã e eu (a verdade é que todos os meus relacionamentos com todas as pessoas estão tensos - quem poderia me conhecer!)”. Ele inclusive defende a postura de sua irmã com relação à Lou Salomé, eis que agora entende que ela tem boas razões para se posicionar da forma como o fez e que está tão ou mais ofendida que ele. Novamente mencionando seu ascetismo que prefere valorizar e afirmar os fatos em oposição ao espírito de vingança, muito embora declare, aqui, a vingança como opção mais útil, mesmo não aderindo a ela, afirma a respeito de Elisabeth que: “(...) se quer conseguir que a senhorita <S> seja devolvida à Rússia, terá feito, se conseguir, algo muito mais útil do que eu com o meu ascetismo, que em

²²⁹ Carta 442 a Ida Overbeck em Basiléia (Rascunho) Sils-Maria, pouco antes de 29 de julho de 1883, p. 384.

²³⁰ Carta 443 a Ida Overbeck em Basiléia Sils-Maria, pouco antes de 29 de julho de 1883, p. 385.

²³¹ Carta 443 a Ida Overbeck em Basiléia Sils-Maria, pouco antes de 29 de julho de 1883, p. 386.

todo caso pensa em renunciar à vingança.” Ele não pretende convencer sua irmã do contrário e nem seguir o seu ponto de vista: “Agora somos magníficos amigos, mais do que nunca. Mas fazer que assumo o meu ponto de vista? Por que?” Nietzsche ainda está muito impactado com todo o teor das coisas que tomou conhecimento recentemente que chega a pensar em desfechos dramáticos para o caso:

Minha irmã no ano passado teve muitos elogios para mim: não é absurdo que tenha chegado a conhecer as circunstâncias agravantes dessa feia história somente há três semanas? Em Tautenburg me havia ocultado, e em Roma fui eu quem não quis que se falasse desse assunto. Apenas uma carta da minha irmã para a Sra. Rée (uma carta, a propósito, que é uma verdadeira obra-prima da capacidade feminina!), Da qual ela me enviou uma cópia, que me esclareceu muitas coisas, e quanto elas me esclareceram! O Dr. Rée salta prontamente em primeiro plano: mudar de opinião, ter que mudar de opinião DESTA maneira sobre uma pessoa com a qual, durante anos se viveu com relações de afeto e confiança recíprocos - é algo realmente terrível, e me sinto tão desolado, que me inventaria qualquer coisa para encontrar um pouco de consolo e alívio. — Talvez o outono ainda nos traga todavia um que outro tiro de pistola.²³²

Na sequência ele confessa o quanto idealizou Lou e que fez planos a partir dessa imagem que, ao final não correspondeu totalmente com o que se apresentou:

Uma vez acreditei haver encontrado uma pessoa que encarnava este ideal. Quando perdi essa convicção, não foi “uma desilusão”, mas sim — a desilusão. Pois bem, eu tinha inclusive a intenção de transformar essa pessoa segundo a imagem que eu havia feito dela: — e quem sabe até onde haveria podido chegar! Mas eu fui interrompido. —

Nietzsche também escreve à irmã²³³ contando que estava aborrecido com a Sra. Overbeck em razão do conteúdo da carta que ela lhe enviou e que ele tinha acabado de responder:

Nestes dias quem me escreveu foi a Sra. Overbeck, deixando-me de muito mau humor, sem dúvida com as “melhores” intenções, mas desajeitada e IMODESTAMENTE ao excesso, uma pequena carta moral onde ela fala de “fraqueza”, do “obsessão demasiado humana”, etc., e me assegura: “Não consigo me convencer ainda de que tive, todavia, que perder minha confiança em você”; e então uma lição: “Somente através de erros e fraquezas alcançamos nossas mais altas virtudes.”

²³² Mais adiante ele diz o mesmo a Köselitz: “Desta vez eu recebi NO MOMENTO CORRESPONDENTE notícias que me indignaram a tal ponto, que neste outono haverá provavelmente um duelo com pistolas. Silêncio! Querido amigo! — —” (Carta “452 a Heinrich Köselitz em Veneza Sils-Maria, 16 de agosto de 1883, p. 398).

²³³ Carta 444 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, final de julho de 1883, p. 388.

Sentindo-se julgado pela Sra. Overbeck, ele chega à conclusão que “A coisa mais estúpida que se pode fazer é se lamentar: se é desacreditado perante os amigos e desacredita os amigos ante a si mesmo.” Se Nietzsche já estava avesso à vingança, um fato ocorrido na sequência lhe deu mais certezas de que não era feito para inimizades, conforme narra à sua irmã²³⁴:

(...) tive um dia infernal, por causa do qual tenho estado doente a um par de dias. Eu tinha acabado de comer, quando o senhorio do meu hotel me comunica: “Às 3 chega a família Rée, 8 pessoas”. Não sei te descrever tudo o que passou pela minha mente durante a hora seguinte: eu saí correndo para os correios, chovia torrencialmente, reservei uma passagem para a manhã seguinte, queria ir para a Basileia, no final eu tive que me manter na cama: e de verdade eu tremia com cada ruído que sentia na casa. Eu não sou feito em absoluto para a inimizade. - No final, descobriu-se que se tratava de um mal entendido, devido a uma semelhança de sobrenomes.

Ainda assim, manteve seu posicionamento com relação à Rée, eis que, segundo afirma na sequência: “De qualquer forma, depois desse dia, envie minha carta para Georg Rée”, depois vindo a ser ameaçado de ter que responder “processo por calúnias”²³⁵. Na sequência Nietzsche se sente doente e solitário. O frio e as montanhas cobertas de neve parecem agravar seu sentimento de melancolia. O descontentamento com as críticas da Sra. Overbeck fazem ele lamentar que essa história nefasta esteja afastando dele mais e mais pessoas. Ele conta a sua irmã outra crítica, proferida anteriormente, pelo amigo Overbeck²³⁶, que teria lhe marcado muito:

Esta Primavera eu também tive uma carta de Overbeck que está gravada em minha mente: nela argumentava que, como escritor, eu tinha excedido todo o limite consentido do que é tolerável para os leitores, e que não devia me surpreender se eles fossem contra mim (observava também que minha forma aforística acaba levando ao desespero até os mais pacientes: esse era, mais ou menos, o sentido).

Embora não tenha se resignado com a postura da Sra. Overbeck, como relatou à sua irmã, após receber nova carta da amiga, conseguiu transcender o sentimento conforme evidencia o rascunho²³⁷ que redige de forma afetuosa, no qual traz, para si a responsabilidade pelo mal-entendido que acontece em sua vida, como em geral, ao que é possível observar, ele costuma fazer:

²³⁴ Carta 444 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, final de julho de 1883, p. 388.

²³⁵ Carta 449 a Ida Overbeck em Steinach do Brennero Sils-Maria, pouco antes de 14 de agosto de 1883, p. 393-394.

²³⁶ De 15 de abril de 1883, KGB III/2, 365.

²³⁷ Carta 448 a Ida Overbeck em Steinach do Brennero (Rascunho) Sils-Maria, pouco antes de 14 de agosto de 1883, p. 392.

A experiência do ano passado me levou a uma observação curiosa: eu, que há muito tempo me afastei da vida prática, em 49 de 50 casos atuo de acordo com motivações que ninguém pode imaginar ao me ver agir. Disso se segue que quase sempre provoço mal-entendidos e, na maioria das vezes, em casos infelizes, sou vítima de meu próprio modo de agir.

Embora estabeleça críticas ao seu modo de agir, na medida em que Nietzsche está decidido a olhar a sua vida sob esta perspectiva, ele se torna senhor dos fatos e não escravo dos mesmos. Ao trazer para si a responsabilidade pelas circunstâncias que ocorrem em sua vida, ele se coloca numa posição elevada, pois, ainda que se perceba vítima delas, detém, ou pode deter, controle sobre as mesmas. Ele acredita que a capacidade de suportar a dor e o sofrimento faz dele mais forte e geram vida²³⁸: “Mas no que diz respeito às vítimas, desilusões, sofrimentos e coisas semelhantes, agora penso: tudo isso se trata unicamente de suportar - então são os mais poderosos promotores e mananciais de vida.”

A sensação que ele experimentou no último ano, seguidamente, é a de que foi apunhalado “com uma faca em todos os pontos vulneráveis de uma só vez”²³⁹ e sua forma de ver as coisas promove uma espécie de releitura e converte o sofrimento em “uma grande distinção”, remetendo à força e superação. Referendando o que foi dito anteriormente ele afirma à Sra. Overbeck: “Talvez você saiba que estou orgulhoso por me considerar entre as pessoas mais ricas em experiência em questões de tormento físico.”

No entanto, ele está dividido entre a postura vingativa de sua irmã, em vista do acesso que teve aos fatos, recentemente e o seu próprio sentimento de superação. Por esse motivo afirma no mesmo rascunho que, embora tenha se sentido “enganado, maltratado, escarnecido e humilhado” em sua honra “de maneira terrível”, e entenda que considere justo que seus amigos e sua irmã estejam indignados e desejosos de uma satisfação, aduz que seu posicionamento é distinto. Segundo ele:

(...) o inconveniente é que todas essas medidas hostis são dirigidas contra pessoas que quis e às que agora, todavia, quero ainda: ao menos estou disposto, a qualquer momento, de me livrar de todo esse

²³⁸ Carta 448 a Ida Overbeck em Steinach do Brennero (Rascunho) Sils-Maria, pouco antes de 14 de agosto de 1883, p. 392.

²³⁹ Na carta remetida consta “O que vivi, desde então, tem sido um sofrimento tão complicado que é como se alguém tivesse cravado uma faca em todos os meus pontos vulneráveis.” (Carta 449 a Ida Overbeck em Steinach do Brennero Sils-Maria, pouco antes de 14 de agosto de 1883, p. 393-394).

acúmulo de ofensas e danos sofridos, se eu soubesse que poderia lhes ser útil de verdade.

Esse trecho não é replicado na carta remetida à Sra. Overbeck²⁴⁰. Nesta, ele se preocupa em atenuar o mal-estar resultante dos últimos contatos:

Eu quero escrever uma vez mais diretamente a você para tentar reparar os erros da minha última carta. Deve ter sido uma carta muito estranha, já que em primeiro lugar a entristeceu, e em segundo lugar lhe deu a impressão de que eu precisava me defender. A dizer a verdade: exortações morais me fazem perder a paciência, e a expressão “Compaixão fingida”, referida à maior dor da minha vida, inclusive chegou a me ferir. Mas são sentimentos que em mim não duram dois dias no que diz respeito a pessoas cujo afeto fundamental estou convencido. Para os demais, toda essa feia história é tão complicada que eu preciso apreciar muito se, por causa dela, alguém “ainda não perdeu seriamente sua confiança em mim” - não importa o quanto eu tenha a consciência oposta, que já expressei na minha carta a consciência de não ter desejado nunca coisas mais elevadas nem agido de maneira mais sublime em toda a minha conduta prática com as pessoas.

Ele também procura esclarecer e se posicionar à respeito do comportamento de Elisabeth à respeito dos fatos: “Desde logo, eu não reclamei com você sobre minha irmã, mas da fatalidade pela qual tudo o que ela fez nessa história — Isto é, para salvar e restabelecer minha honra (incluindo, claro, sua própria satisfação) — se volta contra mim.” A grande dificuldade que Nietzsche enfrenta não está em lidar com as críticas e julgamentos morais das pessoas, até mesmo porque já está acostumado ao desprezo e ao isolamento. Entretanto, ter acreditado na ilusão de que existia e que havia encontrado alguém que era consanguíneo a ele, e que essa pessoa nutria, por ele, sentimentos equivalentes aos seus, passou a ser o maior tormento e objeto de superação de Nietzsche:

E ainda algumas palavras sobre a senhorita S<alomé>. Deixando de lado a luz idealista sob a qual fui apresentado (como uma mártir do conhecimento quase desde a infância, e mais ainda como uma heroína do que como uma mártir), ela permanece sendo para mim um ser de primeira ordem, e é uma verdadeira lástima. Pela grande força de sua vontade e seu espírito absolutamente original, estava predestinada a algo grande; embora, por sua moralidade efetiva, o reformatório ou o manicômio poderiam ser lugares mais adequados para ela. Eu sinto falta dela, inclusive dos seus defeitos: éramos muito diferentes o suficiente para sempre tirar algo de proveitoso de nossas conversas, eu nunca vi alguém tão livre de preconceitos, tão inteligente e tão preparada para o meu tipo de problema. Desde então, é como se tivesse sido condenado ao silêncio ou a uma espécie de hipocrisia benevolente nas relações com todos os seres humanos. —

²⁴⁰ Carta 449 a Ida Overbeck em Steinach do Brennero Sils-Maria, pouco antes de 14 de agosto de 1883, p. 393-394.

Como é perceptível, abandonando o idealismo a que infortunadamente recaiu, Nietzsche prefere preservar parte dos aspectos valiosos que enxergou em *Lou*, sendo grato à vida por experimentar os momentos que esteve ao seu lado, inobstante tudo o que veio a suceder posteriormente, transcendendo ao ressentimento. Da mesma forma, supera a mágoa resultante das críticas que havia sofrido de Overbeck, descritas à Elisabeth e, na sequência, escreve ao amigo²⁴¹ que vive em razão de uma meta, que o mantém²⁴² e que o leva à constante superação: “Inclusive meus anos genoveses não tem sido mais que uma longa, longa cadeia de vitórias sobre mim mesmo, em vista dessa meta, vitórias que ninguém que conheço teria encontrado do seu gosto....” Ele relaciona novamente seu ascetismo ao *amor fati*, ao dispor:

Portanto, querido amigo, o “tirano que há em mim” quer, inexoravelmente, que eu triunfe também desta vez (e quanto às torturas físicas — eu posso me incluir, pela sua duração, intensidade e variedade, entre as pessoas mais especializadas e provadas: é meu destino que eu tenho que sê-lo também com relação às torturas espirituais?). E dado como são minha maneira de pensar e minha filosofia recente, necessito inclusive que seja uma vitória absoluta: isto é, a transformação das vivências em ouro e em proveito supremo. — Ainda assim, eu sigo sendo pelo momento a personificação da luta.

Embora esteja evidente que a intensidade do sofrimento é transformada em força e interpretada por Nietzsche como uma capacidade que dispõe que é mais elevada que os demais, ele de fato sofre e lamenta que não obtém nenhuma ajuda do exterior, eis que nem os aspectos meteorológicos lhe favorecem. Segundo ele, “ao contrário, tudo parece conspirar para me manter prisioneiro no meu abismo: como o terrível clima do inverno do ano passado, que a costa genovesa não havia conhecido até esse extremo, e depois este frio e cinzento verão chuvoso.” Ele sabe que está muito vulnerável, eis que já havia exigido muito de si e quando achava que estava prestes a se sobrepor a tudo o que tinha sofrido, uma nova e mais forte onda lhe abala com o tudo o que veio à tona recentemente a partir de sua irmã. Ele já questiona se dá conta de atender uma meta que exija sacrifícios compatíveis à ela:

Mas o perigo é sério. Minha natureza está muito concentrada, e qualquer coisa que me afeta chega em seguida ao coração. O infortúnio do ano passado tem sido tão grande apenas em comparação

²⁴¹ Carta 451 a Franz Overbeck em Steinach do Brennero Sils-Maria, terça-feira, 14 de agosto de 1883, p. 396.

²⁴² O mesmo já havia escrito a Erwin Rohde (Carta 345 a Erwin Rohde em Tübinga 909 Rapallo, início de dezembro de 1882, p. 290-291) e a Elisabeth Nietzsche (Carta 429 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, início de julho de 1883, p. 369).

à meta e ao fim que me dominam; eu tive e tenho terríveis dúvidas sobre o meu DIREITO de estabelecer uma meta semelhante — a sensação da minha fraqueza me afetou no momento em que tudo, tudo, tudo deveria ter me infundido valor!

Mesmo assim Nietzsche tem planos de concluir Zarathustra, já que entende ter encontrado neste trabalho seu propósito de vida. Por isso, diante da fragilidade do momento, pede ajuda de Overbeck²⁴³ para que consiga concluir este intento antes que algo pior aconteça:

Pense, meu querido amigo Overbeck, em algo que pode me distrair de uma maneira absoluta: acho que agora faz falta os meios mais fortes e extremos - você não pode imaginar como esse delírio me devasta dia e noite. Que precisamente este ano eu tenha pensado e escrito minhas coisas mais serenas e solares, tão acima de mim e da minha miséria, constitui em realidade o fato mais surpreendente e inexplicável que eu conheço. De acordo com minhas contas, é NECESSÁRIO continuar com vida até o próximo ano — ajude-me a resistir ainda quinze meses.²⁴⁴

A força que advinha de Zarathustra a Nietzsche era ainda reforçada por circunstâncias que chamavam a sua atenção. De início houve o marcante advento da morte de Wagner coincidir com o término dos trabalhos de impressão do Livro I de Zarathustra e, mais adiante, em agosto de 1883, ocorre o desmoronamento de Ischia, quando ele termina o poema das “ilhas bem-aventuradas” de sua obra, conforme descreve à Köselitz²⁴⁵.

A sorte que ocorreu à Ischia está me chocando cada vez mais; e além do que concerne a cada um de nós, há algo neste evento que me toca de perto e que me afeta de maneira particularmente espantosa. Esta ilha estava tão presente aos meus sentidos: quando li o Zarathustra II até o fim, aclarou ONDE eu buscava minhas “ilhas bem-aventuradas”. “Cupido dançando com jovencinhas” só é compreensível imediatamente em Ischia (as mulheres de Ischia dizem “Cupido”). Acabei de terminar meu poema e é aqui que a ilha desmorona. — Você sabe que no mesmo momento em que terminava trabalho nos testes de impressão do primeiro Zarathustra — Wagner morreu.

Nietzsche menciona que está surpreendido com a coerência e homogeneidade de pensamentos que, inconsciente e involuntariamente, recorre de forma contínua seus últimos livros. Nesse ponto ele faz nova menção ao que,

²⁴³ Carta 451 a Franz Overbeck em Steinach do Brennero Sils-Maria, terça-feira, 14 de agosto de 1883, p. 396.

²⁴⁴ No mesmo sentido escreveu a Elisabeth: “Minha perspectiva geral prevê concluir aqui acima, no próximo ano, meu Zarathustra - é um pensamento que, quando se apresenta a minha mente, quase me causa vertigem, é uma tarefa extremamente difícil e, no momento, muito superior às minhas forças. Neste inverno, quero viver para este fim, quero por totalmente em claro meu interior, encontrar calma e firmeza e aguardar para ver se consigo alcançá-lo.” (Carta 453 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, meados de agosto de 1883, p. 400).

²⁴⁵ Carta 452 a Heinrich Köselitz em Veneza Sils-Maria, 16 de agosto de 1883, p. 398.

de forma indireta, está relacionado à sua filosofia do amor fati: “você não pode se livrar de si mesmo e, portanto, precisa ter a coragem de ir longe.” A busca pela superação está sempre sendo perseguida, mas ele se ressentido de não encontrar no mundo presente²⁴⁶ a acolhida e o impacto que sabe possuírem os seus feitos²⁴⁷:

Confesso qual é o meu grande desejo agora — que de uma vez outra pessoa fizesse uma espécie de resumo dos meus resultados teóricos e, desse modo, me compasse com os pensadores que houveram até agora. Eu sinto a necessidade de sair do que é um AUTÊNTICO ABISMO do mais imerecido e muito difundido descrédito, do que é objeto toda a minha atividade desde 1876 e eu gostaria de “uma palavra de sabedoria” sobre mim.

Além da frustração com a falta de repercussão que acreditava que fosse obter com o seu trabalho, teme que Teubner não esteja liberando os exemplares de Zaratustra porque, talvez, Schm<eitzner> não esteja se saindo bem, em razão da atividade antissemita e, por isso, não esteja pagando as dívidas. Então desabafa à Köselitz²⁴⁸:

Quando não estou doente (ou meio Louco, o que também acontece), volto à ideia de uma conferência que gostaria de dar no outono na Universidade de Leipzig: o tema é “os gregos como conhecedores dos homens”. Já dei o primeiro passo para poder ensinar naquela universidade — primeiro, por quatro semestres, gostaria de fazer um retrato da “civilização grega” — já preparei um esboço dela. *Silentium* pela terceira vez! — Entretanto, pode acontecer de tudo.

Nietzsche já tinha planejado ensinar uma série de lições em Leipzig. Para isso ele escreveu uma carta, não mantida, para o Reitor daquela universidade e também seu amigo Max Heinze, mas no final ele abandonou esse projeto.²⁴⁹ Os últimos acontecimentos levaram o filósofo a um desânimo que ele não consegue ocultar de Köselitz que sente falta da energia que lhe fez afirmar a vida até então: “Ah, meu amigo, onde foi parar aquele mês do *Sanctus Januarius*!!! Desde então, é como se eu estivesse sentenciado à morte, e não apenas à morte, mas a “morrer”.”

²⁴⁶ Nesse sentido escreveu a Elisabeth “O futuro da humanidade — pensar nisso é a única coisa que me reconforta, o presente, já não quero ver nem ouvir, me asfixia, me oprime, me atormenta, me torna miserável e pusilânime — Mas agora a última coisa que eu poderia fazer é transmitir lições como se nada, e as velhas menos ainda que as novas.” (Carta 453 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, meados de agosto de 1883, p. 400).

²⁴⁷ Carta 452 a Heinrich Köselitz em Veneza Sils-Maria, 16 de agosto de 1883, p. 398-399.

²⁴⁸ Carta 452 a Heinrich Köselitz em Veneza Sils-Maria, 16 de agosto de 1883, p. 398-399.

²⁴⁹ Conforme carta 457 a Heinrich Köselitz em Veneza Sils-Maria, 26 de agosto de 1883, p. 403.

No mesmo sentido escreve à Elisabeth²⁵⁰ ainda em meados de agosto, no qual refere que o clima não habitual que está fazendo concorre para o seu desgaste, lhe sendo extremamente prejudicial:

(...) quando o céu está escuro e coberto de nuvens, sou literalmente outro, irritado e muito mal disposto para mim mesmo, às vezes inclusive para os demais. (Zaratustra I e II são criações surgidas de um céu sereno e luminoso, como também o *Sanctus Januarius*. Quem me julga baseado neles me julga cem vezes mais favoravelmente do que sou em realidade, à la Köselitz.)

Nietzsche começa a enfrentar outro inimigo. Uma febre inusitada suscita nele o receio de ser afetado pela loucura. Nesse sentido escreve à Köselitz²⁵¹:

O estranho perigo que me assombra neste verão tem um nome, creio eu — sem eufemismos — loucura; e visto que no inverno passado, contra toda a previsão, eu passei a ter uma verdadeira e persistente febre nervosa — eu, que nunca tive febre! —, poderia ainda acontecer o que eu NUNCA considere possível que acontecesse comigo: que minha a mente se transtorne.

Ele ficou bastante temeroso com a incidência dessa súbita febre porque se sente esgotado, tendo em vista que, durante um longo ano, foi levado ao extremo, estimulado a sentimentos de vingança e de ressentimento, o que conjurou com suas melhores forças e que, em linhas gerais, acreditou ter conseguido dominar: “Meus impulsos e minhas intenções foram confundidos com isso e se tornaram labirínticos: de modo que não sei como sair deles.” Para fugir de tudo isso, numa tentativa desesperada, ele buscou refúgio e distração num trabalho cotidiano e, para ele, muito difícil, relacionado a dar aulas em Leipzig, o que lhe afastaria de sua tarefa fundamental.

Mas a ideia já foi descartada, e Heinze, o atual reitor da universidade, me disse muito claramente que, em Leipzig meu pedido não seria bem acolhida (e seguramente em nenhuma das universidades alemãs); e que a faculdade não se atreveria a propor meu nome ao ministério — por causa de minha posição em relação ao cristianismo e de minhas idéias sobre Deus. Bravo! Essa maneira de ver as coisas me fez recuperar o valor.

No dia 26 de agosto Nietzsche escreveu uma carta à Overbeck²⁵² com a anotação “esta carta é só para ti”, talvez para evitar que a Sra. Overbeck tivesse acesso à mesma. Nessa carta ele retoma todos os sentimentos que experimentou desde a última vez em que se viram, com relação à Elisabeth.

²⁵⁰ Carta 453 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, meados de agosto de 1883, p. 399.

²⁵¹ Carta 457 a Heinrich Köselitz em Veneza Sils-Maria, 26 de agosto de 1883, p. 402.

²⁵² Carta 458 a Franz Overbeck em Steinach do Brennero (Esta carta é só para ti.) Sils-Maria, 26 de agosto de 1883, p. 404-405.

Nietzsche está cansado do desejo insaciável de vingança da irmã, o qual acabou lhe envolvendo e estragando os frutos da sua mais bela vitória sobre si mesmo, ou seja, sua capacidade de superação:

Caro amigo, Quando me separei de você, voltei a cair numa profunda melancolia e, durante toda a viagem de retorno, não consegui me livrar de sentimentos malignos e sombrios; entre eles um autêntico ódio pela minha irmã, que desde há um ano, calando e falando no momento inoportuno, tem estragado o fruto das minhas mais belas vitórias sobre mim mesmo: ao ponto que acabei sucumbindo a uma implacável sede de vingança, enquanto que minha mais íntima maneira de pensar renunciava precisamente a toda forma de vingança e de punição

Nietzsche teme as consequências que isso tudo possa levar, na medida em que ao invés do tempo aplacar o conflito, a tensão parece se agravar pelo ódio que vem sendo alimentado: “— este conflito interior me leva pouco a pouco à loucura, eu sinto isso da maneira mais terrível”. Ele acredita que uma viagem a Naumburg poderia agravar ainda mais a situação, eis que “poderiam produzir-se momentos assustadores — também o ódio alimentado durante tanto tempo poderia se manifestar em palavras ou ações: em tal caso, seria eu quem levaria a pior parte²⁵³.” Ele teme que tenha sido um equívoco reestabelecer os vínculos com Elisabeth, pois isso pode ter feito com que tudo voltasse à tona, gerando o desejo de vingança por parte de sua irmã:

Nem sequer é já aconselhável escrever cartas para a minha irmã — se não é baixo à maneira mais inócua (ultimamente tenho lhe enviado uma carta feita toda de poemas de brincadeira). Talvez a minha reconciliação com ela tenha sido o passo mais fatal de todo esse caso — agora me dou conta que ela acreditou que minha reconciliação lhe dava o direito de se vingar da senhorita S<alomé>. — Perdão!

Nietzsche chega a escrever um rascunho decisivo à Elisabeth²⁵⁴, porém, ao que tudo indica, não chega a enviar, eis que três dias depois, animado com o tempo claro escreve e envia outra correspondência à sua irmã em tons absolutamente amenos²⁵⁵, avisando que as correções irão retê-lo mais duas semanas em Sils-Maria, eis que as folhas de imprensa do Livro II de Zaratustra

²⁵³ Carta 458 a Franz Overbeck em Steinach do Brennero (Esta carta é só para ti.) Sils-Maria, 26 de agosto de 1883, p. 404-405.

²⁵⁴ Nietzsche escreve no mesmo dia um rascunho provavelmente não enviado a Elisabeth nos seguintes termos: “Terei que continuar pagando caro pela minha reconciliação com você? Estou farto de teu desavergonhada charlatanismo moralista. E uma coisa é certa: foi você e mais ninguém, que pôs em perigo minha vida três vezes em 12 meses! Para uma pessoa como eu — destruir-lhe sua atividade suprema! Até agora eu não odiei ninguém mais que a ti!” (Carta 456a a Elisabeth Nietzsche em Naumburg (Rascunho) Sils-Maria, 25-26 de agosto de 1883, p. 402).

²⁵⁵ Carta 459 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, Quarta-feira, 29 de agosto de 1883, p. 406-408.

já haviam chegado²⁵⁶. Nessa carta ele afirma que contempla “com serenidade e segurança tudo o que foi alcançado e o que não foi alcançado até agora, e aquilo que ainda quero de mim mesmo.” Nietzsche sabe que ainda não concluiu o seu propósito e que isso ainda exigirá dele desafio e superação, por isso declara: “Tu não sabes nada sobre isso; por isso não posso me incomodar que tu gostarias de me ver pisando em outro terreno, mais seguro e protegido.” Nietzsche expõe à Elisabeth como compreende a situação que atravessou e que tipo de lição extraiu para que pudesse transformar o sofrimento em força e superação que o distingue dos seus contemporâneos que, se antes eram seu ideal, acabaram sendo por ele suplantados:

Tua carta a G<eorg> R<ée> me fez pensar, e mais ainda tua observação, feita de passagem, de que na Basiléia eu havia vivido minha melhor época. Minha avaliação, por outro lado, é esta: todo o significado das terríveis dores físicas a que fui submetido reside no fato de que, somente graças a elas, me vi arrancado de uma concepção da minha missão que era equivocada, isto é, cem vezes baixa demais. E como sou uma pessoa modesta por natureza, fazem falta os meios mais enérgicos para que eu retorne a mim mesmo.

Como verificado anteriormente, encarar os fatos sob essa perspectiva permite que Nietzsche resignifique as coisas, dando às mesmas um apelo menos vitimista e mais afirmativo, utilizando os obstáculos que se apresentam a ele como conveniências à sua capacidade de superação, além de uma espécie de alavanca para a sua elevação:

Cada palavra do meu Zarathustra soa como um vilipêndio triunfante aos ideais desta época, e até mais do que isso; e quase cada palavra esconde por trás dela uma experiência pessoal, uma superação de mim mesmo de primeiro nível. É absolutamente necessário que eu seja MAL-ENTENDIDO; mais ainda, tenho que conseguir que seja mal-entendido e desprezado.

A partir disso Nietzsche consegue administrar melhor os sentimentos de indiferença, incompreensão e desprezo que o assolam, eis que toda a oposição a ele se converte numa expressão de acerto necessário ao cumprimento bem sucedido de sua meta. “No verão e no outono passados, compreendi que eu teria que começar por aí com meus parentes “mais próximos” e assim tive a esplêndida consciência de ir pelo caminho correto.” Segundo Nietzsche expõe à sua irmã²⁵⁷:

Esse sentimento pode ser lido em todas as partes no Zarathustra.

²⁵⁶ Conforme Carta 452 a Heinrich Köselitz em Veneza Sils-Maria, 16 de agosto de 1883, p. 398.

²⁵⁷ Carta 459 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, Quarta-feira, 29 de agosto de 1883, p. 406-408.

Mas esse inverno tão ruim e o declínio da minha saúde tem me afastado dele e me desalentado; e assim, também, as mesquinhezes que desde há algumas semanas tem caído sobre mim, tem me colocado de novo em grave perigo — o de abandonar meu caminho. Agora, cada vez que me vejo obrigado a dizer a mim mesmo: “Não suporto mais a solidão”, sinto-me indizivelmente diminuído diante de mim mesmo — tenho renegado o quanto há em mim de elevado.

Nietzsche precisa fugir disso, pois sucumbir à solidão equivale ao fracasso da sua meta de superação. Para evitar que tal resultado ocorra, ele percebe a inevitável oposição entre ressentimento e gratidão, a partir da necessidade de vencer o ressentimento para colher os benefícios do que foi experienciado. Se o “re-sentir” equivale a sentir novamente a dor, e na medida em que este insistir nesse sentimento é uma arma vitimista dos fracos, é necessário dispor de coragem para se sobrepor aos fatos e, assim, abdicar, com superioridade, deste artifício, no qual a gratidão é o excepcional recurso estratégico capaz de vencer o ressentimento. Ao preferir abandonar essa emoção que conduz à fraqueza, Nietzsche passa a observar, com reservado distanciamento, o que admira em Rée e Lou, que é a autenticidade que neles encontrou. Segundo o filósofo, eles são originais e por isso compensou ter privado de suas companhias, inobstante as diferenças existentes entre eles²⁵⁸:

Que me importam esses Rée e Lou! Como poderia ser seus inimigos! E embora tenham me machucado — não obstante, eu tirei deles bastante PROVEITO porque são precisamente pessoas tão diferentes de mim: vejo nisso uma compensação muito grande, mais ainda, um convite para ser grato a ambos. Os dois são naturezas originais e não cópias: por isso aguentava ao seu lado apesar dos opostos que eram ao meu agrado.

Agora, entretanto, ele está em “abstinência” com relação aos amigos, pela forma como eles se manifestaram sobre os fatos ocorreram e pelo direito que se arrogaram de lhe dar conselhos como se ele fosse justamente o oposto do que busca ser: um sofredor. Ele se esforça para tentar evidenciar isso à Elisabeth a fim de que ela se sensibilize da sua situação e pare de lhe perturbar com seu desejo de vingança, quando o único prejudicado acaba sendo ele:

No que diz respeito à “amizade”, até agora tenho praticado a abstinência (...). No que toca ao sentido geral da minha natureza: não tenho companheiros (nem sequer Köselitz!), ninguém tem a menor ideia de quando preciso de consolo, alento, um aperto de mão; assim aconteceu p. por exemplo, no mais alto grau, no ano passado, depois da minha estadia em Tautenburg. E quando me lamento, o mundo inteiro pensa que tem o direito de desabafar sobre mim, como sobre

²⁵⁸ Conforme Carta 459 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg Sils-Maria, Quarta-feira, 29 de agosto de 1883, p. 407.

um ser sofredor, o pouco de sentimento de poder que lhe resta; e isto chamam consolo, compaixão, bons conselhos etcetera. Mas para pessoas como eu sempre foi assim; MEU verdadeiro problema pessoal é a má saúde, que se traduz numa diminuição do meu próprio vigor e na desconfiança sobre mim mesmo: e dado que sob este céu europeu sou um doente e um melancólico durante pelo menos dois terços do ano, será uma sorte incrível se eu ainda puder resistir por muito tempo. Só peço sorte só para que não volte a acontecer mais infortúnios como os do ano passado — isto é, que nenhuma pedra volte a obstruir meu mecanismo. Pois ao ser esse mecanismo agora extremamente complicado, um único seixo pode ser minha ruína; e porque me encarrego da RESPONSABILIDADE nas questões supremas do conhecimento. — *Em suma*, tiremos uma conclusão prática dessas considerações gerais: minha querida, querida irmã, não me recordes com uma só palavra, nem pessoalmente nem por carta, essas coisas que ameaçavam destruir a confiança que eu tinha em mim mesmo e, por pouco, o fruto de toda a minha vida!

Nietzsche é veemente no sentido que não quer insistir mais no assunto e pede que Elisabeth procure se distrair pensando em outro assunto, e que evite falar novamente com ele sobre os fatos envolvendo Lou e Rée.

Em consideração a minha saúde, esteja ciente de quão fortemente eles influenciam e me influenciaram! Tente esquecer e busca coisas novas e diferentes para que eu aprenda a RIR da perda de “amigos” desse tipo! E lembre-se que a uma pessoa como eu, o presente nunca poderá fazer justiça, e que toda fraude, em honra ao “BOM NOME”, não é digno de mim.

Em setembro, Nietzsche decide partir de Engadina. Ele busca paz e repouso em Naumburg, na Alemanha²⁵⁹, além de “sensações mais genuínas, incluindo comer muita fruta boa.” Ele já tem em mente a terceira parte de Zarathustra, e escreve à Köselitz:

Por outro lado: meus sofrimentos teriam sido, e continuariam sendo, infinitamente menores, se nos últimos dois anos eu não tivesse levado à prática cinquenta vezes alguns princípios da minha teoria sobre o eremita, e se as conseqüências terríveis e inclusive assustadoras dessa “prática” não tivessem me impelido a duvidar de mim mesmo. É assim que o Z<arathustra> se acalmou às minhas custas e eu, às custas dele, me escureci. De resto, tenho que lhe informar, não sem pesar, de que agora, na terceira parte, o pobre Z<arathustra> cai de verdade nas trevas — a tal ponto que Schopenhauer e Leopardi, em comparação com seu “pessimismo”, parecem principiantes e novatos. O plano da obra exige isso. Mas, para conseguir terminar esta parte, preciso acima de tudo de uma serenidade profunda e celestial (...) (No final TUDO se torna luminoso.)

Já em outubro, Nietzsche vai ao encontro do casal de amigos Overbeck, com quem pega um trem, em Frankfurt, sendo que, em seguida, ele adoeceu e teve que continuar a viagem, sozinho, com muita dificuldade até Friburgo, onde

²⁵⁹ Carta 461 a Heinrich Köselitz em Veneza Sils-Maria, segunda-feira, 3 de setembro de 1883, p. 409-410.

foi diretamente para a cama, vomitando a noite toda. Na manhã seguinte, partiu para a Basiléia, na casa dos Overbeck, onde novamente teve que permanecer acamado em face de uma dor de cabeça fortíssima. Mesmo exausto Nietzsche ainda pretende ir à Gênova e desabafa a sua irmã²⁶⁰:

Desta vez, separar-me de ti foi mais difícil do que de costume: você tem sido tão carinhosa comigo! — Agora, trata-se de reunir todas as forças para não perder nem sequer uma migalha da energia que me restou. Estou tão cansado de tantas coisas.

Próximo do outono, ainda com dúvidas sobre onde ficar, Nietzsche parte para La Spezia e escreve à mãe e à irmã²⁶¹ contando que não conseguiu ficar em Gênova porque o apartamento que ocupava normalmente estará alugado até o dia 15 do mesmo mês e que, além disso, o seu médico, Dr. Breiting não está “disponível. Desta vez, a própria Gênova estava lhe parecendo “IMPOSSÍVEL”. Felizmente, no entanto, alguns dias depois ele consegue retornar e se instalar ali, a fim de restabelecer sua “saúde e serenidade”, eis que, conforme menciona à Köselitz²⁶² e à sua família²⁶³, está abalado pelo que denomina de “ataques malignos” cada vez mais frequentes. Embora falte de energia, não se sente bem e se acha muito decomposto, em decorrência da sucessão contínua de crises que vem lhe ocorrendo. Sempre procurando um local com condições climáticas mais favoráveis, ele pretende descartar a Itália meridional, tendo em vista que a ação do vento Siroco começa de La Spezia para o sul. Dessa forma, Nietzsche decide ficar provisoriamente em Gênova, até que tenha companhia para ir à Espanha. Mesmo muito fragilizado ele segue determinado e comprometido com o seu propósito de concluir a meta que estabeleceu a si, e que, como se sabe, é onde ele deposita as suas forças e esperanças. Mais do que isso, ela se converteu no próprio fundamento da sua existência, na medida em que Nietzsche acredita que ninguém mais é capaz de colocar no mundo Zaratustra. Em razão disso, ele repisa a afirmação e o pedido à seus familiares²⁶⁴: “Eu tenho

²⁶⁰ Carta 463 a Franziska e Elisabeth Nietzsche em Naumburg (Cartão Postal), Basiléia, 8 de outubro de 1883, p. 412.

²⁶¹ Carta 464 a Franziska e Elisabeth Nietzsche em Naumburg (Cartão Postal), La Spezia, 13 de outubro de 1883, p. 412.

²⁶² Carta 467 a Heinrich Köselitz em Veneza (Cartão Postal), Gênova, 22 de outubro de 1883, p. 413.

²⁶³ Carta 471 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg, Gênova, início de novembro de 1883, p. 415-417.

²⁶⁴ Carta 468 a Franziska e Elisabeth Nietzsche em Naumburg (Cartão Postal), Gênova, 22 de outubro de 1883, p. 414.

uma tarefa e não posso perder mais tempo. Tente manter longe de mim, tanto quanto possível, recordações e impressões desagradáveis, e quanto a mim, tenha coragem.”

Nietzsche consegue ser atendido pelo seu médico e, embora o Dr. Breiting tenha referendado o tratamento que o próprio filósofo estabeleceu para si, convencendo-se da sua eficácia²⁶⁵, ainda assim, no início de novembro, ele permanece “sempre doente, na cama, sem fazer nada, inclusive sem vontade de passear”²⁶⁶. Segundo ele se queixa a sua irmã, seu estado tem sido “miserável e repugnante”, mas está convicto de que ninguém pode lhe ajudar além dele mesmo:

(...) se eu te conto, não é para te pedir para pensar em alguma receita com a qual você possa me ajudar. Eu tenho que ajudar a mim mesmo, ninguém mais — e minha receita também eu tenho que ENCONTRAR sozinho, sem deixar que me DÊEM nada. (Para usar uma metáfora: isso passará como com o fosfato de potássio — quero que seja eu quem descobre meu remédio.

Nessa missiva à Elisabeth, Nietzsche discorre a respeito do quanto lhe repugna que interpretem Zarathustra como uma obra literária e de ser ele incluído entre os escritores. É tortuoso imaginar isso, diante da grandiosidade da superação que sua obra representa, ao expressar a sua própria vida. Nesse sentido ele comenta: “Ninguém imagina o peso da tarefa que eu tenho que carregar.”

Em decorrência das últimas manifestações de sua irmã, ele sugere que ela recorra aos fundamentos de *Aurora* e *A Gaia Ciência*, que, são, segundo ele, “os livros mais ricos de conteúdo e futuro que existem”. Ele está procurando fazer com que ela reflita sobre questões já superadas para ele:

(...) em tuas últimas cartas se falava muito de “egoísmo” e “altruísmo”, coisas sobre as que minha irmã já não deveria escrever. Eu distingo as pessoas principalmente em fortes e fracas - em pessoas chamadas a dominar e outras chamadas a servir e a obedecer, à “devoção”. O que me repugna DESTA época é sua indizível fraqueza, afeminamento, falta de personalidade, volubilidade, bonachoneria, em suma, a debilidade do “ego”-ismo que inclusive queria se disfarçar de “virtude”. O que tem me beneficiado até agora tem sido a visão das pessoas de vontade forte — que sabem permanecer em silêncio durante décadas inteiras e não para isso se adornam com bonitas frases morais — —,

²⁶⁵ “Com grande satisfação de minha parte, o Dr. Breiting me prescreveu novamente o fosfato de potássio, que usei pela primeira vez como remédio; neste tempo ele foi completamente convencido de sua eficácia. Então eu inventei o remédio para mim mesmo.” (Carta 470 a Franz Overbeck na Basiléia, Gênova, 27 de outubro de 1883, p. 415).

²⁶⁶ Carta 471 a Elisabeth Nietzsche em Naumburg, Gênova, início de novembro de 1883, p. 415-417.

tomando o aspecto de “heróis” ou de “almas nobres”, e que são tão honestos como para acreditar apenas no próprio eu e no próprio querer, e imprimir-los na humanidade para todo o futuro.

Nietzsche traz aqui elementos fundamentais da sua filosofia que têm íntima relação com sua admiração pelas pessoas pelas quais desejou se aproximar e estreitar laços, mantendo ainda uma profunda admiração pelo seu caráter forte e autêntico, ainda que, em outros aspectos tenha se desiludido, como ocorreu com Wagner, Schopenhauer, e também acreditou ter encontrado em Lou Salomé:

Isso era o que me atraía em R<ichard> W<agner>; e também Schopenh<aue> vivia apenas com este estado de espírito. Perdoe-me mais uma vez se acrescentei que no ano acreditei ter encontrado um ser dessa classe, isto é, a senhorita S<alomé>; eu a APAGUEI da minha vida quando descobri, ao final, que só queria satisfazer seus caprichos, e que a esplêndida energia de seu querer só estava dirigida a um FIM TÃO modesto — em suma, que nisto ela pertence à espécie Rée. (Em justiça quero acrescentar também que, como Rée, ela possui uma característica para mim muito atraente, a de carecer completamente de pudor no que respeita a si mesma, aos motivos de suas ações, etc.

O filósofo lamenta a ausência no mundo, que lhe é contemporâneo, de pessoas fortes, duras e vigorosas. Ele expressa a admiração que sente por quem é capaz de expressar a si mesmo, sem hipocrisia, pois se reconhece nessas almas: “Nossa época é tão pobre destes seres — — —e com mais motivo de pessoas fortes que tenham inteligência SUFICIENTE para meus pensamentos! Portanto, não subestime a PERDA que sofri este ano.” A desilusão com as pessoas tem sido um problema recorrente para ele, na medida em que agrava o sentimento de solidão e de indiferença às suas obras e a si mesmo, por parte de seus amigos:

— Tu não podes imaginar o quão solitário e “oculto” eu me sinto cada vez que me deparo com toda a amável hipocrisia dessas pessoas que tu chamas de “boas”: p. ex. Malwida, ou também o Schücking, os Heinze, os Seydlitz, etc., e como DESEJO uma pessoa sincera <redlich> e que saiba falar <reden>, ainda que seja um monstro como Lou. Naturalmente, eu preferiria conversar com semideuses. - - Desculpe-me mais uma vez, escrevo a ti de todo o meu coração e estou sinceramente convencido de tuas boas intenções para comigo. - Ah, essa maldita “solidão”!

Embora tenha se referido à Malwida como “hipócrita”, na carta à Elisabeth, Nietzsche não gosta da ideia de reservar sentimentos hostis. Ao longo de suas missivas é possível perceber que seu comportamento tem a tendência de procurar resolver as coisas de uma forma serena. É o que lhe compele a redigir

uma carta a ela logo a seguir²⁶⁷ contando como passava ultimamente. O relacionamento entre eles havia sido abalado após o rompimento de Nietzsche com Wagner²⁶⁸, quando progressivamente Malwida foi se afastando do filósofo. Ele conta que está muito doente desde que foi à Alemanha e que só consegue viver junto ao mar, eis que todo o ar continental lhe debilita os nervos e os olhos, levando-o, em pouco tempo, à melancolia e ao desalento, segundo ele são “—ervas daninhas, com as quais, em minha vida, eu lutei mais do que com cobras e outros monstros famosos”, provavelmente se referindo à Wagner. Para Nietzsche, “Nos pequenos sofrimentos, se esconde nosso inimigo mais insidioso; a grande dor nos faz maiores.” Sem conseguir ocultar seus sentimentos, ele desabafa o desalento quem tem vivido:

Mas agora estou de novo SOZINHO — e, para falar a verdade, nunca estive tão sozinho. Todas as esperanças dos últimos anos tem me ensinado sempre o mesmo: não há ninguém que esteja disposto a me acompanhar no meu caminho — ninguém vê ainda este caminho. — É um grande sofrimento e já estou sentindo que tem o poder de nos tornar grandes. —

Como é perceptível, Nietzsche ultrapassa as mágoas e traz à tona suas fragilidades, expondo-as como louros de uma vitória continuamente conquistada sobre si. Na sequência, escreve à Overbeck²⁶⁹ contando que Elisabeth irá lhe entregar, em breve, o Livro II de Zaratustra, descrevendo o impacto que a concepção desta obra teve até então sobre si. Ele crê que se trata da síntese de algo tão grandioso e inconcebido por outra mente ou alma, que se, ao final, lhe for possível trazer ao mundo, da forma como este lhe foi apresentado, seu desejo é de celebrar uma grande festa e morrer. De fato ninguém mais poderia ter escrito Zaratustra eis que, segundo ele menciona a Overbeck, “no final você só vive suas próprias experiências, ou para ser mais preciso, você só vive a si mesmo.”

Desde o seu último aniversário, que passamos juntos em Basiléia, eu tenho te dado muitas preocupações e talvez até tenha conseguido que duvidasses de mim: de qualquer maneira, creio que agora sim você sabe, melhor que há 12 meses, que mora dentro de mim um piloto que terminará com segurança por remediar e compensar não poucas

²⁶⁷ Carta 472 a Malwida von Meysenbug em Roma, Gênova, início de novembro de 1883, p. 417

²⁶⁸ “Graças a ela, teve lugar a reunião em Roma de Nietzsche e Rée com Lou von Salomé. Mas a medida que a separação intelectual e pessoal entre Nietzsche e Wagner se fazia mais acentuada, também aumentava a distância entre Meysenbug e Nietzsche, o que, no entanto, não chegou a uma ruptura até a publicação de O Caso Wagner.” (Parmeggiani, 2010, p.605).

²⁶⁹ Carta 473 a Franz Overbeck na Basiléia, Gênova, 9 de novembro de 1883, p. 418-419.

Loucuras de seu capitão — inclusive uma prolongada e, até agora, muito taciturna vontade.

Embora tente transmitir que detém controle da situação, não consegue ocultar que sua saúde está péssima e que sofre cada vez mais de solidão.

— Infelizmente, tenho que comunicar que minhas condições são bastante desoladoras. Um ataque após o outro; cada dia é uma história de dores, e há momentos em que digo para mim mesmo: “Eu já não sei o que fazer”. Só agora é que estou plenamente conta de como, ao longo de toda uma série de anos, minha vida tem transcorrido mísera e distante de qualquer circunstância favorável — só agora que me abandonou a tácita esperança de que ele poderia desfrutar de algum alívio e favor das circunstâncias. Continuo me enojando ao pensar que eu não tenho ninguém com quem intercambiar minhas reflexões sobre o futuro da humanidade — na verdade, a longa privação de uma companhia adequada para mim tem me minado e dilacerado por dentro.

Segundo ele, nada vem a seu auxílio, e ninguém sugere algo capaz de lhe alegrar ou motivar. Além disso, afirma: “nada contribui para eu me livrar de todas essas impressões aviltantes que os últimos anos tem me jogado por cima.” Para agravar, sua visão está pior e a solidão está pesando mais do que de costume. Outra dificuldade está no fato de que Gênova já não atende suas necessidades: está muito barulhenta e os lugares para passear são distantes. Nietzsche já não consegue estabelecer contatos humanos nem mesmo com o próprio médico de forma adequada:

Aqui não tenho contatos humanos; eu vejo Breiting mais ou menos uma vez a cada 8 dias durante 5 minutos, seu tempo e mente estão completamente absorvidos pelos compromissos. Em suma, nada seria mais necessário para mim do que as pessoas (portanto, p. ex. Roma): mas o outro fato é que só consigo viver junto ao mar. — — —

A partir de dezembro de 1883, o clima de Gênova tornou-se insuportável para Nietzsche, quando então ele escolheu Nice, uma cidade francesa localizada na Côte d'Azur a 30 km da fronteira com a Itália, como o novo lugar para passar a temporada de inverno. O critério, como sempre, foi o fato de Nice apresentar um clima mais benigno para a condição de saúde do filósofo, na medida em que, conforme menciona à Köselitz ²⁷⁰ “Na qualidade de cidade francesa, Nice é insuportável para mim, e é quase uma mancha neste esplendor mediterrâneo; mas segue sendo, apesar de tudo, uma cidade italiana.” No entanto, ele consegue um alojamento na parte mais antiga, em que se fala italiano: “é como

²⁷⁰ Carta 474. A Heinrich Köselitz em Veneza Nice (França), rue Ségurane 38 II Terça-feira, nos primeiros dias 4 de dezembro <de 1883, p. 420.

estar em um subúrbio de Gênova.” A resistência inicial de Nietzsche à Nice vai sendo vencida. Ele conta à família²⁷¹ que “No início esta cidade barulhenta e elegante não me agradava; mas no final descobri várias coisas que são para mim — ruas tranquilas e bairros italianos, uma comida melhor do que em Gênova”. Além disso, os preços são mais baixos. Mas o principal, na sua concepção, é que não se trata de uma cidade destinada a doentes, onde não gostaria de estar condenado a viver. Ele descreve que, embora Nice se apresente também muito fria e ventosa, tem a mesma luminosidade e o mesmo número de dias claros que estas localidades para os doentes. Além do mais, acredita que fez um progresso: ao longo do ano, em relação a Gênova, na medida em que esta tem mais ou menos tantos dias de céu claro quanto Nice tem em seus 6 meses de inverno²⁷².

Eu realmente não consigo explicar o efeito vivificante, mais ainda, literalmente eletrizante, que essa luminosidade tem em todo o meu organismo; essa sensação dolorosa e incessante de pressão na cabeça, que pela última vez continuava me atormentando em Naumburg, desapareceu; também voltei a comer em abundância, e o estômago não protesta. Os dias escuros também me produzem desconforto aqui. —

Um fato relevante, também, para Nietzsche, é que por ser uma cidade grande, é possível viver como se quisesse em Nice, sem o risco de ser identificado, o que já não era mais possível em Gênova, onde já era muito conhecido²⁷³.

Gênova foi para mim uma excelente escola de vida simples e espartana — agora sei que posso viver como um trabalhador e um monge. No final, ali era muito conhecido — e já não podia viver como queria. Nice é bem grande, me oculta. I) Eu pressagiava que, a partir do momento em que mostrasse meu ideal, ficaria completamente sozinho. Agora eu sei. No final, também tive a ilusão mais difícil. II) Além disso, a Alemanha e a atividade na universidade são agora uma perspectiva superada — sobretudo viver e criar no norte.

Seu lugar no mundo vai sendo delineado não mais apenas pelas condições meteorológicas, mas também pelo seu desejo cada vez maior de se afastar definitivamente dos relacionamentos precários, da indiferença das pessoas que representavam algum tipo de valor para ele e lhe feriram, bem como do julgamento que as pessoas fracas e moralistas dispendiam sobre ele e a

²⁷¹ Carta 475 a Franziska e Elisabeth Nietzsche em Naumburg Nice (França), rue Ségurane 38 II 4 de dezembro de 1883, p. 421.

²⁷² Segundo pesquisou nos dados estatísticos (Carta 475a a Franz Overbeck na Basileia (Rascunho) Nice, início de dezembro de 1883, p. 422-423).

²⁷³ Carta 475a a Franz Overbeck na Basileia (Rascunho) Nice, início de dezembro de 1883, p. 422-423.

respeito de seus trabalhos. A partir de todos esses critérios apontados, Nietzsche estabelece Nice como uma parada fixa, seu “novo mundo” do qual ninguém conhecia²⁷⁴ e que, precisa ser conquistado, por ele, pouco a pouco²⁷⁵. Procurando constantemente ver sua realidade de forma afirmativa, declara²⁷⁶: “O mês em Gênova foi crítico, eu me achava em condições desesperadas - eu não sabia para onde ir. Agora eu creio que muitas coisas foram esclarecidas novamente, e estou satisfeito com os últimos dois anos - por essa clareza sem precedentes.” Ele esboça, no mesmo rascunho da missiva dirigida ao seu amigo Overbeck²⁷⁷ que:

De todas as coisas boas que descobri, a “alegria de conhecer” seria a última que eu gostaria de abandonar ou desistir, como você pode ter começado a suspeitar. Mas agora, ao lado do meu filho Zaratustra, tenho que me elevar a uma alegria muito maior do que poderia expressar agora com palavras.

A felicidade que eu tenho incorporado em A Gaia Ciência foi essencialmente a de uma pessoa que finalmente começa a se sentir madura para uma tarefa verdadeiramente grande, e que já não duvida de seu direito a essa tarefa.

Nietzsche está ciente das adversidades que teve que lidar especialmente ao longo dos últimos anos, tendo absoluta clareza com relação a isso. Inicialmente ele se refere ao episódio envolvendo seu relacionamento com Lou Salomé: “O azar particular do ano passado e do anterior consistiu, no sentido mais estrito, em que pensei ter encontrado uma pessoa que compartilhasse a mesma tarefa comigo.” Ele está convicto que a desilusão o deixou mais vulnerável no que tange à sensação de solidão:

Sem essa convicção precipitada, eu não teria sofrido e não continuaria a sofrer tanto esse sentimento de isolamento: já que estava e estou preparado para levar a termo minha jornada de exploração por minha conta. Mas desde que sonhei o sonho de que não estar sozinho, o perigo tornou-se terrível. Todavia ainda há horas em que não sou capaz de me suportar.

Além disso, as condições climáticas dos últimos anos não lhe favoreceram, agravando seu quadro de saúde. Segundo ele: “O outro azar foi o

²⁷⁴ Enquanto a segurança e a certeza são necessidades comuns a natureza humana, Nietzsche gosta de novidades. “Eu percebo que, em todas as coisas, a segunda vez nunca é como a primeira. Para me curar, preciso de impressões novas, frescas.” (Carta 473 a Franz Overbeck na Basiléia, Gênova, 9 de novembro de 1883, p. 419).

²⁷⁵ Carta 476 a Franz Overbeck na Basiléia Nice (França) 38 rue Ségurane (2º andar) 6 de dezembro de 1883, p. 423.

²⁷⁶ Carta 475a a Franz Overbeck na Basiléia (Rascunho) Nice, início de dezembro de 1883, p. 422-423.

²⁷⁷ Carta 475a a Franz Overbeck na Basiléia (Rascunho) Nice, início de dezembro de 1883, p. 423-424.

clima excepcionalmente ruim do inverno passado, assim como do verão anterior. Eu sou feito para a luz: — é quase a única coisa que eu não posso prescindir em absoluto e que eu não posso substituir: a luminosidade de um céu claro.” Na véspera do Natal, Nietzsche escreve à Overbeck²⁷⁸ que já está “muito cansado do ano que termina”, eis que tem “sido uma carga imensa de sofrimentos mentais” que minou o seu ser “até a raiz”. Ele menciona que Nice lhe desagrada, embora com relação à pureza do céu supere as suas expectativas, o que é o mais importante. Refere, também, ter conhecido Paul Lanzky, um judeu alemão que gerenciava o albergue La Forestiera, em Vallombrosa, e estava residindo em Florença. Ele demonstrou interesse em se unir ao filósofo, convidando-o para passar uma temporada lá, deixando-o animado. Entretanto Nietzsche deixa escapar um desânimo na medida em que menciona a Overbeck que, seu quadro é²⁷⁹:

— Doente, doente, doente! Para que serve viver da maneira mais razoável, se a qualquer momento a veemência dos sentimentos podem te abater como um raio e perturbar a organização de todas as funções corporais (especialmente modifica, acredito, a circulação do sangue).

O final do ano se aproxima e, com ele, também, Nietzsche está prestes a encerrar mais uma fase decisiva na sua vida: a conclusão do Livro III de Zaratustra. As duas últimas cartas escritas por Nietzsche nesse período evidenciam o contraponto entre seu estado de ânimo, antes e após a conclusão da obra referida, e visam demonstrar o efeito da sua filosofia sobre a sua vida, a fim de verificar o impacto que a mesma teve no sentido de ter sido capaz de levá-lo à superação. Com isso, há o desejo de evidenciar o espelhamento e a identificação dos fatos vivenciados pelo filósofo, no seu trabalho, bem como a intenção de demonstrar que, por meio de sua filosofia, Nietzsche transmite lições de superação e de regeneração, no seu desejo permanente de propugnar pela afirmação da vida. Dessa forma passamos às duas últimas cartas que evidenciam a superação de Nietzsche a partir da sua filosofia

Carta 478 a Franziska e Elisabeth Nietzsche em Naumburg, Nice, no início da manhã de 25 de dezembro, de 1883, p. 426-427

Muito queridas minhas: todas as vossas cartas carinhosas e atentas, enviadas desde Villafranca, chegaram a mim agora, e também o estupendo volume sobre a arte militar e, justo neste momento, também

²⁷⁸ Carta 477 a Franz Overbeck na Basiléia Nice, vallon St. Philippe, Villa Mazzoleni, 24 de dezembro de 1883, p. 425.

²⁷⁹ Carta 477 a Franz Overbeck na Basiléia Nice, vallon St. Philippe, Villa Mazzoleni, 24 de dezembro de 1883, p. 426.

a carta de natal - por isso estou muito irritado eis que minha última carta, enviada ontem à tarde, não corresponde em absoluto com o tom amável das vossas, e por não ter guardado minhas tristezas, como fazia por norma nos anos anteriores. É verdade que eu estou e estava em condições lastimosas (exceto nos primeiros dias em Nice, em que me sentia como eletrizado); acredito que minha saúde nestes últimos três meses tenha estado tão mal como nunca em minhas piores épocas; muitas vezes não sei mais o que fazer. Eu tenho estado doente em todos os aspectos, eu só consegui comer uma vez a cada 2-3 dias; então calafrios de todos os tipos (sem contar um forte resfriado, que é o mal menor). Vômitos contínuos, insônia, melancolia ao pensar nas velhas histórias, uma sensação geral de desconforto na cabeça, pontadas dolorosas nos olhos, portanto nada de leituras, nada de companhias - já que, em pouco tempo, meu estômago me obriga a deixar meus convidados agradáveis. Além disso, nunca sofri tanto com o frio como aqui; á noite, gela regularmente. Quando não é assim, o tempo é magnífico e é objeto de minha admiração cotidiana. — Mas há muitas coisas que tenho que mudar e conseguir que fiquem melhor que agora: caso contrário, vosso Fritz está acabado.

(...) Pois bem! Queridas minhas, esqueçam o possível da minha feia carta de ontem, e tentem me distrair — vocês não podem imaginar que angústias me atormentam, e isso dura já um ano! — Tenho levado uma vida muito escondida, e não é fácil lidar comigo e me reanimar; creio que é impossível adivinhar porque eu sofro tanto. Mas ânimo! O ano novo está às portas. (...) Continuem alegres, como eu gostaria de estar! Com profunda gratidão vosso F.
O melhor ano novo para nós três!

Carta 479 a Ernst Schmeitzner em Chemnitz, Nice, 18 de janeiro de 1884

Meu estimado senhor editor: Uma boa notícia! Ou melhor, o melhor que posso lhe dar, pelo menos do meu ponto de vista: meu Zaratustra está terminado: — agora temos que fazer a cópia limpa — e a impressão. No ano passado, já não acreditava que pudesse terminar este inverno (em realidade, num par de semanas) a enorme tarefa de dar-lhe uma conclusão às duas primeiras partes. Estou feliz e, como muitas vezes me aconteceu, “surpreendido” comigo mesmo a respeito de mim mesmo. Além disso, nessas coisas o ímpeto dos sentimentos é tão grande a ponto de fazer explodir uma pessoa como se fosse um vaso de cristal: e enquanto eu não tiver impressa diante de meus olhos esta terceira e última parte, e dia e noite siga atormentado por estes intensos sentimentos, corro um risco não pequeno. — — Salve-me você ao menos, prometendo-me por enquanto, querido e estimado editor, que fará todo o possível para acelerar a impressão. — Esta terceira parte do meu drama (melhor seria defini-lo como o final de minha sinfonia) tem uma extensão igual (segundo um cálculo bastante preciso) da segunda, ou seja, mais ou menos cem páginas impressas, talvez menos que mais. Do ponto de vista do conteúdo, há nele diferentes “coisas incríveis” — veremos como a “liberdade de imprensa” está na Alemanha! Finalmente: podem proibir-se as “obras poéticas”? - Com o pedido de receber em breve uma resposta e com toda a minha humildade e meus melhores desejos Nietzsche. Nice (França), Pensão de Genève petite rue St. Étienne

Como se percebe, aqui é possível identificar o contraste entre a última carta escrita por Nietzsche, em 1883, na qual revela que ele está completamente afundado numa crise que durou todo aquele ano, e a sua primeira carta de 1884, que encerra o recorte estabelecido pelo âmbito do presente capítulo, na qual se

evidencia que Nietzsche exsurge das profundas dificuldades que lhe inclinavam a sucumbir, e que esvaziavam as suas forças, e se reergue pela potência que consegue absorver de sua própria obra e, dessa forma, também se apropriar, na vida pessoal, da sua filosofia, dando à mesma uma dimensão que perpassa o plano teórico e o mundo das ideias por ele tão combatido. Percebe-se que, pelo teor das cartas, muito embora todos os problemas que afetaram o filósofo durante o período apontado, Nietzsche se esforça para manter o espírito do *amor fati* e, assim, ele escreve uma carta para a mãe e a irmã Elisabeth em dezembro de 1883, pedindo desculpas pelo teor de cartas anteriores. Dessa forma, embora seja possível reconhecer seu esforço nesse sentido, o conteúdo da missiva não consegue ser totalmente afirmativa, desiderato que somente irá atingir no ano seguinte, com a conclusão do terceiro capítulo de *Za/ZA*, no qual, por meio de sua filosofia, ele consegue se reerguer e chegar à superação, saindo completamente do problema. É o contraste que se observa entre as duas últimas cartas deste período e que nos remete à obra para verificar, sob o prisma da mesma, como se irradiam os efeitos do amor fati sobre a afirmação de si em *Assim falou Zaratustra*.

4 Os efeitos do *amor fati* em Assim falou Zaratustra.

O espírito que anima as questões centrais da filosofia nietzschiana, especialmente no que concerne ao período que abrange a concepção dos três primeiros livros de *Assim Falou Zaratustra*, está intimamente relacionado à afirmação de si. No capítulo anterior, isso já havia sido evidenciado, sendo que Nietzsche se mantém fiel a missão que julga inerente a si, e publica Zaratustra, mesmo sabendo que sofreria consequências, ao afrontar a moralidade estabelecida. De fato, ele não seria mais aceito em alguns meios, como ocorreu em Leipzig, em que lhe foi negada a oportunidade de voltar a lecionar, diante das suas concepções a respeito do cristianismo, expostas no referido trabalho. Preferir o enfrentamento da adversidade para ser fiel a si, na ocasião, inobstante todo o peso que lhe custou, evidencia o valor que ele confere à expressão da sua autenticidade e, também, do quanto admira isso nas pessoas que julga superiores e que buscam elevação. Nosso desiderato, neste momento, é mostrar quais os efeitos do *amor fati* sobre a afirmação de si na obra citada, e de que maneira eles atuam.

Assim Falou Zaratustra revela o desejo do autor de desadormecer os homens²⁸⁰, por meio de seu personagem principal, quando aquele decide abandonar a sua solidão para transmitir a notícia da “morte de Deus” e anunciar o “*Übermensch*”. Porém, no decorrer da estória, Zaratustra se depara com vicissitudes que o levam a ver que os homens foram reduzidos pelos valores milenares da “virtude que apequena”. A redução a que o homem foi submetido passa a ser o alvo dos esforços de Zaratustra e, da filosofia afirmativa de Nietzsche, para combater a mediocridade e a negação à vida, decorrentes da padronização do indivíduo, pela repressão da expressão da diferença. Mais

²⁸⁰ “No *Zaratustra* brota, à semelhança de uma força da Natureza, o espírito de empreendimento mais audacioso, o espírito da vida que experimenta, esse espírito que atravessou como uma corrente subterrânea *A Aurora* e *A Gaia Ciência*, que, adulterando e dissociando toda atitude científica, se propagou como frêmito na personagem do <<Espírito Livre>> e que tornou tão ambíguo o seu perfil. Devolver à existência a sua independência, a sua indeterminação e, por conseguinte, o seu caráter de empreendimento audacioso; rejeitar os pesos opressivos que são Deus, a Moral e o Além, que do exterior determinam o homem, o limitam e o conduzem em andadeiras; obter para a liberdade humana um novo espaço onde ela se possa instalar num quadro totalmente novo e empenhar-se em novas tentativas vitais – é nisto que consiste a tendência subterrânea da <<filosofia da manhã>> de Nietzsche.” (FINK, E. *Nietzsches Philosophie*. 2ª ed. Lisboa, 1988, Trad. Joaquim Lourenço Duarte Peixoto, p. 65-66).

adiante veremos que, em consonância com tal redução, Zaratustra enfrenta seu maior adversário, o espírito de peso que se materializa na forma de um anão, simbolizando a diminuição do ser humano a partir de valores por ele representados. Amortecidos, estes não lhe creem e nem ouvem,²⁸¹ pois sonham com as promessas de certeza do “além-mundo”. Eles não querem escutar Zaratustra pois estão mediocrizados e presos à moralidade, então este percebe que possui uma missão maior do que falar com “cadáveres”, “plantas” e “fantasmas”, por isso deve ser mais criterioso. A partir de então, passa a se manifestar, apenas, aos seus discípulos e animais.²⁸²

O início da reflexão filosófica de Nietzsche, em *Assim Falou Zaratustra*, se dá, portanto, com o anúncio da “morte de Deus” utilizada para simbolizar os ideais metafísicos ilusórios e os valores absolutos da “verdade”, do “bem” e do “belo”, conceitos que, entre outros, passaram a nortear a humanidade, como se antecedessem a ela, ou se lhes fossem hierarquicamente superiores. A tentativa da metafísica de divinizar as coisas, projetando a vida num além-mundo, também será o objeto de ataque da crítica nietzschiana na mesma obra. A importância da “morte de Deus” com o nosso tema está relacionado ao fato de que, a partir disso Zaratustra pretende apresentar uma nova concepção de vida aos homens, na qual os mesmos são responsáveis por criar a própria moral, devendo admirar a vida e superar a adversidade, ao invés de integrar um rebanho de almas idênticas e ressentidas, incapazes de expressar gratidão pela própria existência, embora, na verdade, não desejam a morte, porque a vida é boa. Ocorre que o ideal de segurança e de certeza impele o homem a buscar garantias, proporcionadas pela tradição do pensamento e pelo cristianismo. No entanto, para Nietzsche isso é uma ilusão incapaz de assegurar e definir a verdade, e, ao contrário de oferecer segurança, faz promessas fantasiosas de um “além-mundo”, acabando por destruir as conexões do homem com o presente e consigo mesmo, ao que ele se opõe, eis que, na sua concepção tais métodos

²⁸¹ Segundo Salaquarda, “É evidente também a tarefa que Nietzsche atribui a Zaratustra. Este é basicamente o “mestre do eterno retorno” (Za/ZA III O convalescente; cf. EH/EH, Zaratustra). Quando se lê o livro com essa expectativa, percebe-se, sem dúvida, que Zaratustra justamente nele não ensina o pensamento. Não chega a fazê-lo; não encontra os “ouvidos” apropriados para sua mensagem.” (Salaquarda, 1997, p. 23).

²⁸² Embora nos pareça que os animais de Zaratustra representam sentimentos e emoções que ele sente, ou que lhe abandonam, segundo Salaquarda, “Os animais de Zaratustra representam, nesse contexto, os seres da natureza, que vivem em sintonia com a terra.” (*Idem*, p. 31).

nada mais fazem do que negar a vida, levando ao niilismo. Por meio de Zaratustra, Nietzsche pretende trazer os olhos da humanidade de volta à “terra”, ao “presente”, ao “hoje”, em confronto à idealização de além-mundo, e do desprezo à vida postergando-a no futuro, de acordo com o molde filosófico platônico, ou religioso cristão, que se liga à ideia de eternidade. É a partir da afirmação “Permaneçam fiéis à terra!”²⁸³ que Zaratustra revela o caminho para o encontro do verdadeiro “sim” da filosofia nietzschiana: “Um novo orgulho me ensinou meu Eu, que ensino aos homens: não mais enfiar a cabeça na areia das coisas celestiais, mas levá-la livremente, uma cabeça terrena, que cria sentido à terra!”²⁸⁴

Se com a “morte de Deus” Nietzsche pretende livrar o homem das amarras dos valores milenares absolutos e dos apelos transcendentais e idealistas que lhe impedem de viver o agora, este mesmo decreto acarreta no perigo do “niilismo”²⁸⁵, eis que, se a tradição determinava o propósito de vida dos seres humanos, com promessas ilusórias, estes terão que criar seus próprios valores para fugir do vazio existencial que a “morte de Deus” deixou.²⁸⁶ Por esse motivo Nietzsche incita os homens à criação, o que leva à coragem, eis que a criação está associada à romper com o que está posto, à trazer o novo e a superação de si. Criar é se desnudar do que já foi feito para que o novo surja e, sem tais amparos, expor-se às críticas. Nesse sentido, criar é ir além de si.²⁸⁷ Só a criação é capaz de quebrar as velhas tábuas, ao invés de perpetuar valores milenares. Como vimos, para Nietzsche, a introdução da moralidade, de forma universalizada, fez com que o homem fosse estimulado a agir de forma idêntica aos demais, e desencorajado a se manifestar de forma autêntica, suprimindo a singularidade humana, pois agir com espontaneidade significa atender seus

²⁸³ Za/ZA, II, Da virtude dadivosa, p. 73.

²⁸⁴ Za/ZA, I, Dos transmundanos, p. 31.

²⁸⁵ Segundo Araldi: “Com o anúncio da “morte de Deus” (FW/GC § 125), não só se consoma o livramento do espírito livre de todo o passado, mas se abre também um horizonte infinito e incerto, que aponta para além de si, das fronteiras de seu ceticismo. A “morte de Deus”, desse modo, implica o abandono e a negação de todo sentido e segurança que Deus, tido como a verdade suprema, significava para a vida humana. Abandonando a terra firme de toda a tradição e o sol da crença no conhecimento da verdade suprema, o homem se depara tanto com a ameaça de perambular eternamente no nada quanto com a tarefa positiva de engendrar a si mesmo, de se tornar senhor de si.” (ARALDI, 2004, p. 260).

²⁸⁶ Para Löwith, “O pensamento fundamental do Zaratustra - o eterno retorno do mesmo - é (...) o princípio da transvaloração de todos os valores, porque ele reverte o niilismo.” (LÖWITH, K. Nietzsche: philosophie de l'éternel retour du même, 1991, p. 78).

²⁸⁷ Za/ZA, I, Dos desprezadores do corpo, p. 34.

próprios impulsos, o que ameaça a possibilidade de controle e dominação, afetando, por conseguinte, a sensação de segurança e estabilidade das esferas humanas. O problema está no fato de que, para isso, o homem precisa afirmar a si sem medo, e isso implica em desejar a vida da forma como ela se apresenta, ainda que o resultado não seja o esperado. É necessário vencer, além do medo, a preguiça, eis que, se por um lado, a única forma de fazer valer a própria individualidade no mundo se dá a partir da superação de si e da negação aos apelos de aderir ao rebanho, por outro, a necessidade de segurança e a busca por certeza são abaladas, é necessário ter coragem, criar e superar a si. Para tanto, a força capaz de suplantar os temores gerados por esse desconforto está no *amor fati*, pois ao afirmar a vida, com todos os seus vieses, o indivíduo se sente forte para se fazer presente no mundo e expressar a sua singularidade, sem temer o que pode advir, porque adere ao que ocorre como um fato necessário, seja ele qual for.

A necessidade da existência de oposição, e da diferença, por conseguinte, é trazida por Nietzsche como fundamental para permitir a superação. A metáfora da oposição entre os degraus e os que sobem remete novamente ao confronto entre “alturas”, que seria o desejo e objeto de propósito da própria vida, e a redução do homem, representada pelo anão²⁸⁸, o arquirrival de *Zarathustra* que será enfrentando por este mais adiante. Em outras palavras, o homem precisa atender os desejos da vida que quer, constantemente, superar a si e buscar alturas. Para tanto, ele deve ter coragem para se elevar, vencendo os valores morais que lhe apequenam e, assim, galgar os degraus que o levam, também, às alturas.

Ressalte-se que, em *Assim Falou Zarathustra*, Nietzsche reitera a ideia da criação, por diversas vezes, como sendo o que permitirá a vinda do futuro, o que poderá trazer o *Übermensch* e quebrar as tábuas. Viver de forma intensa e com maior profundidade do que os homens em geral, faz do “Além-do-homem” o simbolismo da busca por alegria e do amor à vida, com potência e sem restrições. Por isso mesmo, ele não apenas aceita, mas afirma, e, por força disso, deseja o “eterno retorno do mesmo”, até daqueles que ele despreza, porque isso representa a vitória, é como o guerreiro que não teme o adversário

²⁸⁸ O “anão” ou “topeira”, é ainda descrito como “espírito da gravidade” e significa a mediocridade (Za/ZA, III, Do espírito de gravidade, p. 186).

nem evita novo confronto por covardia. Por esse motivo, a grande representação do tema aventado é o *Übermensch*, que cria seus próprios valores:

Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizestes para superá-lo?

Todos os seres, até agora, criaram algo acima de si próprios: e vós quereis ser a vazante dessa grande maré, e antes retroceder ao animal do que superar o homem?

Que é o macaco para o homem? Uma risada, ou dolorosa vergonha. Exatamente isso deve o homem ser para o super-homem: uma risada ou dolorosa vergonha.

Fizestes o caminho do verme ao homem, e muito, em vós, ainda é verme. Outrora fostes macacos, e ainda agora o homem é mais macaco do que qualquer macaco.

O mais sábio entre vós é apenas discrepância e mistura de planta e fantasma. Mas digo eu que vos deveis tornar fantasmas ou plantas? (Za/ZA, I, Prólogo de Zaratustra, p. 12)

Na medida em que a superação do homem comum e do “último homem” depende da capacidade de suplantar tudo aquilo o que sobrepujou o que é natural ao indivíduo, no intuito de contê-lo, quando Nietzsche afirma que ensina o *Übermensch*, ele pretende ensinar o *amor fati*, pois ao advogar pela vida ele promove o desejo pelo “eterno retorno do mesmo”.²⁸⁹ Nesse sentido, o *übermencht* representa a possibilidade do homem tornar-se quem é e, por conseguinte, o amor à vida, eis que somente este é capaz de superar o pequeno homem²⁹⁰ e sua moralidade.²⁹¹ Para Zaratustra, o desenvolvimento humano foi contido pela metafísica, reduzindo o indivíduo à condição de verme, de “homem pequeno”, do “macaco” que retrocedeu na evolução. Por isso, o mais sábio entre os homens morais nada mais é do que uma mistura de “planta” e “fantasma”: eis

²⁸⁹ Segundo Rubira, “com a hipótese cosmológica do retorno, Nietzsche julga encontrar o modo de libertarmo-nos das ‘cadeias’, ou seja, dos ‘erros fundamentais’ das ‘representações morais, religiosas e metafísicas’, reintegrando esses aspectos ao mundo, e pensando que tipo de constituição humana tem necessidade de produzir concepções de verdade, identidade, livre-arbítrio, as quais acabam por determinar todo um âmbito de valores morais. A possibilidade do eterno curso circular também lhe oferece não uma verdade, mas uma idéia que deve ser tomada como ‘experimento’, que torna viável restituir ao vir-a-ser a sua ‘inocência’, viver em ‘função da alegria’ como único alvo, ou, em resumo, para o ‘dizer-sim’ à vida.” (RUBIRA, 2010, p. 208).

²⁹⁰ “Zaratustra apresenta na praça do mercado imagem da sua esperança, isto é, aos últimos homens, ao homem que perdeu todo o idealismo, toda a força de vitória sobre si próprio, ao homem que já não ousa nada, que já não quer nada, que já não arrisca nada, que historicamente está farto do jogo. É o homem do niilismo passivo, que já não acredita em nada, no qual se extinguiu a força criadora da natureza humana, o homem que no fundo vegeta, embora disponha de extensa cultura; é o homem que já não é uma tarefa para si próprio; é o pequeno homem em cuja alma já não arde a chama do entusiasmo.” (FINK, *op. cit.*, p. 71).

²⁹¹ Segundo Rubira (2010, p. 14): “A crença [no eterno retorno] dá à existência seu ‘novo centro de gravidade’, depois que ela perdeu o antigo, aquele da crença cristã (*Idem, ibidem*, p. 73). Considerando o eterno retorno do mesmo como um ‘novo centro de gravidade’, Löwith encontra um caminho para chegar ao modo como transvaloração e eterno retorno estão intrinsecamente relacionados e, ao longo de sua obra, fornece observações significativas nessa direção.

que “plantas” não se transformam nem mudam de lugar e “fantasmas” não dispõem de vida.

Ocorre que, na praça, Zaratustra falava com todos e não falava com ninguém. Não havia, entre o povo, quem sequer acreditasse em “homens superiores”²⁹², e na possibilidade de se substituir valores divinos por valores humanos, porque foram ensinados, pelas “tarântulas”²⁹³, a acreditar que todos são iguais perante Deus²⁹⁴. A única preocupação do povo se limitava à conservação do homem, por meio do que se apresentava como útil e, portanto, não entendiam a mensagem de superação do indivíduo, que Zaratustra pretendia introduzir.

O seu propósito de trazer o ser humano para o “presente” e para a “terra”, enaltece a vitalidade em oposição à tentativa de sobrepujar a vida com as promessas de “além-mundo”. Isso está ligado à afirmação de si, eis que estar vivo significa atuar de forma espontânea no mundo, indiferente a julgamentos e ser superior, na medida em que não sucumbe à pressão moral de agir igual aos demais. Exige que se ame a vida na terra, mas não amar o presente herdado pelo mofo do passado e nem, tampouco, desejar o futuro do além-mundo. Nietzsche pretende incitar seus leitores, por meio de Zaratustra, a perscrutar um novo amanhã. Um amanhã em que seus filhos irão viver uma vida na qual as escamas dos princípios milenares do dragão não mais brilharão.²⁹⁵ Um amanhã

²⁹² Fink define os homens superiores como “aqueles que representam o <<resto de Deus>>, os idealistas, cujo céu ideal se desmoronou e que agora experimentam um grande e medonho vazio: <<Todos os homens do grande desejo, do grande asco, da grande saciedade>>, os niilistas.” (Em FINK, *op. cit.*, p. 71). Por outro lado, segundo Sánchez aduz que, Campioni, “põe em evidência como os indivíduos decadentes que tanto atraem a atenção de Nietzsche possuem mais de uma qualidade que ele valora positivamente. Os homens superiores que Zaratustra encontra em seu caminho são todos eles indivíduos formidáveis que não acharam, entre seus contemporâneos, as condições de sua existência. Nietzsche admira esta veracidade e esse não saber viver deles; porém, na óptica do filósofo, falta-lhes uma coisa: falta-lhes a força no grau em que é veracidade límpida e decisão de comprometer-se radicalmente com o rechaço aos ídolos protetores da metafísica.” (SÁNCHEZ, 2007, p. 15) Não concordamos com nenhum dos dois posicionamentos, eis que nos parece que o esforço de Nietzsche está em fazer com que os homens superiores façam uso da sua capacidade de ver e de ouvir mais a fim de exercitar o seu poder de criação. (FW/GC §301) Nesse sentido compreendemos que Nietzsche desfere críticas no sentido da elevação dos mesmos, acreditando que os mesmo estão em uma condição mais favorável que a do “último homem”, não se enquadrando, por isso, numa relação de desprezo por parte do filósofo porém, nem, tampouco, merecendo a admiração de Nietzsche a ponto de serem considerados “indivíduos formidáveis”. Para tanto lhes faltaria muita autenticidade.

²⁹³ Metáfora utilizada por Nietzsche em *Za/ZA*, II, p. 94, referindo-se aos sacerdotes cristãos.

²⁹⁴ Conforme *Za/ZA* IV, *Do homem superior*, p. 271.

²⁹⁵ “As escamas milenares” significam os valores morais cristãos. Isso porque o “animal de escamas” reluz “em ouro”. Ouro é um elemento ligado à Jesus Cristo na medida em que remete a um dos presentes dados pelos Reis Magos por ocasião do seu nascimento e está associado à

em que as tábuas da moralidade já terão sido quebradas, eis que elas negam a terra e o presente, para reduzir a existência, dando supremacia ao mundo ideal, pois essa é a superação humana que significa o *Übermensch* nietzschiano:

O super-homem é o sentido da terra. Que a vossa vontade diga: o super-homem *seja* o sentido da terra!

Eu vos imploro, irmãos, *permaneça fiéis à terra* e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras! São envenenadores, saibam eles ou não.

São desprezadores da vida, moribundos que a si mesmos envenenaram, e dos quais a terra está cansada: que partam então! (Za/ZA, I, Prólogo de Zaratustra, p. 12-13)

Mas quem são os moribundos? O que leva os homens à essa terrível condição? Na perspectiva nietzschiana, colocar-se dessa forma significa optar seguir por um caminho de agonizante e desamoroso desaparecimento do mundo, provocada pelo advento do cristianismo e apregoado pela moral. Segundo o protagonista: “Foram os doentes e moribundos que desprezaram o corpo e terra e inventaram as coisas celestiais e as gotas de sangue redentoras: mas também esses doces, sombrios venenos tiraram eles do corpo e da terra!”²⁹⁶

O esforço de Zaratustra se concentra em demonstrar a necessidade de valorizar a vida na própria instância em que ela se consolida e se oferece. Em outras palavras, quem a ela se opõe, fazendo-se moribundo, envenenando a si mesmo e punindo-se com sangue não a merece e, portanto, quem age assim deve partir em direção às tão sonhadas coisas celestiais. Nietzsche pretende ensinar o *amor fati*, como uma nova vontade: “Uma nova vontade ensino aos homens: querer esse caminho que o homem percorreu cegamente, declará-lo bom e não mais se esgueirar para fora dele, como os doentes e moribundos!”²⁹⁷ O que seria essa vontade que Nietzsche quer ensinar? É uma vontade com intenção de superação, de vida, impulsionada pelo *amor fati* que ele quis e buscou para si, eis que se expressa pelo desejo de ver a vida com gratidão ao invés de seguir pelo caminho oposto, do ressentimento.²⁹⁸

ideia de “realeza”, refletindo a submissão dos Reis Magos à sua missão, em conjunto com a “mirra”, que simbolizava “humanidade” e “incenso” que estava associado à “divindade”). “Em cada escama brilha um dourado”, dourado que advém do ouro das escamas. “Valores milenares brilham nessas escamas”, “todo o valor das coisas brilha em mim”. Esse valor que brilha e que domina tudo não permite a criação de novos valores pois todos os valores estão nele. É por esse motivo que o leão quer lutar contra o dragão milenar (como o cristianismo), a fim de criar liberdade para nova criação. (Za/ZA I, Das três metamorfoses, p. 26).

²⁹⁶ Za/ZA, I, Dos transmundanos, p. 31.

²⁹⁷ Za/ZA, I, Dos transmundanos, p. 31.

²⁹⁸ A respeito do tema entendemos que a “nova verdade” não se trata do pensamento do eterno retorno do mesmo, eis que este já havia ocorrido a Nietzsche em agosto de 1881. Já o pedido

Entretanto, Zaratustra evidencia a fragmentação a que o ser humano foi submetido com a tentativa de prestigiar o mundo ideal, em detrimento do corpo, e que o leva a viver como um doente e moribundo. Dividido em corpo e alma, esta passa a prevalecer por ser eterna. O conceito de imperecibilidade vindo do mundo das ideias elevou a alma à condição de soberana, concedendo-lhe uma posição hierarquicamente superior em relação ao corpo, cuja efemeridade não proporciona certeza e segurança. Por esse motivo, o mesmo foi reduzido e menosprezado em face da sua condição de finitude. Dessa forma, institui-se a supremacia da alma, eis que não seria digno, à mesma, ter que se sobrepujar aos desígnios e impulsos de um elemento fugaz como o corpo, governado por padrões selvagens como os instintos. Nesse sentido:

Uma vez a alma olhava com desprezo para o corpo: e esse desdém era o que havia de maior: - ela o queria magro, horrível, faminto. Assim pensava ela escapar ao corpo e à terra.
Oh, essa alma mesma era ainda magra, horrível e faminta: e a crueldade era a volúpia dessa alma! (Za/ZA, I, Prólogo de Zaratustra, p. 13)

A alma, moribunda, faminta de vida, era magra pois se alimentava apenas da ânsia de um além-mundo. Horrível, porque mesmo magra e cobiçosa, é eterna, e sua fome não lhe mata. Também é horrenda por desprezar a expressão da beleza que é a vida em si, dessa forma, nada poderia fazer além de reprimir a representação da vida e as manifestações do corpo. Daí querer desnutrir o corpo e torná-lo magro. A repressão do corpo e da sua manifestação se fez em crueldade, para ser forte e efetiva, tornando-se a volúpia de uma alma esfomeada e ávida por diversão e alimento.

Uma vez abordada a identidade, torna-se relevante analisar a importância do espírito, pelo viés nietzschiano. Para Nietzsche, aquilo a que o homem reconhece orgulhosamente como “Eu”, nada mais é do que a expressão do corpo, já que este é a “grande razão”, cujo instrumento e brinquedo é a “pequena razão”, conhecido por “espírito”²⁹⁹. Em vista disso, não há como admitir a negação dos sentidos, já que estes são a própria manifestação do corpo e, por conseguinte, este é a expressão da vida, em cada homem, na sua singularidade:

expresso pelo filósofo ao *Sanctus Januarius* ocorreu posteriormente, em de 1882. Portanto, o aspecto cronológico reforça a nossa convicção de que o *amor fati* é, de fato, a “nova vontade” que Nietzsche pretende apregoar, além de todo o significado que há no texto direcionando para esta interpretação.

²⁹⁹ Za/ZA, I, Dos desprezadores do corpo, p. 33.

“O que o sentido sente, o que o espírito conhece, jamais tem fim em si mesmo. Mas sentido e espírito querem te convencer de que são o fim de todas as coisas: tão vaidosos são eles.”³⁰⁰ O corpo é o “Si-mesmo” e, por isso, para Nietzsche: “Há mais razão em teu corpo do que em tua melhor sabedoria. E quem sabe por que teu corpo necessita justamente de tua melhor sabedoria?”³⁰¹ A partir dessa perspectiva nietzschiana, o corpo é fundamental, no que tange à existência humana, não somente no que se refere ao aspecto de estar presente no mundo, de forma viva, mas de se perceber alinhado e resiliente dentro de um universo que está em constante transformação e que, portanto, não se compromete a dar, e nem pode, sequer prometer, certezas e verdades absolutas. Entretanto, ouvir a grande razão do corpo gera instabilidade e insegurança na sociedade, eis que só é possível tornar os comportamentos previsíveis estabelecendo uma moral que unifique e padronize os mesmos. Para isso há que se conter a espontaneidade e, assim, coibir, ou punir, a expressão da diferença. Portanto, a única forma encontrada de lidar com o corpo, para garantir tal intuito, foi, segundo o filósofo, mediante a repressão da sua importância e do estabelecimento da supremacia da alma, acarretando na negação da manifestação da vida e de suas pulsões, por meio do desprezo ao corpo. Por esse motivo que Zaratustra incita os “desprezadores do corpo” a amarem a vida, atendendo ao próprio si-mesmo, ao invés de menosprezá-lo. O si-mesmo não é o pensamento, e sim a expressão do corpo mediante suas emoções, o qual “criou para si o espírito, como uma mão de sua vontade”.³⁰² Quando o indivíduo despreza a manifestação do seu corpo ele interrompe a conexão consigo mesmo, tornando incompreensível a sua real intenção diante da vida, eis que passa a viver para atender os desígnios alheios, acarretando num desaparecimento de si, numa existência sem vontade. Com isso o homem nega a sua singularidade e a possibilidade da alteridade, que exige a manifestação livre da própria existência no mundo para ser capaz de reconhecer a si e ao outro, a ponto de se distinguir dele. Ainda assim, o indivíduo não consegue deixar de atender seu si-mesmo, mesmo quando é tolo. Na tolice de tentar se afastar de si, a existência humana perde o propósito, inibindo o poder de criação para

³⁰⁰ Za/ZA, I, Dos desprezadores do corpo, p. 33.

³⁰¹ Za/ZA, I, Dos desprezadores do corpo, p. 33.

³⁰² Za/ZA, I, Dos desprezadores do corpo, p. 34.

incorporar valores e anseios alheios à própria vontade, que estimula o homem a se igualar aos demais, levando à perda do desejo de viver e passando a aspirar o próprio perecimento. É o que acontece com os desprezadores do corpo que, por não poderem fazer o que seu corpo anseia, despertam em seu si-mesmo o desejo de se afastar da vida, desprezando-a:

Ainda em vossa tolice e desprezo, vós, desprezadores do corpo, atendeis ao vosso Si-mesmo. Eu vos digo: vosso próprio Si-mesmo quer morrer e se afastar da vida.

Já não é capaz de fazer o que mais deseja: - criar para além de si. Isso é o que mais deseja, isso é todo o seu fervor.

Mas ficou tarde demais para isso: - então vosso Si-mesmo quer perecer, desprezadores do corpo!

Vosso Si mesmo quer perecer, e por isso vos tornastes desprezadores do corpo! Pois não sois mais capaz de criar para além de vós.

E por isso vos irritais agora com a vida e a terra. Há uma inconsciente inveja no oblíquo olhar do vosso desprezo. (Za/ZA, I, Dos desprezadores do corpo, p. 34)

Ao desprezarem o corpo, os homens não conseguem mais escutar a si mesmos, perdem o contato com a sua grande razão e buscam critérios para balizar sua conduta. Partem então, segundo Nietzsche, atrás de anestésias, buscando a virtude:

Agora vejo claramente o que antes buscavam as pessoas, ao buscar professores da virtude. Buscavam o bom sono, e virtudes opíacas para ele!

Para todos esses louvados sábios de cátedras, a sabedoria era o sono sem sonhos: eles não conheciam sentido melhor para a vida. (Za/ZA, I, Das cátedras da virtude, p. 29)

Ocorre que, segundo Nietzsche, a virtude está justamente na expressão de si e, portanto, não pode ser buscada em fontes externas. Dessa forma o indivíduo não encontra correspondência e ressonância substituindo o contato consigo mesmo, com a sua “grande razão”, pelas virtudes alheias determinadas pela moral. Ele deve encontrar a si mesmo, valorizando a existência e a expressão das suas diferenças, eis que a presença do homem no mundo só tem sentido mediante a capacidade de expor sua alteridade. Somente enquanto manifestação da diferença ele permanece existindo de forma distinta dos fantasmas e das plantas, fazendo com que sua presença no mundo se desigale dos demais a partir da autenticidade de sua própria virtude. Segundo Zaratustra (Za/ZA, II, Dos virtuosos, p. 89): “Vossa virtude é o mais querido em vós mesmos. (...) O fato de vossa virtude ser vós mesmos e não algo alheio, uma pele, uma coberta: eis a verdade do fundo de vossas almas, ó virtuosos!”

Na medida em que a virtude humana deve ser própria e não determinada de forma heterônima, o protagonista deseja livrar o homem da necessidade de tornar-se igual a partir dos valores morais estabelecidos. Importante ressaltar que, para Nietzsche, os conceitos de “bom” e “mau” não tinham um sentido moral definido originariamente, de forma nata, ou seja, assim foram considerados em face da utilidade que tais ações apresentavam. Isso significa dizer que o mundo não foi concebido já dotado de valores morais pré-determinados. Eles serviram para estimular determinados comportamentos e coibir outros³⁰³, segundo seus próprios critérios avaliativos e utilitários, em face dos interesses dominantes da época, que os levaram a ser chamados de “valores morais”, eis que são dotados de carga avaliativa. Entretanto, a concepção de que o caráter inicialmente utilitarista da formação dos conceitos morais foi esquecido e substituído pela real convicção de que o bom correspondia, de fato, ao bem³⁰⁴ não servia mais ao filósofo. Na época do *Zarathustra* Nietzsche tinha um modo próprio de entender a origem da criação dos valores:

Em verdade, os homens deram a si mesmos todo o seu bem e mal. Em verdade, eles não o tomaram e não o acharam; não lhe sobreveio como uma voz do céu.

Valores foi o homem que primeiramente pôs nas coisas, para se conservar - foi o primeiro a criar sentido para as coisas, um sentido humano! por isso ele se chama “homem”, isto é, o estimador.

Estimar é criar: escutai isso, ó criadores! O próprio estimar é, de todas as coisas estimadas, o tesouro e a jóia.

Apenas através do estimar existe valor: e sem o estimar seria oca a noz da existência. Escutai isso, ó criadores! (Za/ZA, I, Das mil metas e uma só meta, p. 56-57).

³⁰³ Segundo a Araldi e Itaparica: “Para Nietzsche, o processo de moralização por meio dos costumes foi muito mais coercitivo do que pressupunha Rée, pois teve de modelar os instintos fundamentalmente egoístas do homem para que eles se tornassem acomodados aos costumes da comunidade”. (RÉE, 2018, p. 32).

³⁰⁴ O entendimento inicial à respeito da origem das designações morais, na época de Humano, Demasiado Humano por parte de Nietzsche era: “Primeiro chamados as ações isoladas de boas ou más, sem qualquer consideração por seus motivos, apenas devido às consequências úteis ou prejudiciais que tenham. Mas logo esquecemos a origem dessas designações e achamos que a qualidade de ‘bom’ e ‘mau’ é inerente às ações [...]. Em seguida, introduzimos a qualidade de ser bom ou mau nos motivos. [...]. Indo mais longe, atribuímos o predicado bom ou mau não mais ao motivo isolado, mas a todo o ser de um homem.” (MAI/HHI §39. Trad.: PCS).

Nietzsche evidencia o intuito que há por detrás da ação de auferir valor³⁰⁵ a algo, e do poder que isso lhe confere, eis que cria uma medida³⁰⁶, um novo conceito de valia ou de desprezo no mundo. Segundo Nietzsche, tais valores são transmitidos ao homem no nascimento, e juntamente com eles, a culpa pela sua existência, a qual, seria perdoada mediante a aquisição deste “dote”, conforme veremos na sequência do trabalho. Antes disso iremos nos ater à questão da igualdade. Na tentativa de evidenciar que a tradição usou a promessa de segurança para padronizar os homens, e que essa padronização também serviu para garantir aos propósitos da mesma de assegurar a si, Nietzsche usa a figura das “tarântulas” para ilustrar a ação cristã dos sacerdotes “pregadores da igualdade”.

“Vingança vamos praticar, e difamação de todos que não são iguais a nós” - assim juram os corações das tarântulas.
 “E ‘vontade de igualdade’ - esse mesmo será doravante o nome para ‘virtude’; e contra tudo que tem poder levantaremos nosso grito!”
 Ó pregadores da igualdade, é o delírio tirânico da impotência que assim grita em vós por “igualdade”; vossos mais secretos desejos tirânicos assim se disfarçam em palavras de virtude! (Za/ZA, II, Das Tarântulas p. 95)

As tarântulas uniformes, impossíveis de ser identificadas por algum aspecto singular, simbolizam aqueles que se deixaram homogeneizar e, por isso, desprezam os que se diferenciam delas, que não se converteram aos seus padrões. Elas transformam em desprezo tudo aquilo que temem, e convertem em virtude aquilo que lhes permite intimidar, garantindo sua manutenção ao poder e à possibilidade de dominar. Assim, “vontade de igualdade” se transforma e disfarça em uma “virtude” para as tarântulas pregadoras da verdade, pois o

³⁰⁵ A respeito da concepção de Nietzsche aqui pré-existente de que o ser humano teria uma balança interna cujos pratos pendem conforme o peso do juízo nela posto, Rubira aduz que: “é de modo incipiente que essa idéia surge em Humano, ela ganha profundidade em *Miscelânea de opiniões e sentenças*. É nessa obra que vamos encontrar, pela primeira vez, sua compreensão de que o homem possui uma “balança do juízo moral” (*Wage des moralischen Urtheils*). É justamente porque Nietzsche percebe que a moral humana está intimamente vinculada com a avaliação de juízos que são “pesados” nesta espécie de interna que, em *O andarilho e sua sombra*, ele constrói sua hipótese fundamental de que a moralidade humana tem o seu começo ‘na tremenda agitação interna que apanhou aos homens primitivos quando descobriram a medida e o medir, a balança e o pesar’ (VS/AS S21). Não se trata, todavia, de uma reflexão isolada, pois ao longo da obra madura ela voltará a ser apresentada.

Em *Assim falava Zaratustra* essa idéia reaparece ligada ao conceito de vontade de potência e ganha maior elaboração na medida em que, já em suas anotações para o *Zaratustra*, Nietzsche substitui a definição do homem como ‘o que mede’ (*den Messenden*) por ‘aquele que avalia’ (*der Schätzende*). Na boca de Zaratustra vemos que o caráter hipotético da idéia que estava presente em *O andarilho e sua sombra* toma a forma de uma tese”. (RUBIRA, 2010, p. 160-161).

³⁰⁶ Em sua obra, Rubira faz um estudo aprofundado a respeito da avaliação, dos pesos e das medidas. Segundo ele: “Nos esboços para a primeira parte de *Assim falava Zaratustra*, Nietzsche observa: ‘Somente são criadores aqueles que avaliam (*Schätzenden*) e inventam novos valores: eles são o eixo em torno do qual o mundo se move.’ (X, 4(36) Novembro de 1882 - fevereiro de 1883).” (RUBIRA, 2010, p. 161).

fato de ser tratada dessa forma faz com que a igualdade se reforce e propague. A igualdade interessa na medida em que reduz a sensação de impotência e mal-estar que leva as tarântulas ao desejo de vingança contra a ameaça de conviver com quem exalta e expressa a diferença, a partir da manifestação da sua singularidade. Elas acreditam que podem determinar os resultados pela teia da causalidade.³⁰⁷ Tais aspectos que as fazem querer difamar e se vingar daqueles que expressam sua autenticidade, e essa revolta se dá porque a igualdade é um condicionamento artificial, a que até elas são obrigadas a se submeter e com isso sofrem por reprimir a si mesmas, na medida em que, segundo Zaratustra, os homens não são iguais. Os sacerdotes, representados pelas tarântulas, promoveram a “moral de rebanho” por meio da ideia de igualdade, prometendo o além-mundo como o único futuro possível a fim de preencher o niilismo, no entanto eles mesmos eram também ovelhas e rebanho, eis que impunham a si algo que não era próprio do ser humano. Dessa forma, as tarântulas: “Zelosamente e aos gritos empurravam seu rebanho sobre a sua estreita ponte: como se houvesse uma única ponte para o futuro! Em verdade, também esses pastores contavam ainda entre as ovelhas.”³⁰⁸ Isso leva o protagonista a insistir em desadormecer a humanidade da falta de vida que as tarântulas preconizam. Ele procura enfatizar o aspecto nefasto que elas proporcionam: “Então falo convosco por imagens, vós que fazeis rodar a alma, vós, pregadores da igualdade. Tarântulas sois para mim, e seres ocultamente vingativos!”³⁰⁹ A “vingança” é traduzida em “virtude” e “justiça”, pelas tarântulas, que guardam no coração o juramento: “Vingança vamos praticar, e difamação de todos que não são iguais a nós”. Dessa forma, segundo Zaratustra, “vontade de igualdade” é o nome da suposta “virtude” das tarântulas. O motivo da vingança consiste no “delírio tirânico da impotência” que exige, “igualdade”, e se disfarça em palavras de virtude. A respeito da igualdade, Zaratustra adverte:

Meus amigos, não quero ser misturado e confundido com outros.
Há aqueles que pregam a minha doutrina da vida: e ao mesmo tempo
são pregadores da igualdade e tarântulas.
Elas falam a favor da vida, essas aranhas venenosas, embora estando
em suas cavernas, afastadas da vida: com isso querem ferir. (...)

³⁰⁷ Afirma Deleuze: “A inocência é o jogo da existência, da força e da vontade. A existência afirmada e apreciada, a força não separada, a vontade não desdobrada, esta é a primeira aproximação da inocência. (...) O mau jogador conta com vários lances de dados, com um grande número de lances; assim ele dispõe da causalidade e da probabilidade para trazer uma combinação que declara desejável: ele coloca essa própria combinação como um objetivo a ser obtido, oculto atrás da causalidade. É isso que Nietzsche quer dizer quando fala da eterna aranha, da teia de aranha da razão. (...) Abolir o acaso pegando-o com a pinça da causalidade; em lugar de afirmar o acaso, contar com a repetição dos lances; em lugar de afirmar a necessidade, contar com uma finalidade; todas essas são operações do mau jogador. Elas têm sua raiz na razão, mas qual é a raiz da razão? O espírito de vingança, nada mais do que o espírito da vingança, a aranha! O ressentimento na repetição dos lances, a má consciência na crença numa finalidade. Mas assim só serão obtidos números relativos, mais ou menos prováveis.” (DELEUZE, 1976, p.13-15).

³⁰⁸ Za/ZA, II, Dos Sacerdotes, p. 88.

³⁰⁹ Za/ZA, I, Das tarântulas, p. 94-95.

Se fosse diferente, as tarântulas ensinariam coisa diferente: e outrora foram justamente elas os melhores caluniadores do mundo e queimadores de hereges.

Com esses pregadores da igualdade não quero ser misturado e confundido. Pois assim me fala a justiça: “Os homens não são iguais”. E tampouco deverão sê-lo! Que seria meu amor ao super-homem, se eu falasse outra coisa? (Za/ZA, II, Das tarântulas, p. 96)

A ideia de igualdade humana vai de encontro com a filosofia afirmativa de Nietzsche, eis que aquela obstaculiza, a superação e, por conseguinte, o nascimento do *Übermensch*. Impede, também, a capacidade de criar valores, de viver a partir deles e da própria virtude, em contraposição à adoção de uma moral heterônima. A defesa da igualdade, sustentada pelo paradigma de que todos são iguais perante Deus, nega a manifestação da individualidade humana e restringe a criação, na medida em que o novo não tem como se originar, já que não há espaço e nem estímulo para a inovação e para a expressão da diferença. Dessa forma, evita-se a ruptura com a estabilidade e a certeza, favorecendo, ao mesmo tempo, a dominação. É por isso que Zaratustra pretende ser um agente transformador que provoca o despertar e a superação. É isso que o impele à buscar a independência e a atitude, para isso não quer falar com mortos e não pretende “ser pastor e nem coveiro”, porque não pretende estabelecer verdade e crenças.³¹⁰

Mas de companheiros vivos necessito, que me sigam porque querem seguir a si mesmos - e para onde quero ir.

(...)

Companheiros é o que busca o criador, não cadáveres, e tampouco rebanhos e crentes. Aqueles que criem justamente com ele busca o criador, que escrevam novos valores em novas tábuas. (Za/ZA, I, Prólogo de Zaratustra, p. 22)

Por meio de Zaratustra, Nietzsche desfaz das crenças, na medida em que elas não expressam o encontro do homem consigo mesmo, mas sim da adequação do ser humano a um condicionamento externo a ele, ao qual se submete: “Ainda não havíeis procurado a vós mesmos: então me encontrastes. Assim fazem todos os crentes; por isso valem tão pouco todas as crenças.”³¹¹ A falta de valor das crenças está no fato de que as mesmas modelam o indivíduo, extraindo-lhe a capacidade de pensar por si e de manifestar a sua singularidade no mundo, sem medo. As crenças matam a capacidade de criação e de superação, eis que estabelecem a igualdade de concepção, reduzindo a

³¹⁰ Za/ZA, I, Prólogo de Zaratustra, p. 23.

³¹¹ Za/ZA, I, Da virtude dadivosa, p. 74.

interpretação os fatos, que podem ser vistos sob inúmeras perspectivas, a uma essência determinante e fixa, que gera certeza e segurança não necessariamente verdadeira e interessante ao indivíduo, tendo em vista que mata sua iniciativa e a pulsão da vida, transformando-o em moribundo. Zaratustra ensina o amor à vida, e por isso não lhe interessa falar com os mortos. Ele quer estar com os que são capazes de criar e de festejar o fato de viver com a alegria dionisíaca da dança e do riso, para lhes mostrar “o arco-íris e todos os degraus até o super-homem”.³¹² Ele não quer seguidores e sim evocar no indivíduo a busca por si mesmo, para que possa haver a superação da moral e de todo o idealismo que foi introduzido na mente humana, no sentido de negar os impulsos do corpo e, por conseguinte, a manifestação da própria vida. Nietzsche quer que o homem atue e pense por si. Para tanto, ele precisa se livrar do medo e das expectativas do julgamento que fazem dele, só assim encontrará sua própria virtude: “Quando vos elevais acima do elogio e da censura, e vossa vontade quer em tudo mandar, como a vontade de um amante: aí está a origem de vossa virtude.”³¹³

É a isso que Nietzsche exorta seus leitores como um preceito da virtude: a libertação do desejo de agradar, no sentido de ser “bom” e compassivo, bem como do receio de não corresponder ao que dele é esperado, por vaidade ou medo de punição, abdicando a partir de então, da posição de culpado e de vítima. Dessa forma, a superação é estimulada, por Nietzsche, em *Assim Falou Zaratustra*, desde o momento em que incita os homens a abandonarem o comodismo e a resignação para buscarem a si mesmos, mediante a valorização do que é natural ao homem, e que foi desprestigiado em função do pensamento racional. Isso acarreta na perquirição do “si-mesmo” e da afirmação da diferença, resultando no abandono da domesticação.

A partir disso é possível afirmar que, na filosofia nietzschiana, o *amor fati* promove a superação de si:³¹⁴ “Que o vosso amor à vida seja amor à vossa mais alta esperança: e vossa mais alta esperança seja o mais alto pensamento da

³¹² Za/ZA, I, Prólogo de Zaratustra, p. 23.

³¹³ Za/ZA, I, Da virtude dadivosa, p. 72.

³¹⁴ “Essa é a conclusão do desenvolvimento conceitual do livro. O “declínio” de Zaratustra, que começara no primeiro capítulo do prólogo, termina no momento em que o protagonista aceita o seu destino. Não mais se esquiva de seu “abismo”, toma a si a sua “mais difícil superação” e – dentro de certos limites – dela sai vitorioso. Dessa forma assume a atitude do “amor fati”. Efetiva (existencialmente) o que deveria ensinar. Tornou-se o que é.” (SALAQUARDA, 1997 p. 32-33).

vida! O vosso mais alto pensamento, porém, deveis deixar que eu ordene a vós - e ele diz: o homem é algo que deve ser superado.”³¹⁵

Com o intuito de tirar o ser humano da condição de animal de rebanho, padronizado e obediente como um soldado, Nietzsche exorta a vontade do guerreiro de superar a si: “Vejo muitos soldados: quisera ver muitos guerreiros! ‘Uniforme’ chama-se aquilo que vestem: que não seja uniforme o que com eles escondem!”³¹⁶ Nietzsche incita o ser humano a não se deixar uniformizar, mas, em oposição a isso, manter seus próprios pensamentos, os quais seriam aquilo que o “uniforme oculta”, como algo singular e distinto daqueles que já possuem um ódio à “primeira vista”³¹⁷. Estes já fazem parte do rebanho e não questionam o que é “bom”. O filósofo deseja que o homem conduza suas próprias guerras a partir dos seu pensamento singular, sem se deixar dominar pelos juízos condicionantes da tradição.

Como vimos, se os fatos e atos são neutros, destituídos de valor e os significados dos valores morais foram introduzidos e atribuídos pela tradição do pensamento, e fortalecidos pelo cristianismo e pela moral, em face da utilidade de cada comportamento, e não por carregar algum valor em si mesmos, evidencia-se que tais ações úteis³¹⁸ foram estimuladas com o intuito de coibir atitudes egoístas, obtendo o controle dos indivíduos, por meio do castigo e da culpa. Dessa forma, posteriormente, tais significados foram incorporados a ponto de não mais se perceber o caráter utilitário que serviu para introduzir a moralidade.³¹⁹ Tudo isso implica na uniformização dos homens, mediante a repressão dos instintos naturais, na medida em que a sua manifestação livre, no sentido de não se adequar aos ditames estabelecidos pela tradição implicava em

³¹⁵ Za/ZA, I, Da guerra e dos guerreiros, p. 46.

³¹⁶ Za/ZA, I, Da guerra e dos guerreiros, p. 45.

³¹⁷ “Deveis ser, para mim, aqueles cujos olhos sempre buscam um inimigo - o vosso inimigo. E em alguns de vós existe um ódio à primeira vista.

Vosso inimigo deveis procurar, vossa guerra deveis conduzir, por vossos pensamentos! E, se vosso pensamento sucumbir, vossa retidão deve ainda gritar vitória!” (Za/ZA, I, Da guerra e dos guerreiros, p. 45).

³¹⁸ Segundo Rée, com esse propósito, os comportamentos “úteis” passaram a ser ensinados desde a infância, como “bons”, sendo que a origem dessa associação foi esquecida, com o tempo, restando somente a conexão entre tais ideias, dessa forma o que era útil passou a ser considerado bom, como se tal ação contivesse, em si, um valor moral que de fato inexistia, na medida em que na realidade é o homem quem dá significado a tudo. (RÉE, 2018, p. 61).

³¹⁹ Segundo o filósofo cristão John Locke: “Bem e mal, Recompensa e Punição, constituem os únicos motivos para uma criatura racional; são as esporas e as rédeas pelas quais toda a humanidade é posta e guiada.” - (YOLTON, 1996, p. 138).

punição, pecado ou na ilusória certeza do além-mundo: “Ah, esta é minha tristeza: no fundo das coisas foram mentirosamente introduzidos a recompensa e o castigo - e agora também no fundo de vossas almas, ó virtuosos!”³²⁰ Por essa perspectiva é possível afirmar que o *amor fati* desperta coragem no indivíduo de se afirmar no mundo, impulsionando a manifestação dionisíaca da sua presença e atuação autêntica e espontânea, contrapondo-se, assim, à necessidade de segurança e certeza, eis que a vida quer alturas e olhar para vastas distâncias, para tanto, quer sempre superação.

Em direção às alturas, com pilares e degraus, quer construir-se a vida mesma: para vastas distâncias quer olhar, e para fora, em busca de bem-aventuradas belezas — *por isso* necessita de alturas!
E, porque necessita de alturas, necessita de degraus e da oposição entre os degraus e os que sobem! Subir quer a vida e, subindo, superar-se. (Za/ZA, II, Das tarântulas, p. 96-97)

Conforme havíamos falado anteriormente, os valores são impostos ao homem, como um dote, desde o nascimento. Em conjunto, lhe são atribuídos a culpa pela própria existência que só pode ser atenuada mediante a aquisição e boa administração deste dote:

Quase no berço já nos dão pesados valores e palavras: "bem" e "mal"- é como se chama esse dote. Por causa dele nos perdoam que vivamos. E deixam que vão a si as criancinhas, a tempo de impedir que elas amem a si próprias: assim dispõe o espírito de gravidade. (Za/ZA, III, Do espírito de gravidade, p. 186)

Eles são conferidos ao espírito livre da criança antes que ela ame a si mesma, pois esta precisa ser dominada, eis que não é servil como o camelo e não precisa lutar como o leão para criar liberdade para nova criação.³²¹ A partir daí tem início a reconquista pela afirmação de si. Ao estabelecer suas diretrizes, a doutrina moral conseguiu incutir regras que solidificaram o espírito humano, impedindo que a vida transcorresse com leveza e fluidez. A existência se tornou um peso, eis que o homem é impelido e condicionado a carregar valores milenares que não correspondem a si-mesmo, mas que lhe dão a sensação de segurança e de pertencimento de fazer parte do rebanho. O homem se sente um camelo:

E nós - carregamos fielmente o que nos dão em dote, em duros ombros e por ásperas montanhas! E, se suamos, nos dizem: "Sim, a vida é um fardo!"
Mas apenas o homem é um fardo para si mesmo! Isso porque carrega nos ombros muitas coisas alheias. Tal como o camelo, põe-se de

³²⁰ Za/ZA, II, Dos virtuosos, p. 89.

³²¹ Mencionado em Za/ZA I, Das três metamorfoses, p. 26.

joelhos e deixa que o carreguem bastante. (Za/ZA III, Do espírito da Gravidade, p. 186)

Nietzsche responde ao paradigma que “a vida é um fardo” asseverando que “apenas o homem é um fardo para si mesmo”. Isso porque é ele quem avalia e interpreta tanto os fatos quanto a si mesmo. Ele quem decide se irá resistir ou se entregar, sucumbir ou superar. Ser grato pela vida ou reeditar o sofrimento passado num eterno retorno do ressentimento. No capítulo “Do ler e escrever”, Nietzsche incita os homens a se tornarem guerreiros e a ultrapassar as convicções que negam à vida e assim vencer o “espírito de gravidade”, mediante o amor à vida, que se expressa pelo riso, pela dança e pela alegria de viver. Isso ocorre pela afirmação e adesão ao fluxo de tudo o que se apresenta como necessário.

Corajosos, descuidados, zombeteiros, violentos - assim nos quer a sabedoria: ela é uma mulher, ela ama somente um guerreiro.
Vós me dizeis: “A vida é difícil de suportar”. Mas por que teríeis vosso orgulho de manhã e vossa resignação de noite?
A vida é difícil de suportar: mas não sejais tão delicados! Todos nós somos belos asnos e asnas.
Que temos em comum com o botão da rosa, que estremece porque sobre o seu corpo há uma gota de orvalho? (Za/ZA, I, Do ler e escrever, p. 39)

A ideia da delicadeza do botão da rosa que estremece ao receber uma gota de orvalho parece refletir a suscetibilidade à que o homem se deixou convencer para negar a sua força - como a que possui os animais de carga “asnos e asnas” - e se deixar domesticar, abandonando o “guerreiro” que podem se tornar. A negação da vida por meio da crença de que “a vida é difícil de suportar” é enganosa na medida em que se assim fosse, o ser humano não teria sentimento de “orgulho de manhã” ao enfrentar o que virá e “resignação de noite” pelo que foi o dia. Ele compreende, entretanto, a dificuldade de amar a vida em face do peso que muitas vezes é atribuído a esta, e que é o hábito de amar³²² que permite o *amor fati*, por isso a felicidade está na leveza.

É verdade: amamos a vida não por estarmos habituados à vida, mas ao amor.
Há sempre alguma loucura no amor. Mas também há sempre alguma razão na loucura.
E também a mim, que sou bem-disposto com a vida, parece-me que borboletas e bolhas de sabão, e o que há de sua espécie entre os

³²² Segundo Jaspers: “É no amor que somos realmente nós mesmos. Tudo o que em nós tem alguma significação é, em sua origem, amor.” (JASPERS, 1965, p. 117).

homens, são quem mais entende de felicidade. (Za/ZA, I, Do ler e escrever, p. 39)

Com os elementos “borboletas” e “bolhas de sabão”, Nietzsche transmite a ideia de leveza e fluidez, de uma alegria que é oposta à seriedade e peso do “espírito de gravidade”, que faz todas as coisas caírem. Zaratustra incita os homens à alegria do riso para destruir o seu “demônio”: “Quando vi meu diabo, achei-o sério, metuculoso, profundo e solene: era o espírito de gravidade - ele faz todas as coisas caírem. Não com a ira, mas com o riso é que se mata. Eia, vamos matar o espírito da gravidade!”³²³ O “espírito da gravidade” é “sério, profundo, metuculoso e solene” na medida em que representa o intelecto fixando verdades e normas condicionantes que agridem toda a fluidez humana. Nietzsche também se refere a ele como um “anão toupeira” partindo da imagem schopenhaueriana³²⁴ do “cego poderoso” (a vontade) que carrega o “vidente parafítico” (o intelecto).

É nesse sentido que o anão sobe nos ombros de Zaratustra e pinga pensamentos-gotas de chumbo em seu cérebro, para convencê-lo de que é inútil todo aspirar e fazer³²⁵. Isso evidencia a sua preocupação em estabelecer constantes julgamentos morais, determinar castigos e em deter a razão, e com isso, estar certo. Viver sob a sua influência leva ao medo de não ser aceito ou amado, a partir da expressão da diferença, coibindo a espontaneidade e a singularidade que faz do indivíduo um ser autêntico. Para tanto ele é movido pela clareza que lhe impede de se deixar enganar pelo idealismo, pela coragem de reagir e pela vontade, que lhe permite superar as adversidades. O protagonista aduz:

Como pude suportar isso? Como superei e venci essas feridas? Como ressurgiu desses sepulcros minha alma?

³²³ Za/ZA, I, Do ler e escrever, p. 39-40.

³²⁴ “Quanto ao conteúdo, Nietzsche parte de uma imagem conhecida de Schopenhauer: O cego poderoso (a vontade) carrega o vidente parafítico (o intelecto). Lampert interpretou com justeza o anão como a personificação do niilismo fraco, que foge do mundo, à la Schopenhauer. Para Nietzsche, a imagem schopenhaueriana é uma caricatura do homem, uma consequência do domínio de dois milênios do paradigma platônico-cristão. O cavaleiro parafítico, o intelecto, usurpou o domínio às custas do corpo, escravizou-o, fez da terra um vale de lágrimas e deixou a nós, homens, como única esperança extinguir-se no nada. O anão e toupeira é um representante do pessimismo.” (SALAQUARDA, 1997 p. 26).

³²⁵ “É a carga em seus ombros, meio anão, meio toupeira, que lhe cria os maiores problemas. Esse indesejável ‘cavaleiro’ não é apenas pesado de carregar; ele ainda procura persuadir Zaratustra com ironia. ‘Pingando pensamentos-gotas de chumbo em (s)eu cérebro’, quer convencer sua vítima de que é inútil todo aspirar e fazer. De que vale caminhar para diante e para cima: Por mais longe e alto que alguém possa chegar, de novo cairá, recairá em si mesmo.” (Idem, 1997, p. 25).

Sim, algo invulnerável, insepultável está em mim, que explode rochedos: chama-se *minha* vontade. (...)

Sim, ainda é, para mim, a destruidora de todos os sepulcros: salve, ó minha vontade! E apenas onde há sepulcros há ressurreições. - (Za/ZA, II, O canto dos sepulcros, p. 108)

Romper com o modelo imposto pela tradição do pensamento exige o esforço de mudar a postura diante da vida, passando a compreender que as ações humanas atuam para atender necessidades maiores que as próprias forças que impulsionam os homens a estabelecer suas escolhas. Isso significa dizer que tanto as decisões conscientes do indivíduo, quanto às situações sob as quais ele está submetido, envolvem-no numa relação de forças sob as quais ele é apenas um dos inúmeros fatores envolvidos e não a causa exclusiva. Em outras palavras, isso vai em oposição à convicção de que o homem é o elemento determinante dos resultados de suas ações, numa relação direta de causa e efeito.³²⁶ Interessa, aqui, abordar a questão do “espaço” de atuação da vontade, diante da ideia de necessidade trazida pelo eterno retorno.³²⁷

“Mas se tudo é necessário, em que posso decidir sobre meus atos?” o pensamento [do eterno retorno] e a crença [neste retorno] formam o mais pesado dos pesos, o qual no meio de outros pesos te oprime e pesa sobre ti mais do que eles. Tu dizes que o alimento, o lugar, o ar, a sociedade te transformam e te determinam? Ora, tuas opiniões o fazem bem mais ainda, pois estas te determinam a escolher tal alimento, tal lugar, tal ar, tal sociedade. - Se tu incorporas o pensamento dos pensamentos, ele te metamorfoseará. A questão que tu te colocas para tudo aquilo que queres fazer: “Quero-o de tal modo que eu o queira fazer inumeráveis vezes?” constitui o *mais pesado* dos

³²⁶ “O universo não tem finalidade, não existe finalidade a esperar, assim como não há causas a conhecer, é esta a certeza para jogar bem. (...) Devemos portanto conceder a maior importância à seguinte conclusão: o par causalidade-finalidade, probabilidade-finalidade, a oposição e a síntese desses termos, a teia desses termos são substituídos por Nietzsche pela correlação acaso-necessidade, pelo par dionisíaco acaso-destino. Não uma probabilidade repartida em muitas vezes, mas todo o acaso em uma só vez; não uma combinação final desejada, querida, aspirada, mas a combinação fatal, fatal e amada, o *amor fati*; não o retorno de uma combinação pelo número de lances, mas a repetição do lance de dados pela natureza do número obtido fatalmente.” (*Idem*, p.15).

³²⁷ Conforme Fink, “Se pelo saber do eterno retorno o homem se transforma no super-homem, naquela existência que, plena de nostalgia, habita no todo do mundo, então apaga-se para ele a miragem de um deus perante o qual ele tem de se curvar, ao qual ele chama <<Senhor>>, termina toda a servidão do homem; ele ficou livre, porque habita e se sente à vontade na liberdade e na abertura do próprio jogo do mundo; ele é uma esquina da necessidade, porque em geral a diferença entre vontade e necessidade se tornou caduca, porque aquilo que a vontade quer livremente tem de vir necessariamente como eterna repetição; () a última e suprema vontade é querer o necessário, mas para Nietzsche não se trata de abandono a uma fatalidade imposta. Enquanto se compreender o destino deste modo, o homem não pode identificar-se com ele. Nietzsche forma um conceito de destino absolutamente original. Ciente do eterno retorno, a existência empenha-se inteiramente no jogo do mundo, torna-se parceira no grande jogo, é suprimida a separação entre necessidade e liberdade, e tal como o passado adquire características de futuro e o futuro características de passado, também agora há necessidade na liberdade e liberdade na necessidade.” (FINK, E. *op. cit.*, p. 114),

pesos (*grösse Schwergewicht*) (IX, 11(143) -Primavera-outono de 1881
- Trad. Luís Rubira)

De acordo com o Fragmento Póstumo citado acima, Nietzsche evidencia o papel das crenças e sua influência sobre o indivíduo. Afirma que o homem acredita que “o alimento, o lugar, o ar, a sociedade” incidem sobre ele, determinando quem ele é. O filósofo pretende mostrar que se as crenças e opiniões³²⁸ da comunidade em que se vive são capazes de transformar o homem, este não é uma vítima desta “necessidade”. Ao contrário disso, ele tem papel atuante sobre o que vai fazer com tais conteúdos com os quais se depara, se será um rele receptáculo desses elementos atuantes ou se assumirá a responsabilidade, sobre si, de escolher e decidir o que fazer com cada um deles. Nietzsche procura evidenciar o poder que o ser humano tem por meio do exercício da vontade. Na medida em que quer, ele determina seus caminhos em busca do seu propósito. Nesse sentido seu pensamento tem um papel determinante sobre a sua vida, eis que são os mesmos quem estabelecem suas opiniões e, a partir daí, o seu comportamento mediante a escolha de “tal alimento, tal lugar, tal ar, tal sociedade.” É dessa forma que as próprias opiniões são bem mais influentes sobre indivíduo do que qualquer elemento externo que possa atuar sobre ele, eis que lhe compete decidir a autoridade e o poder de persuasão que estes terão sobre si. Em outras palavras, essa perspectiva retira o indivíduo do papel passivo ou reativo para lhe colocar na condição de ser atuante no mundo.

Na concepção de Nietzsche, a transitoriedade da vida se contrapõe à ideia de fixidez pretendida pela tradição do pensamento. Isso permite que o ser humano consiga transmutar e superar a si, adotando opiniões diversas das que já havia formado. Segundo essa concepção, o homem também é levado a estar onde está, movido pela necessidade, e não pelo livre-arbítrio, para aprender o que deve aprender, para se tornar a pessoa que precisa ser, e para criar a vida segundo sua vontade. Isso decorre da possibilidade que o homem tem de poder interpretar os acontecimentos sob diversas perspectivas, o homem é que atribui

³²⁸ Rubira afirma que as opiniões “podem ser entendidas como avaliações de valor. É aquilo que pensamos, ou melhor, as opiniões e crenças que estão na base de nossos pensamentos que determinam o rumo de nossas avaliações - tal como a crença cristã, da qual Nietzsche se afasta: ‘Não olhar para longínquas e desconhecidas beatitudes, bênçãos e graças, mas viver de tal modo que queiramos viver ainda uma vez e queiramos viver assim pela eternidade!’ (IX, 11(161) Primavera outono de 1881).” (RUBIRA, op. cit. p. 215).

valor a eles.³²⁹ Assim é que, a necessidade é o resultado preciso do que decorre da luta³³⁰ de forças atuantes sobre cada fato.³³¹ Tudo isso é plenamente possível e compatível com o eterno retorno,³³² na medida em que este não é sustentado por Nietzsche como uma tese cosmológica e sim como um imperativo ético,³³³ ou seja, como uma possibilidade.³³⁴ Se assim não o fosse, toda a concepção

³²⁹ Segundo Deleuze: “O filósofo avalia a sua vida segundo a sua atitude em suportar pesos, em carregar fardos. Estes fardos, estes pesos são precisamente os valores superiores. Tal é o espírito de peso que reúne no mesmo deserto o carregador e o carregado, a vida reactiva e depreciada, o pensamento negativo e depreciador. Então, apenas temos uma ilusão de crítica e um fantasma de criação. Porque nada é mais oposto ao criador do que o carregador. Criar é aligeirar, é descarregar a vida, inventar novas possibilidades de vida. O criador é legislador-dançarino.” (DELEUZE, 2007, p. 20).

³³⁰ “Assim, a luta, como conceito fundamental em Nietzsche, está presente nas relações entre os impulsos em cada homem e nas relações de disputa entre os homens, que lutam para estabelecer a hegemonia de valores e impor uma interpretação, mas nunca visando à destruição ou ao aniquilamento do adversário que, no limite, enquanto forte, é temido e venerado.” (AZEREDO, Vânia. *Verbetes/luta (Kampf)*. IN: *Dicionário Nietzsche*, 2016, p. 292-294).

³³¹ Embora a Vontade Potência tenha surgido no terceiro período, já é possível encontrar em ZA II ‘Da superação de si’, a concepção de Nietzsche a respeito da luta, pela associação que ele faz entre vida e vontade de potência. A luta está inexoravelmente relacionada a tudo o que é provido de vida, na filosofia nietzschiana, na medida em que onde há vida há vontade de potência, significando, em outros termos, desejo de dominação. Nesse caso, segundo ele, há uma luta constante, sem possibilidade de pausa ou fim, sendo os obstáculos aquilo que nutre a vontade de potência e o que torna, conseqüentemente, a luta impossível de ser contida. Segundo Scarlett Marton em sua obra “Nietzsche: Das forças cósmicas aos valores humanos” “É por encontrar resistências que a vontade de potência se exerce; é por exercer-se que toma a luta inevitável. Efetivando-se, faz com que a célula esbarre em outras que a ela resistem; o obstáculo, porém, constitui um estímulo. A luta desencadeia-se de tal forma que não há pausa ou fim possíveis.” (MARTON, 1990, p. 30).

³³² “À pretensão de compreender o mundo como força divina infinitamente criadora, tal como é expressa na palavra *deus sive natura*, Nietzsche contrapõe sua visão de mundo (expressão da preponderância do espírito científico sobre o espírito religioso e metafísico), por meio da expressão *Chaos sive natura* (IX, 11 (197)- início-outono de 1881). O mundo não é nenhum organismo, não é o espaço para a expressão dos desígnios divinos, mas “caos”, ausência de ordem, de finalidade, de previsibilidade. À força infinita, determinada do mundo não se pode atribuir a “faculdade da eterna novidade”. A noção de uma criação contínua só poderia ser salva no mundo das forças finitas, por intermédio da infinitude do tempo, mais precisamente, mediante o eterno retorno de tudo (cf. XIII, 11 (74) — nov. 1887 — mar. 1888).” (ARALDI, 2004, p.374)

³³³ Embora discordamos da conclusão da comentadora, a respeito do tema, Marton desenvolveu um trabalho que absorve o grande debate abarcando as questões cosmológicas e éticas suscitadas. A partir das diversas perspectivas ela se posiciona no sentido de que o eterno retorno está estreitamente vinculado à teoria das forças e ao conceito de vontade de potência. (MARTON, 1994, p. 17).

³³⁴ Aderimos ao posicionamento de Rubira a respeito do tema, segundo o qual “Desde o início, Nietzsche não apresenta o eterno retorno como um acontecimento cosmológico, pois ‘as coisas não são passíveis de serem conhecidas’ (X, 6(1) - Inverno de 1882-1883), mas enquanto uma possibilidade. É significativo, assim, quando ele escreve que ‘o pensamento’ do eterno retorno e sua ‘crença’ (*Glaube*) formam ‘um peso que no meio de outros pesos’ é capaz de pesar e oprimir mais o interlocutor do que qualquer outro. É preciso, então, acreditar nesse pensamento para poder perceber que ele representa ‘o pensamento dos pensamentos’ (*den Gedanken der Gedanken*), o peso mais pesado, ou seja, a mais alta medida de valor para medir o empreendimento de uma ação que talvez possa se repetir pela eternidade (‘quero [isto] de tal modo que eu o queira fazer inumeráveis vezes?’). Além disso, a versão cosmológica, justamente porque é tomada como hipótese, possibilita o espaço para a exercício da vontade, mas esse exercício consiste em querer aquilo que é necessário - como ficará particularmente claro em

filosófica de Nietzsche entraria em choque, eis que a leitura de um determinismo³³⁵ no eterno retorno³³⁶ conflitaria com o sentido que faz com que Zaratustra insista na importância do poder da criação, que eleva a humanidade à condição divina de ser capaz de criar o novo.

A busca por si mesmo está relacionada, por fim, a afirmar o necessário, na medida em que o homem se torna uno com a natureza e com as forças do universo, tornando-se quem é. Assim ele expõe sua condição humana e suas característica pessoais, as quais estão sujeitas ao fluxo do vir-a-ser e por isso, tornam-se necessárias, eis que vão sendo determinadas pela atuação das forças que atuam no mundo, como a própria vontade.³³⁷ Dessa maneira ele se livra do

inúmeras passagens de Assim falava Zaratustra. É por esta razão que se o eterno retorno fosse realmente um acontecimento cosmológico, então tudo estaria determinado, e a questão 'em que posso decidir sobre meus atos?' não teria sentido algum. Afinal, não haveria a menor possibilidade de escolha, nenhuma liberdade para eleger "aquilo que tu queres fazer" - mas com isto Nietzsche estaria anulando o desafio implicado no pensamento do eterno retorno. O 'novo peso', desse modo, é também 'o mais pesado dos pesos', pois com ele passamos da concepção de uma eternidade atemporal para a possibilidade de uma eternidade no tempo, uma eternidade diante da qual cada ação nossa pode implicar em seu retorno eterno." (RUBIRA, op. cit, p. 214).

³³⁵ Concordamos com o entendimento de Rubira no sentido que: "Em última análise, para Nietzsche, a hipótese cosmológica do eterno retorno, que se assenta em sua compreensão de que o mundo é uma totalidade de forças, não coloca um problema entre o determinismo e a vontade do homem. Sendo o homem parte do mundo, o destino tanto o determina quanto ele mesmo determina o destino. É por esse motivo que o filósofo já escrevia quando tratava do determinismo: 'eu mesmo sou um *fatum* e condiciono a existência desde eternidades' (X, 21(6)- Outono de 1883), repetindo a mesma compreensão tempos depois: "se todas as coisas são um *fatum*, eu também sou um *fatum* para todas as coisas (XI, 29(13) Outono de 1884-fim de 1885). O pensamento do eterno retorno do mesmo, assim, não separa mais o homem e o mundo, a de humana e a necessidade das forças que nele mesmo atuam: fatalismo (ego -*fatum*) (forma mais extrema: 'o eterno retorno')' (XI, 27(67 - Verão - outono de 1884). Parece, então, que isso vem explicar por que todo o problema diante do pensamento do eterno retorno era, para Nietzsche, o de amar aquilo que era necessário" (RUBIRA, op. cit, p. 323).

³³⁶ Fink afirma: "E Zaratustra continua a falar à sua alma, mostra-lhe como a doutrina do eterno retorno não anula a liberdade, mas a desembaraça da barreira que até então a limitava, isto é, da imutabilidade do passado. Mas se tudo o que é passado é simultaneamente também tudo o que é futuro, então a sua alma tem liberdade <<sobre o que está criado e não criado>>. A criação do criador, quer dizer, do homem criador, tem caminho livre como nunca antes, está mesmo em ligação secreta com a essência criadora do mundo que faz ser todo o existente – no eterno retorno do semelhante." (FINK, E. op. cit, p. 113).

No que concerne ao eterno retorno, Fink assevera: "A repetição não deve contradizer a unicidade, mas precisamente eternizá-la, dar ao este e à facticidade da existência a profundidade infinita. Enquanto apenas se apreender a ideia do eterno retorno como repetição constante, como se de algum modo se recolocasse sempre o mesmo grande disco de todos os acontecimentos possíveis, um perpetuum mobile de uma monotonia e de um tédio infinitos, não se reconhece o caráter paradoxal da concepção nietzschiana. Todos os conceitos com os quais Nietzsche opera na exposição da doutrina do eterno retorno anulam-se: uma repetição eterna sem um original que seja repetido é um conceito tão paradoxal como a repetição do único com caráter de unicidade." (FINK, E. op. cit, p. 110).

³³⁷ "É por essa razão que se o eterno retorno fosse realmente um acontecimento cosmológico, então tudo estaria determinado, e a questão 'em que posso decidir sobre meus atos?' não teria sentido algum." (*idem*. p. 214).

pecado e da culpa advindos da ideia de responsabilidade,³³⁸ os quais foram impregnados pela tradição do pensamento, a partir do convencimento do indivíduo de que este detém o livre-arbítrio, quando, na verdade, isso é apenas um pretexto para imputar ao homem a causa, exclusiva e direta, dos eventos danosos decorrentes de suas ações.³³⁹ Tais subterfúgios visam, segundo o filósofo, à dominação e ao nivelamento humano. O mundo da verdade e do absoluto, que pressupõe a existência de origem, essência e identidade, é completo em si mesmo. Porém, segundo Nietzsche, o mesmo foi simplesmente inventado e se contrapõe a tudo o que é efêmero, relativo e transitório.

Outro ponto a ser abordado é o fato de que Nietzsche perquire a capacidade humana de ser verdadeiro e, nesse sentido, íntegro, quando não se pode ser autêntico. A necessidade de ser “bom” se opõe à espontaneidade de expressar a verdade de si-mesmo. Desse modo, há que obedecer e ocultar a sinceridade do próprio espírito, para não ofender a moral estabelecida, eis que isso é julgado como doentio:

Ser verdadeiro — poucos são capazes disso! E quem pode, não o quer ainda! Menos capazes de todos, porém, são os bons.

Oh, esses bons! Homens bons jamais dizem a verdade; para o espírito, ser bom de tal modo é uma doença.

Eles cedem, esses bons, eles concedem, seu coração repete as palavras, seu fundo obedece: mas quem obedece não escuta a si mesmo!

Tudo o que os bons chamam mau deve se juntar, para que nasça uma verdade: ó meus irmãos, sois também vós maus o bastante para essa verdade?

O temerário ousar, a demorada desconfiança, o cruel Não, o fastio, o cortar na carne viva — como é raro isso juntar-se! Mas dessa semente é — gerada a verdade!

Ao lado da má consciência cresceu até agora toda ciência! Destroçai, ó homens do conhecimento, destroçai as velhas tábuas! (Za/ZA, III, Das velhas e novas tábuas, p. 192)

A verdade está em ouvir a si e na capacidade de se expressar sem receio, o que não é possível aos homens que desejam ser julgados “bons”. Estes jamais

³³⁸ Segundo Rubira: “Em Aurora, na seção ‘A pretensa luta dos motivos’ o filósofo questiona o quanto podemos, de fato, escolher antes de empreendermos uma ação. Para ele os motivos que nos impelem a uma determinada ação provêm muito mais de uma luta inconsciente em nós, uma luta que desconhecemos, do que de um cálculo das consequências que a consciência possa fazer a fim de escolher, dentre tais consequências, aquela que nos seja mais favorável: ‘eu venho a saber o que faço — mas não o motivo que propriamente venceu.’ (M/A §129. Trad.: PCS)” (*ibidem*, p. 167).

³³⁹ Segundo Nietzsche: “As más ações que atualmente mais nos indignam baseiam-se no erro de [imaginar] que o homem que as comete tem livre-arbítrio, ou seja, de que dependeria do seu bel-prazer não nos fazer esse mal”. (MAI/HHI §99. Trad.: PCS).

podem expressar a sua verdade, pois isso seria a manifestação de uma doença, eis que o que se espera deles é a obediência, o que impede o contato consigo mesmo. A necessidade de ter que ser adequada faz dela uma farsa, uma ficção, e não um espelhamento do que naturalmente é, enquanto se está sendo. Para o filósofo, arriscar o erro, ser apto a questionar, saber dizer “não” mesmo quando isso soa cruel, e não se prender a conceitos morais são a semente para que nasça uma verdade, tão buscada pela ciência. Isso é fundamental, pois só assim a ciência, como tudo, é livre para criar e se desenvolver, o que não ocorre quando se fixa a soluções definitivas e estáticas que pretendem ser aplicadas a situações diversas, complexas. Ao afirmar que toda ciência cresceu ao lado da má consciência, o protagonista pretende reforçar as evidências, por ele percebidas, e aponta a estreita relação entre o cristianismo e a ciência, em que esta acaba se apoiando sob as mesmas bases que aquele, e operando a partir de então. Isso consubstancia a ideia anterior de que os bons não são capazes de produzir uma verdade, e de gerar o novo para o mundo, quando este deveria ser o papel da ciência. Ocorre que, para realizar tal propósito, o conhecimento precisa ser livre dos valores morais, eis que uma verdade não pode ser condicionada a nenhum critério pré-estabelecido e nem tampouco reduzir a realidade para adequar os fatos a esta verdade, mesmo quando os mesmos não se encaixam tão bem a ela. Ao contrário disso, a ciência deve buscar outras e novas conexões a fim de gerar soluções, a partir de perspectivas diferentes e não exploradas.

Realizar tal intento exige que o homem consiga ir além do que é comum a todos para expressar sua percepção genuína, que só é possível mediante a exaltação da própria individualidade. Ocorre que a moralidade condicionante é afetada por esse tipo de comportamento, eis que, a segurança de suas tábuas, é ameaçada e, por esse motivo atribui o peso da má consciência³⁴⁰ àqueles que ousam agir assim, pela acusação de egoísmo e da prática de ações ligadas ao mundo dos impulsos. Relacionado à ideia de fluidez, Nietzsche usa a metáfora do rio que representaria o povo, e sobre o qual se colocaria barcos, pontes, passarelas e parapeitos fixos que espelhariam os valores, para demonstrar a

³⁴⁰ “No ressentimento (é tua culpa), na má consciência (é minha culpa) e em seu fruto comum (a responsabilidade), Nietzsche não vê simples acontecimentos psicológicos, mas as categorias fundamentais do pensamento semita e cristão, nossa maneira de pensar e de interpretar a existência em geral. Um novo ideal, uma nova interpretação, uma outra maneira de pensar, são as tarefas que Nietzsche propõe para si.” (DELEUZE, 1976, p.13).

impossibilidade de tornar absolutas e fixas coisas como essência, identidade³⁴¹, moral e verdade, eis que tudo está submetido ao vir-a-ser.

Passarelas e parapeitos estão *acima* do que flui!”

“Acima do que flui está tudo firme, todos os valores das coisas, pontes, conceitos, todo o ‘bem’ e o ‘mal’: tudo isso está *firme!*” -

Mas, quando vem o duro inverno, o domador de rios, até mesmo os mais espirituosos aprendem a desconfiar; e, em verdade, não apenas os imbecis falam então: “Não deveria tudo - *ficar parado?*”.³⁴² (Za/ZA, III, De velhas e novas tábuas, p. 193)

A partir dessa dimensão, não é possível admitir a hipótese de “essência”, ou de “origem”, ilusão que também teria sido utilizada pela ciência e criticada por Nietzsche com relação ao átomo, na busca eterna do homem de se apoderar da verdade, de forma reducionista, para concretizá-la, a fim de obter segurança, domínio e certeza, quando o fluxo natural da vida se opõe a tudo isso e ao consolidar verdades, impede a criação. Se a metafísica apregoa a negação da vida e o niilismo, Nietzsche sustenta a ideia de que a vida deve ser afirmada e que, a criação é capaz de promover a superação dos males da existência, pela ciência, para tanto é preciso que a mesma não se feche em verdades absolutas.

A partir de então, a exploração da ideia de identidade levou a tradição do pensamento a sustentar o conceito de “essência”, ou seja, de que há uma espécie de estrutura básica pré-existente e elementar que constitui o ser humano, na qual ele deveria se fixar e nortear seu comportamento. Ocorre que se o indivíduo fosse formado por uma essência, isso definiria de forma permanente o seu comportamento, impedindo que o mesmo pudesse promover qualquer tipo de mudança em sua vida, até mesmo de convicção. Interessante observar que essa concepção não se coaduna com a vida como um todo, na medida em que, assim como o homem, a natureza, e tudo no mundo, estão sujeitos a um contínuo processo de vir-a-ser, transformando-se constantemente. Além do mais, se observarmos bem, adotar esse entendimento significa admitir a supressão da liberdade do indivíduo. Tudo porque, assim como uma semente,

³⁴¹ Para Deleuze: “Nietzsche não acredita na unidade de um Eu e não o experimenta: relações subtis de poder e de avaliação entre diferentes «eu» que se escondem, mas que exprimem também forças de outra natureza, forças da vida, forças do pensamento tal é a concepção de Nietzsche, a sua maneira de viver.” (DELEUZE, 2007, p. 11).

³⁴² Interessante destacar que tanto neste Capítulo quanto em “Da Superação de si mesmo”, que consta no Livro II, há uma menção ao “rio”, em que em ambos os casos o “rio” simboliza o “povo”. Da mesma forma, interpretamos as “tábuas”, as “passarelas” e o “barco” como sendo os “valores morais”, os quais foram fixados acima dos homens, e que, embora não percebam, são fluidos, como um rio.

uma essência não pode ser acrescida ou transfigurada, condenando o homem a ser eternamente da mesma forma, impedindo-o, por conseguinte, de evoluir e de superar, visto que a superação promove uma transformação pessoal que não estava presente na essência. O agravamento disso se dá quando, não sendo suficiente fixar a identidade num indivíduo, pretendeu-se estabelecer a generalização de seres que são únicos, como se fosse possível equiparar as diferenças³⁴³. Ainda que a identidade venha para suprir a falta de conexão do indivíduo consigo mesmo e estabelecer uma forma de se reconhecer, que lhe sirva como diretriz, isso não lhe supre. A existência perde o sentido. Para Zaratustra, o homem que abandona em vida o desejo de viver se torna um fantasma. Sem um propósito que lhe dê um ânimo e justifique o motivo da sua existência, passa a vagar sem sentido. Todos temem a morte e precisam encontrar um sentido para a sua existência. Temem o niilismo e, por isso, buscam em Deus, na verdade ou em qualquer substituto do gênero, algo que lhes dê segurança, uma fuga do vazio existencial. Essa artimanha, entretanto, serve apenas para anestesiar a vida, sem evitar a angústia que lhes cerca.

Ali está o barco — por lá talvez se vá para o grande nada. — Mas quem quer embarcar nesse “talvez”?

Nenhum de vós quer subir ao barco da morte! Então como pretendem estar cansados do mundo?

Cansados do mundo! E nem sequer vos tornastes desprendidos da terra! Sempre vos encontrei ainda cobiçosos da terra, ainda enamorados do próprio cansaço da terra!

Não é sem motivo que tendes o lábio caído: — um pequeno desejo da terra ainda se acha nele! E no olhar — não paira uma nuvenzinha de não esquecido prazer da terra? (...)

Mas vós, cansados do mundo! Vós, preguiçosos da terra! A vós deve-se bater com varas! Com golpes de varas devem ser animadas nossas pernas! Pois: se não sois doentes e decrepitos coitados, de que a terra está cansada, então sois espertos bichos preguiçosos ou gatos deleitados e gulosos. E, se não quereis tornar a correr alegremente, então deveis — partir de vez! (Za/ZA, III, Das velhas e novas tábuas, p. 198)

Percebe-se que o amor à vida e sua afirmação estão por detrás da abordagem nietzschiana e dos seus esforços em fazer com que o homem

³⁴³ Deleuze não entende que seja possível cogitar a repetição do mesmo, pois toda repetição traz em si um elemento novo, ela está inserida em um novo contexto, portanto, guarda em si a diferença. Cada processo de repetição é único e cada repetição promove, por si, sua própria diferença. Para ele, a tentativa de generalizar as coisas semelhantes acaba por limitar a diferença quando, na verdade, isso é ilusório, eis que seu espaço de atuação é muito mais amplo. Isso corrobora com a linha do nosso trabalho que se refere à tentativa de aprisionamento da diferença em seus mais diversos aspectos. (DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Roberto Machado. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006).

valorize sua permanência na terra, ao invés de ambicionar o além-mundo. Para Nietzsche, a existência se afigura num deserto e se transforma num fardo penoso, quando o homem assume o dever de carregar demasiados valores e palavras, que, por serem “alheios”, conforme o filósofo enfatiza graficamente, tornam-se pesados.³⁴⁴ Na sequência, por intermédio de Zaratustra, pouco a pouco, Nietzsche introduz suas análises na psicologia humana, no que concerne a dificuldade do indivíduo de conhecer e perceber seu íntimo para, a partir disso, poder assumir suas características para o mundo.

E, em verdade! Também muita coisa *própria* é difícil de carregar! E muito do interior do homem é como a ostra, ou seja, repugnante, escorregadio e difícil de agarrar -,
 - de maneira que uma casca nobre, com nobres adornos, precisa interceder a seu favor. Mas também essa arte se deve aprender, a de ter casca, aparência formosa e sagaz cegueira!
 E engana sobre muita coisa no homem o fato de muitas cascas serem pobres, tristes, cascas demais. Muita força e bondade oculta não é jamais adivinhada; os mais deliciosos petiscos não acham apreciadores!
 As mulheres sabem disso, as mais deliciosas: um pouco mais magra, um pouco mais gorda - oh, quanto destino se acha em tão pouco!
 O homem é difícil de descobrir, e descobrir a si mesmo, mais difícil de tudo; com frequência, o espírito mente acerca da alma. Assim dispõe o espírito da gravidade.
 Mas descobriu a si mesmo quem diz: "Este é meu bem e meu mal": com isso fez calar o anão e toupeira que diz "Bom para todos, mau para todos". (Za/ZA, III, Do espírito de gravidade, p. 186)

O trecho citado expõe a forma como o homem se relaciona com o seu íntimo. Assim como uma “ostra”, seu interior é considerado repugnante e mesmo assim, exercer o controle sobre os mesmo torna-se tarefa complicada, é “difícil de agarrar”, pois se trata de exercer domínio sobre si. A estratégia para forma de lidar com eles é procurar ocultá-los por meio de cascas atraentes. O protagonista adverte, no entanto, que nem todos aprendem a adornar suas cascas e algumas se mostram “pobres, tristes, cascas demais”. Estas, muitas vezes ocultam maravilhosos interiores, sem que sejam apreciados por não ostentarem “cascas atraentes”. O julgamento de ser “um pouco mais” do que se deveria ser repele o amor a si e, por conseguinte, a expressão da diferença e a autenticidade. Nesse sentido Zaratustra lamenta o desperdício: “- oh, quanto destino se acha em tão pouco!” Só quem ultrapassa as questões morais, e entra

³⁴⁴ “Em especial o homem forte, resistente, no qual é inerente a veneração: demasiados valores e palavras pesados alheios põe ele sobre si - e então a vida lhe parece um deserto!” (Za/ZA, III, Do espírito de gravidade, p. 186).

em contato com o próprio si-mesmo, é capaz de afirmar a si, a ponto de poder criar e estabelecer seu bem e seu mal, sem se deixar igualar aos demais.

Em verdade, também não gosto daqueles para quem cada coisa é boa e este mundo é inclusive o melhor. A esses denomino os contentes com tudo.

O contentamento com tudo, que sabe de tudo gostar: este não é o melhor gosto! Respeito os estômagos e línguas rebeldes e exigentes, que aprenderam a dizer "Eu", "Sim" e "Não". (Za/ZA, III, Do espírito de gravidade, p. 186 - 187)

Nas palavras de Zaratustra, Nietzsche, deixa clara a importância que confere à expressão da diferença que vem daquele que é capaz de dizer “eu”, “sim” e “não”. Quem estabelece, para si, seu próprio bem e seu próprio mal, consegue calar o anão que carrega em seus ombros, pois supera a mediocridade e o apequenamento humano. Aprender a dizer “eu” remete ao sentido de tornar-se capaz de amar a vida e a si mesmo, e de se ver como um indivíduo singular, e não como um animal de rebanho. Um “eu” que não se limita ao contexto de uma personalidade fechada, determinada a partir de uma essência, e que se nega a aderir a uma massa incapaz de ser identificável pelas suas características e potencialidades únicas. Esse “eu” capaz de dizer “sim” e “não”, sabe estabelecer limites e é exigente, na medida em que busca a superação e esta só advém com a insatisfação, com o desejo de ultrapassar limites e com o erro. Assumir tal postura impõe a presença e o exercício da autenticidade de se entender como um ser único e, exaltando isso, se mostrar diferente. Esse é o “eu” que não se contenta com tudo o que todos querem, porque sabe o que sua vontade deseja e, sem preguiça, dispõe todos os seus esforços nesta direção. Ao se distinguir dos demais, assume o compromisso de ser responsável por si. Ser exigente é o que lhe impede de se conformar ou se contentar com qualquer coisa. É o que lhe dá potência para que sua vontade busque além do que satisfaz a todos, e que permite a superação de si mesmo. Isso se opõe à pusilanimidade e à preguiça³⁴⁵, adversários da superação. Por esse motivo, a grande representação do tema aventado é o *Übermensch*, que cria seus próprios valores

³⁴⁵ Referindo-se à Nietzsche, Salaquarda aduz: “Para ele está claro desde logo o que nós, homens, temos que superar, ou seja, a preguiça e a pusilanimidade que nos levam a ‘uivar com os lobos’ e renegar nosso ‘verdadeiro si-mesmo’. Essa tese também se encontra na base do Zaratustra.” (SALAQUARDA, 1997, p. 19).

em oposição ao “último homem”³⁴⁶ que se submete aos preceitos morais determinados pelos outros, e nada mais quer além de conforto e satisfação.

Quando vim até os homens, encontrei-os sentados sobre uma velha presunção: todos eles presumiam, havia muito tempo, saber o que é bom e mau para o homem.

Toda conversa a respeito da virtude lhes parecia coisa velha e surrada e quem queria dormir bem falava ainda de “bem” e “mal” antes de ir deitar-se.

Perturbei esta sonolência ao ensinar que *ninguém sabe ainda* o que é bom e mau - a não ser aquele que cria!

Mas esse é aquele que cria a meta para os homens e dá à terra seu sentido e seu futuro: apenas ele *faz com que* algo seja bom ou mau. (Za/ZA, III, De velhas e novas tábuas, p. 188-189)

No trecho citado Zaratustra narra a adesão dos homens aos preceitos determinados pela metafísica, que alimentaram a crença de certeza e segurança que levava ao bom sono opiáceo, a partir da fixação de padrões de conduta baseados em tais parâmetros. O protagonista perturba o sono afrontando tais convicções, ao ensinar que os valores foram criados e por isso não correspondem à verdade. São apenas construções, ficções úteis, mas que, por não definirem nada, não podem gerar segurança ou certeza. Tal abordagem, ao mesmo tempo em que ameaça a estabilidade (e por isso “tira o sono”), promove a liberdade de estabelecer novos valores e significados a eles. É por isso que, quando foi pela primeira vez até os homens, na praça do mercado, Zaratustra discursa para o povo, a fim de transmitir sua mensagem sobre a “superação de si”.

Nietzsche dá diversos sinais de que repudia a tentativa de manipular o pensamento humano, exortando o indivíduo à independência da própria reflexão, para que cada um determine as crenças contra as quais pretende lutar, a fim de que sua existência tenha valor, a partir da afirmação de suas diferenças, a ponto de desejar o eterno retorno.³⁴⁷ Nesse sentido, o personagem impele até os seus

³⁴⁶ “Com grande penetração desenha Nietzsche a imagem da nossa vida moderna: o último homem somos nós, todos nós que acreditamos em Deus ao domingo, que temos necessidade das distrações de massa circenses, de um tempo de lazer organizado para não sermos engolidos pelo tédio terrível de uma vida já não quer nada e que no fundo quer o <<nada>>. (...) A doutrina nietzscheana do super-homem e do último homem tem o caracter de um <<prólogo>>, nada mais é que o prelúdio de uma tentativa filosófica de repensar a natureza do homem a partir das verdades fundamentais da vontade de domínio, da morte de Deus e do eterno retorno do semelhante. O super-homem não é uma mera imagem existencial, último homem também o não é. A característica existencial tem apenas um sentido preparatório. Ela é a primeira indicação do caminho que o pensamento de Nietzsche percorre no Zaratustra.” (Em FINK, E. *op. cit.*, p. 71-72).

³⁴⁷ Deleuze concebe o “eterno retorno” de forma seletiva, razão pela qual não compartilhamos do seu posicionamento, transcrito a seguir: “Com o eterno retorno, Nietzsche não queria dizer

discípulos a procurarem a si mesmos³⁴⁸, ao invés de simplesmente segui-lo, e repudia todo aquele que, sem exprimir uma atitude criativa, cinge-se a imitar os outros, como um “macaco”³⁴⁹, repetindo o que Zaratustra diz. Ele não está interessado em seguidores que repitam suas críticas, afirmando ao imitador a quem denomina de “macaco” que “(...) tuas palavras de louco prejudicam a *mim*, mesmo quando estás certo! E, ainda que as palavras de Zaratustra fossem mil vezes certas: *tu*, com minhas palavras, sempre - *farias* errado!”³⁵⁰ Isso porque Zaratustra apregoa a afirmação de si justamente pela expressão da diferença.

Nietzsche entende que o homem não pode ser alijado de seus instintos sob pena de adotar uma “virtude que apequena”³⁵¹. Quando ocorre esse tipo de repressão, ele se desconecta de si, visto que ao invés de compreender e perceber o que sente, pela grande razão (corpo), o acesso a si passa a ser buscado pela consciência, a qual não se presta a esse papel, por expressar apenas parcialmente a realidade interna do ser humano, adequando-a, além disto, à moralidade. Em outras palavras, isso descaracteriza o homem, reduzindo-o a uma criatura que vive apenas para servir aos propósitos alheios, cuja virtude é a covardia, pois no fundo deseja, acima de tudo, que ninguém lhes faça mal e sua felicidade passa a ser resignação. Na voz de seu personagem Zaratustra, Nietzsche combate o que chama de “meio querer” e a virtude das pessoas pequenas, que transforma “o lobo em cão” e o homem num, modesto e manso, melhor animal doméstico do próprio homem.³⁵² Para tanto, ele afirma que o indivíduo deve ser capaz de querer, o que imprime a ideia de por força na

outra coisa. O eterno retorno não pode significar o retorno do idêntico, pois ele supõe, ao contrário, um mundo (o da vontade de potência) em que todas as identidades prévias são abolidas e dissolvidas. Retornar é o ser, mas somente o ser do devir. O eterno retorno não faz “o mesmo” retornar, mas o retornar constitui o único Mesmo do que devem. Retornar é o devir-idêntico do próprio devir. Retornar é, pois, a única identidade, mas a identidade como potência segunda, a identidade da diferença, o idêntico que se diz do diferente, que gira em torno do diferente. Tal identidade, produzida pela diferença, é determinada como “repetição”. Do mesmo modo, a repetição do eterno retorno consiste em pensar o mesmo a partir do diferente. Mas este pensamento já não é de modo algum uma representação teórica: ele opera praticamente uma seleção das diferenças segundo sua capacidade de produzir, isto é, de retornar ou de suportar a prova do eterno retorno. O caráter seletivo do eterno retorno aparece nitidamente na ideia de Nietzsche: o que retorna não é o Todo, o Mesmo ou a identidade prévia em geral.” (DELEUZE, 1976, p. 49).

³⁴⁸ Para Salazar, “No final da primeira parte, o protagonista já exortava seus discípulos a renegarem-no e a procurarem a si mesmos. Quem repete maquinalmente, o “macaco” de Zaratustra (Za/ZA, III, Do passar além), ele não quer.” (SALAZAR, 1997, p. 19-20).

³⁴⁹ Za/ZA, III, Do passar além, p. 169.

³⁵⁰ Za/ZA, III, Da virtude dadivosa, p. 171.

³⁵¹ Za/ZA, III, Da virtude que apequena, p. 161.

³⁵² Za/ZA, III, Da virtude que pequena, p. 163.

vontade, ou seja, um querer com potência capaz de sustentar o amor a si antes do amor ao próximo, apregoadado pelo cristianismo. O amor a si, associado ao egoísmo e combatido pela moral cristã, leva o homem a dignificar a vida e a sua existência no mundo: “Ah, se compreendêsseis minhas palavras: ‘fazei então o que quiserdes - mas primeiramente sede *capazes de querer!*’. ‘Amais então vosso próximo como a vós mesmos - mas sede antes aqueles que *amam a si mesmos*’”.³⁵³ Zaratustra ensina que o homem deve amar a si mesmo, o que só é possível se ele tem a coragem de não pretender ser igual aos demais, ainda que seja necessário se contrapor e enfrentar oposições e solidão. A dificuldade de amar a si está em enfrentar todo um condicionamento cristão e moral a que o homem foi submetido e que fez dele seu pior algoz:

O homem é, consigo mesmo, o mais cruel animal; e, em todos os que chamam a si próprios “pecadores”, “portadores da cruz” e “penitentes”, não deixeis de ouvir a volúpia que há nesse lamento e acusação! E eu próprio — quero, com isso, ser o acusador do homem? Ah, meus animais, apenas isto aprendi até agora: que ao homem é necessário o que tem de pior para ter o que tem de melhor, —
— que o que tem de pior é sua melhor *força*, e a mais dura pedra para o mais alto criador; e que o homem tem de se tornar melhor e pior: — (Za/ZA, III, O convalescente, p. 209)

Zaratustra sofre um grande fastio do homem ao se deparar que tanto o que há de pior como no que há de menor nele é pequeno. O conhecimento do eterno retorno do mesmo lhe sufoca, pois percebe que o homem pequeno, que despreza a vida, irá retornar: “Eternamente ele retorna, o homem de que estás cansado, o pequeno homem”.³⁵⁴ A afirmação da vida é que permite a recuperação do convalescente, na medida em que Zaratustra supera a si³⁵⁵ por meio do amor fatis, com a canção do Sim e Amém, como veremos oportunamente. Para tanto é imperioso ressaltar a relevância que o personagem atribui ao amor

³⁵³ Za/ZA, III, Da virtude que pequena, p. 165.

³⁵⁴ Za/ZA, III, O convalescente, p. 210.

³⁵⁵ Avançaremos pontualmente, aqui, além do recorte de período eleito para o presente trabalho apenas para fins de intensificar o que foi exposto: “Torna-te quem tu és!” permanece a divisa de Nietzsche também em relação a Zaratustra. Nesse sentido, ele escreve no final de abril de 1884 a Paul Lanzky: ‘Todos os homens que têm em si um impulso heróico qualquer para os seus próprios alvos extrairão uma grande força do meu Zaratustra’. Zaratustra representa o tornar-se si-mesmo de duas maneiras. Por um lado, Nietzsche descreve como ele se tornou e se torna cada vez mais ele mesmo, ou seja, através de erros, tentações, experiências, etc... Por outro, a obra expõe o que o motiva e sobretudo o que ele tem de superar. Modelar é, ou melhor, deve ser somente o primeiro aspecto; o segundo mostra-se exemplar apenas na medida em que o homem, que quer encontrar a si mesmo, precisa ter coragem de sustentar suas opiniões como de atacá-las (cf. o fragmento póstumo 14 [159] da primavera de 1888; KSA, 13, 343). Em parte alguma lhe é dado esconder de si mesmo, por covardia ou preguiça, o que com efeito há muito tempo melhor conhece.” (SALAQUARDA, 1997, p. 19-20).

a si e, da necessidade do homem se aceitar em suas falhas e acertos, em sua luz e sombra, a ponto de poder afirmar a si como Nietzsche deseja afirmar a vida. Isso porque, em sua concepção, só assim a vida se torna leve e o homem consegue se libertar dos “pensamentos-gotas de chumbo”³⁵⁶ do espírito de gravidade que o impedem de se elevar e subir alturas. É o amor a si que possibilita ao homem tolerar a convivência consigo, a ponto de desejar o eterno retorno do mesmo, ao invés de vaguear e se perder, colocando o amor ao próximo, e a vida deste, acima e antes de si mesmo: “Quem um dia ensinar os homens a voar, deslocará todos os marcos de limites; os marcos mesmos voarão pelos ares, e esse alguém batizará de novo a terra — de ‘a Leve’.”³⁵⁷ Isso porque terá sido subtraído dela o peso que imputaram às coisas terrenas. No que tange ao homem:

Pesadas são, para ele, terra e vida; e assim *quer* o espírito de gravidade! Mas quem quiser ficar mais leve, tornando-se pássaro, tem de amar a si mesmo: — é o que ensino *eu*.

(...)

Deve-se aprender a amar a si mesmo — é o que ensino — com um amor são e saudável: de modo a se tolerar estar consigo e não vaguear.

Esse vaguear batiza a si mesmo de “amor ao próximo”: foi com essa expressão que melhor mentiram e fingiram até hoje, especialmente aqueles que pesavam para todos. (Za/ZA, III, Do espírito da gravidade, p. 185)

Para ser capaz de suprimir o peso da existência e tornar-se leve é necessário amar a si. Isso só é possível para aquele que se propõe a descobrir e afirmar a sua singularidade, eis que para querer com vontade há de haver intenção, autenticidade e comprometimento, sem se perder em outras trilhas que o conduzam para o oposto a isso, como é o caminho do “amor ao próximo” antes e acima de si mesmo. Nietzsche compreende que amar a si não é uma decisão que altera o comportamento imediatamente de forma definitiva. Trata-se de uma arte que exige a paciência e a determinação de um esforço contínuo, na medida em que tudo que se relaciona a si, também se oculta de si mesmo, dificultando e postergando ao máximo o seu perscrutar.

E, em verdade, não é este um mandamento para hoje e amanhã, *aprender* a se amar. Entre todas as artes, é antes a mais sutil, mais astuciosa, a derradeira e mais paciente.

Pois tudo que é de si próprio se acha bem escondido do possuidor; de todas as cavernas de tesouros, a própria é a última a ser escavada —

³⁵⁶ Za/ZA, III, Da visão e enigma, p. 150.

³⁵⁷ Za/ZA, III, Do espírito da gravidade, p. 185.

assim dispõe o espírito de gravidade. (Za/ZA, III, Do espírito da gravidade, p. 185)

É também por isso que não se pode curar quem não quer ser curado³⁵⁸, cujas crenças não pretende transvalorar e transpor, por cansaço ou preguiça, já que a vontade é um fator interno que não pode ser imposto a ninguém. Tal característica, associada à teimosia, é o que impede o homem de vencer a fadiga, mesmo quando encontra-se a um palmo do seu intuito:

Ó meus irmãos, há tábuas que foram criadas pela fadiga e tábuas que foram criadas pela preguiça, a podre; embora falem igualmente, devem ser ouvidas de forma diferente. —

Vede este homem que morre de sede! Acha-se apenas a um palmo de sua meta, mas devido ao cansaço deitou-se, teimoso, aqui no pó: esse valente!

Devido ao cansaço, boceja ante o caminho, a terra e a meta, e ante si mesmo: não quer dar um passo mais — esse valente!

Agora o sol arde sobre ele, e os cachorros lambem seu suor: mas ele jaz em sua teimosia e quer antes morrer de sede: —

— a um palmo de sua meta morrer de sede! Em verdade, vós ainda tereis de puxá-lo pelos cabelos até seu céu — esse herói! (Za/ZA, III, Das velhas e novas tábuas, p. 199)

Para se libertar da moral condicionante e ser capaz de quebrar as velhas tábuas que determinam a forma como o homem deve se comportar perante o mundo, e que lhe extraem a vontade de viver, o homem não pode sucumbir à fadiga, por teimosia, e deixar-se morrer de sede a um passo de sua meta, por isso o “homem é algo que tem de ser superado.”³⁵⁹ Zaratustra ressalta a importância do conhecer, do aprender visando a capacidade de criação pois, sem esse propósito, os anseios se perdem com o excesso de conhecimento. O desejo de buscar o conhecimento criativo está associado à busca pelo novo, o que significa, em outras palavras, a não se satisfazer com verdades estabelecidas e com certezas condicionantes. Tal desejo é desestimulado pelo intuito dominador de incutir no homem a servidão, aproveitando-se de sua preguiça e seu cansaço.

“Quem muito aprende, desaprende todo anseio veemente” - eis o que hoje sussurram entre si as pessoas, em todas as ruas escuras.

“Sabedoria cansa, nada - vale a pena; não deves desejar!” - essa nova tábua encontrei pendurada até nos mercados abertos.

Destroçai, ó meus irmãos, destroçai também essas *novas* tábuas! Os cansados do mundo e os pregadores da morte as penduraram, e também os esbirros: pois vede, é também uma préica da servidão! - (Za/ZA, III, De velhas e novas tábuas, p. 197)

³⁵⁸ Não se deve querer ser médico de incuráveis: assim ensina Zaratustra: — então deveis partir de vez! (Za/ZA, III, Das velhas e novas tábuas, p. 198).

³⁵⁹ Za/ZA, III, Das velhas e novas tábuas, p. 191.

Além da preguiça e do cansaço que levam à perda de desejo pela sabedoria, em vista da impossibilidade de trazer o novo e de imprimir a vontade e os anseios que só o poder criativo opera, o desestímulo ao conhecimento voltado à criação também se dá pela igualdade, pela conservação da segurança e certeza que impedem a chegada do novo e do futuro.

Conhecer: isso é *prazer* para quem tem o querer do leão! Mas quem se cansou, este será apenas objeto do querer, com ele jogam todas as ondas.

E esta foi sempre a maneira dos fracos: eles se perdem em seus caminhos. E, afinal, também seu cansaço pergunta: “Para que percorremos caminhos? É tudo igual!”.

Aos ouvidos *desses* soa agradável que se pregue: “Nada vale a pena! Não deveis querer!”. Mas isso é uma prédica da servidão. (Za/ZA, III, De velhas e novas tábuas, p. 197)

O conhecer é desejado com prazer por quem é capaz de enfrentar as verdades já estabelecidas. O desejo passa a ser inútil sob a perspectiva dos fracos que não tem o “querer do leão”³⁶⁰ que, dizendo “Eu quero!”, enfrenta o grande dragão “Não-farás”, em cujas escamas brilham os valores milenares. Para o leão o conhecer é um prazer, pois abandonou a condição servil do camelo e só assim pode se transmutar em criança, cuja inocência abre espaço para a criação. Para que o homem também abandone a servidão e realize essa transmutação é necessário querer e, nesse sentido Zaratustra ensina que “Querer liberta: pois querer é criar: assim ensino eu. E *somente* para criar deveis aprender!”³⁶¹

A vontade permite que o homem atue sobre o mundo originando o futuro, pela capacidade e força da criação e pelo poder da vontade, a qual é capaz de transpor obstáculos e promover a superação. Um exemplo disto está no guerreiro que não tem medo de estar vivo e de morrer, pois ama a si, afirma o seu corpo e as manifestações advindas do mesmo. Suas limitações não lhe privam de lutar. Ele supera sua pequenez e se faz grande, pela coragem, para enfrentar seu inimigo. Ele explora a vida sem o medo de não ser aceito ou de não sobreviver. Por dispensar certezas, é capaz de superar a si. Viver com alegria está relacionado ao *amor fati*, eis que envolve afirmar a vida tal como ela é e da forma como se apresenta. Esse é o embate que trava o guerreiro, e que dele exige sabedoria para sobreviver de forma plena. É também o que dele

³⁶⁰ Expressão já mencionada em Za/ZA, I, Das três metamorfoses, p. 26.

³⁶¹ Za/ZA, III, De velhas e novas tábuas, p. 198.

espera a “mulher” vida, ou seja, a forma como ela deseja ser amada. Relacionado ao tema em questão, percebe-se, ao longo do trecho a seguir, as características femininas que o filósofo atribui, tanto à “vida”, quanto a “sabedoria” e à “eternidade”³⁶², e o quanto se vê seduzido e enamorado pelas mesmas, a ponto de lhes causar ciúmes entre si. Passaremos a analisar o paralelo traçado por Nietzsche:

Em teus olhos olhei há pouco, ó vida! E parecia que eu afundava no insondável.
 Mas me puxaste para fora com anzol de ouro; e riste zombeteira, quando te chamei insondável.
 “É o que dizem todos os peixes”, falaste; “o que *eles* não sondam é insondável.
 Mas sou apenas inconstante e selvagem, e em tudo uma mulher, e não sou virtuosa:
 Embora eu seja chamada por vós, homens, ‘a profunda’, ou ‘a fiel’, ‘a eterna’, ‘a misteriosa’.
 Mas vós nos presenteais sempre com as próprias virtudes - ah, virtuosos!”
 Assim riu ela, a inacreditável; mas eu jamais acredito nela e em seu riso, quando fala mal de si mesma. (Za/ZA, II, O canto da dança, p. 103-104)

O segmento expõe os pensamentos do filósofo à respeito da vida, evidenciando que os mistérios que a tornam incompreensível, ao homem não emanam dela propriamente, mas da incapacidade do homem de compreendê-la. Dessa forma, ela se afigura misteriosa e insondável para aquele que não dispõe da habilidade de lhe perquirir, ou melhor dizendo, o homem atribui à vida, características positivas ou negativas que, em verdade, são íntimas a ele, numa visão reflexiva.

E, quando falei a sós com minha selvagem sabedoria, disse-me esta, aborrecida: “Tu queres, desejas, amas, apenas por isso *louvas* a vida!”. Quase respondi mal e disse a verdade àquela aborrecida; e não se pode responder pior do que quando se “diz a verdade” a sua própria sabedoria. Assim estão as coisas entre nós três. No fundo amo apenas a vida - e, na verdade, sobretudo quando a detesto!
 Mas que eu seja bom com a sabedoria, e frequentemente bom demais: isso vem de que ela me recorda demais a vida!
 Tem seus olhos, seu riso e até sua dourada varinha de pescar: que posso fazer, se as duas tanto se parecem? (Za/ZA, II, O canto da dança, p. 104)

³⁶² A associação entre “mulher”, “vida” e “eternidade” é suscitada por FINK em “Nos dois últimos capítulos da terceira parte do Zaratustra é entoado o canto dionisiaco. <<O Outro Canto de Baile>> é um hino estranhamente flutuante à glória da vida na sua impenetrabilidade e na sua obscuridade: a vida aparece sob os mais sedutores traços de uma mulher que é feiticeira e serpente, ciclone e noite profunda.” (op. cit, p. 116), e também na p. 122 da mencionada obra de Fink, aqui citada oportunamente, na nota n. 118.

Além da importante declaração ao seu amor à vida, expressa no trecho citado, a comparação estabelecida proporciona uma compreensão a respeito da concepção de Nietzsche do quanto ambas se identificam. De fato, segundo ele, elas não podem ser domadas, eis que são selvagens, e são também fluidas e impassíveis de serem fixadas, eis que estão sempre mudando.

E, quando, certa vez, a vida me perguntou: Quem é essa então, a sabedoria? - eu respondi sofregamente: 'Oh, sim, a sabedoria! Temos sede dela e não nos saciamos, olhamos através dos véus, agarramos através das redes. É bonita? Que sei eu! Mas as mais velhas carpas ainda são fisdadas com ela. É inconstante e teimosa; muitas vezes a vi morder os lábios e pentear-se a contrapelo. Talvez seja má e falsa, e em tudo uma fêmea; mas, quando fala mal de si mesma, é então que mais seduz.' Quando falei isso à vida, ela riu maldosamente e fechou os olhos. "De quem falas?", perguntou, "de mim, certamente? E, ainda que tivesses razão - dizer-me isso assim na cara! Mas agora fala também de tua sabedoria!" Ah, e abriste novamente os olhos, amada vida! E pareceu-me que eu novamente afundava no insondável. - (Za/ZA, II, O canto da dança, p. 104)

Como se percebe a estreita relação entre "vida", "sabedoria" e "mulher"³⁶³ estabelecida pelo filósofo se desdobra em novas configurações, voltando a se conectar, como a própria filosofia nietzschiana, cuja força dos conceitos se entrelaçam e por vezes se desassocia, para tomar posse de toda a extensão da dimensão que este terreno possa ter. É o que parece acontecer quando Nietzsche introduz, por meio de Zaratustra, a expressão "minha selvagem sabedoria".³⁶⁴ O termo "selvagem" transmite a ideia de uma sabedoria indomável, ou seja, que não se deixa domesticar e mantém-se livre para expressar seus impulsos. Com essa expressão evidencia-se o repúdio do filósofo aos rumos da filosofia, da arte e da ciência, as quais se deixaram guiar e nortear a noção de conhecimento, pelos moldes da metafísica, passando a perseguir nada além do que uma verdade que termina por engessar a humanidade, e que impede o homem de criar. Esse tipo de sabedoria é abominada por Zaratustra, eis que ela nega a vida, por ser contra a criação. A sabedoria selvagem, que seria a própria vida, é a mulher que deseja o homem

³⁶³ Nietzsche estabelece a mesma relação no trecho já citado: "Corajosos, descuidados, zombeteiros, violentos - assim nos quer a sabedoria: ela é uma mulher, ela ama somente um guerreiro." (Za/ZA, I, Do ler e escrever, p. 39).

³⁶⁴ A expressão "selvagem sabedoria" também é encontrada em (Za/ZA, II, Dos sábios famosos, p. 100, Za/ZA, II, O canto da dança, p. 104 e em Za/ZA, III, De velhas e novas tábuas, p. 189).

capaz de ser guerreiro, para poder lutar e destruir as velhas tábuas, e não como um camelo que se deixa carregar ou como um soldado uniformizado. Essa sabedoria é “selvagem” porque não se sacia com estagnação e segurança. Não se preocupa com a igualdade porque não pretende obter certeza e controle, já que tais elementos não permeiam a vida, ao contrário, evidenciam a falta de vitalidade. Nesse sentido, igualdade equivale à falta de força, à estagnação e à morte. Em oposição a isso, a vida remete à criação, fluidez e poder. Este poder vital se acentua justamente com a expressão diferença e não fixidez da igualdade. Nesse sentido, é intrigante o propósito que moveu a utilização do pronome possessivo por Nietzsche nas diversas vezes em que emprega a expressão “minha selvagem sabedoria”. Podemos interpretar que o filósofo pretendeu utilizar a expressão para, literalmente, restringir a sabedoria particular de Zarathustra, na medida em que o subtítulo da obra é um “livro para todos e para ninguém”. Por outro viés, é possível conceber que a proposta foi promover uma percepção da sabedoria a partir de uma perspectiva mais ampla, que envolve toda a crítica filosófica nietzschiana, e que está estreitamente ligada, por fim, ao amor à vida. Nesse caso, o enfoque não remeteria ao pronome possessivo “minha”, e sim à ideia de “selvagem”, pelo fato de ser impassível de ser dominada, reprimida, conduzida ou domesticada. Esse é o motivo que faz da sabedoria de Zarathustra uma “leoa” e, ao mesmo tempo, faz dele, o seu filhote predileto:

Sim, também vós, meus amigos, vos assustareis com minha selvagem sabedoria; e talvez dela fugireis, juntamente com meus inimigos.
 Ah, soubesse eu atrair-vos de volta com flautas de pastores! Ah, se minha leoa sabedoria soubesse rugir meigamente! Muita coisa já aprendemos juntos!
 Minha selvagem sabedoria ficou prenhe nos montes solitários; em ásperas pedras deu à luz seu filhote mais novo.
 Agora corre desvairada pelo duro deserto, procurando um relvado macio — minha velha sabedoria selvagem!
 No relvado macio de vossos corações, meus amigos! — no vosso amor ela quer aninhar seu favorito! (Za/ZA, II, O menino com o espelho, p. 80)³⁶⁵

Ainda que uma das opções tenha sido a real intenção do filósofo, isso não afasta a possibilidade de uma terceira interpretação relacionada a acolher as duas ênfases, na medida em que ambas parecem viáveis. Ao mencionar que

³⁶⁵ Mais adiante Zarathustra refere-se ao nascimento de sua sabedoria “Assim gritou e riu meu sábio anseio que nasceu nas montanhas, uma selvagem sabedoria, em verdade! — meu grande anseio com asas ruidosas.” (Za/ZA, III, De velhas e novas tábuas, p. 189).

sua sabedoria é “selvagem como uma leoa”, Zaratustra descreve o mal que assola Nietzsche: a necessidade de isolamento para dar à luz à sabedoria do protagonista, o desejo pelo relvado macio dos corações e o temor que sua mensagem transmite e que acaba por afastar os homens de si.

Zaratustra usa a metáfora “a mulher” para simbolizar que tanto a vida quanto a sabedoria, precisam se manter aptas para a procriação e para a dança, “com a cabeça e as pernas”³⁶⁶, na medida em que só a mulher pode trazer ao mundo o *Übermensch*, ou seja, aquele que é capaz de criar e de promover a afirmação da própria vida, enaltecendo a expressão da diferença como fonte da sabedoria. Essa mesma relação entre “vida”, “sabedoria” e “mulher” é também deslindada, de forma menos explícita, em outros trechos da obra, para novamente expressar essa relação de forma contumaz no capítulo *Os sete selos*, em que Nietzsche afirma o seu amor à “eternidade”, ao ponto de desejar o eterno retorno, conforme veremos. Isso é possível na medida em que superou seu pensamento abissal, vencendo o duelo³⁶⁷ contra o anão pessimista.³⁶⁸

A superação, portanto, resplandece no pensamento do “eterno retorno”, na medida em que evidencia a dificuldade do personagem Zaratustra de enfrentar seu demônio, e o nojo do anão/espírito de peso, o qual só é vencido com a afirmação da vida, eis que é justamente isso que o anão não pode fazer. Esse ponto é de fundamental relevância, eis que, ao induzir ardidamente o espírito de peso a confirmar sua crença no eterno retorno, Zaratustra queria

³⁶⁶ Za/ZA, III, De velhas e novas tábuas, p. 202.

³⁶⁷ “Como no mito ou no conto, trata-se de uma luta de vida ou morte. Quem é mais forte? A vontade criadora de Zaratustra? Ou o paralisante espírito de peso? A decisão deve levar a um enigma que Zaratustra propõe ao anão. Se o anão ‘resolvê’-lo, Zaratustra estará perdido; caso contrário, será o anão(27). Mas não se trata aqui de um saber intelectual e sim de um problema existencial: quem pode suportar o “pensamento abissal”. No primeiro round da troca de golpes, importa a Zaratustra apenas não ter de continuar a levar a carga. Está saturado; qualquer coisa é melhor do que deixar que esse estado se mantenha. ‘Anão! Tu! Ou eu!’ – A consciência subsequente de sua coragem e vontade criadora faz com que Zaratustra fique certo de sair vitorioso da luta.” (SALAQUARDA, 1997, p. 27).

³⁶⁸ “Essa radicalização acerta na medula o “pessimismo fraco” do anão. O arqui-inimigo de Zaratustra conhece e afirma o pensamento do círculo, mas não ama a vida. Anseia por deixar de existir e ensina, como Schopenhauer, a possibilidade de extinguir-se no nada. Preconiza o pensamento do retorno, para que se quebre a vontade de viver nos “otimistas” tolos e “doidos”. O radicalizado pensamento do retorno de Zaratustra, que também veda a saída no nada, é insuportável para ele. Com o anão acontece o que Nietzsche na *Gaia ciência* formula em forma interrogativa como reação provável à mensagem do demônio: “Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim?” Para quem em contrapartida afirma a realidade e vive em sintonia com si mesmo, o próprio pensamento em sua forma radicalizada nada tem de assustador. Seria, ao contrário, a chancela de seu consentimento, de seu dizer-sim à vida.” (*Idem*, p. 28-29).

justamente obrigá-lo à reflexão de tal o pensamento pois, sabia que o mesmo, carregado de niilismo, não possuía *amor fati* e portanto não iria suportar o eterno retorno, porque não afirma a vida. Foi assim que Zaratustra desferiu seu golpe fatal e venceu a luta contra o seu demônio, o espírito de peso. O anão foi despedaçado como acontece com todo aquele que se depara com tal pensamento e é incapaz de amar o destino, por abdicar do seu poder de estabelecer seus próprios valores e de viver de acordo com a interpretação que faz deles. É dessa forma que, sem a presença do *amor fati*, o homem é conduzido ao ressentimento e à infelicidade de quem não suporta a existência e que nega a vida, ou ao *pathos* da afirmação, na qual é necessário abandonar a seriedade para adotar o riso como expressão máxima de quem escapa do sofrimento, eis que ele está diretamente relacionado à capacidade de digerir o que acontece, com alegria³⁶⁹.

A superação promovida pelo “eterno retorno” envolve não somente afirmar a vida em relação aos fatos passados, mas proporciona, também, a chance de afetar o futuro, mediante a reflexão a respeito da real intenção sobre as ações humanas. Isso porque, através dele acontece o questionamento a respeito do verdadeiro desejo de se reviver cada aspecto da existência humana infinitas vezes. É nesse ponto que incide a força que o filósofo emprega à vontade humana. Para Nietzsche, é preciso “Redimir o passado no homem e recriar todo ‘Foi assim’, até que a vontade traga para si a responsabilidade e diga: ‘Mas assim eu quis! Assim quererei -’.”³⁷⁰ Vemos fortemente presente aqui

³⁶⁹ "Mas o que ele entende por «alegria» revela-se no último capítulo da terceira parte. O capítulo intitula-se «Os Sete Selos (ou: O Canto do Sim e do Ámen)». (...) A alegria é a alegria do mundo, é a experiência da eternidade. A alegria do mundo é o humor fundamental do pensador quando ele «está cheio desse espírito divinatório que caminha sobre uma alta crista entre dois mares». Também na nossa vida quotidiana, banal e obtusa, nos encontramos sempre sobre uma estreita faixa entre dois mares. Vivemos no momento presente; diante de nós, o futuro infinito; atrás de nós, o passado sem fim; mas não estamos como Zaratustra sobre uma «alta crista». Ele encontra-se bem acima dos dois mares; como ele conhece o eterno retorno, os dois mares não são diferentes para ele; e, entretanto, para ele tudo não se confunde com tudo. Precisamente porque ele conhece o significado eterno do instante, pode viver o instante mais profundamente e mais decisivamente; ele não vive apenas no curso do tempo, ele dá forma ao tempo, ele é o voluntário de uma grande vontade, mas não na fé cega num futuro distante que está ainda aberto; a suprema vontade visa ao necessário; ela não quer o que lhe agrada, mas sim o que virá necessariamente (...) Mas é justamente por uma vontade de futuro, pesada e longa, que o futuro é compreendido como aquilo que é necessário e não como qualquer coisa que se possa fabricar. No modo supremo da vontade, no modo da criação de uma nova humanidade, vive e estremece a eterna alegria do mundo; na criadora vontade de futuro arde a aspiração do eterno retorno." (Em FINK, *op. cit.*, p. 119-120).

³⁷⁰ Za/ZA III, Das velhas e novas tábuas, p. 190.

a liberdade de interpretar que Nietzsche confere ao homem, mediante o poder da criação, que lhe permite estabelecer seus valores e convicções próprias, para ser capaz de afirmar a si e de expressar a sua diferença no mundo. Assim, o pensamento do “eterno retorno” pode representar a fórmula—suprema da afirmação dependendo da forma como o homem acolhe o seu destino. Portanto, o filósofo concebe que compete exclusivamente ao indivíduo decidir para que lado lançar seu olhar: em direção ao ressentimento e ao niilismo ou em direção à gratidão e ao *amor fati*.³⁷¹ A grande lição que está por trás de Zaratustra exsurge justamente a partir da superação do duelo com o anão e é quando então, esta lição é revelada, justificando e sustentando toda a filosofia nietzschiana que se opõe à metafísica, à moral e ao cristianismo. É o que faz Zaratustra comemorar com “A Canção do sim e do amém”, presente no capítulo Os sete selos³⁷², onde ele conversa com sua alma e declara seu amor à eternidade.³⁷³

Oh, como não ansiaria eu ardentemente pela eternidade e pelo nupcial
anel dos anéis — o anel do retorno!

Jamais encontrei a mulher da qual desejaria filhos, a não ser esta
mulher a quem amo: pois eu te amo, ó eternidade!

Pois eu te amo, ó eternidade! (Za/ZA, III, Os sete selos, p. 222)

O capítulo “Os sete selos” foi escolhido para encerrar o nosso trabalho porque conclui também o terceiro livro de *Assim falou Zaratustra*, no qual o protagonista celebra a existência e o eterno retorno após ter enfrentado o seu

³⁷¹ Nesse sentido, a relação entre o *amor fati* e o eterno retorno, “implica, em sua radicalidade, em amar a possibilidade eterna de retorno do próprio niilismo. Concepção que anula as noções de ‘caos’, ‘contingência’, ‘liberdade de vontade’, ‘finalidade’, o *amor fati* é um dionisíaco dizer Sim ao mundo, tal como ele é, sem *desconto*, *exceção* ou *seleção*.” (RUBIRA, Luís. *Verbetes/Amor Fati (Amor fati)*. IN: *Dicionário Nietzsche*, 2016, p. 109-111).

³⁷² “Todos os sete selos com os quais Nietzsche pretende selar o seu livro e pelos quais lhe dá um carácter esotérico, são invocações do mundo, invocações da eternidade do mundo.” (Em FINK, 1988, p. 119).

³⁷³ “O amor da eternidade é comparado ao amor sensual, a eternidade é tratada como mulher, o anel do retorno como anel nupcial. Será isto um acaso? Nietzsche utiliza uma imagem que poderia ser igualmente bem substituída por outra? Ou tem o amor da eternidade alguma coisa em comum com o amor sexual? Não se revela nesta imagem, tal como anteriormente em «O Canto do Baile», «O Canto Nocturno», «O Canto do Túmulo», que Nietzsche pensa na mulher das mulheres, a terra maternal, quando fala da eternidade? Não toca ele em mitos muito antigos quando pensa o seu pensamento mais alto e mais extremo? Não se pode elucidar a questão do eterno retorno do semelhante senão, por assim dizer, por uma meditação sobre a natureza do tempo, ou se esta questão remete para a relação obscura e problemática do tempo e do espaço, do céu e da terra, da clareira e do terreno cerrado, para a dimensão mítica do casamento de OURANOS e GAIA? Está aqui a origem do anel nupcial dos anéis, o anel de retorno? Não se pode dar uma resposta rápida e completa a esta interrogação. Não foi ainda explorada pela filosofia toda esta dimensão que indica o mais antigo mito. Talvez se trate de uma tarefa futura.” (*Idem*, p. 122).

adversário, e finalmente vencido o duelo, por ser capaz de fazer o que o anão não consegue: afirmar a vida. Entretanto, convém ressaltar que não se trata do eterno retorno de qualquer tipo de vida, mas de uma vida autêntica, fiel a si, que valha a experiência de viver. Zaratustra superou seu maior adversário, o niilismo, a mediocridade que tragava os homens para a superficialidade, reduzindo a individualidade e a presença humana no mundo a nada, por meio do *amor fati*. Que outro resultado seria possível se Zaratustra é o próprio advogado da vida e também seu amante? Assim falou Zaratustra é uma história de amor em que o protagonista declara-se à eternidade porque afirma a vida. Se restava saber que filho nasceria da união de Nietzsche com a eternidade, esse filho é Zaratustra.

5 Considerações Finais

O *amor fati* implica na coragem do homem de afirmar a si mesmo. Isso se dá a partir da afirmação da vida, estimulando a expressão da diferença humana, pelo enaltecimento da singularidade e da autenticidade de tornar-se quem se é. Nossa conclusão se origina na necessidade de segurança e de certeza, que levam o indivíduo a buscar o consolo para as suas inquietações existenciais, nas soluções apresentadas pela metafísica e pelo cristianismo. Estas passam a ser alvo das críticas de Nietzsche, que se volta, também, contra à ciência (*Wissenschaft*), à filosofia (*Philosophie*) e à moralidade, as quais, norteadas pelo mesmo viés da metafísica platônica, determinaram-se em perseguir e apontar a busca da verdade para, aparentemente, suprir tais necessidades, quando, de fato, todas se voltaram no sentido de igualar as diferenças e, por conseguinte, o ser humano, a fim de dominá-lo, inibindo a criação e a capacidade de afirmar a si.

A busca pela certeza promoveu exploração da ideia de “identidade” pela tradição do pensamento, a qual passou a sustentar o conceito de “essência”, ou seja, de que há uma espécie de estrutura pré-existente e elementar básica que constitui o ser humano, na qual ele deveria se fixar e nortear seu comportamento. Nietzsche é contrário à essa visão, posto que se o indivíduo fosse constituído por uma essência, isso moldaria definitivamente sua conformação, impedindo o fluxo do vir-a-ser. Para o filósofo tal hipótese é equivocada, diante da confrontação de vontades atuantes sobre cada elemento, as quais afastam a necessidade determinística da relação entre causa e efeito, tendo em vista a ideia de fluidez e transformação contínua. Embora o ser humano busque segurança, Nietzsche aduz que toda forma de estabelecer certeza se contrapõe à ideia de fluidez da vida. Compreender isso é fundamental, na medida em que implica no aparente paradoxo que envolve o amor ao destino, já que acarreta em amar algo que é inseguro ou que trará sofrimento.

A partir de então foi estabelecido e apregoado um comportamento padronizado a partir do que Nietzsche denominou por “Moral de Rebanho”, cujo pertencimento conferia a sensação de segurança, embora ceifasse a expressão

dos instintos e da manifestação autêntica e singular. Entretanto, infringir tal modelo exige a coragem de ser julgado, de não ser compreendido, e, por conseguinte, de representar uma ameaça, culminando no retraimento da espontaneidade, impedindo o fluxo natural da criação que é um dos poderes dos quais o homem dispõe. Em face disso é que a filosofia afirmativa de Nietzsche se contrapõe à moralidade e ao cristianismo. Quando ele afirma que é o “advogado da vida”, pretende desadormecer o indivíduo e afirmar sua existência, no presente, para que ele se aproprie de si, no sentido de proporcionar um estilo de vida mais autêntico, suscitando a libertação das amarras impostas pela “moral de rebanho”. Para tanto, propugna pela percepção de que o indivíduo não deve se submeter aos valores milenares que pretendem aprisioná-lo a modelos prontos e enganosos, já que estes não são capazes de fornecer segurança e garantia alguma, além de impedi-lo de valorizar a própria vida.

Nietzsche expõe o intuito de igualar os homens a partir de critérios morais aceitáveis e demonstra que a dominação já ocorreu pela mediocridade e pelo apequenamento, que os reduzem, suprimindo a originalidade quando inibe a expressão espontânea de si. A evolução e o futuro também são ameaçados na medida em que, ao ser impelido a buscar comportamentos adequados e seguros, o indivíduo passa a ser um derivativo, não buscando mais o risco e a inovação.

Fixar verdades como absolutas, além de contrariar o fluxo do vir-a-ser da vida, impede que haja espaço para o novo e para questionamentos sobre o que está justificado. Tal condição transforma o homem num animal domesticado, que se sobrepõe à “selvagem sabedoria” zaratustriana. É nesse sentido que se ressalta o papel da própria ciência e o motivo que fez Nietzsche endereçar críticas também a ela, já que a mesma se deixou envolver na fixação de certeza, pretendendo estabelecer conceitos fixos com sua “Vontade de Verdade”. Com isso, a ciência nada mais fez do que se converter num arremedo de Deus, e o poder humano da criação foi inibido, tornando a presença do homem no mundo supérflua, não havendo significado na sua perpetuação, eis que em nada evoluiu do macaco.

O indivíduo perdeu a capacidade de afirmar a si mesmo ao ser estimulado a se desconectar para atender ao que é determinado pela moral. Isso se deu

através da incitação do desprezo ao corpo quando este é justamente o elemento mais importante para promover a compreensão de si mesmo, tendo em vista que é a “grande razão” humana e, por conseguinte, o maior ponto de referência do indivíduo, consigo mesmo. O desprezo ao corpo promove o rompimento da ligação entre emoções e comportamentos, mediante a repressão dos instintos. Disso decorre a insegurança e a falta de certeza sobre os valores inerentes ao mesmo, bem como a inibição de se afirmar, visto que o homem passa a agir baseado em referências externas, nas quais sua vida consiste em assistir ao próprio desaparecimento. A falta de compreensão sobre si mesmo, decorrente disso, não pode ser suprida pela consciência, já que esta foi desenvolvida para atender a um único propósito ligado à comunicação que visava garantir a sobrevivência. A oposição a todas essas questões tem como norteador o anúncio da “morte de Deus”, pelo qual Nietzsche procura fixar o olhar humano para o agora, apregoando, também, o amor ao destino inobstante a inconstância e fluidez da vida, a fim de que o homem mantenha consigo o direito inalienável ligado à liberdade de ser único e de interpretar, conferidos pelo poderes de avaliar e de criar, e assim conceber o mundo sob o prisma da gratidão e da coragem.

O recorte temático e temporal que julgamos mais apropriado para desenvolver tais questões abarcaram o livro IV da obra *A Gaia Ciência*, os três primeiros livros de Assim Falou Zaratustra, a fim de aproveitarmos o momento oportuno em que o amor fati foi expresso pela primeira vez, por Nietzsche, até o seu ponto máximo que culmina com o eterno retorno, tudo isso acompanhado do estudo das missivas, escritas pelo filósofo a partir de janeiro de 1882 até janeiro de 1884.

Embora o amor fati tenha sido expresso literalmente nas obras de Nietzsche apenas quatro vezes, ele está presente de forma clara, constante e intensa no espírito de boa parte da sua filosofia. Além do mais, aquilo que inicialmente aparentava ser apenas um singelo desejo ao *Sanctus Januarius*, também fez parte do próprio estilo de vida do filósofo, especialmente entre 1882 e 1884. De fato, tal desejo, carregado de intenção, culminou por conduzir Nietzsche às situações mais marcantes de sua história, proporcionando, por fim, a sua própria superação.

Entretanto, o amor fati comporta um aparente paradoxo que está relacionado à dificuldade de amar o destino em sua totalidade e não somente no equilíbrio. No que tange a essa questão, primeiramente convém ressaltar que, no período de 1882 a 1884, em especial, a filosofia de Nietzsche gira em torno da ideia de superação, a qual pode ser entendida, por nós, sob o prisma de valor ou de sofrimento. Da mesma forma, é importante verificar a maneira como Nietzsche vê e enfrenta o sofrimento, e o que precisa ser abandonado para que o amor fati se mantenha como filosofia de vida. Nesse ponto, percebe-se especialmente na sua relação com a irmã Elisabeth, mediante a análise das cartas escritas a ela que a perda, a exposição e o risco são inerentes e estarão presentes, independentemente da coragem, portanto o que importa é compreender a lição que o sofrimento transmite, e se manter íntegro e fiel à real intenção, a fim de criar um novo significado para si, que possa ser acolhedor e digno de amor.

Pensar no amor ao destino implica em questionar a questão da liberdade. Isso nos remete ao enfrentamento entre o determinismo e o fatalismo: ambos pressupõem a presença da “necessidade” como elemento que rege o desdobramento dos eventos no mundo, entretanto, divergem, especialmente no que diz respeito à liberdade. Se para o fatalismo a liberdade é ilusória, já que tudo é resultado de uma configuração pré-determinada e pré-existente, o determinismo está vinculado às relações de causa e efeito. Disso decorre, naturalmente, a convicção de que causas diferentes proporcionam efeitos diversos, gerando ou, ao menos, não eliminando, obrigatoriamente, a possibilidade de liberdade (de acordo com a visão compatibilista ou incompatibilista, ou seja, do determinismo duro), uma vez que dá espaço para que esta atue, na definição e escolha das causas.

No que concerne à liberdade, uma coisa podemos afirmar, diante dos eventos favoráveis ou adversos que a existência venha a apresentar, uma vez acontecido, eles passam a ser “necessários”, entretanto, o homem é livre para interpretar, avaliar e criar valores e convicções a respeito do que lhe cerca. Disso decorre que é ele quem determina a escolha entre o ressentimento e a gratidão, conforme o entendimento a ser adotado com relação ao olhar que ele decide fixar sobre a vida. Esse é o sentido empregado com relação ao amor fati, uma vez que, no mundo dos fatos, eles não podem mais ser alterados. A

transmutação que o amor fati opera se dá mediante a vontade de um sentimento de gratidão e decorre de dois poderes que o homem possui, descritos por Nietzsche de criar e de avaliar, os quais estão associados à capacidade humana de interpretar e, nesse sentido, estabelecer novos significados, atribuindo aos eventos ocorridos no mundo em geral, ou particularmente na sua vida, valores e acepções que lhe sejam mais convenientes. Tal perspectiva afirma a vida e implica numa postura de gratidão ao que se apresenta, como uma oportunidade de extrair dos fatos uma espécie de aprendizado ou de mensagem a ser decifrada. Em oposição a esse comportamento está aquilo que o amor fati termina por combater, ou seja, uma postura ressentida que nega e despreza a vida.

Como vimos, um olhar direcionado ao passado gera sentimentos de arrependimento e culpa e impede o indivíduo de superar e viver o presente. A incapacidade de se sentir bem consigo mesmo e o sentimento de autocomiseração faz com que o indivíduo procure por culpados e, por conseguinte, deseje vingança. Ele parte em busca de justiça, pois tem convicção de que é uma vítima. O problema é que, embora esse ressentimento se volte para um fato do passado, acaba sendo arrastado para as situações presentes e futuras que ainda irão ocorrer, na medida em que aquilo ainda não foi superado. É dessa forma que o ressentimento é muitas vezes reeditado, impedindo que o indivíduo perceba e supere. Dessa forma, com base no poder de criação e de avaliação que detém, o ser humano pode decidir como interpretar os fatos da vida e as adversidades que se apresentam, bem como escolher que tipo de convicção estabelecer sobre si mesmo.

A partir do estudo das missivas escritas por Nietzsche aos seus parentes e amigos, além de toda a problemática envolvendo a questão ligada à saúde do filósofo e sua preocupação constante em ajustar sua vida aos ambientes que apresentassem uma composição adequada ao seu bem-estar, foi possível constatar que o amor fati lhe inspirou e foi tão transformador em sua vida que, de fato tomou proporções inigualáveis. Após expressar o amor fati como um desejo ao *Sanctus Januarius*, verifica-se pelo conteúdo das correspondências de janeiro de 1882 que eles está realmente embevecido desse sentimento, desejando dele se apropriar e afirmar a vida, como, de fato, persegue ao longo dos próximos meses com muita facilidade no início. A seguir conhece Lou

Salomé e logo se apaixona, com quem mantém um relacionamento diverso do convencional, e, por isso Nietzsche decidiu manter oculto de amigos e familiares por algum tempo. Essa relação durou poucos meses apenas, em face do comportamento de Lou Salomé com relação à Nietzsche e de seu desentendimento com Elisabeth, a irmã do filósofo, que culminou no agravamento da situação. Nietzsche sofreu intensamente pela forma como esse rompimento se deu, pois acreditou ter finalmente encontrado em Lou alguém que lhe compreendia não só emocionalmente, como intelectualmente.

Dessa forma, as correspondências demonstram que a partir de 1882 o filósofo incorporou o seu desejo de viver o amor fati e durante alguns meses isso fluiu naturalmente a ponto dele se sentir até mesmo curado. Entretanto, essa serenidade não durou muito tempo, uma vez que descobriu, de forma progressiva, que sua amada não havia sido tão honesta como tentava transparecer. A partir disso, sua complexa relação amorosa com Lou Salomé acabou sendo rompida de uma forma muito dolorosa e lenta. Nietzsche caiu na solidão e essa situação, fez com que ele fosse testado ao limite, conforme aduziu em diversas ocasiões, até mesmo porque sua condição física se agravou nesse período. Entretanto, embora tivesse sofrido além do que qualquer pessoa normalmente suportaria, isso não o impediu de manter a determinação de afirmar a vida. Dessa forma, Nietzsche lutou bravamente para se manter fiel a si e para não sucumbir ao ressentimento e aos desejos de vingança que sua irmã Elisabeth tentava lhe incutir. Assim também, embora se sentisse cada vez mais solitário em face das críticas que sofria por desagradar a moralidade estabelecida, manteve-se íntegro e fiel ao seu pensamento e a sua autenticidade. Mesmo desejoso de afeto e de companhia, ele não sucumbiu ao que os outros gostariam que ele escrevesse para que fosse aceito. Ele queria a companhia de homens vivos e não de “plantas” ou de “fantasmas”. É nesse cenário que ele se volta à composição de Zarathustra. Por esse motivo, sua filosofia configura o que Nietzsche viveu no sentido específico de afirmar a si mediante a coragem que advém de amar o destino. Isso evidencia que a superação que ele busca em sua vida se reflete em Zarathustra e, da mesma forma, a capacidade de sobrepujar que ele expressa em sua obra foi aquela que ele já havia realizado em sua própria vida.

Tais fatos revelam que o período de 1882 a 1884 foi muito intenso emocionalmente e também muito produtivo, culminando na grande superação de Nietzsche, como é possível verificar na análise das suas cartas, em especial, na contraposição entre as duas últimas correspondências em que qualquer leitor atento notará uma mudança profunda no tom vital de Nietzsche, quanto ao seu modo de encarar a vida. De fato há um forte contraste entre a última missiva de Nietzsche de 1883 e a primeira carta escrita em 1884. Em dezembro de 1883 ele está completamente abalado pela crise que lhe maltratou durante todo aquele ano, e mesmo assim escreve uma carta num tom levemente afirmativo para a mãe e a irmã, desculpando-se pelo teor de cartas anteriores. O contraste exsurge em janeiro de 1884 quando ele evidencia que conseguiu se reerguer, superando completamente o problema. Se no período anterior ele tenta manter o espírito do amor fati, mas tem dificuldade, a grande superação ocorre com o fim do Livro III de Zaratustra e Os Sete Selos, quando ele já teria vencido o anão que, embora conhecesse o pensamento do retorno, não consegue afirmar a vida em face do seu niilismo.

É nesse ponto que Zaratustra assegura o seu amor à eternidade e reafirma indiretamente o amor fati. O seu estado de ânimo é evidenciado na missiva, quando ele vence o seu demônio pessoal, representado pelo que mais lhe atormentava, a ideia da infundável repetição da mediocridade, da moralidade que lhe pesa sobre os ombros derramando pesadas gotas de chumbo. Esse espírito de peso se desintegra ao ser confrontado com o eterno retorno pois não dispõe da arma de Nietzsche para lidar com as adversidades, a afirmação da vida. Dessa forma o filósofo encontra, por meio de seu protagonista que passa a chamar de filho, o seu querido Zaratustra, a grande superação de sua vida e um dos cerne de sua filosofia. A transformação ocasionada em Nietzsche evidencia o poder que sua filosofia empregou em sua vida e ao mesmo tempo o quanto ele era íntegro com o seu pensamento filosófico, experimentando os seus próprios impactos. Dessa forma, Nietzsche percebeu seu poder de superação quando conseguiu expressar por meio de Zaratustra o amor fati teorizado que já havia sido realizado e vivido antes pelo próprio Nietzsche, como revelam suas missivas. A análise das mesmas, portanto, foi fundamental para nos permitir acompanhar o papel que o amor ao destino desempenhou na vida do filósofo a partir da sua concepção, até a conclusão do Livro III de Zaratustra, quando foi

justamente a afirmação da vida que fez com que o protagonista vencesse seu arquirrival, o espírito de peso. Essa metáfora revelou a realidade que Nietzsche enfrentava em sua intimidade, considerando que foi por meio da percepção de que com a afirmação da vida que é possível vencer o seu “demônio” do niilismo, o “anão” que simboliza a redução do homem pela moralidade e que sobe em seus ombros e pinga “pesadas gotas de chumbo”. Gotas pesadas, dos valores milenares e da moral, da mesma forma como é pesado carregar esse “espírito de peso” em que o homem que é “camelo” se deixa carregar.

Nesse ponto, afirmar o destino integralmente, implica em extrair força das adversidades e mais prazer nas vitórias. Nesse aspecto, viver não implica em uma provação em que só posteriormente, no julgamento final, apenas os vencedores, perdoados ou absolvidos recebem o benefício do reino dos céus. Eliminado o significado valorativo, os fatos da vida se tornam apenas eventos, isentos de valor. A dor não visa punir, e sim fortalecer, no sentido em que prepara um atleta para as maiores competições, e que desenvolve um organismo pela exigência e esforço do treinamento. É por isso que Zaratustra se dirige àqueles que querem superar a si próprios, àqueles que constroem sua casa à beira do abismo. O *amor fati*, portanto, parece ter sido mais que uma resposta que Nietzsche ofereceu à humanidade, em lugar da metafísica ou do cristianismo, com a “morte de Deus”, a fim de combater o ressentimento e o niilismo. Foi um presente ao mundo que ele experimentou como um pedido, um remédio, uma filosofia e uma cura.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1 OBRAS DE NIETZSCHE

NIETZSCHE, Friedrich. ***Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extramoral***. Obras incompletas / Friedrich Nietzsche; seleção de textos Gérard Lebrun; Tradução e notas de Rubens Rodrigues Filho; posfácio de Antônio Cândido de Mello e Souza, 2 ed., São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. ***Nietzsche – Obras Incompletas***. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. Col. “Os Pensadores”. São Paulo: Abril Cultural, 2ª ed., 1978.

_____. ***Humano, Demasiado Humano: um livro para espíritos livres***. Volume I. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. ***A Gaia Ciência***. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001a.

_____. ***Obras. Assim falou Zaratustra***. Editado por Mazzino Montinari -Vol. 6.1, Adelphi, 1973.

_____. ***Assim falou Zaratustra. Um livro para todos e para ninguém***. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. ***Crepúsculo dos Ídolos, ou, Como se filosofa com o martelo***. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. ***Genealogia da Moral. Uma polêmica***. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

_____. ***Ecce Homo***. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. ***Fragmentos Póstumos: 1884-1885:volume V***. Trad. Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2015. (Nietzsche, agosto-setembro 1885, 40 [15]).(FP)

_____. ***Nachgelassene Fragmente 1881-1882, Frühjahr-Herbst, MIII1. Aforismos 1883 24[14], 1883 24[33], Friedrich Nietzsche***. Disponíveis em: <http://www.thenietzschechannel.com/notebooks/german/nachd/nachd24.htm>

6.2 OBRAS DE COMENTADORES

ARALDI, Clademir Luís. ***Niilismo, criação e aniquilamento: Nietzsche e a filosofia dos extremos***. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí, RS: Editora UNIJUÍ, 2004.

_____. **Nietzsche como crítico da moral.** In: Dissertatio. Pelotas Vol. 27-28, p. 33-51, 2008.

_____. **Nietzsche: os desertos do niilismo e os caminhos da criação.** In: Encontros Nietzsche. p. 89 - 107. Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

AZEREDO, V. D. **Nietzsche e a aurora de uma nova ética.** São Paulo: Humanitas; Ijuí: Unijuí, 2008.

_____. **Um senão diante da justificação ética: Amor Fati em Nietzsche.** Dissertatio (UFPel), v. 33, p. 113-145, 2011.

CALOMENI, Tereza Cristina Barreto. **A proclamação nietzschiana de retorno do trágico-dionisíaco.** O que nos faz pensar nº 28, dezembro de 2010, p. 189 - 214.

_____. Tereza Cristina B. **Breves notas sobre a crítica nietzschiana da consciência e da linguagem.** CADERNOS NIETZSCHE no 28, UNIFESP, 2011.

BENOIT, Blaise. **Le Quatrième Livre Du Gai Savoir Et L'éternel Retour,** *Nietzsche-Studien, Internationales Jahrbuch für die Nietzsche-Forschung, Begründet von Mazzino Montinari, Wolfgang Müller-Lauter e Heinz Wenzel, Walter de Gruyter, Berlin, New York, Band 32,* 2003.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Roberto Machado. 2. ed. São Paulo: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles, **Nietzsche** (1965). 11ª éd. Paris: PUF, 1997. Nietzsche. Trad. Alberto Campos. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1994.

_____. **Nietzsche e a filosofia,** 1ª Edição brasileira: Tradução de Ruth Joffily Dias e Edmundo Fernandes Dias. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

DIAS, R. M. **Arte e vida no pensamento de Nietzsche.** Cad. Nietzsche, São Paulo, v.36 n.1, p. 227-244, 2015.

DICIONÁRIO NIETZSCHE / [editora responsável Scarlett Marton]. – São Paulo ; Edições Loyola, 2016 – (Sendas & Veredas);

FINK, E. **Nietzsches Philosophie.** 2ª ed. Lisboa, 1988, Trad. Joaquim Lourenço Duarte Peixoto

FRANÇA, W. S. **Uma caracterização do imoralismo em Nietzsche: da cosmologia das forças à aquiescência do amor fati.** 24.05.2016. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Universidade Federal de Pelotas

_____. **A relação do imoralismo com a aquiescência do Amor Fati em Nietzsche.** Seara Filosófica, n. 9, Verão, 2014, p.249-262

GIACOIA JUNIOR, O. **Amor Dei e Amor Fati**. Trágica: Estudos sobre Nietzsche, v. 4, p. 75-94, 2011

_____. **Apresentação da Tradução Brasileira de A Gaia Ciência**. In: Volnei Edson dos Santos. (Org.). O Trágico e seus Rastros. 1ed. Londrina: Editora da Universidade Estadual de Londrina, 2004, v. 1, p. 155-164.

HAN-PILE, Béatrice **Nietzsche and Amor Fati**, *EUROPEAN JOURNAL OF PHILOSOPHY*

ITAPARICA, André. **Amor fati: fatalismo e liberdade em Nietzsche**. In: Marcelo Carvalho, Vinícius Figueiredo. (Org.). Filosofia Alemã: De Marx a Nietzsche. 1ed. Vol. 1, p. 35-46. São Paulo: Anpof, 2013.

JASPERS, K. **Introdução ao Pensamento Filosófico**. Tradução de: Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. Título do original: *Kleine Schule Des Philosophischen Denkens*, R. Piper & Co. Verlag, München, 1965 3.^a edição, Editora Cultrix Ltda. p. 28)

LÖWITH, Karl. **Nietzsches philosophie der ewigen Wiederkehr des Gleichen**. 3a ed., Hamburgo: Felix Meiner Verlag, 1978; **Nietzsche: philosophie de l'éternel retour du même**. Trad. Anne-Sophie Astrup. Paris: Calmann-Lévy, 1991.

_____. **De Hegel à Nietzsche: A ruptura revolucionária no pensamento do século XIX Marx e Kierkegaard**. Tradução: Luiz Fernando Barrére Martin e Flamarion Caldeira Ramos. São Paulo: UNESP, 2014.

MACHADO, Roberto. **Nietzsche e a verdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1999

_____. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

MARTON, Scarlett. **A irrecusável busca de sentido – Autobiografia intelectual**. 1^a ed. São Paulo: Ateliê Editorial/Editora Unijuí, 2004.

_____. **Como ler Nietzsche? Sobre a interpretação de Patrick Wotling**. Cadernos Nietzsche, nº 26, 2010, p. 35 - 52.

_____. **Das forças cósmicas aos valores humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Extravagâncias. Ensaio sobre a filosofia de Nietzsche**. 3^aed. São Paulo: Discurso Editorial e Editora Barcarolla, 2009. p. 282 (Sendas e Veredas)

_____. **Nietzsche e a Celebração da Vida**. A interpretação de Jörg Salaquarda. Cadernos Nietzsche 2, p. 07-15, 1997

_____. (org.) **Nietzsche hoje?** Colóquio de Cerisy. São Paulo, Brasiliense, 1985

_____. **O eterno retorno do mesmo – tese cosmológica ou imperativo ético?** In Nietzsche: uma provocação. Christoph Türcke (coordenador). Porto Alegre: Editora da Universidade, 1994

MEDONÇA, de Ferreira Adriany. **De Humano Demasiado Humano à Gaia Ciência: Nietzsche e sua declaração de guerra à metafísica.** Revista Trágica: estudos sobre Nietzsche. 1 semestre de 2012 – Vol. 5, no 1, p.12

MÜLLER-LAUTER, W. **Nietzsche: sua Filosofia dos Antagonismos e os Antagonismos de sua Filosofia.** Trad. Clademir Araldi. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

MÜLLER-LAUTER, W. — Nietzsches Lehre vom Willen zur Machtll, In: Nietzsche Studien, n.o 3. Berlin: Walter de Gruyter&Co., 1974, p. 01-60.

_____. A doutrina da vontade de poder em Nietzsche. Apresentação Scarlett Marton. Trad. Oswaldo Giacóia Jr. São Paulo: Annablume, 1997.

_____. Nietzsche: physiologie de la volonté de puissance. Paris, Allia, 1998.

NASSER, Eduardo. **Nietzsche e a ontologia do vir-a-ser.** São Paulo: Edições Loyola, 2015.

_____. **"Como tornar-se o que se é": si-mesmidade e fatalismo em Nietzsche.** Dissertatio (UFPel) , Vol. 33, p. 189-226, 2011.

NIETZSCHE, F. **Correspondencia IV Janeiro 1880 – Dezembro 1884.** Edición dirigida por Luis Enrique de Santiago Guervós. Traducción, introducción, notas y apéndices de Marco Parmeggiani, Editorial Trotta, 2010, p. 181-182

RUBIRA, Luís. **Nietzsche: do eterno retorno do mesmo à transvaloração de todos os valores.** São Paulo: Discurso editorial/Editora Barcarolla, 2010.

_____. **O amor fati em Nietzsche: condição necessária para a transvaloração?** Fortaleza, Polymatheia– Revista De Filosofia, Vol. IV, Nº 6, 2008, P. 227-236

_____. **'Quem' quer o eterno retorno do mesmo? sujeito, subjetividade, moral e amor fati em Nietzsche.** In: CARMOS, J.; SANTOS, R.. (Org.). Ética, linguagem e antropologia: perspectivas modernas e contemporâneas. 01ed.Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012, v. 01, p. 229-243 (Capítulos de livros publicados)

SALAGUARDA, Jörg. **A Concepção Básica de Zaratustra.** In: Cadernos Nietzsche 2, p. 17-39, 1997.

_____. **“A última fase de surgimento de A Gaia Ciência”**. In: Cadernos Nietzsche, p. 75-93, n. 6, 1999

SÁNCHEZ, S. **Giuliano Campioni e a arte de ler Nietzsche**, cadernos Nietzsche 22, 2007

SILVA, I. M. M. G.. **Zaratustra, Compaixão e Amor fati. Leituras de Zaratustra**. 1ed.Rio de Janeiro: Mauad X- FAPERJ, 2011, v. , p. 83-95. (Capítulo de livros publicado - Iracema Maria de Macedo Goncalves da Silva)

VENEZIANI, M. **Amor Fati. La vita tra caso e destino**. Milano: Mondadori, 2010.

WOTLING, Patrick. **Nietzsche e o problema da civilização**. Tradução de Vinicius de Andrade. São Paulo: GEN/Editora Barcarolla, 2013.

_____. **A problemática da civilização contra a problemática da verdade. A missão do filósofo segundo Nietzsche**. Trad. Vinicius de Andrade. In: Cadernos Nietzsche, São Paulo, GEN, n. 26, 2010, p.13-34.

ZITTEL, C. **Sentenças, rupturas, contradições. Provocações e problemas de interpretação a partir das relações e das perspectivas narrativas no Assim falava Zaratustra de Nietzsche**. Cad. Nietzsche, São Paulo, v. 39, n. 2, ago. 2018, p.33

6.3 OUTRAS OBRAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2015.

ARISTÓTELES, **Ética Nicomacheana** , dentro o Oxford Tradução do Aristóteles, WD Ross ed. Oxford: Oxford University Press, 1925, volume 9.

_____. **Metafísica**, IV, 1005b 19-20.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad. Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1986.

_____. **Critique of Practical Reason and Other Works on the Theory of Ethics**. Kessinger Publishing, LLC, 2007.

MÉNARD, René, 1827-1887. **Mitologia greco-romana**; Tradução Aldo Della Nina. — São Paulo: Opus, 1991. 91-1334 Obra em 3 v.

NYGREN, A. (1953), **Agape e Eros**. Londres: SPCK, 2 volumes.

PLATÃO. **A República**. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.

_____. **Critique of Practical Reason and Other Works on the Theory of Ethics**. Kessinger Publishing, LLC, 2007.

_____. **Fédon**. Tradução Jorge Paleikat e João Cruz Costa. Os Pensadores. Porto Alegre: Abril Cultural, 1972.

_____. **Fedro**. Tradução Manuel de Oliveira Pulquério et al. Lisboa-São Paulo: Verbo, 1973. REALE, Gionanni; ANTISERI, Dario. História da Filosofia: Antiguidade e Idade Média. 3ed. São Paulo: Paulus, 2007.

_____. **O Banquete**. Tradução J. Cavalcante de Souza. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

RÉE, P. **A Origem dos Sentimentos Morais**. Trad. André Itaparica e Clademir Araldi. - São Paulo: Editora Unifesp, 2018

YOLTON, J. W. **Dicionário John Locke** - Ensaio 2.21, AP § 54, “Inquietação, Zahar, 1996.